

Patrícia Cappuccio de Resende

**Modos de participação
de empregadas domésticas
nas culturas do escrito**

Orientadora: Profa. Dra. Ana Maria de Oliveira Galvão

Co-orientador: Prof. Dr. Antônio Augusto Gomes Batista

Belo Horizonte – Minas Gerais

2008

Patrícia Cappuccio de Resende

**Modos de participação
de empregadas domésticas
nas culturas do escrito**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Maria de Oliveira Galvão
Co-orientador: Prof. Dr. Antônio Augusto Gomes Batista

Belo Horizonte – Minas Gerais

2008

FICHA CATALOGRÁFICA

RESENDE, Patrícia Cappuccio de.

241p.

Dissertação de Mestrado – Modos de participação de empregadas domésticas nas culturas do escrito.

1. Empregadas domésticas 2. Cultura escrita 3. Sociologia da leitura - Dissertações

I. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Educação. Centro de alfabetização, leitura e escrita.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Magda Becker Soares

Profa. Dra. Maria Alice Nogueira

Profa. Dra. Ana Maria de Oliveira Galvão

Prof. Dr. Antônio Augusto Gomes Batista

Profa. Dra. Ana Maria de Oliveira Galvão
(Orientadora)

Prof. Dr. Antônio Augusto Gomes Batista
(Co-orientador)

Às empregadas domésticas investigadas pela generosidade com que concordaram em dividir parte de suas histórias de vida.

AGRADECIMENTOS

À Ana Maria de Oliveira Galvão, pela generosa acolhida e pelo trabalho excepcional de orientação, permeado pela escuta atenta dos meus interesses de pesquisa e das minhas dificuldades, pela leitura cuidadosa de cada texto escrito e pelas considerações pontuadas sempre de modo a me instigar na busca pelo conhecimento. Sua orientação me trouxe tranquilidade, vontade para aprender e disposição para enfrentar os desafios.

Ao Antônio Augusto Gomes Batista, por ter despertado em mim o desejo pela pesquisa e por tê-lo nutrido por meio da confiança depositada em minha capacidade. A coragem para estudar um grupo profissional que praticamente não está presente na literatura educacional deveu-se principalmente ao seu apoio e o modo como tenho encarado o desafio em expor meus pensamentos por meio da escrita tem o seu estímulo.

Às famílias empregadoras e empregadas domésticas pesquisadas pela disponibilidade em participar do estudo, abrindo os seus lares e dedicando parte de seus tempos livres à concessão de entrevistas que constituíram os pilares desta pesquisa.

À Fundação de Ensino de Contagem, pelo incentivo à pesquisa, oferecido por meio da redução da carga horária de trabalho no momento da escrita desta dissertação. O tempo constitui uma dimensão essencial na realização da pesquisa e sua disponibilidade é o maior estímulo que um pesquisador pode ter. Um agradecimento especial à Márcia Basília, pela compreensão do meu afastamento temporário da escola e por toda a dedicação sempre presente em seu trabalho.

Aos integrantes do grupo de pesquisa “Entrando na cultura escrita” pelas discussões enriquecedoras, pelas leituras críticas e pela alegria partilhada em cada uma de nossas conquistas. Fazer parte deste grupo foi fundamental para que a atividade de pesquisa se tornasse menos solitária e mais prazerosa.

Às amigas do mestrado que estiveram comigo durante essa caminhada e que compartilharam momentos de realização, de ansiedade e de tensão. A presença de vocês trouxe leveza e alegria para minha vida.

À Ceres Leite Prado, extraordinária professora de Francês. A aprendizagem da língua francesa foi permeada de muito prazer e possibilitou-me a aquisição de conhecimentos importantes e necessários à realização desta pesquisa.

Aos meus familiares, pais e irmãos, que acreditam na educação como maneira de conhecer melhor o mundo para poder transformá-lo. Especialmente à Flávia que acompanhou toda a minha trajetória acadêmica, demonstrando interesse e admiração pelo meu percurso. Ter alguém por perto que valoriza e admira o processo de pesquisa é um incentivo valioso.

Ao Luís Felipe Veiga, grande companheiro e por quem tenho uma admiração inestimável. Nosso reencontro se deu em época que cursávamos o mestrado. O amor que temos um pelo outro trouxe conforto para essa etapa e enriqueceu nossas vidas de carinho, compreensão e sabedoria. Seu apoio constante das minhas atividades profissionais e o modo como valoriza minha profissão têm uma dimensão muito importante em minha vida.

RESUMO

Fundamentada nas pesquisas desenvolvidas a respeito dos modos de participação nas práticas culturais relacionadas à escrita e nos estudos sobre o emprego doméstico, esta pesquisa procurou compreender as relações que se estabelecem entre empregadas domésticas e a cultura escrita existente no ambiente de trabalho. Foram estudados quatro casos de empregadas domésticas com reduzido capital escolar, com histórias de vida marcadas pelo difícil acesso a materiais escritos, sobretudo na infância, e que trabalham para empregadores efetivamente inseridos na cultura escrita considerada legítima. O objetivo principal foi apreender e reconstruir as práticas de leitura e escrita constituintes da ocupação profissional, aquelas proporcionadas pelo trabalho e, ainda, aquelas que fazem parte de suas vidas diárias. Além disso, buscou-se descrever os tipos de relações interpessoais construídas entre as empregadas e seus patrões e a influência delas na relação das domésticas com a escrita. Para isso, utilizou-se a metodologia qualitativa como estratégia de pesquisa. Os dados foram coletados por meio de entrevistas com as empregadas e seus patrões e de observações realizadas nas residências de ambos. Constatou-se que a ocupação de doméstica em meios letrados aproxima, de certa maneira, essas mulheres do mundo da escrita em virtude de dois fatores principais: 1º) para exercer a ocupação são demandadas práticas de leitura e de escrita domésticas que não são comuns nos seus meios de origem e 2º) o contato com uma diversidade de materiais escritos, a observação ocasional de práticas de leitura e de escrita dos empregadores e o próprio engajamento nas práticas de leitura e escrita intrínsecas ao trabalho estimulam a leitura e a escrita em situações diferentes daquelas vivenciadas nas famílias de origem.

Palavras-chave: empregadas domésticas, cultura escrita, sociologia da leitura.

ABSTRACT

This research is based on studies made on ways of participation in written culture, as on studies on housework. The purpose of this research was to understand the connections that are established between maids and written culture existing on the occupation setting. Four cases of maids with small scholar capital were studied. Maids whose stories of life were marked by a difficult access to written materials, especially during childhood, and also who currently work for employers who are effectively inserted in the written culture considered to be legitimate. The principal objective was to apprehend and reconstruct the practices of reading and writing that constitute the professional occupation, those provided by the occupation setting and also those which are part of their daily lives. Besides that, it was described the types of interpersonal relationship constructed between the maids and their employers and their influence on the maids' relation with writing. It was used the qualitative analysis as a strategy of research. The data was collected by interviews with the maids and their employers and by observations realized in their residences. It was verified that the occupation of maids in a literate environment approximates, in a certain way, these women to the written world due to two major factors: 1st) in order to exercise the occupation, domestic reading and writing practices which aren't common on their environment of origin are demanded and, 2nd), the contact with a variety of written materials, the occasional observation of the employers' reading and writing practices and their own commitment in reading and writing practices intrinsic to work stimulate reading and writing in situations different from those experienced in their origin families.

Key-words: maids, written culture, sociology of reading.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Distribuição dos trabalhadores domésticos segundo a escolaridade.....	p.58
Tabela 2 - Evolução da distribuição dos trabalhadores domésticos segundo a escolaridade.....	p.58
Tabela 3 - Distribuição dos trabalhadores domésticos, por regiões metropolitanas, segundo o vínculo de trabalho.....	p.135
Tabela 4 - Distribuição percentual da população residente, por religião – Brasil – 1991/2000.....	p.137
Tabela 5 – Rendimento médio mensal familiar, segundo a religião da pessoa de referência da família – Brasil – período 2002-2003.....	p.137
Tabela 6 - Práticas de leitura e de escrita realizadas por cada empregada no ambiente de trabalho.....	p.138

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1-** Mapa da localização das residências de Graça e dos seus patrões na cidade de Belo Horizonte.....p.79
- Figura 2** – Mapa da localização das residências de Suely e dos seus patrões na cidade de Belo Horizonte.....p.93
- Figura 3** – Mapa da localização das residências de Nazira e dos seus patrões na cidade de Belo Horizonte.....p.105
- Figura 4** – Mapa da localização da residência dos patrões de Cleonice na cidade de Belo Horizonte e onde ela reside.....p.124

SUMÁRIO

Introdução

1. A construção do objeto de pesquisa.....	p.13
2. Justificativa.....	p.15
3. Percursos metodológicos.....	p.19
3.1 A busca pelos sujeitos da pesquisa.....	p.19
3.2 A coleta dos dados: entrevistas e observações.....	p.22

Capítulo 1: Contribuições dos estudos sobre cultura escrita e sobre o emprego doméstico

1.1 Estudos sobre a participação na cultura escrita.....	p.31
1.1.1 Problematização.....	p.31
1.1.2 Estudos sobre práticas de leitura e de escrita e os diferentes contextos sociais: família, escola e trabalho.....	p.37
1.1.3 Práticas de leitura e de escrita e o espaço doméstico.....	p.47
1.2 Estudos sobre empregadas domésticas.....	p.51
1.2.1 Problematização.....	p.51
1.2.2 O serviço doméstico no Brasil.....	p.52
1.2.3 Perfil profissional dos empregados do serviço doméstico nas principais metrópoles brasileiras.....	p.57
1.2.4 Características do trabalho doméstico.....	p.60
1.2.4.1 A domesticidade.....	p.64
1.2.4.2 O conflito cultural vivido nas relações de trabalho.....	p.66
1.2.4.3 As relações com a família empregadora.....	p.70
1.2.5 Empregadas domésticas e a leitura.....	p.74

Capítulo 2: Quatro perfis: empregadas domésticas e famílias empregadoras

2.1 Graça.....	p.76
2.1.1 Perfil.....	p.76
2.1.2 Breve perfil da família empregadora.....	p.82
2.1.3 Rotina.....	p.88
2.2 Suely.....	p.90

2.2.1 Perfil.....	p.90
2.2.2 Breve perfil da família empregadora.....	p.96
2.2.3 Rotina.....	p.102
2.3 Nazira.....	p.104
2.3.1 Perfil.....	p.104
2.3.2 Breve perfil da família empregadora.....	p.111
2.3.3 Rotina.....	p.116
2.4 Cleonice.....	p.118
2.4.1 Perfil.....	p.118
2.4.2 Breve perfil da família empregadora.....	p.122
2.4.3 Rotina.....	p.131
2.3 As regularidades dos casos investigados: cotejando com a bibliografia estudada.....	p.132

Capítulo 3: Práticas de leitura e escrita cotidianas das empregadas domésticas

3.1 As práticas de leitura e escrita constituintes ao trabalho doméstico em ambiente letrado.....	p.138
3.1.1 Os bilhetes e os recados recebidos por telefone.....	p.139
3.1.2 As listas de compras.....	p.144
3.1.3 As receitas culinárias.....	p.148
3.1.4 A organização dos materiais escritos.....	p.153
3.1.5 Intermediação de serviços, pagamentos, recolhimentos de recibos e uso da agenda telefônica.....	p.160
3.1.6 O uso do calendário, o cálculo do vale transporte e a contagem dos dias de férias.....	p.162
3.1.7 O acompanhamento das tarefas escolares dos filhos dos patrões e a leitura de histórias.....	p.163
3.2 As práticas de leitura e escrita proporcionadas pelo trabalho doméstico em ambiente letrado.....	p.166
3.2.1 As leituras de jornais e revistas encontrados nas casas das famílias empregadoras, doações e empréstimos de materiais escritos.	p.167

3.2.2 As incorporações das formas de organização doméstica da casa dos patrões que são pautadas pela escrita.	p.174
3.3 As práticas de oralidade estruturadas pela escrita: a escuta do rádio no ambiente de trabalho.....	p.178
3.4 Outras práticas de leitura e escrita que fazem parte da vida das empregadas	p.184
3.4.1 Escritas domésticas.....	p.184
3.4.2 Leitura de jornais, revistas e livros.....	p.190
3.4.3 Leitura e escrita religiosas.....	p.194
3.4.4 Leitura e escrita relacionadas às vendas de cosméticos.....	p.197
3.4.5 Acompanhamento da escolarização dos filhos.....	p.200
3.5 As práticas de leitura e escrita dos familiares das domésticas: extrapolando para outras redes de sociabilidade.	p.202

Capítulo 4: Algumas influências das famílias empregadoras nos modos de viver das empregadas domésticas

4.1 Acesso a outras práticas culturais.....	p.208
4.2 Relação com a saúde.....	p.209
4.3 Relação com a memória familiar.....	p.212
4.4 Relação com a culinária.....	p.213
4.5 Sonhos e perspectivas de vida.....	p.215
4.6 Benefícios emocionais e relações sociais proveitosas.....	p.219
4.7 Morar na casa dos patrões: algumas implicações.....	p.221

Considerações finais.....p.224

Referências.....p.231

Anexo.....p.238

INTRODUÇÃO

1. A construção do objeto de pesquisa

A pesquisa que deu origem a esta dissertação de mestrado procurou compreender as relações que se estabelecem entre empregadas domésticas e a cultura escrita existente no ambiente de trabalho (ambiente que, embora doméstico, é sempre de outro, próximo no cotidiano e distante no espaço social). Pretendeu-se, também, descrever e analisar as estratégias que as empregadas utilizam para, em seu trabalho, lidar com as diferentes manifestações dessa cultura.

Para isso, buscou-se apreender e reconstruir três tipos de práticas de leitura e de escrita das empregadas domésticas: as práticas de leitura e de escrita constituintes da ocupação profissional, aquelas proporcionadas pelo trabalho¹ e, ainda, aquelas que fazem parte de suas vidas diárias, fora do ambiente de trabalho. Além disso, buscou-se descrever os tipos de relações interpessoais construídas entre as empregadas e seus patrões e a influência delas na relação das empregadas com a escrita. Por último, buscou-se identificar outras instituições sociais que possam ter contribuído na constituição das práticas de leitura e de escrita dos sujeitos, tais como: escola, religião, família, dentre outras.

O estudo insere-se no quadro de pesquisas a respeito dos modos de participação nas práticas culturais relacionadas à escrita por meio de distintas instâncias de socialização. Partimos do pressuposto de que não existe uma cultura escrita já dada, e sim uma diversidade de culturas da escrita que variam em função do contexto de uso e de aprendizagem.

Para a realização da pesquisa, foram estudados quatro casos de empregadas domésticas com reduzido capital escolar², com histórias de vida marcadas pelo difícil acesso a materiais escritos, sobretudo na infância, e que trabalham para empregadores inseridos na cultura escrita

¹ As práticas de leitura e de escrita constituintes da atividade profissional são aquelas exigidas no fazer do trabalho, ou seja, referem-se às práticas que precisam ser desenvolvidas no exercício da função. As práticas proporcionadas pelo trabalho, por sua vez, são aquelas que não são necessárias ao desenvolvimento da ocupação, mas que se tornaram possíveis pela vivência no ambiente de trabalho. Exemplos dessas práticas serão apresentados no capítulo 3.

² O termo capital escolar é utilizado de acordo com a acepção que lhe confere Bourdieu (1998), ou seja, refere-se ao desenvolvimento de disposições e à posse de títulos escolares que confere aos seus possuidores benefícios culturais, materiais e simbólicos. Pode-se dizer que o capital escolar está relacionado ao estado institucionalizado do capital cultural. Ver: BOURDIEU (1998, p.78-79).

considerada legítima, ou seja, que possuem práticas diversas e intensivas de leitura e de escrita e cujos lares têm a presença e a circulação maciças de materiais escritos, grande quantidade de livros, jornais, revistas, enciclopédias, dicionários.

A construção desse objeto de pesquisa partiu das indagações proporcionadas pela participação no projeto de pesquisa no qual foram estudados percursos individuais, familiares e sociais de inserção na cultura escrita, nos séculos XIX e XX³. Dentro dessa pesquisa mais ampla encontrava-se inserida minha monografia de conclusão do curso de Pedagogia (RESENDE, 2005), na qual eu havia estudado as formas de transmissão intergeracional da leitura e da escrita. As crianças da terceira geração da família estudada (que passava por um acentuado processo de ascensão econômica e cultural) apresentavam notável sucesso escolar e gosto pela leitura e pela escrita. Seus pais eram professores. De todos os casos investigados na pesquisa mais ampla, esse era um dos únicos⁴ que estava voltado para a compreensão das formas de transmissão (e também de herança) dos modos de participação nas culturas do escrito em uma família das classes médias. Nessa família, a mobilização para a escolarização estava presente desde a primeira geração e, a cada geração, os hábitos de leitura e de escrita foram se fortalecendo entre os membros.

As conclusões desse estudo provocaram em mim o desejo de investigar uma situação inversa. Ou seja, nasceu o interesse de pesquisar as formas de participação nas culturas do escrito de indivíduos pertencentes aos meios populares, pouco escolarizados e que exercem ocupações que, a princípio, exigem poucas habilidades de leitura e de escrita. Dentro desse universo, meu interesse maior era investigar os sujeitos que haviam vivido situações de conflito cultural, marcadas pelas atividades profissionais que exerceram. Minha hipótese era a de que o contato com um meio social diferente, por meio do trabalho, poderia provocar mudanças na maneira de se relacionar com a leitura e com a escrita. Essa foi a proposta de pesquisa apresentada no exame de seleção para ingressar no mestrado.

Como é habitual, durante o primeiro ano do mestrado, discuti e ampliei o projeto de pesquisa apresentado. O principal impasse era decidir sobre os sujeitos da pesquisa (havia sido mencionado no primeiro projeto o desejo de pesquisar dois casos específicos: o de uma costureira

³ Pesquisa financiada pelo CNPq e intitulada *Entrando na cultura escrita: percursos individuais, familiares e sociais (séculos XIX e XX)*, coordenada pelos pesquisadores: Antônio Augusto Gomes Batista e Ana Maria de Oliveira Galvão. O livro *História da cultura escrita: séculos XIX e XX* (GALVÃO *et al*, 2007) foi publicado a partir do desenvolvimento dessa pesquisa e um dos seus capítulos trata dos principais resultados da minha monografia de graduação em Pedagogia.

⁴ Ao lado do estudo realizado por Juliana Ferreira de Melo, sobre o escritor mineiro Pedro Nava.

e o de uma empregada doméstica, ambas pouco escolarizadas e que estavam constantemente envolvidas com práticas de leitura e de escrita).

Como uma das supostas investigadas era empregada doméstica⁵, busquei alguns trabalhos científicos sobre essa ocupação e, encorajada pelos meus orientadores, decidi por pesquisar indivíduos pertencentes apenas a esse grupo profissional. Ao mesmo tempo em que o trabalho doméstico emprega pessoas com baixo nível de escolaridade (conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística que serão indicados adiante), ele oferece a oportunidade de contato intenso (em função do número de horas trabalhadas e do tipo de relação que muitas vezes acaba se estabelecendo com a família empregadora) com um ambiente diferente da residência familiar de origem, como por exemplo, no que diz respeito à sua característica letrada. Além disso, o emprego doméstico representa um forte percentual da população economicamente ativa feminina, como será visto no capítulo 1. Diante dessas especificidades, cabem as perguntas: o trabalho doméstico que se constitui principalmente de atividades tais como cozinhar, limpar, organizar a casa exige o uso das habilidades de leitura e escrita? O contato intenso entre empregado e empregadores, em função das características da ocupação, em um ambiente muito letrado proporciona alguma motivação para diversificar ou intensificar as práticas de leitura e de escrita?

2. Justificativa

As pesquisas sobre a inserção na cultura escrita, principalmente aquelas realizadas no âmbito da sociologia da leitura, estão fortemente marcadas pela noção de consumo cultural. Ou seja, algumas pesquisas têm relacionado o capital cultural⁶ do sujeito com suas práticas de leitura. Assim, a posse de capital cultural por um indivíduo tenderia a significar um consumo de obras escritas legítimas, como, por exemplo, a literatura de prestígio e, por outro lado, a ausência de posse do capital cultural significaria leituras não legítimas, ou talvez a “não leitura”. Em outras palavras, para a sociologia do consumo cultural haveria uma correspondência estatística bastante forte entre a hierarquia das artes e a hierarquia social. Conforme salienta Lahire (2002):

⁵ O caso dessa empregada doméstica foi, na pesquisa, desconsiderado, pois ela habitava no interior de Minas Gerais, o que traria custos financeiros e grande gasto de tempo na realização da pesquisa.

⁶ Bourdieu utiliza o termo capital cultural para se referir aos “objetos culturais”, à “cultura legítima internalizada” e aos “certificados escolares” cujas posses são úteis para dar acesso a um grupo ou a um indivíduo a uma determinada posição social. Diferentemente do capital econômico, o capital cultural não pode ser “transmitido instantaneamente”, “por doação ou transmissão hereditária”, “por compra ou troca”. Ver: BOURDIEU (1998, p.71-80).

O sentido das leituras, ou melhor, a experiência que os leitores vivem com os livros, são questões que os sociólogos praticamente deixaram de lado. Até agora a sociologia da leitura esteve amplamente marcada por uma sociologia do consumo cultural. Os textos são muitas vezes reduzidos aos nomes de seus autores, aos seus títulos ou às categorias genéricas às quais se considera que pertencem (romance sentimental, romance policial, literatura clássica...) e essas informações funcionam apenas como indicadores de sua legitimidade cultural mais ou menos grande (LAHIRE, 2002, p.95,96).

Em uma direção parecida, Hébrard (1996) aponta que estudos da sociologia das práticas culturais têm tomado a leitura como uma arte de fazer que se herda mais do que se aprende. Tornam-se leitores aqueles que possuem na família outros leitores, e que deles herdaram esse hábito, ou esse gosto. O autor questiona essa idéia, argumentando que ela não é capaz de explicar aprendizagens da leitura que não sejam uma simples atualização de um capital herdado, como nos casos dos autodidatas (HÉBRARD, 1996, p.39). Compartilho de tal questionamento e acredito que ele pode ser ampliado para outras esferas, ou seja, para outras práticas culturais relacionadas à escrita.

De fato, várias pesquisas empíricas demonstram a importância do contato com materiais escritos ainda na infância, de práticas de leitura e de escrita precoces, da presença de pais leitores, entre outros elementos, para a formação de leitores, e até mesmo para a construção do sucesso escolar das crianças. Dito de outra maneira, as pesquisas evidenciam que a transmissão da leitura se dá, mais facilmente e com mais naturalidade, em famílias letradas. A infância é, nesse processo, um período de extrema importância. Alguns exemplos de pesquisas nessa perspectiva são: Lahire (2002 e 2004), Rego (1990), Galvão (2003), Heath (1987), De Singly (1993 e 1996). É interessante explicitar sucintamente o que cada uma tem a dizer sobre o tema.

Nos Estados Unidos, o clássico trabalho de Heath (1987) aponta que a interpretação que as crianças fazem dos livros e a relação que estabelecem entre o seu conteúdo e o mundo não são naturais, e sim aprendidas, sobretudo no interior do grupo familiar. De acordo com esse estudo, são nos eventos de letramento⁷ (como ouvir histórias antes de dormir, ler caixas de produtos alimentícios, placas, legendas na televisão e interpretar instruções de jogos e brinquedos) que as crianças aprendem a dar significado aos diversos tipos de escritos, formam-se como leitores, são

⁷ De acordo com Heath, eventos de letramento são “ocasiões nas quais a linguagem escrita faz parte da natureza das interações dos participantes e de suas estratégias e processos interpretativos” (HEATH, 1987, p.98) (Tradução sob minha responsabilidade).

inseridos no interior da cultura escrita e em suas formas específicas de construir e compreender significados.

Evidentemente, tais eventos variam de família para família, de grupo social para grupo social, levando as crianças a aprenderem diferentes procedimentos de interpretação do que lêem e, logo, a produzirem diferentes sentidos para a leitura.

No caso francês, Lahire e De Singly também abordam o tema. Em pesquisa sobre a transmissão do gosto da leitura entre universitários, De Singly (1993) sugere que a herança é uma das formas do nascimento da necessidade de ler, além de outras, como a mobilização e outras estimulações exteriores. Segundo o autor, o exemplo dos pais leitores desempenha um papel considerável. Quanto mais os pais lêem, mais chances os filhos têm de se tornarem leitores.

Em uma perspectiva semelhante, Lahire (2004a) apontou que o exemplo de pais leitores contribui para a formação de filhos leitores. Desde cedo, ao ver os pais lendo, as crianças aprenderiam a ter a leitura como uma prática cultural natural. Além disso, o autor se baseou em Wells (1985) e mostrou que as práticas de leitura realizadas com as crianças, como os momentos de ler histórias antes de dormir, influenciam no desempenho escolar:

(...) a leitura em voz alta de narrativas escritas, combinadas com a discussão dessas narrativas com a criança, está em correlação extrema com o “sucesso” escolar em leitura. Quando a criança conhece, ainda que oralmente, histórias escritas lidas por seus pais, ela capitaliza – na relação afetiva com os seus pais – estruturas textuais que poderá reinvestir em suas leituras ou nos atos de escrita (LAHIRE, 2004a, p.20).

No caso brasileiro, Rego (1990) também se baseia em Wells (1985 e 1986) e afirma que a familiaridade da criança com a escrita pode conduzir a práticas relacionadas ao sucesso escolar. Segundo a autora, a aquisição da língua escrita por algumas crianças se inicia antes mesmo de serem alfabetizadas, através do contato significativo com práticas de leitura e escrita na família. A autora também se refere à leitura de histórias em voz alta como “uma oportunidade incentivadora do interesse infantil pela leitura” (REGO, 1990, p.28).

Ainda no caso brasileiro, Galvão (2003), ao analisar os dados do Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional (INAF)⁸, apontou que os níveis de utilização da leitura e da escrita dos sujeitos têm correlação, além de outros fatores (como o pertencimento etário, social e geográfico), com os níveis, hábitos e práticas de leitura dos pais e com a presença de material escrito na infância.

No entanto, apesar de explicitar a relação positiva entre pais leitores e filhos leitores, a autora, ao dar ênfase às estatísticas que contrariam essa correlação, e ao reconstruir duas trajetórias de sujeitos que estão em contradição com o que mostram os dados do INAF, explicitou que esses fatores são importantes na construção de um leitor, mas não os únicos determinantes.

Quais seriam então outros fatores importantes na construção de um leitor? Que outras instâncias sociais além da escola e da família exerceriam algum peso nas formas de participação na cultura escrita? O que se poderia dizer em relação à ocupação profissional? O contato com materiais escritos possibilitados pelo ambiente de trabalho numa fase posterior à infância exerceria alguma influência? Todas essas são questões suscitadas a partir da leitura das pesquisas sobre a inserção na cultura escrita. Poucas delas são abordadas pelas publicações lidas e, por isso, merecem ser investigadas.

Além da relevância para o campo acadêmico, convém ressaltar a importância social do estudo, uma vez que os problemas de leitura e de escrita são cruciais na educação brasileira. Nesse sentido, conhecer os modos de participação na cultura escrita, que acontecem nas diferentes instâncias de socialização, possibilita ampliar as próprias maneiras de a escola ocupar-se do ensino da leitura e da escrita. Nesse sentido, conforme sugere Soares:

A perspectiva social (...) é indispensável a uma prática de ensino que, fundamentando-se em conhecimentos sobre as relações entre linguagem, sociedade e escola, e revelando os pressupostos sociais e lingüísticos dessas relações, seja realmente competente e comprometida com a luta contra as desigualdades sociais (SOARES, 2002, p.6).

⁸ O Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional é o resultado de uma pesquisa que partiu da iniciativa do Instituto Paulo Montenegro – Ação Social do IBOPE e da ONG Ação Educativa cujo objetivo foi realizar um levantamento do alfabetismo funcional dos jovens e adultos brasileiros.

3. Percursos metodológicos

Tendo em vista a natureza do problema deste estudo, que se volta, como já foi dito anteriormente, para a compreensão da relação entre a ocupação profissional de doméstica e a participação na cultura escrita, e considerando esse objeto uma tentativa de compreensão e interpretação desse complexo processo, utilizei a metodologia qualitativa como estratégia de pesquisa.

Essa escolha se fundamenta nas características dos estudos qualitativos descritas por Alves-Mazzotti (2004): a visão holística, a abordagem indutiva e investigação naturalística.

A visão holística parte do princípio de que a compreensão do significado de um comportamento ou evento só é possível em função da compreensão das inter-relações que emergem de um dado contexto. A abordagem indutiva pode ser definida como aquela em que o pesquisador parte de observações mais livres, deixando que dimensões e categorias de interesse emergam progressivamente durante os processos de coleta e de análise de dados. Finalmente, investigação naturalística é aquela em que a intervenção do pesquisador no contexto observado é reduzida ao mínimo (ALVES-MAZZOTTI, 2004, p.131).

Assim, como compreender a participação das empregadas domésticas nas culturas do escrito se não se compreender as inter-relações existentes entre o universo das domésticas e o mundo social mais amplo? Ou mesmo as inter-relações existentes entre o universo das domésticas e o de seus empregadores? Como estar pronto para perceber outras influências sobre a participação nas culturas do escrito que não a do trabalho senão por uma abordagem indutiva? Todas essas questões indicam ter a abordagem qualitativa as características necessárias para a apreensão do objeto de estudo em questão.

3.1. A busca pelos sujeitos da pesquisa

A busca por empregadas domésticas seguiu dois parâmetros principais: o primeiro era procurar por empregadas domésticas pouco escolarizadas⁹ (que tivessem, no máximo, até oito anos de escolarização), já que meu interesse era compreender como a ocupação (e não a

⁹ Os dados do IBGE (2006) sobre a escolarização das domésticas que trabalham em Belo Horizonte mostram que a maioria delas (64,0%) não possui instrução ou possui menos de oito anos de estudo. Portanto, optei por considerar “pouco escolarizadas” as empregadas domésticas que se encontram nessa grande faixa. Considerei muito escolarizadas as empregadas que se encontram fora desse grupo, ou seja, aquelas que possuem de oito a dez anos de estudo (23,0%) e aquelas que possuem 11 anos ou mais de estudo (12,3%).

escolarização) proporcionava (ou não) a ampliação e a diversificação das práticas de leitura e de escrita. O segundo parâmetro dizia respeito às características da família empregadora. Para garantir a vivência de uma situação de conflito cultural, buscou-se encontrar famílias empregadoras muito letradas, como já foi descrito acima. Também a pouca escolarização era um dos fatores que contribuía para tornar mais evidente esse conflito.

Além desses dois parâmetros, optou-se por buscar empregadas domésticas que fossem indicadas por amigos, parentes e também por outras empregadas conhecidas por mim, mas de cujas famílias e empregadas eu não fosse íntima. A indicação era necessária para proporcionar nas empregadas e nos empregadores um mínimo de confiança; afinal, eu entraria nas suas casas, ouviria as suas histórias de vida, observaria os seus lares. Por outro lado, certo distanciamento era necessário. Conforme pondera Lahire, sobre uma de suas pesquisas que também demandou longas entrevistas,

O fato de ter de falar de si mesmo durante muito tempo excluía quase por completo, dois tipos de pesquisados, do ponto de vista da relação com os pesquisadores: os muito próximos e os totalmente desconhecidos (LAHIRE, 2004b, p.33).

Dessa forma, passei a conversar com meus familiares, amigos e com a faxineira da casa onde moram os meus pais sobre o meu estudo. Perguntava se eles conheciam empregadas que trabalhavam em casas em que os patrões liam muito, ou onde circulava muito material escrito. Outra forma de acesso aos sujeitos da pesquisa se deu por meio da apresentação do meu projeto de pesquisa em uma turma que acabara de iniciar o mestrado. Os próprios alunos me indicaram possíveis sujeitos. Para não constranger as prováveis empregadas a serem investigadas, optei por perguntar sobre a escolaridade apenas no primeiro contato face-a-face (e não no contato inicial, geralmente feito por telefone). Tal postura levou-me ao encontro de nove possíveis empregadas a serem investigadas, cinco delas desconsideradas após uma breve entrevista (com as empregadas e com um dos patrões em cada caso) na casa da família empregadora.

Os motivos para a desconsideração das cinco empregadas foram: empregada “muito” escolarizada, poucas evidências de uma prática intensa de leitura e de escrita por parte dos patrões e o fato de a residência da família empregadora se encontrar fora de Belo Horizonte associado ao pouco tempo disponível para a realização da pesquisa.

Quanto à escolarização, três das cinco empregadas desconsideradas foram julgadas por mim como muito escolarizadas: uma delas tinha o curso de magistério completo, outra tinha cursado até o segundo ano do magistério e outra, ainda, tinha cursado até a segunda série do ensino médio. Em uma das famílias empregadoras, apesar de ser considerada letrada pelo sujeito que a indicou, não pude perceber fortes indícios de que os membros da família envolviam-se constantemente com práticas de leitura e de escrita, visto que a patroa, pessoa que mais se relacionava com a empregada, apesar de ser professora do ensino fundamental, raramente se envolvia com práticas de leitura e de escrita em casa. Nessa família, era o patrão, justamente o membro que passava a maior parte do tempo fora de casa, que apresentava formas mais diversificadas de participação nas culturas do escrito. Finalmente, uma última família foi desconsiderada¹⁰ em virtude de habitar na cidade de Contagem, região metropolitana da capital mineira. Julguei mais interessante, para cotejar informações estatísticas, por exemplo, que todas as residências se encontrassem na cidade de Belo Horizonte. Além disso, o curto tempo para a realização do mestrado, me obrigou a reduzir para quatro o número de casos investigados.

Enfim, a forma de acesso às quatro empregadas selecionadas para participar da pesquisa aconteceram de diferentes maneiras. Graça¹¹ foi indicada pela empregada de uma amiga. Essa empregada trabalha, aos sábados, como passageira para a mesma família empregadora de Graça. Suely e Nazira foram indicadas por alunos do curso de mestrado que ouviram a apresentação do meu projeto. Eles conheciam as famílias empregadoras indicadas e também as domésticas. Cleonice foi indicada por minha orientadora, que conhecia a família empregadora e também a empregada a ser investigada. Em todos os casos houve aceitação para participar da pesquisa. Por parte dos empregadores, talvez essa aceitação esteja relacionada ao fato de muitos deles serem professores universitários e pesquisadores¹². No caso das empregadas, a concordância em participar do estudo pode ser relacionada à posição de subordinação que mantêm em relação aos patrões. Convém ressaltar que todas as quatro famílias pesquisadas contam com a presença de pelo menos um dos patrões professor, sendo três os casos onde há patrões professores

¹⁰ Antes de desconsiderar essa família, havia feito uma breve entrevista com patroa e empregada e uma entrevista longa com a empregada.

¹¹ Para proteger as empregadas investigadas, seus nomes verdadeiros foram substituídos por nomes fictícios. A origem dos nomes foi mantida em todos os casos. Assim, um nome de origem grega, por exemplo, foi substituído por outro de mesma origem.

¹² Quando perguntei a um dos patrões se ele poderia me conceder uma entrevista, ele respondeu afirmativamente, dizendo que realizar entrevistas é uma atividade constante por ele no seu trabalho como pesquisador e que ele não estaria sendo coerente se negasse a participação no meu trabalho.

universitários. Não houve uma busca sistemática por esse tipo de profissão, mas a busca por lares letrados me levou ao encontro desses padrões professores.

3.2. A coleta dos dados: entrevistas e observações

Segundo Anfara *et al* (2002), grande parte das críticas às pesquisas qualitativas estão relacionadas à falta de publicização do seu processo de realização. Em outras palavras, conforme relatam, falta clareza sobre o modo como as pesquisas qualitativas são realizadas. O leitor constantemente não consegue relacionar os dados às questões de pesquisa, não sabe como as categorias foram desenvolvidas e nem como a triangulação dos dados foi realizada.

Para responder às constantes críticas a esse tipo de pesquisa, os autores sugerem, então, tornar o mais público possível o processo de pesquisa. Compartilhar da idéia de que explicitar os “bastidores” da pesquisa é um dos compromissos que todo pesquisador qualitativo deve ter para conferir validade à pesquisa. Assim, este tópico da dissertação tem o objetivo de descortinar o processo, de expor para o leitor as dificuldades encontradas, de narrar os procedimentos escolhidos. Nas palavras dos autores:

We operate from the basic premise that how researchers account for and disclose their approach to all aspects of the research process are key to evaluating their work substantively and methodologically (ANFARA *et al*, 2002, p.28)¹³.

A coleta dos dados foi realizada por meio de entrevistas e da observação. Em cada um dos casos, foram realizadas no mínimo três sessões de entrevistas com a empregada e uma com cada um dos padrões (marido e esposa). Somando-se, foram realizadas 14 entrevistas com as empregadas e oito entrevistas com seus empregadores. O tempo de entrevista variou, conforme o ritmo indicado pelo entrevistado, de 40 minutos a mais de duas horas.

Em todos os casos, as duas primeiras sessões de entrevistas foram realizadas com as empregadas domésticas na casa da família empregadora e dentro do horário de trabalho (elas mesmas propuseram a hora e o dia para serem entrevistadas). A primeira sessão de entrevista teve como tema principal a rotina de trabalho, bem como a forma de admissão no emprego. O objetivo

¹³ Nós operamos na premissa básica de que como os pesquisadores representam e revelam sua abordagem sobre todos os aspectos do processo de pesquisa é a chave para avaliar seu trabalho substantivamente e metodologicamente (Tradução sob minha responsabilidade).

principal era apreender se o trabalho em ambiente letrado proporciona o envolvimento com práticas de leitura e de escrita. Dessa forma, foi pedido às empregadas que descrevessem suas rotinas de trabalho. Geralmente os relatos iniciais eram curtos, como se não houvesse nada de específico em suas rotinas, nada que alguém possa desconhecer. Para obter descrições mais detalhadas, passei a perguntar sobre as frações do dia: “*O quê você faz quando chega no serviço?*”, “*E na parte da manhã?*”, “*O que você deixa pra fazer na parte da tarde?*”. Também incluí perguntas sobre atividades ocasionais: “*O quê é que você só faz de vez em quando? O que é que você só faz uma vez por semana (ou uma vez por mês)?*”. Questões relacionadas às práticas de leitura e de escrita também foram feitas: “*Você me disse que é você que compra as verduras. Você faz lista de compras antes de sair?*”, “*É você que atende o telefone? Quando não tem ninguém em casa, como você faz pra dar o recado? Fala depois? Anota?*” Sobre essas últimas questões, boa parte delas estava baseada na descrição que o Ministério do Trabalho fez das tarefas domésticas realizadas por empregados desse setor. Nessa descrição, é relatada uma variedade de atividades que são executadas na rotina dos empregados do serviço doméstico e nas quais há mediação da leitura ou da escrita.

A segunda sessão de entrevista teve como tema principal a trajetória profissional dos sujeitos investigados. O objetivo era apreender como foi vivida a inserção no emprego doméstico bem como conhecer outras formas de trabalho já realizadas pelas empregadas. Atividades remuneradas atuais e concomitantes ao trabalho de doméstica também foram focos de atenção. Assim, realizei perguntas tais como: “*Como foi sua primeira experiência em casa de família?*”, “*Você encontrou dificuldades no trabalho?*”, “*Que tipos de dificuldades?*”, “*Você já tinha trabalhado em outra função?*”, “*Quais são as vantagens que você percebe no trabalho em casa de família?*” Indiretamente, essas entrevistas também acabaram por abordar a presença de práticas de leitura e de escrita. Um exemplo que merece ser mencionado é a freqüente referência às dificuldades com o preparo das refeições vivenciadas nos primeiros trabalhos realizados como doméstica. Frente a esses relatos, eu perguntava (ou elas mesmas falavam espontaneamente): “*Como que você fazia para conseguir fazer os pratos que eles pediam?*” “*Você perguntava à patroa?*” “*Olhava receita?*”

Após essas duas entrevistas feitas com as empregadas domésticas realizei uma entrevista com cada uma das patroas. Elas se constituíram principalmente de relatos de aspectos de suas

histórias de vida, com o objetivo de apreender seus traços sócio-culturais, suas disposições¹⁴ éticas e culturais, bem como de seus percursos profissional e escolar. O tema do serviço doméstico também foi abordado nessas entrevistas. Dessa forma, foram feitas perguntas como: “*Quando você percebeu que precisaria do trabalho de uma doméstica?*”, “*Que características você considera ter uma boa empregada doméstica?*” Novamente, essas questões também se relacionaram, de uma forma indireta, às habilidades de leitura e de escrita das empregadas domésticas, na medida em que, por exemplo, questionei se a habilidade para ler e escrever era considerada no momento do contrato.

Após a entrevista com as patroas, voltei a entrevistar as empregadas domésticas, dessa vez, em suas próprias residências¹⁵. O tema foi a trajetória familiar e educativa e o objetivo principal foi apreender como, ao longo de suas trajetórias de vida, os sujeitos se apropriaram de saberes e disposições em relação à escrita. Nessas entrevistas, coletei dados sobre a infância, sobre a trajetória de escolarização, sobre as práticas de leitura e de escrita dos membros da família. Nessas entrevistas, houve a presença de familiares pelo menos em algum momento. As práticas de leitura e de escrita deles foram também tema dessas entrevistas.

Os últimos a serem entrevistados foram os patrões (refiro-me aos do sexo masculino) e o tema das entrevistas com eles foi o mesmo das patroas. Com exceção de um dos casos, essas foram as entrevistas mais curtas, principalmente na seção onde era abordado o tema do emprego doméstico. Talvez isso tenha acontecido pelo fato de o tema não ser recorrente nas conversas casuais dos homens em nossa sociedade. Conforme indica Vidal (2007), são as mulheres das classes médias brasileiras que dedicam parte de suas conversas a relatar sobre as relações que têm com as empregadas que trabalham em suas residências.

Convém explicitar que para dar seqüência às entrevistas com a mesma empregada e em um espaço de tempo não muito grande entre elas, optou-se por não sobrepor o estudo de mais de

¹⁴ Segundo Lahire, disposições são “propensões”, “inclinações”, “hábitos”, “tendências”, “persistentes maneiras de ser” que se manifestam nas práticas, nos comportamentos, nas opiniões dos indivíduos, podendo variar em função do momento no percurso biográfico e em função do contexto de socialização (LAHIRE, 2004b, p.26-27).

¹⁵ Cleonice foi a única empregada que foi entrevistada cinco vezes (três entrevistas na casa da família empregadora, que é também seu local de moradia, e duas entrevistas no pátio da escola onde estuda).

dois casos. Esclarecendo melhor, as entrevistas¹⁶ iniciaram com os casos de Graça e Cleonice e terminaram com os casos de Suely e Nazira.¹⁷

Quanto às observações, elas foram feitas durante as ocasiões de visita às casas das famílias empregadoras para a realização de entrevistas e também nos momentos de visitas às casas das empregadas domésticas, também com o intuito de fazer entrevistas. Procurou-se observar situações nas quais alguma interação ocorreu por meio da leitura ou da escrita, bem como observações dos dois ambientes: casa da empregada e casa dos empregadores, quanto à presença de materiais escritos. Como exemplos dessas observações, vale a pena citar o momento no qual assisti Suely receber e ter que anotar um recado de telefone ou o momento no qual Graça comentou uma reportagem publicada no jornal *Super* que se encontrava sobre a máquina de lavar. Nos ambientes observados, procurei estar atenta à diversidade e quantidade de materiais escritos disponíveis, que serão melhor explorados no capítulo 3.

O trabalho com as entrevistas e com as observações exigiu uma série de cuidados metodológicos que merece ser explicitada. Como as entrevistas abordavam assuntos muito íntimos, que dizem respeito às histórias de vida dos sujeitos, como por exemplo as trajetórias profissional e escolar, procurei realizar “perguntas que exigem exploração” do entrevistado, deixando-os à vontade para falar sobre suas histórias e, assim, tentar evitar a inibição dos sujeitos. Essa escolha está baseada nas considerações de Bogdan e Biklen a respeito das estratégias para um pesquisador qualitativo:

É evidente que uma estratégia-chave para um investigador qualitativo no campo do trabalho consiste em evitar, tanto quanto possível, perguntas que possam ser respondidas com ‘sim’ e ‘não’. Os pormenores e detalhes são revelados a partir de perguntas que exigem exploração (BOGDAN & BIKLEN, 1994, p. 136).

Mesmo com esses cuidados, a primeira entrevista realizada com cada uma das empregadas contou, de maneira geral, com depoimentos mais curtos e pouco descritivos. No entanto, pouco a pouco, a confiança delas foi conquistada. Acredito que a própria temática das entrevistas (sobretudo as que abordavam a trajetória profissional) foi despertando o interesse de

¹⁶ As entrevistas foram realizadas no período de 04/06/07 a 23/01/2008.

¹⁷ Optou-se por apresentar os perfis (capítulo 2) na mesma seqüência em que os estudos foram realizados. A única exceção foi o caso de Cleonice, que foi deslocado para o final do capítulo, tendo em vista que ela é a única que reside na casa da família empregadora, o que torna o seu caso peculiar.

compartilhar o que haviam vivido, de contar como eram trabalhadoras e como haviam enfrentado as dificuldades encontradas na vida. No caso das empregadoras, provavelmente devido ao fato de serem mulheres, de ocuparem uma posição social mais privilegiada e de duas delas conhecerem o processo de realização de pesquisas, as entrevistas foram longas e os relatos descritivos. No caso dos empregadores, apesar de terem concedido entrevistas mais curtas, eles não se intimidaram em expor suas histórias que, pode-se afirmar, eram de sucesso.

Acredito que a confiança conquistada, tanto no caso das empregadas como no dos empregadores, está relacionada à busca de “(...) interesse e respeito pelos outros como pessoas e [à] flexibilidade nas reações em relação a eles; [à] capacidade de demonstrar compreensão e simpatia pela opinião deles; e, acima de tudo, [à] disposição para ficar calado e escutar” (THOMPSON, 1992, p.254). Sobre esse aspecto, é importante dizer que todas as entrevistas, apesar de terem um roteiro de assuntos pré-definidos, tiveram o ritmo orientado pelos entrevistados¹⁸. Foi necessária sensibilidade para perceber que o entrevistado não estava disposto a falar naquele dia ou estava disposto a falar sobre outros assuntos que não os definidos ou, ainda, que embora estivesse disposto a conceder à entrevista, estava com pressa devido às obrigações cotidianas¹⁹. Assim, os roteiros apenas orientaram as entrevistas. Por vezes, os temas previstos em um roteiro também apareceram em outro por não terem sido suficientemente tratados.

Ainda sobre o respeito em relação aos entrevistados, procurei evitar ao máximo interromper seus relatos. De acordo com Thompson, “(...) interromper uma história por considerá-la irrelevante, estará interrompendo não apenas essa, mas toda uma série de ofertas posteriores que serão relevantes” (THOMPSON, 1992, p.263). Considero que esse foi o aspecto mais difícil de ser conduzido, uma vez que algumas declarações são tão ricas que a ansiedade para explorá-las levou a algumas interrupções equivocadas. Entretanto, como cada entrevista foi seguida de sua transcrição antes que uma nova entrevista fosse realizada, pude anotar e tentar retomar o assunto que havia sido interrompido (é claro que a tentativa de retomada nem sempre

¹⁸ As entrevistas foram marcadas em horário e local escolhidos pelos entrevistados. Algumas entrevistas foram desmarcadas em cima da hora. Mesmo ansiosa para prosseguir o estudo, tive que deixar minhas frustrações de lado, agradecer, dizer que não havia problema e tentar marcar um outro dia.

¹⁹ O número maior de entrevistas realizado com Cleonice se deveu a esse último aspecto. Sua preocupação em conciliar o tempo do trabalho ao tempo da escola fizeram com que ela indicasse verbalmente o momento em que desejava interromper cada uma das entrevistas.

obteve sucesso²⁰) e, mais ainda, pude conhecer melhor as minhas falhas e tentar evitá-las em outros momentos.

A reflexividade também foi necessária como tarefa importante para perceber e “controlar” os efeitos da estrutura social na condução das entrevistas (BOURDIEU, 1997, p.639-732). Julgo que tal reflexividade se evidenciou de diversas maneiras, como no cuidado em utilizar uma linguagem clara, na estratégia de realizar mais de uma entrevista com cada sujeito e na escolha de trabalhar com questões mais livres, que permitissem ao sujeito falar à vontade.

O trecho a seguir merece ser transcrito, pois sintetiza de maneira precisa a dimensão que as entrevistas possuíram neste estudo:

Uma entrevista é uma relação social entre pessoas, com suas convenções próprias cuja violação pode destruí-la. Fundamentalmente, espera-se que o entrevistador demonstre interesse pelo informante, permitindo-lhe falar o que tem a dizer sem interrupções constantes e que, se necessário, proporcione ao mesmo tempo alguma orientação sobre o que discorrer. Por baixo disso tudo está uma idéia de cooperação, confiança e respeito mútuos. Uma entrevista não é um diálogo, ou uma conversa. Tudo o que interessa é fazer o informante falar. Você deve manter-se o mais possível em segundo plano (...) (THOMPSON, 1992, p.270-271).

Vale ressaltar que, como grande parte das entrevistas abordou os aspectos das histórias de vida dos sujeitos, é preciso, ainda, conhecer alguns pressupostos que o trabalho com histórias de vida sugere. Como defende Bourdieu (1996, p.183), é preciso entender que “uma vida é inseparavelmente o conjunto dos acontecimentos de uma existência individual concebida como uma história e o relato dessa história”. Ao relatar suas experiências, os investigados tendem a organizar os fatos de forma coerente e inteligível, apesar de não seguirem sempre uma ordem cronológica rígida. Entender que os sujeitos têm a necessidade e a preocupação de dar consistência e coerência a seus relatos de acontecimentos passados e ao mesmo tempo presentes significa ter consciência de que os relatos são criações de sentido e que, para serem bem compreendidos, devem ser analisados em relação ao contexto em que ocorreram. Portanto, procurei entender as escolhas dos sujeitos, suas trajetórias de vida, seus investimentos, relacionados a um contexto mais amplo da vida social.

²⁰ Conforme salienta Galvão (2006) em artigo sobre *História oral e processos de inserção na cultura escrita*, a interrupção de um depoimento pode resultar em risco de não conseguir retomar a questão que o entrevistado desenvolvia.

Sobre esse aspecto, um exemplo recorrente nas entrevistas foram as justificativas que as empregadas atribuíram ao abandono da escola. Todas elas conferiram a si próprias a responsabilidade de terem deixado a escola, ou seja, disseram ter parado de freqüentar essa instituição por desejo próprio. Entretanto, seus relatos indicavam uma coincidência entre o período que abandonaram a escola e o período em que inseriram no mercado de trabalho. Assim, o motivo apontado por elas sobre a evasão escolar parece ser mais uma construção que elas próprias elaboraram sobre essa experiência do que uma análise mais objetiva (das condições de existência) de suas trajetórias.

Em uma perspectiva próxima à de Bourdieu, Abrahão (2004), ao tratar sobre a pesquisa biográfica, salienta a importância do exercício da rememoração. Dessa forma, ao trabalhar com a memória de um sujeito, deve-se ter a consciência de que ela é seletiva e que o sujeito, quando a relata, e também o pesquisador quando a analisa, busca conferir sentido às experiências de vida. Além disso, é preciso levar em conta que os relatos são feitos pelo sujeito no presente, ou seja, o sujeito narra sua vida a partir do que ele é hoje. Nas palavras da autora:

A narrativa é uma estrutura central no modo como os humanos *constroem sentido*. (...) A narrativa privilegia a realidade do que é experienciado pelos contadores de história: a realidade de uma narrativa refere-se ao que é real para o contador de história. As narrativas *não copiam a realidade do mundo fora delas*: elas propõem representações/interpretações particulares do mundo. (...) As narrativas estão sempre *inseridas no contexto sócio-histórico*. Uma voz específica em uma narrativa só pode ser compreendida em relação a um contexto mais amplo: nenhuma narrativa pode ser formulada sem tal sistema de referentes (ABRAHÃO, 2004, p.220, grifos meus).

A influência do tempo presente se manifestou, por exemplo, nas representações que as empregadas têm do serviço doméstico e de suas aspirações. A empregada mais velha entrevistada foi a que se mostrou mais descontente com o emprego doméstico. Prestes a se aposentar, o emprego doméstico é visto como a maneira como ela “ganhou a vida” desde a juventude. Para ela, não há a possibilidade de encará-lo como temporário, ou de desejar mudanças profissionais, como foi notado nos outros casos²¹.

Também em relação às entrevistas, tendo em vista as próprias características do trabalho com memórias, acredito que, assim como sugere Abrahão (2004, p.221), há a necessidade de realizar uma triangulação dos conteúdos das narrativas das empregadas domésticas com o de

²¹ Sobre o desgosto com a ocupação entre as empregadas mais velhas, ver: Brandt (2002, p.141).

outras fontes, principalmente, nesse caso, como já foi dito anteriormente, com as narrativas de seus empregadores.

Ainda sobre as entrevistas, gostaria de deixar registrada a forte dimensão da afetividade que foi notada por mim. Conforme afirma Vidal (2007, p.183), a afetividade parece governar as relações entre as empregadas e seus patrões e é tão forte que, muitas vezes, no caso da pesquisa conduzida por ele sobre as empregadas domésticas do Rio de Janeiro, os relatos foram acompanhados por risos e choros. O mesmo aconteceu com as empregadas domésticas entrevistadas por mim. Além de risos e choros, percebi alguns silêncios carregados de emoção.

Finalmente, resta apontar os cuidados metodológicos quanto às observações. Elas aconteceram de forma complementar às entrevistas. Conforme salienta Vianna (2003), é uma técnica de pesquisa útil para se compreender fenômenos complexos, como é o caso da proposta dessa pesquisa. De acordo com o mesmo autor, as observações de campo têm lugar em um contexto natural e na maioria das vezes não procuram dados quantificáveis. Vianna salienta ainda que é impossível observar a todos e a tudo. Nas suas palavras:

A observação, em que pese o fato de ser uma das características fundamentais de qualquer atividade científica, possui suas limitações. É impossível observar a tudo. Assim, o que observar – situações, ocorrências, comportamentos, ações – depende, naturalmente, como observa Wilkinson (1995), do problema a ser investigado ou do objeto em estudo (VIANNA, 2003, p.44).

Essa foi a dimensão que a observação teve nesse estudo. Não houve a intenção de colher dados quantificáveis, mas sim dados que pudessem complementar ou complexificar os dados colhidos pelos relatos dos entrevistados. Assim, se o objeto de estudo diz respeito às relações entre o exercício de uma prática profissional e a ampliação e a diversificação (ou não) das práticas de leitura e de escrita, pareceu sensato, nos encontros com as empregadas, buscar observar e descrever as situações nas quais práticas de escrita e de leitura eram integrantes das interações observadas. A característica específica da questão de pesquisa também indicou serem necessárias observações que possibilitassem uma descrição dos materiais escritos presentes nas casas das empregadas e dos seus empregadores.

Vale salientar que:

o observador é parte integrante de uma realidade social e suas percepções são, em grande parte, afetadas, condicionadas pelo contexto em que se encontra, não

havendo, *ipso facto*, observações inteiramente isentas, com uma validade irrestrita, uma validade que se possa dizer total. Uma observação, por mais bem feita que seja, nunca apresenta total neutralidade, face à intermediação do próprio observador (VIANNA, 2003, p.65, grifos do autor).

Por fim, diante do exposto, optou-se por organizar esta dissertação em quatro capítulos. No primeiro, são abordados estudos que tratam da participação na cultura escrita e pesquisas sobre o emprego doméstico que contribuíram para a compreensão do objeto desta pesquisa. Além de possibilitar o embasamento para as análises feitas, a produção científica provocou questionamentos importantes.

No segundo capítulo, as quatro empregadas pesquisadas e suas famílias empregadoras são caracterizadas, na forma de perfis. Entre as características apresentadas, são priorizadas as que se referem à ocupação, à escolarização, à migração e às práticas culturais. A intenção é que essa descrição possibilite a compreensão das singularidades e das regularidades dos casos e das relações que elas têm com as formas de participação das domésticas no mundo da escrita.

O terceiro e o quarto capítulo compõem, juntos, a parte mais densa das análises. No terceiro capítulo são descritas e analisadas as práticas de leitura e de escrita das empregadas que fazem parte do trabalho doméstico em ambiente letrado, as práticas proporcionadas pelo exercício dessa ocupação, as práticas diárias de leitura e de escrita que ocorrem em outros contextos sociais nos quais elas circulam, além do trabalho, bem como algumas práticas de leitura e de escrita dos seus familiares que, de uma maneira indireta, estão relacionadas aos seus trabalhos. Além disso, é abordada a participação das empregadas em práticas orais que são estruturadas pela escrita. No capítulo 4, embora não seja objetivo central do estudo, são exploradas algumas influências da convivência com a família empregadora nos modos de viver das empregadas.

Finalmente, são expostas as considerações finais sobre a pesquisa. Neste tópico, um esforço de síntese é feito para descrever de forma concisa em que medida o trabalho doméstico em um ambiente letrado possibilitou a ampliação e diversificação das práticas de leitura e de escrita e quais foram as estratégias utilizadas pelas empregadas domésticas para lidar com as diferentes manifestações da cultura escrita nesse ambiente. Os limites da pesquisa e futuras questões de investigação também são explicitados.

CAPÍTULO 1: CONTRIBUIÇÕES DOS ESTUDOS SOBRE CULTURA ESCRITA E SOBRE O EMPREGO DOMÉSTICO

Neste capítulo, são abordados diferentes estudos que tratam da participação na cultura escrita e pesquisas sobre o emprego doméstico. Todas as referências aqui apresentadas auxiliam, de alguma maneira, na compreensão do objeto da pesquisa. No caso da leitura e da escrita, os estudos contribuíram para a análise das práticas de leitura e de escrita vivenciadas pelas domésticas, bem como para a consideração atribuída aos outros contextos da vida humana (além do trabalho) que colaboram na construção dessas práticas. Por outro lado, os estudos sobre o emprego doméstico ajudaram na compreensão das condições de trabalho (objetivas e psicológicas) vividas por esse grupo ocupacional que possuem implicações com o modo de se relacionar com a cultura escrita na casa dos patrões.

1.1. Estudos sobre a participação na cultura escrita

1.1.1. Problematização

De modo geral, os estudos sobre a cultura escrita, tanto brasileiros como estrangeiros, dão muita atenção à escolarização e pouca consideração aos modos de inserção e participação não escolares nesse tipo de cultura (GALVÃO, 2007). Estudos históricos apontam, entretanto, que no caso brasileiro, a história da cultura escrita é marcada pela quase ausência da alfabetização, da escola e da imprensa.

Quanto à alfabetização, Ferraro (2002) analisou os dados dos censos brasileiros que mostram com clareza a permanência de altas taxas de analfabetismo, para a população acima de cinco anos. Entre os anos de 1872 e 1890, a taxa é elevada e estável: em torno de 82,5% da população acima de 5 anos era analfabeta. No período de 1890 a 1950, a taxa de analfabetismo apresentou quedas constantes, de modo a chegar a 57,2% no censo de 1950. É apenas na década de 1960 que a proporção de brasileiros analfabetos passou a ser menor do que a de alfabetizados:

46,7%. A partir de 1970 até os anos 2000, a taxa de analfabetismo continuou caindo, mas de forma menos acelerada (38,7%, 31,9%, 24,2% e 16,7%) (FERRARO, 2002, p.33)²².

Em relação à escola, GALVÃO (2007) afirma que apenas no século XX no Brasil, essa instituição passou a ocupar lugar central na transmissão de saberes. Ela se refere a Hallewell (1985) para dizer que no período imperial a taxa de matrícula na escola elementar era baixa.

Em 1872, a matrícula na escola elementar era de apenas 139.321 alunos, para uma população de cerca de 10 milhões de habitantes. O crescimento foi lento nos anos seguintes: perto de 172 mil em 1875, de 175 em 1800, cerca de 258 mil em 1888. Somente após algumas décadas, no período republicano, observa-se uma expansão mais acentuada das taxas de escolarização: são cerca 638 mil alunos em 1907, de 2,5 milhões em 1935, de 7,5 milhões em 1960 (GALVÃO, 2007, p.11).

A expansão do ensino no período republicano também foi apontada por Romanelli (1991). Apesar de indicar o crescimento da escolarização a partir da década de 1920, a autora não deixou de destacar a baixa taxa de escolarização no início do século XX. Em 1920, 8,99% da população de cinco a 19 anos estava na escola. As décadas seguintes, 1940, 1950, 1960, 1970 apresentaram as seguintes taxas: 21,43%, 26,15%, 33,37%, 53,72% (ROMANELLI, 1991, p.64). Ou seja, apenas a partir da década de 1960 o Brasil contou com a maioria de sua população entre 5 e 19 anos na escola.

Finalmente, sobre a imprensa, Galvão (2007) aponta a proibição de tipografias no Brasil colonial e a presença da censura. Desse modo, pode-se dizer que a investigação da esfera do trabalho e sua relação com a cultura escrita privilegiada por esta pesquisa, mais especificamente, do trabalho doméstico, contribuem para ampliar as discussões sobre o tema. Vale lembrar que as empregadas domésticas pesquisadas apresentam, contemporaneamente, em suas vidas, aspectos que são atribuídos à história da cultura escrita brasileira de forma mais ampla, ou seja, elas são pouco escolarizadas, possuem pai ou mãe pouco inseridos na cultura escrita e viveram, na infância, na presença de poucos materiais escritos. Essas características tornam a pesquisa rica e ainda mais instigante.

É preciso esclarecer, ainda, que este estudo se situa na linha de pesquisa sobre a cultura escrita que se centra na investigação de casos individuais de inserção e de participação no mundo da escrita, ou seja, a investigação realizada

²² Para uma discussão mais profunda dessas estatísticas, ver Ferraro (2002).

(...) volta-se para o estudo de práticas de leitura e escrita, de modos de inserção individuais em culturas escritas e da maneira pela qual essas culturas adquirem uma identidade específica, seja em razão das finalidades e dos usos que nela se fazem da escrita, seja em razão do modo pelo qual nela se relacionam o impresso e o manuscrito, assim como a oralidade (GALVÃO e BATISTA, p.430, 2006).

A abordagem em escala micro, de acordo com Galvão e Batista (2006) tem contribuído para complexificar as tradicionais dicotomias entre o oral e o escrito presentes nos primeiros estudos em larga escala sobre a cultura escrita²³, ou seja, nos estudos que buscavam compreender, por exemplo, a entrada de sociedades na cultura escrita.

Entende-se por “cultura escrita” o lugar que a escrita ocupa em determinada sociedade, grupo social ou comunidade, como produção simbólica e material. É por meio da descrição de diferentes formas de manifestação de práticas e eventos mediados pela escrita que se pode perceber a posição que a escrita possui em determinada cultura. Conforme indica Galvão (2007):

Por meio da descrição minuciosa desses eventos e práticas, em diferentes tempos e espaços, é possível compreender o lugar que a escrita ocupa em uma determinada cultura – chegamos, assim, ao conceito de cultura escrita (GALVÃO, 2007, p. 37).

Pode-se dizer que o conceito de cultura escrita está intimamente relacionado ao conceito de letramento, na concepção que lhe atribui Soares (2001). Em outras palavras, a participação em práticas e eventos mediados pela escrita por um indivíduo ou grupo social em determinado contexto é parte integrante do “resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: [do] estado ou [da] condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita” (SOARES, 2001, p.18).

Assim, é por meio da descrição das práticas e eventos mediados por materiais escritos - intrínsecos ao trabalho doméstico ou proporcionados por ele - realizados no ambiente de trabalho, que é possível apreender a cultura escrita vivenciada pelas empregadas domésticas nesse ambiente, bem como os modos de participação nela.

Em diversos momentos, o uso dessa expressão – cultura escrita - foi utilizado no plural já que se acredita que os sujeitos (no caso dessa pesquisa, as empregadas domésticas) vivenciam diversas formas de manifestação de práticas e eventos mediados pela escrita, nos diferentes

²³ São exemplos de estudos em grande escala: Havelock (1995), Goody (1968), Ong (1993), Zumthor (1993) Cook-Gumperz e Gumperz (1981), Vygotsky e Luria (1993).

contextos sociais em que vivem. Além da esfera do trabalho, as empregadas circulam em outros contextos (como a igreja, a escola, a família, etc) que apresentam outra forma de manifestação da cultura escrita, ou seja, a pesquisa compartilha da idéia dos estudos contemporâneos de que não existe uma cultura escrita dada e oposta à cultura oral, mas sim uma diversidade de culturas do escrito que varia em função do contexto (GALVÃO, 2007, p. 32-33).

Além da consideração da existência de uma multiplicidade de culturas do escrito, compartilha-se da idéia de que os sujeitos são ativos na relação que estabelecem com o mundo da escrita. Assim,

O uso de verbos tais como “apropriar-se da”, “relacionar-se com” em lugar de “inserir-se na”, “entrar na” ou “ter acesso à(s)” cultura(s) escrita(s) está relacionado com a tentativa de explicitar o papel ativo dos sujeitos e dos grupos sociais nesse processo (GALVÃO, 2007, p.39).

Desse modo, passa-se a abordar algumas das pesquisas sobre o tema em questão que auxiliam na compreensão do objeto proposto. Serão expostas as principais idéias dos seguintes autores: Graff (1990), Batista e Ribeiro (2004), Heath (1987), Galvão (2001, 2006 e 2007), Lahire (1997, 2002, 2004 e 2006) e Ribeiro (1999).

A pesquisa histórica de Graff (1990) possibilita reflexões acerca do alfabetismo²⁴ na sociedade atual, levando-nos a questionar a grande importância a ele atribuída por parte de vários pesquisadores. Ao criticar as produções que atribuem diversas conseqüências ao alfabetismo, Graff (1990) diz que:

Os artigos sobre as “conseqüências”, “implicações” ou “concomitantes” presumidos do alfabetismo têm-lhe atribuído uma quantidade verdadeiramente assustadora de efeitos cognitivos, afetivos, comportamentais e atitudinais. Essas características incluem, nas formulações ou listas típicas, atitudes que vão *desde* empatia, espírito de inovação, atitude empreendedora, “cosmopolitismo”, espírito crítico em relação à informação e à mídia, identificação nacional, aceitação tecnológica, racionalidade e compromisso com a democracia, *até* oportunismo, linearidade de pensamento e comportamento, ou residência urbana! O alfabetismo é, às vezes, concebido como uma habilidade, mas com mais freqüência como simbólico ou representativo de atitudes e mentalidades. Isto é sugestivo. Em outros níveis, os “limiares” do alfabetismo são vistos como um requisito para o desenvolvimento econômico, “decolagens”, modernização,

²⁴ O estado atual do campo de estudos sobre a leitura e a escrita, sob uma perspectiva social, vem se mostrando bastante dinâmico, o que talvez explique as diferentes designações do fenômeno que toma por objeto de estudo: alfabetismo, cultura escrita, culturas do escrito, letramento, letramentos.

desenvolvimento político e estabilidade, padrões de vida, controle da fertilidade, e assim por diante. A quantidade de conseqüências e correlações ecológicas aduzidas é literalmente maciça; poder-se-ia, facilmente encher volumes com elas. A evidência, entretanto, é muito menor que as expectativas e suposições (...) (GRAFF, 1990, p.35).

Dessa forma, Graff lança mão da história do alfabetismo e enfatiza suas continuidades e contradições na sociedade. Para ele, a escrita e a imprensa não produzem os mesmos efeitos em todas as sociedades, “seus efeitos são determinados pela maneira pela qual a agência humana as explora num contexto específico” (GRAFF, 1990, p.35).

Dois passos para a compreensão do alfabetismo são explorados pelo autor: o cuidado em se definir o termo e a consideração do alfabetismo em uso. Com relação ao termo, Graff indica a necessidade de uma definição consistente que seja possível de ser utilizada em diferentes locais e em diferentes momentos históricos. Para isso, sugere o entendimento do alfabetismo como “uma tecnologia ou conjunto de técnicas para a comunicação e a decodificação e reprodução de materiais escritos ou impressos” (GRAFF, 1990, p.35). Sobre o último passo, Graff nos alerta para a consideração dos contextos de uso e de aquisição dessa tecnologia que, em grande parte, definem as conseqüências de sua introdução ou difusão numa determinada sociedade.

As palavras de Graff nos levam a encarar como um desafio necessário a reconstrução dos contextos de usos da leitura e da escrita das empregadas domésticas: como, onde, quando, por que e o que lêem e escrevem. A reconstrução desses contextos foi realizada principalmente nos capítulos 3 e 4 desta dissertação.

Graff também encontra, ao analisar produções sobre o alfabetismo, algumas contradições que merecem ser citadas, na medida em que auxiliaram a evitar uma abordagem etnocêntrica das formas de participação das empregadas domésticas nas culturas do escrito. A primeira contradição apontada pelo autor é o falso entendimento do alfabetismo como uma via para o desenvolvimento. De acordo com Graff, tal idéia está em disparidade com as pesquisas empíricas.

Além disso, o autor também revela a tirania das dicotomias conceituais, muito recorrentes no senso comum e também nas pesquisas acadêmicas. Sobre essa polarização, o autor afirma:

Considere as frases comuns: alfabetizado e analfabeto; escrito e oral; impresso e manuscrito, e assim por diante. Nenhum desses opostos polares descreve de forma útil as circunstâncias atuais; todos eles, na verdade, obstaculizam a compreensão contextual (GRAFF, 1990, p.41-42).

Embora a escolha dos sujeitos para a pesquisa estivesse baseada, além de outros fatores, na relação diferenciada (mais ou menos próxima) com o mundo da escrita, procurou-se entender a complexidade dessa relação, sobretudo no caso das empregadas. Assim, além de terem sido feitas considerações sobre suas escolaridades, os usos cotidianos que elas fazem da leitura e da escrita também foram focados, buscando, dessa maneira, escapar da polarização: empregadas (ausência da leitura e da escrita) e patrões (presença da leitura e da escrita).

Especificamente sobre a relação entre oral e escrito, as pesquisas históricas desenvolvidas pelo autor o possibilitaram afirmar que:

As palavras escritas e depois as impressas foram difundidas para muitos semi-alfabetizados e analfabetos através de processos orais; a informação, as notícias, a literatura e a religião difundiram-se muito mais amplamente do que qualquer meio puramente alfabético poderia ter permitido. Por muitos séculos, a própria leitura era uma atividade oral, freqüentemente coletiva, e não a atividade privada, silenciosa, que nós conhecemos hoje (GRAFF, 1990, p.43).

Tal afirmação coloca em evidência a necessidade de observar como a oralidade²⁵ influencia as relações que as empregadas domésticas estabelecem com a cultura escrita existente no ambiente de trabalho, assim como a sua influência nas estratégias utilizadas para lidar com ela²⁶. Assim, buscou-se descrever, por exemplo, no capítulo 3, práticas mediadas ao mesmo tempo pela escrita e pela oralidade, como as listas de compras ditadas e escritas.

No caso brasileiro, a pesquisa de Batista e Ribeiro (2004), também em larga escala, realizou uma análise exploratória da distribuição do acesso à cultura escrita no Brasil e de seus principais condicionantes a partir dos dados do INAF. Os autores nos mostram que, se historicamente o acesso à cultura escrita é indicado pela diferença entre alfabetizados e analfabetos, atualmente, em decorrência da lenta diminuição do número de analfabetos que vem ocorrendo, uma análise da maior ou menor inserção passa a ser mais importante.

A análise dos dados realizada pelos autores evidenciou a desigualdade do acesso à cultura escrita no Brasil e mostrou “que essa desigualdade de acesso segue, em suas linhas gerais, a desigual distribuição de recursos econômicos, sociais e culturais que caracteriza a sociedade

²⁵ Alguns estudos investigam a relação entre oralidade e inserção na cultura escrita. Ver, por exemplo, Galvão (2002).

²⁶ Entre as outras contradições apontadas pelo autor nas pesquisas sobre o alfabetismo estão o fato de a história do alfabetismo ser concebida em bases evolucionistas e a falsa relação estabelecida entre alfabetismo e os processos de desenvolvimento individual e econômico.

brasileira” (BATISTA e RIBEIRO, 2004, p.27). O estudo indicou, ainda, que vários fatores regulam a distribuição do acesso à cultura escrita, como por exemplo: a escolarização, o trabalho e a pertença religiosa.

Assim, procurou-se também investigar outros fatores além do trabalho, que possam ter contribuído para a construção de uma determinada relação com o mundo da escrita. No caso das domésticas, a participação em práticas religiosas mostrou-se bastante presente e, por isso, uma atenção especial a essa prática e a sua relação com a cultura escrita foi apresentada no capítulo 4, juntamente com reflexões sobre a escolarização (própria ou dos filhos e netos) e sobre outras ocupações realizadas.

1.1.2. Estudos sobre práticas de leitura e de escrita e os diferentes contextos sociais: família, escola e trabalho

São abordados neste tópico, estudos que buscaram compreender a influência da família, da escola e do trabalho sobre as práticas de leitura e de escrita. Conhecer em que medida esses contextos sociais interferem na maneira de um indivíduo se relacionar com o mundo da escrita é importante para se pensar as formas de interação com as culturas do escrito estabelecidas pelas empregadas domésticas investigadas. Assim, embora o foco da pesquisa seja o contexto de trabalho dessas mulheres, a socialização no seio da família e a escolarização não foram desconsideradas.

A família é a primeira instituição social que uma pessoa estabelece contato em sua vida. É na família que, ainda criança, os indivíduos aprendem a se comportar socialmente e recebem os primeiros apoios emocionais. As pesquisas têm mostrado, como foi visto na introdução da dissertação, que é também nesse ambiente que as crianças aprendem os primeiros usos e significados da escrita.

O estudo de Heath (1987), já referido na introdução, indica a importância dos contextos familiares para que diferentes formas de se relacionar com a escrita sejam construídas. Trata-se de uma clássica pesquisa no campo da etnografia sobre os modos de se relacionar com as histórias escritas que famílias de diferentes comunidades dos Estados Unidos possibilitam, por meio de processos não deliberados, às suas crianças. A autora descreve como, em famílias de classe média, e em outras duas comunidades da mesma região (Roadville e Trackton) que não

seguem os padrões esperados pela escola sobre a leitura dos livros, as crianças aprendem a atribuir sentido às leituras que fazem e relacionam seus conteúdos com os conhecimentos sobre o mundo.

Segundo Heath, durante a socialização familiar, as crianças aprendem a selecionar, reter e recuperar o conteúdo dos livros e de outros materiais escritos de acordo com as regras da comunidade ou dos modos de apreender da comunidade. Em algumas comunidades, os modos de se relacionar com a escrita em casa são parecidos com os modos da escola, possuindo essas crianças maiores chances de atender às expectativas desta em relação às habilidades de leitura. Em outras comunidades, por outro lado, os modos da escola se diferenciam dos modos de casa, entrando esses dois modos em conflito (HEATH, 1987, p.97).

Entre as características apresentadas pela autora sobre as crianças das famílias de classe média destaca-se o fato de aprenderem certos costumes e habilidades com a leitura e com a escrita por meio de experiências precoces com materiais escritos. Nessas famílias, a leitura de histórias antes de dormir é o principal evento de letramento e é percebida pelos pais como uma forma natural de interagir com seus filhos²⁷. De forma sintética, pode-se dizer que as crianças dessas famílias começam a prestar atenção nos livros e às informações que se derivam deles ainda bebês. Quando as crianças começavam a falar, os adultos faziam perguntas relacionadas ao que foi lido em outros contextos, onde havia alguma relação entre um fato que se observa e uma história que foi lida. Logo, os adultos as encorajavam a recontarem as histórias. Os resultados desse modo de socialização é que as crianças acabam adquirindo na família hábitos e valores que são demandados pela escola.

As outras duas comunidades pesquisadas pela autora são Roadville - comunidade trabalhadora branca, envolvida há quatro gerações com a fabricação de tecido - e Trackton - comunidade trabalhadora negra, cujas gerações mais velhas foram trazidas para o campo, cultivando a própria terra ou trabalhando para outros proprietários de terras. As duas comunidades são letradas, no sentido de que seus residentes são capazes de ler materiais escritos na vida diária e ocasionalmente produzem mensagens escritas para se comunicarem. Apesar de ambas as comunidades atribuírem grande valor à escolarização, suas crianças apresentavam fracasso na escola.

²⁷ O estudo revelou que “escrever” era considerado algo menos aceitável do que ler como uma atividade sem hora programada. Isso porque os adultos possuem rígidas regras sobre tempo, lugares e materiais para escrever. A única restrição para a leitura é sobre cuidar bem dos livros (HEATH, 1987, p.101).

Em Roadville, os adultos repetem aspectos dos eventos de letramento que vivenciaram quando crianças: conversam com os bebês, cantam canções infantis e compram livros infantis. Também há a presença da leitura antes de dormir, mas a preferência é por brincar com as crianças. Não há uma preocupação por parte dos adultos em estabelecer relações entre os conteúdos dos livros e a realidade. Além disso, quando a história é muito complicada, o adulto a simplifica, encurtando-a. Adultos demandam uma aceitação do poder do escrito para entreter, informar e instruir. De modo geral, a consequência desse modo de interação com a escrita nas famílias de Roadville é o sucesso apenas nas três primeiras séries. As crianças não conseguem manter o desempenho positivo nas séries posteriores, pois possuem dificuldade em responder perguntas do tipo razões ou explicações demandadas pela escola.

Na comunidade Trackton, os adultos lêem jornal, correspondência, circulares, materiais escolares enviados pela escola, a Bíblia, etc. Entretanto, não há prática de leitura para as crianças. Diferentemente das outras comunidades, não há leitura de histórias antes de dormir. As crianças contam histórias que são inventadas por elas mesmas. Essas histórias não têm necessariamente um ponto central, e não são organizadas com início óbvio e fim. Como o que é impresso, isoladamente, tem pouca autoridade na cultura Trackton e como os tipos de perguntas que a escola prioriza não são familiares, as crianças recebem notas baixas nos testes de leitura e nas disciplinas relacionadas à linguagem.

O exemplo da pesquisa de Heath (1987) mostra que o que é válido, importante, rotineiro em uma comunidade não o é em outra, resultando em formas diferentes de se relacionar com a escrita. Tal consideração, além de possibilitar refletir acerca das influências das famílias nas quais as empregadas cresceram sobre suas maneiras de lidar com a leitura e com a escrita, também oferece a possibilidade de pensar sobre a importância das famílias empregadoras nesse processo. Dessa forma, para perceber qual a relação entre o exercício da ocupação de empregada doméstica e as práticas de leitura e escrita, foi necessário compreender a organização do trabalho doméstico nos ambientes específicos, bem como o modo como essa organização é vivida do ponto de vista da empregada. Nas quatro famílias pesquisadas, há modos diferentes de se relacionar com a empregada e de organizar o serviço doméstico que acabam por contribuir - mais ou menos - para a participação no mundo da escrita.

Lahire (2004a) também aponta que a experiência com a escrita e com a leitura em casa, no seio da família, contribui para que um determinado tipo de relação com essas práticas seja

construído. Segundo o autor, a observação das situações de leitura e de escrita dos pais feita pelas crianças resulta na associação dessas práticas como naturais e prazerosas ou pouco prováveis e difíceis. Em outras palavras, para o pesquisador, não basta que a experiência de leitura e de escrita exista; para ser válida e servir de exemplo às crianças, é preciso que ela seja positiva. Em suas palavras:

O fato de ver os pais lendo jornais, revistas ou livros pode dar a esses atos um aspecto “natural” para a criança, cuja identidade social poderá construir-se sobretudo através deles (ser adulto como seu pai ou sua mãe significa, naturalmente, ler livros...). Inversamente, podem surgir experiências com o texto impresso negativas ou ambivalentes em famílias onde os livros são: 1) respeitados demais, arrumados assim que oferecidos, não tendo a criança o direito de tocá-los sozinha; 2) oferecidos como brinquedos que as crianças têm de aprender a manejar sozinhas de imediato. A questão não se limita, portanto à presença ou ausência de atos de leitura em casa: quando existe a experiência, é preciso sempre se perguntar se é vivida positiva ou negativamente, e se as modalidades são compatíveis com as modalidades da socialização escolar do texto escrito (LAHIRE, 2004, p.20-21).

O quê pode ser dito sobre as empregadas investigadas? Quais foram os ambientes familiares vivenciados por elas na infância? Que lugar a escrita ocupava em seus lares de origem? Em que práticas de leitura e de escrita envolviam-se seus pais? Embora não tenha sido o interesse principal desta investigação, a escrita dos perfis realizada no capítulo 2 e algumas descrições e análises apresentadas no capítulo 3 permitem refletir um pouco sobre as configurações de suas famílias e sobre as relações que elas estabelecem com o mundo da escrita. É também no capítulo 2 no qual se investe maior atenção às famílias para as quais as empregadas trabalham, no sentido de conhecer os modos de relacionamento que elas mantêm com a escrita.

Além da importância da família na aproximação dos indivíduos da cultura escrita, algumas pesquisas verificaram a importância da escolarização nesse processo²⁸. Ou seja, constatou-se que a frequência à escola contribui para que os indivíduos diversifiquem e intensifiquem suas práticas de leitura e de escrita.

Lahire (2002), por exemplo, mostra como a escolarização é importante, para a formação de leitores. Ele diz:

²⁸ Vale destacar, conforme salientou Soares (2003), que as relações entre alfabetização e escolarização são mais evidentes e mais divulgadas pela produção científica do que as relações entre letramento e escolarização.

Quanto mais se sobe na hierarquia dos diplomas, mais possibilidade se tem de encontrar leitores fortes ou muito fortes, pessoas que trocam livros, que os compram com frequência, que vão à biblioteca pelo menos uma vez por semana e lêem livros relacionados ao seu trabalho... Tudo isso não tem nada de admirável na medida em que a leitura (as bases da leitura, bem como certos modos específicos de apropriação de textos) é ensinada na escola; na medida ainda em que a escola permanece a matriz de socialização fundamental do livro (LAHIRE, 2002, p.96).

No caso brasileiro algumas análises dos dados do Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional realizadas por diferentes pesquisadores ressaltaram a importância da escolarização para a aproximação dos indivíduos da cultura escrita. Ribeiro, Vóvio e Moura (2002), por exemplo, analisaram os dados dessa pesquisa e concluíram que:

Ainda que outros fatores possam influir nos níveis de alfabetismo da população, o grau de instrução é a variável mais decisiva. Entre as pessoas com menos de quatro anos de estudo, o analfabetismo é bastante significativo e a maioria dos alfabetizados não ultrapassa o nível 1. Esse nível é também significativo entre pessoas que têm de quatro a sete anos de estudo. Só a partir do ensino fundamental completo é que mais de 85% da população atinge os níveis 3 e 4 de alfabetismo (RIBEIRO *et al*, 2002, p.64).

Em uma publicação já mencionada acima, Ribeiro retomou a análise dos dados do INAF em parceria com Batista. A importância da escolarização no acesso à cultura escrita foi novamente indicada. Os autores mostraram que o capital cultural da família de origem, a classe social, a raça e o gênero influenciam o acesso a níveis mais elevados de alfabetismo. É, entretanto, segundo os autores, a escolaridade o fator que mais se destaca para o acesso à cultura escrita, já que, de acordo com os resultados do teste aplicado a uma amostra da população nacional de 15 a 64 anos, o nível mais alto de alfabetismo só é majoritário entre pessoas com pelo menos a educação básica completa. Nas palavras dos pesquisadores:

(...) tudo indica que uma escolarização mais longa (sobretudo maior que oito anos de estudo) seja uma importante condição para o acesso à cultura escrita, contribuindo para a redução das desigualdades que tendem a construir um desigual acesso a níveis mais altos de alfabetismo (BATISTA e RIBEIRO, 2004, p.14).

Soares (2003) também se dedicou à análise dos dados do INAF e mostrou que apesar das diferenças significativas entre letramento escolar e letramento social²⁹,

há uma correlação positiva entre grau de instrução e níveis de letramento. Em outras palavras: consideradas as diferenças entre os eventos e práticas *escolares* de letramento e os eventos e práticas *sociais* de letramento, não se poderia esperar que o desenvolvimento de habilidades, conhecimentos e atitudes de leitura e de escrita *no e pelo* processo de escolarização habilitasse os indivíduos à participação efetiva e competente nos eventos e práticas *sociais* de letramento; no entanto, os dados mostram que, de maneira significativa, embora não absoluta, quanto mais longo o processo de escolarização, quanto mais os indivíduos participam de eventos e práticas escolares de letramento, mais bem-sucedidos são nos eventos e práticas sociais que envolvem a leitura e a escrita (SOARES, 2003, p. 111, grifos da autora).

Para Soares (2003), o fato de a escolarização se constituir como um fator importante para o desenvolvimento das habilidades para lidar com a leitura e a escrita socialmente pode estar relacionado ao pertencimento do letramento escolar e do letramento social a um processo mais amplo. Ou seja, segundo a autora, apesar de ocorrerem em espaços e tempos diferentes, esses dois tipos de letramento fariam parte de um mesmo processo. Assim, o letramento desenvolvido na escola contribuiria para tornar os sujeitos aptos a participar das diversas práticas sociais da leitura e da escrita.

Entretanto, apesar de evidenciar a correlação positiva entre escolarização e letramento, Soares (2003) não deixou de destacar o número não desprezível de casos no qual essa relação não se estabeleceu. Ou seja, ela enfatizou o fato de que 42% dos indivíduos com muitos anos de escolarização (11 a 14 anos) não atingiram o nível 3 de alfabetismo e que 22% daqueles que têm curso superior completo se encontram nos dois primeiros níveis de alfabetismo (SOARES, 2003, p.99).

Tendo em vista todas essas considerações acerca das relações entre letramento e escolarização, questiona-se: o que se poderia dizer sobre a escolarização nos casos das empregadas domésticas investigadas? As habilidades desenvolvidas nos poucos anos de

²⁹ A pesquisadora pôde verificar essas diferenças por meio da análise de dois instrumentos avaliativos diferentes (o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica e o próprio INAF) e também por meio da comparação entre eventos e práticas de letramento realizados na escola e na vida cotidiana. Em relação aos instrumentos avaliativos, ela percebeu que eles eram apresentados em suportes diferentes, priorizavam gêneros textuais distintos, impunham modos de ler e de compreender específicos e possuíam pressupostos diferentes quanto à seleção das habilidades de leitura a serem avaliadas. Sobre os eventos e práticas de letramento no contexto escolar e na vida cotidiana, Soares destaca que, no último contexto, eles respondem a necessidades ou interesses pessoais ou grupais, e, na escola, eles são planejados e instituídos com objetivos predeterminados. Ver: Soares (2003, p.101-107).

escolarização (entre um e seis, como se verá no capítulo 2) que vivenciaram foram “perdidas” em função da grande distância temporal que separa o momento presente da época em que evadiram da escola? Como o retorno à escola, em um dos casos pesquisados, tem contribuído para a participação em práticas de leitura e de escrita? A escolarização dos filhos e/ou netos exerce alguma influência para a aproximação dessas mulheres do mundo da escrita? Essas são questões que a produção acadêmica exposta acima, bem como os dados coletados, elucidaram. Será ao longo das análises desenvolvidas nos capítulos 2, 3 e 4 que elas serão retomadas.

Por último, convém abordar as relações entre cultura escrita e trabalho. O estudo de Ribeiro (1999)³⁰ indica que “excetuando a escola, o trabalho é o contexto que mais intensamente exige o uso das habilidades relacionadas ao alfabetismo e aquele em que mais claramente se expressam as motivações dos sujeitos em relação ao seu desenvolvimento” (RIBEIRO, 1999, p.88).

Em sua pesquisa, a autora observou que as pessoas que apresentavam um nível de habilidade de leitura e de escrita além do esperado para a sua escolaridade eram aquelas que possuíam a oportunidade de desenvolver essas habilidades no contexto de trabalho. Por outro lado, as pessoas que apresentavam habilidades aquém do esperado para o seu nível de escolaridade não possuíam no trabalho oportunidades para manter ou desenvolver as habilidades que haviam sido adquiridas na escola (RIBEIRO, 1999, p.168).

Se o trabalho pode contribuir para o desenvolvimento das habilidades de leitura e de escrita, ele também pode “selecionar” pessoas com um certo nível de alfabetismo para executar determinada função. É o que a análise que Britto (2003) fez dos dados do INAF apresentou. Ele apontou que a porcentagem de pessoal empregado em cada nível de alfabetismo não varia muito, entretanto há uma concentração de pessoas com o mesmo nível de letramento desempenhando a mesma ocupação. O autor afirma:

Assim, enquanto 55% dos analfabetos trabalham na “agricultura” e 14%, na “construção civil” (dois setores de atividade econômica tipicamente de baixa remuneração), apenas 4% dos sujeitos classificados no nível 3 de alfabetismo estão envolvidos com essas atividades, provavelmente ocupando posição de liderança. Por outro lado, nos setores de atividade “indústria da transformação”, “comércio” e “atividade social”, tipicamente urbanas e que supõe maior manipulação de dados organizados com base em sistemas escritos formais, há

³⁰ Tratou-se de um estudo derivado de um projeto de pesquisa mais amplo sobre o analfabetismo funcional, cujo “objetivo era dimensionar e analisar o fenômeno de analfabetismo funcional na América Latina, por meio de abordagens quantitativa e qualitativa” (RIBEIRO, 1999, p.13).

evidente predomínio dos segmentos de maior alfabetismo” (BRITTO, 2003,p.55).

Vale destacar que embora o emprego, muitas vezes, possibilite a ampliação das práticas de leitura e de escrita e, outras vezes, funcione como selecionador de trabalhadores com determinadas habilidades de leitura e de escrita, nem sempre as competências para ler e escrever foram valorizadas e almejadas por quem oferecia emprego. Graff realizou um estudo histórico no qual buscou “esclarecer as contradições das conexões percebidas entre a educação, conforme medida pela alfabetização, e o nível de emprego, para mostrar que a alfabetização nem sempre foi tão central aos empregos e às remunerações no século XIX” (GRAFF, 2004, p.207-208). A análise do papel da alfabetização em uma Companhia Madeireira revelou que os níveis de alfabetismo eram importantes na esfera ocupacional, mas não nos salários, na flexibilidade ou no aumento do salário. Outras características dos trabalhadores eram valorizadas:

O que faltava a esses homens em educação e cultura livresca era sem dúvida compensado por eles em habilidade, experiência ou senso comum. Presumivelmente, seus empregadores não acharam que o analfabetismo tornava-os menos produtivos, e suas habilidades foram recompensadas (GRAFF, 2004, p.223).

Embora o autor não centre suas investigações nas possibilidades que o trabalho na madeireira proporcionava em termos de desenvolvimento das habilidades de leitura e de escrita, o fato de ter descrito a valorização de outras qualidades dos empregados provoca algumas observações sobre o caso das empregadas. Nenhuma das domésticas pesquisadas teve as suas habilidades de leitura e de escrita avaliadas para o ingresso no emprego. Por outro lado, todas elas têm seus trabalhos elogiados pelos patrões: são elogiadas as suas capacidades de realizar bem o serviço de limpeza, as suas habilidades como cozinheiras e as suas características morais.

Em uma direção parecida, o estudo etnográfico realizado por Heath (1982) mostrou que poucas práticas de leitura e de escrita eram vivenciadas por trabalhadores do setor têxtil. Em cada sessão da fábrica, pouco material escrito era colocado em evidência. Além disso, a forma de admissão no emprego era diretamente no escritório da fábrica, um empregado lia para o candidato ao emprego um formulário e anotava as respostas. A aprendizagem do trabalho era realizada por meio da observação de trabalhadores antigos e a forma de treinamento priorizada acontecia na área de produção da fábrica. Os empresários julgavam caras e ineficientes formações que utilizavam manuais.

Galvão (2001), em pesquisa também já mencionada anteriormente, igualmente ressalta a importância da ocupação profissional para a existência de uma maior ou menor intimidade das pessoas com a escrita. Segundo a autora,

(...) sujeitos que exerceram, durante a maior parte da vida, ocupações manuais, assalariadas ou “autônomas” (de subsistência, como o trabalho no campo), ou, no caso da maior parte das mulheres, não trabalharam fora do lar, apresentaram menores níveis de letramento. Trabalhadores em ocupações semi-especializadas, em contrapartida, revelaram maior grau de inserção na cultura escrita (GALVÃO, 2001, p.84).

Sobre esse aspecto, é oportuna a pergunta: o que um trabalho manual, como o trabalho doméstico, realizado em um ambiente letrado exigiria em termos de participação em práticas de leitura e de escrita? O que esse trabalho proporcionaria em termos de aproximação com as culturas do escrito? No capítulo 3, serão exploradas as práticas de leitura e de escrita intrínsecas e proporcionadas pelo trabalho doméstico.

Coutinho (2005), por sua vez, toma as relações entre letramento e trabalho como objeto central de sua pesquisa. Seu objetivo foi analisar o perfil de porteiros de edifícios em Maceió; o nível de letramento que possuem, bem como as práticas e os eventos de letramento vivenciados pelos sujeitos na esfera do trabalho. A autora constatou que, embora os sujeitos investigados não apresentem habilidades suficientes para ler e escrever com facilidade e desenvoltura, “conseguem se adaptar e desenvolver normalmente suas atribuições, criando estratégias de interação com a maioria das atividades discursivas escritas” no ambiente de trabalho (COUTINHO, 2005, p. 95). Para a autora, “a grande maioria das práticas de leitura e escrita³¹ que os sujeitos participam no ambiente de trabalho contribuem para a sua formação letrada, de modo que eles mesmos percebem essa melhora na sua capacidade de ler e escrever” (COUTINHO, 2005, p.95).

Assim como os porteiros investigados pela autora, como será visto no capítulo 3, as empregadas domésticas pesquisadas por mim, com poucos anos de escolarização, têm a oportunidade, e também a responsabilidade, de se envolver em práticas de leitura e escrita durante seu trabalho: elas lêem os recados deixados pelos patrões, escrevem bilhetes, fazem listas de compras, anotam recados que recebem pelo telefone, etc.

³¹ Entre as práticas de leitura e escrita comuns no ambiente de trabalho dos porteiros está a leitura de jornais, que embora não seja uma prática decorrente da ocupação profissional, se constitui numa maneira de distração na maior parte do tempo em que estão no trabalho (COUTINHO, 2005, p.88).

Lahire (2004a) também se refere à importância do trabalho para a constituição de diferentes formas de se relacionar com a leitura e a escrita nos meios populares. Em suas palavras:

A escola é um universo de cultura escrita, e podemos nos perguntar se os meios populares não se distinguem entre si do ponto de vista da sua relação com a escrita. Por detrás da similaridade aparente das categorias socioprofissionais, talvez se escondam diferenças, abismos sociais na relação com a escrita, diferentes frequências de recurso a práticas de escrita e leitura, diferentes modos de representação dos atos de leitura e de escrita, diferentes sociabilidades em torno do texto escrito (LAHIRE, 2004a, p.20).

Por último, o trabalho de Seibel (1993) sobre a identidade profissional e sua relação com a leitura no caso de ferroviários franceses oferece algumas contribuições para essa pesquisa, sobretudo no que diz respeito à necessidade da leitura e da escrita para o exercício profissional. A autora constatou que, de modo geral, os ferroviários não precisavam dessas práticas para exercer corretamente suas tarefas. A leitura era requerida para memorizar alguns escritos que eram posteriormente dispensados no cotidiano do trabalho e para substituir a falta de experiência. A escrita, por outro lado, não é bem percebida pelos antigos funcionários. Para a autora, isso pode estar relacionado com a valorização de saberes profissionais da experiência que ultrapassam os saberes técnicos. Sobre os dois tipos de leitura identificados, ela escreve:

La lecture réglementaire a pour objet la mémorisation d'écrits qui doivent être suffisamment intériorisés pour pouvoir s'en passer dans l'exercice quotidien du travail. La lecture d'accompagnement vise à donner des informations sur les matériels ou les processus. Elle fait intervenir une démarche cognitive (lecture de schémas, d'installations électriques, etc.) ou de résolution de problème. Elle intervient lorsque l'ouvrier ne peut plus compter que sur lui-même, et se substitue donc à un manque d'expérience. Aussi le recours à l'écrit dans le cadre du travail est-il plus mal ressenti par les anciens apprentis tandis que les diplômés de l'enseignement technique ont un recours facilité et usuel aux écrits professionnels³² (SEIBEL, 1993, p.83-84).

³² A leitura regulamentada tem por objeto a memorização de escritos que devem ser suficientemente interiorizados para poderem ser dispensados durante o exercício cotidiano do trabalho. A leitura de apoio visa dar as informações sobre os materiais e os processos. Ela recorre a um procedimento cognitivo (leitura de esquemas, de instalações elétricas) ou de resolução de problema. Ela acontece quando o operário só pode contar consigo mesmo, e substitui então uma falta de experiência. Também o recurso à escrita no quadro de trabalho é mal percebido pelos antigos aprendizes ao passo que os diplomados do ensino técnico têm um recurso fácil e usual aos escritos profissionais (Tradução sob minha responsabilidade).

Essa relação com a necessidade também foi observada no caso das empregadas domésticas investigadas. No capítulo 3, será apresentada a prática de uso de receitas culinárias e sua relação com a exigência em cozinhar para pessoas de um meio social e cultural que é diferente do seu.

1.1.3. Práticas de leitura e de escrita e o espaço doméstico

As práticas de escrita realizadas no ambiente doméstico foram objeto de reflexão em uma pesquisa de Lahire (1993). Um capítulo de livro foi dedicado ao estudo das práticas escriturais e das relações que essas práticas têm com o senso prático. As escritas a que se refere o autor são aquelas que estruturam a vida cotidiana, tais como: escrita de bilhetes, escrita de listas (de compras, de coisas a fazer, de coisas a dizer ao telefone), lembretes, marcações em calendários, registros em agendas, etc. A conclusão a que chega o pesquisador é que essas práticas “constituem verdadeiros atos de ruptura frente ao senso prático”, “mantém uma relação negativa com a memória prática do habitus” e “tornam possível um controle simbólico de certas atividades, assim como sua racionalização” (p.115-116). Em outras palavras, essas práticas de escrita permitem o rompimento com uma lógica prática presente nas nossas ações, permitindo-nos maior planejamento e controle.

Entretanto, o autor explica que grande parte dos atos que antecedem as nossas práticas se faz sem que haja a necessidade do registro escrito. Isso é possível porque nos apoiamos no nosso senso prático. Ele diz:

Quelqu'un qui écrirait des choses évidentes serait immédiatement pensé comme “malade”, “vieux”, ayant perdu la mémoire ou “la tête”. Les pratiques quotidiennes se font, bien souvent, en deçà de toute réflexion, dans une réactivation pratique d'un passé incorporé sous forme de nécessités et d'évidences infra-conscientes³³ (LAHIRE, 1993, p.119).

Frente a essa observação, o pesquisador se propôs a descrever seis casos de ruptura com o senso prático, ou seja, seis exemplos cotidianos nos quais o recurso da escrita é utilizado com um propósito específico. São eles: 1) o aspecto extraordinário, não-habitual, excepcional de um

³³ Alguém que escrevesse as coisas evidentes seria imediatamente visto como “doente”, “velho”, tendo perdido a memória ou a cabeça. As práticas cotidianas se fazem, bem frequentemente, aquém de toda reflexão, em uma reativação prática de um passado incorporado sob formas de necessidades e de evidências infra-conscientes (Tradução sob minha responsabilidade).

acontecimento (ex: marcar no calendário a compra do botijão de gás³⁴), 2) o distanciamento das datas a serem controladas (ex: escrever na agenda a data de uma consulta médica que acontecerá em dois meses), 3) a complexidade das práticas que demandam organização por meio de planificação (ex: o planejamento de coisas a fazer numa semana de modo a gerir os horários profissionais e extra-profissionais); 4) o receio de se esquecer acontecimentos, encontros e prazos oficiais (ex: escrever na agenda a data para realizar o imposto de renda), 5) o desejo de se fazer presente quando o corpo não pode marcar presença (ex: os pequenos bilhetes deixados aos familiares na ausência do lar) e, por último, de maneira menos freqüente, 6) as situações de desequilíbrio do senso prático causadas por situações como depressão ou perturbações mentais (um indivíduo com perturbação mental pode, por exemplo, etiquetar os objetos de sua casa) (LAHIRE, 1997, p.120-125).

Em outra publicação, o autor também aborda a ruptura com o senso prático proporcionada pela escrita doméstica. Para Lahire (2004a) essa ruptura significa um controle simbólico de certas atividades, assim como sua racionalização. Assim, o autor afirma:

Por exemplo, o calendário e a agenda não têm somente a função de objetivar o tempo. Eles tornam possível uma distribuição das atividades (individuais ou coletivas) no tempo objetivado, e com isso um planejamento das atividades que implicam uma relação mais reflexiva em relação ao tempo passado, presente ou futuro. Com os lembretes, as listas de compras, a lista de coisas a fazer, a lista de coisas para se levar numa viagem, o livro de contas, a classificação dos documentos administrativos, as receitas recopiadas (por categorias de pratos), ou as fotografias (em ordem cronológica) no álbum de família, a caderneta de endereços e de telefone (em ordem alfabética), os bilhetes diários entre os membros da família, que possibilitam, sobretudo, continuar a organizar a vida familiar enquanto o corpo está ausente... – esses meios de objetivação contribuem para uma gestão mais racional, mais calculada e, com isso, menos imediata, menos espontânea das atividades familiares (LAHIRE, 2004a, p.21).

Essas formas de organização domésticas descritas por Lahire nos levam a refletir sobre as diferenças entre a gestão da casa do empregador e a gestão da casa da empregada doméstica e sobre a necessidade de adaptação que as domésticas vivem em relação à maneira específica que os patrões têm de organizar um lar. Os dados mostraram, como será visto no capítulo 3, que o primeiro ambiente possui um uso mais intenso e diversificado da leitura e da escrita constituindo uma lógica de organização específica do lar e que, para trabalhar nesse ambiente, as empregadas

³⁴ Os exemplos de número 1, 3 e 5 apresentados entre parênteses nesse parágrafo foram citados pelo autor e os exemplos de número 2, 4 e 6 foram produzidos por mim.

precisam se adaptar a essas novas maneiras de organização. Com isso, uma série de habilidades de leitura e de escrita que não é demandada em suas residências, passa a ser requisitada.

A relação estabelecida pelas empregadas com essa nova forma de organização é também assunto de interesse na medida em que pode resultar em uma relação mais ou menos próxima (e também, mais ou menos tensa) com a cultura escrita daquele ambiente. Frente a essa reflexão, exponho algumas perguntas: o grau de liberdade que as domésticas têm no domicílio em que trabalham para manusear os materiais escritos ou tomá-los emprestado pode ter relação com uma aproximação da cultura escrita? As casas em que elas têm liberdade de limpar e organizar os livros e revistas; tomá-los emprestados para levar para casa; lê-los em um momento que o trabalho está menos difícil ou até mesmo comentar e discutir as leituras feitas com seus patrões podem se constituir ambientes propícios à diversificação e à intensificação das práticas de leitura e escrita?

Também sobre as escritas domésticas, Lahire (1997) chegou à conclusão de que se trata de um tipo de escrita prioritariamente feminino. Diferentemente dos homens, que geralmente se ocupam da escrita para fins profissionais, as mulheres ocupam-se das escritas privadas, aquelas que acontecem no ambiente doméstico e que possuem pouco prestígio. Ou seja, de acordo com o autor, enquanto as leituras masculinas são relacionadas ao espaço exterior, ao dinheiro, ao público, ao oficial, as escritas femininas são relacionadas ao familiar, ao privado, ao íntimo, ao oficioso. As diferenças apresentadas sobre essas práticas estão relacionadas ao contexto social, político e cultural do mundo contemporâneo, marcado, ainda, pela presença da divisão sexual dos papéis. É o que o autor explicita no trecho seguinte:

Le contexte social, politique et culturel, marqué par un état particulier de la division sexuelle des rôles, est tel que la nécessité d'écrire est moins forte pour les femmes: les pratiques de l'écriture sont souvent liées à des positions de pouvoir; des pratiques publiques et professionnelles, autant de réalités dont sont généralement; éloignées les femmes. Le caractère essentiellement féminin, aujourd'hui, des pratiques d'écriture privées, officieuses, peu légitimes ne doit donc pas surprendre. Les écritures domestiques, aussi faiblement reconnues socialement que l'activité domestique en général, s'inscrivent dans des différences sociales-symboliques (intérieur/extérieur; officieux/officiel; domestique/professionnel; invisible/visible; privé/public) entre hommes et femmes bien connues en sciences sociales (LAHIRE, 1997, p.146)³⁵.

³⁵ O contexto social, político e cultural marcado por um estado particular da divisão sexual dos papéis é tal que a necessidade de escrever é menos forte para as mulheres: as práticas de escrita são frequentemente relacionadas às posições de poder, às práticas públicas e profissionais, realidades de que estão afastadas das mulheres. O caráter

Para Lahire (1997), a mudança de universo, do profissional ao doméstico, faz com que os valores também sejam alterados. Assim, enquanto as escritas profissionais podem ser consideradas como detentoras de poder, as escritas domésticas são percebidas como formas de subordinação (“ocupar-se dessa papelada desinteressante”). O autor também afirma que algumas pesquisas caracterizam as escritas domésticas como, de modo geral, mais espontâneas. A explicação que se atribui a essa característica é o caráter privado dessas escritas. De modo geral, o que é escrito dentro de um lar é lido apenas pelos membros da família, como, por exemplo, a escrita da lista de compras, de tarefas a cumprir ou o registro escrito de um recado telefônico. A tensão da escrita doméstica é percebida apenas quando há o olhar de um outro exterior à família, como por exemplo, na escrita de uma carta à prefeitura. Essas situações, segundo o autor, implicam uma preocupação mais reflexiva com a linguagem. O autor explica que a falta cultural³⁶ é mais grave quando ela é pública e está disponível para ser avaliada pelo olhar do outro (LAHIRE, 1997, p.153).

Enfim, pode-se dizer que todas as pesquisas apresentadas nesse tópico evidenciam como a relação com o mundo da escrita é complexa. Além da esfera do trabalho, a escolarização, a família e outras instâncias contribuem para a construção de um modo de se relacionar com a escrita. Em meio a esses contextos, os indivíduos vão construindo disposições para ler e escrever que não são homogêneas e coerentes. Em pesquisa sobre a relação dos franceses com diferentes práticas culturais, Lahire (2006) nos atenta para a existência das variações intra-individuais³⁷. Ele constatou em um mesmo indivíduo a participação em práticas culturais consideradas legítimas e ilegítimas. Dessa forma, finalmente, é importante dizer que não buscamos por práticas

essencialmente feminino, hoje, das práticas de escrita privadas, oficiosas, pouco legítimas não deve, então, surpreender. As escritas domésticas, tão fracamente reconhecidas socialmente quanto a atividade doméstica em geral, se inscrevem em diferenças sociais e simbólicas (interior/exterior; oficioso/oficial; doméstico/profissional; invisível/visível; privado/público) entre homens e mulheres bem conhecidas nas ciências sociais (Tradução sob minha responsabilidade).

³⁶ A expressão falta cultural foi literalmente traduzida do original em francês, no qual o autor menciona “*faute culturelle*”.

³⁷ Entre as prováveis causas das mudanças de comportamento, Lahire (2006) aponta: 1) experiências socializadoras heterogêneas durante a infância ou a adolescência (entre família, escola, grupo de iguais e instituições culturais freqüentadas), 2) mudanças importantes de condições materiais e/ou culturais de vida, 3) efeitos específicos e localizados de formações escolares muito especializadas, 4) relações ambivalentes com sua própria cultura familiar de origem ligadas às condições de “transmissão” do capital cultural dos pais, 5) influências conjugais que vêm modificar as disposições familiarmente adquiridas, 6) relações de amizade que favorecem práticas distintas daquelas que são implementadas entre cônjuges, 7) uma variedade de laços de amizade que tornam possível uma distribuição de práticas heterogêneas em função de amigos freqüentados, de contextos bem delimitados do ponto de vista espacial e/ou temporal particularmente favoráveis (LAHIRE, 2006, p.19).

homogêneas de leitura e de escrita, mas por práticas reais, que são vividas pelas empregadas em suas vidas – com ênfase naquelas vividas no ambiente de trabalho.

1.2. Estudos sobre empregadas domésticas

1.2.1. Problematização

No Brasil, as pesquisas sobre empregadas domésticas não são numerosas. Um levantamento bibliográfico realizado com a palavra chave “empregadas domésticas” apontou vários estudos que abordavam esse grupo, mas que não o tinham como foco. Entre essas pesquisas, encontraram-se os temas: trabalho feminino, papel sexual feminino, relações étnico-raciais, gênero, escolarização tardia, envelhecimento e condições de vida, migração feminina, monoparentalidade e chefia feminina, saúde e trabalho da mulher, crescimento da mulher no mercado de trabalho, violência contra a mulher. Já os estudos que tinham as empregadas domésticas como núcleo são menos numerosos. Entre eles, encontraram-se as temáticas: economia do serviço doméstico remunerado, condições e sentidos do trabalho doméstico, trabalho doméstico infantil e juvenil, acidentes de trabalho doméstico, urbanização e emprego doméstico, qualidade de vida no trabalho e sindicato das empregadas domésticas³⁸.

As características dos estudos e o número de trabalhos encontrados confirmam o que foi apontado por Lautier (2003), em artigo no qual o autor realizou uma crítica sobre a falta de interesse sobre o tema das empregadas domésticas (nesse caso, especificamente por parte da Sociologia do Trabalho), apesar de este tipo de trabalho ser a primeira ou segunda fonte de emprego feminino não-agrícola nos países da América do Sul.

Lautier realizou um breve histórico dos estudos no campo da Sociologia do Trabalho e afirmou que, inicialmente, era uma área de economistas que se preocupavam em investigar a capacidade de absorção dos migrantes de origem rural por parte da economia urbana e a questão das micro-empresas e de sua capacidade de crescer e de criar empregos. Ao final dos anos 1980, o tema mais estudado foi a capacidade da economia informal para compensar os efeitos sociais do ajuste estrutural. No entanto, ainda no princípio dos anos 1980, os estudos de tipo econômico se combinaram com investigações sociológicas e antropológicas.

³⁸ A busca bibliográfica foi feita no *Google acadêmico*, durante o ano de 2006, e também no banco de teses e dissertações do *Portal Capes*, no dia 30/03/2006. Foram encontradas 25 teses e dissertações e 70 artigos que abordam o tema.

Lautier mostrou que são nos estudos feministas que se encontra a maior parte das publicações sobre as empregadas domésticas. Entretanto, ressaltou que essas publicações se centram nas situações de vida e trabalho das empregadas e não em suas trajetórias. Para ele, isso faz com que essas pesquisas não consigam abordar de frente um aspecto maior da opressão de que são vítimas as empregadas domésticas, já que se desconsidera que quem exerce a opressão na maioria das vezes são mulheres (as patroas).

Lautier expôs três argumentos para a ausência de estudos sobre o tema. O primeiro deles é o fato de que os pesquisadores têm, eles mesmos, empregadas domésticas. Esse fato resulta em uma dificuldade de tomar distância do objeto de pesquisa. O segundo refere-se à dificuldade de integrar o caso das empregadas domésticas à problemática da mobilidade social (que é um dos temas favoritos da sociologia) já que ela é extremamente baixa entre categorias de emprego doméstico e há falta de comportamentos que podem ser interpretados como busca por uma mobilidade social. E, por último, a dificuldade de integrar o tema a uma problemática centrada nos atores sociais e, de modo mais geral, nos movimentos sociais. Isso acontece em razão de a ação coletiva das empregadas domésticas ser extremamente rara. Os sindicatos agrupam poucas empregadas, que os utilizam antes como prestadores de serviço; explicações para isso se encontram, por exemplo, no fato de as empregadas ficarem isoladas e confinadas em seus locais de trabalho e perceberem a sua ocupação como algo provisório.

Embora não sejam abundantes, os estudos acadêmicos sobre o emprego doméstico aliados aos censos produzidos sobre o tema permitem compreender quem são as empregadas domésticas brasileiras, que condições de trabalho possuem, bem como quais são as suas expectativas e representações sobre a ocupação. Compreender melhor as condições de existência dessa categoria na sociedade brasileira é de extrema importância se se pretende investigar as relações que as empregadas estabelecem com a cultura escrita em um ambiente de trabalho letrado.

1.2.2. O serviço doméstico no Brasil

Inicialmente, é preciso esclarecer o que o termo “empregado doméstico” designa em nossa sociedade. A Classificação Brasileira de Ocupações do Ministério do Trabalho e do Emprego distingue quatro tipos de trabalhadores do serviço doméstico e define o trabalho desempenhado por eles como “ocupação”. São eles: empregado doméstico nos serviços gerais (caseiro), empregado doméstico arrumador, empregado doméstico faxineiro, empregado

doméstico diarista³⁹. Na descrição apresentada sobre essa ocupação está o preparo de refeições e prestação de assistência às pessoas, o cuidado com peças do vestuário como roupas e sapatos e a colaboração na administração da casa, conforme orientações recebidas. Além disso, os trabalhadores do serviço doméstico fazem arrumação ou faxina e podem cuidar de plantas do ambiente interno e de animais domésticos⁴⁰. Nesta dissertação, o termo será empregado no feminino, tendo em vista que a proporção de mulheres nessa ocupação é majoritária. Em Belo Horizonte, por exemplo, as mulheres correspondem a 94,6% dos trabalhadores domésticos, de acordo com os dados do IBGE de 2006 (IBGE, 2006).

Após a definição da ocupação, faz-se necessário entender qual é a origem das empregadas domésticas brasileiras. Há um consenso de idéias entre diferentes estudos no que diz respeito à procedência dessas mulheres. De acordo com Melo (1998), Brites (2000)⁴¹, Brandt (2002)⁴² e Vidal (2007)⁴³ muitas empregadas domésticas brasileiras são mulheres jovens nascidas no campo que migraram para os centros urbanos. Esses pesquisadores também estão de acordo que se trata de sujeitos pertencentes aos grupos sociais mais desfavorecidos. Brites (2000), por exemplo, destacou as baixas remunerações da categoria e o baixo nível de estudos que possuem.

Brites (2000), Brandt (2002) e Vidal (2007) apontaram, entretanto, que por mais que a ocupação seja estigmatizada no mercado de trabalho urbano, ela geralmente significa melhora na condição de vida se comparada aos momentos anteriores do ingresso no serviço doméstico. A pesquisa de Vidal (2007) permite dizer ainda que, embora a chegada ao meio urbano seja em

³⁹ Todas as empregadas domésticas investigadas nesta pesquisa são classificadas como empregadas diaristas pelo Ministério do Trabalho e do Emprego.

⁴⁰ O documento do Ministério do Trabalho também aborda formação e experiência, e condições gerais de exercício dessa ocupação. Em relação às primeiras, diz-se que “Há tendência de aumento de qualificação para o acesso a essas ocupações, dependendo da classe social do empregador. De forma geral requer-se ensino fundamental completo. Atualmente ampliam-se os cursos de qualificação profissional de duzentas horas-aula que vêm sendo oferecidos por instituições de formação profissional, sindicatos e ONG. O exercício pleno das atividades ocorre após um a dois anos de exercício profissional”. (www.mtecbo.gov.br/) Em relação à segunda, aponta-se que “Trabalham em residências, diariamente, em tempo integral ou parcial, ou por jornada diária. As funções da Diarista e da Faxineira têm as seguintes distinções: a Diarista tem uma gama de atividades maior – prepara refeições, lava, passa, arruma. É uma empregada doméstica para serviços gerais, em tempo parcial. A Faxineira faz limpeza pesada, em dias fixados pelo empregador, tais como: lavar azulejos, banheiros, cozinhas, quintais”. (www.mtecbo.gov.br/)

⁴¹ A pesquisa de Brites (2000) tratou sobre as relações de poder travadas entre empregadas domésticas e seus empregadores, baseada em trabalho etnográfico realizado no Espírito Santo entre 1996 e 1998.

⁴² A pesquisa de Brandt (2002) teve como objetivo analisar a visão que empregadas e empregadores domésticos da cidade de São Paulo têm dessa ocupação e dessa relação de emprego.

⁴³ A pesquisa de Vidal (2007) possui dois focos: um nas mulheres que trabalham ou trabalharam como domésticas, procurando compreender os diferentes momentos de sua experiência; e outro foco no recurso à justiça, que mostra como as identidades das domésticas se definem em relação às normas jurídicas.

geral lembrada com sofrimento, as empregadas costumam perceber o rural como um universo atrasado e a cidade como o mundo moderno (VIDAL, 2007, p.123)⁴⁴.

Qual é, portanto, a explicação para a grande expressividade numérica dessa ocupação? O que faz com que 20% das mulheres que trabalham no Brasil sejam empregadas domésticas, de acordo com o Censo de 2000? Quais são os fatores que permitem explicar que existam nas seis principais regiões metropolitanas do país (Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre) aproximadamente 1.620.000 empregados domésticos (IBGE, 2006)?

De acordo com Melo (1998), o serviço doméstico remunerado no Brasil foi resultado da industrialização, da urbanização e da expansão da classe média. Entretanto, a contínua permanência desse tipo de atividade no país, apesar dos avanços tecnológicos é fato que surpreende muitos pesquisadores. Brandt (2002) explicou que nas décadas de 70 e 80 alguns cientistas sociais brasileiros previram o fim do emprego doméstico a partir de dois apontamentos: o primeiro estaria relacionado à ideologia feminista difundida na sociedade que faria com que as mulheres passassem a recusar esse tipo de atividade, aliada ao desenvolvimento da economia nacional que proporcionaria novos e melhores postos de trabalho; o segundo se relacionaria à modernização do lar, que amparado pelo desenvolvimento tecnológico, exigiria atividades mais simples para ser gerido. Contudo, de acordo com a mesma autora, não foi isso que aconteceu:

Os processos sofridos pela economia nacional nas últimas décadas frustraram as expectativas acima. O crescimento da esfera “propriamente capitalista” da economia foi medíocre nas décadas de 80 e 90, e o prognóstico predominante entre analistas econômicos para a primeira década do novo século parece ser o mesmo (BRANDT, 2002, p.167).

Melo (1998), Brites (2000), Kofes⁴⁵ (2001) e Vidal (2007) também abordaram a permanência do serviço doméstico. Brites (2000), por exemplo, destacou a grande proporção de mulheres inserida nessa atividade a ponto de constituir a maior categoria ocupacional feminina e afirmou que essa proporção não tem diminuído nos últimos anos. A autora disse ainda que nos

⁴⁴ No capítulo 2, a relação entre emprego doméstico e procedência rural será retomada e relacionada aos casos investigados por mim.

⁴⁵ O objeto de estudo de Kofes (2001) foi “a relação entre patroas e empregadas domésticas, observada em interações face a face, no cotidiano das unidades domésticas, representada em vários lugares: em textos jurídicos; em fontes históricas secundárias; em alguns textos literários; em artigos de jornais; em agências de emprego; em instituições filantrópicas, religiosas e estatais; nos discursos de patroas e empregadas domésticas; em associações profissionais (...), a observação de um dos congressos de empregadas domésticas incluída” (KOFES, 2001, p.31).

países com alto desenvolvimento capitalista, onde já foi praticamente inexistente, o serviço doméstico voltou a crescer.

Vidal (2007) afirmou que a categoria do serviço doméstico é o que mais se expandiu na década de 1990 no Brasil. Segundo o autor, nesse mesmo período, houve aumento do setor informal de emprego concomitante ao aumento da formalização do emprego doméstico. Conforme o pesquisador, a sociedade brasileira é caracterizada, por um lado, por uma urbanização acelerada, pobreza massiva nas classes populares, processos de desorganização social, crescimento da individualidade; e, por outro pelas mudanças nas relações de gênero, democratização da educação, desenvolvimento de novas tecnologias (VIDAL, 2007, p.10-12).

(...) Le Brésil ne peut être décrit ni comme une société traditionnelle en voie de modernisation, ni, seulement, comme une société moderne traversée par les mêmes phénomènes que les pays anciennement industrialisés où la démocratie est établie de plus longue date (VIDAL, 2007, p.10-12)⁴⁶.

Kofes (2001) também reconheceu a simultaneidade entre desenvolvimento tecnológico e permanência do serviço doméstico. Ela afirmou: “Ora, o desenvolvimento tecnológico e a profissionalização das mulheres podem ser processos simultâneos à manutenção (ou crescimento) da população feminina nos serviços domésticos (até mesmo com efeitos em sua forma)” (Kofes, 2001, p.24)⁴⁷.

As diferenças de contratos também foram analisadas nas pesquisas acadêmicas sobre o emprego doméstico. Melo (1998), por exemplo, distinguiu dois tipos de empregadas domésticas:

Existem empregadas domésticas residentes, que, em geral, vivem no local de trabalho, sempre recebem salário mensal, mais casa e comida – *as mensalistas*. No outro extremo, *as diaristas*, isto é, empregadas que não residem no local de trabalho, trabalham em várias casas de família, recebem salário diário ou semanal / mensal (MELO, 1998, p.2, grifos da autora)⁴⁸.

As pesquisas têm indicado que o número de contratos de empregadas domésticas que residem na casa da família empregadora tem diminuído. Brandt (2002) e Vidal (2007) abordaram

⁴⁶ O Brasil não pode ser descrito nem como uma sociedade tradicional em vias de modernização, nem, somente, como uma sociedade moderna permeada pelos mesmos fenômenos presentes nos países anteriormente industrializados onde a democracia é estabelecida há mais tempo (Tradução sob minha responsabilidade).

⁴⁷ O artigo de Lautier (2003) citado anteriormente também aborda essa questão.

⁴⁸ Vale a pena destacar que as designações dos diferentes tipos de empregadas domésticas utilizadas por Melo (1998) diferenciam-se daquelas indicadas pelo Ministério do Trabalho citadas anteriormente.

essa questão. Segundo a primeira autora, durante as décadas de 1970 e 1980 passou-se a contratar mais empregadas que têm domicílio próprio e que se deslocam diariamente para a casa da família empregadora do que empregadas que residem no ambiente de trabalho (BRANDT, 2002, p.123). Vidal (2007) também destacou essa inversão. Ele relatou que o censo do ano de 2000 aponta que menos de 10% das mulheres que se declaram empregadas domésticas dormem no emprego. Vidal destacou ainda que os empregadores relacionam essa inversão a um novo senso de intimidade, que os impedem de suportar a presença de um estranho em seus lares. As empregadas, por sua vez, vêem essa mudança como o resultado de uma reivindicação importante que fizeram (VIDAL, 2007, p.127).

Vidal (2007) também tratou das implicações que essas diferentes formas de trabalho resultam. Segundo o pesquisador, viver na casa do empregador ou em um domicílio próprio pode ser um suporte ou uma armadilha. É suporte quando a casa da família se constitui como um meio para integração no mundo urbano. Além da vantagem de não ter que pagar aluguel, a residência no local de emprego pode significar a não exposição ao ambiente da favela e o aproveitamento das vantagens sociais oferecidas pelos bairros dos patrões. O autor também salientou a possibilidade de continuar os estudos no turno da noite, quando os patrões permitem (VIDAL, 2007, p.127-128).

Por outro lado, residir com os patrões pode se constituir como uma armadilha quando causa isolamento e dependência. A existência dessa possibilidade (e o fato de terem vivido situações desse tipo) faz com que a maioria das domésticas não cogite em morar na casa dos patrões. Elas aceitam essa condição somente por necessidade. Além disso, a maior parte das empregadas que dorme no local de trabalho fala sobre o desejo de ter sua própria casa e aquelas que já moram em um lar próprio falam do valor de poderem receber familiares e amigos ou de ter com quem conversar num plano de igualdade (VIDAL, 2007, p.131). Essa discussão será retomada no capítulo 4, no qual são expostas as implicações de viver na casa dos patrões, especificamente do caso de Cleonice.

As desvantagens da residência na casa dos patrões também foram abordadas por Brandt (2002). A pesquisadora apontou que “o excessivo controle sobre a vida íntima e a ausência de espaços privados compromete a formação de uma auto-imagem individual, separada da família empregadora” (BRANDT, 2002, p.141).

1.2.3. Perfil profissional dos empregados do serviço doméstico nas principais metrópoles brasileiras

Uma recente pesquisa realizada pelo IBGE nas grandes metrópoles brasileiras (incluindo Belo Horizonte) revela dados atuais interessantes sobre esses trabalhadores. A permanência desses profissionais no mercado de trabalho explicitada pelos acadêmicos pôde ser expressa em números e, embora tenha havido um processo formalização do emprego doméstico na década de 1990 descrito pelos pesquisadores, ele é modesto se comparado aos outros profissionais ocupados⁴⁹. É o que se diz sobre esses profissionais:

Os trabalhadores domésticos representavam, em março de 2006, 8,1% da população ocupada no agregado das seis regiões metropolitanas investigadas pela Pesquisa Mensal de Emprego. Por razões histórico-culturais, este contingente de trabalhadores caracteriza-se pela predominância de mulheres (94,3%)⁵⁰ e de pretos e pardos (61,8%). O serviço doméstico remunerado é, ainda, considerado uma das formas de inserção no mercado do trabalho mais precárias pelos baixos índices de formalização e reduzidos níveis de rendimentos. O estudo mostra, também, que a jornada de trabalho desempenhada pelos trabalhadores domésticos (37,6 horas) é inferior à observada para a média da população (41,9 horas). Além disso, constatou-se que as pessoas com até 17 anos de idade representavam apenas 1,9% dos trabalhadores domésticos nas seis regiões metropolitanas investigadas (IBGE, 2006, p.3).

Especificamente sobre a formalização, que será abordada também no capítulo 2, observa-se a presença de 34,4% dos trabalhadores domésticos com carteira assinada e 65,6% sem carteira assinada. Em Belo Horizonte, os dados são um pouco melhores para os empregados domésticos, já que 44,6% têm carteira assinada, enquanto 55,4% não têm (IBGE, 2006, p.13).

A baixa escolaridade também é fator de destaque, o que demonstra que o serviço doméstico remunerado tem um papel importante na absorção das mulheres de menor escolaridade no mercado de trabalho. Segundo a própria análise que o IBGE faz dos dados, “entre os trabalhadores domésticos, a proporção de pessoas com menos de oito anos de estudo (que não completaram o nível fundamental) atingiu 64,0%, enquanto na população ocupada essa parcela era de 29,8%” (IBGE, 2006, p.10). Este é um fator interessante ao se analisar a participação nas

⁴⁹ Para essa pesquisa, foi classificado como trabalhador doméstico a pessoa que trabalhava prestando serviço doméstico remunerado em dinheiro ou benefícios, em uma ou mais unidades domiciliares.

⁵⁰Vale a pena enfatizar que as mulheres dessa categoria correspondiam a 17,5% da população ocupada feminina nas regiões analisadas.

culturas do escrito, já que os anos de escolarização têm se mostrado como um dos fatores que influenciam positivamente nos níveis de letramento, apesar das diferenças já conhecidas entre letramento escolar e letramento social (SOARES, 2003, p.89-114). Sobre esse aspecto, é interessante observar que está ocorrendo um processo lento de escolarização desses trabalhadores. Entre os anos 2002 e 2006, conforme pode ser observado na tabela abaixo, diminuiu a proporção de empregados domésticos sem estudo e aumentou a proporção desses profissionais escolarizados.

Distribuição dos trabalhadores domésticos, por regiões metropolitanas, segundo a escolaridade - março de 2006

	Total	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre
sem instrução a menos de 8 anos de estudo	64,0	67,3	60,8	64,0	64,1	63,2	68,7
8 a 10 anos de estudo	21,5	16,8	22,7	23,0	23,8	20,8	17,6
11 anos ou mais de estudo	14,2	14,1	16,4	12,3	12,1	16,0	12,6
anos de estudo indeterminado	0,3	1,8	0,1	0,8	0,0	0,0	1,0

Tabela 1: Distribuição dos trabalhadores domésticos segundo a escolaridade.
Fonte: IBGE, 2006.

Evolução da distribuição dos trabalhadores domésticos, por regiões metropolitanas, segundo a escolaridade, nos meses de março dos anos de 2002 a 2006

	2002	2003	2004	2005	2006
sem instrução a menos de 8 anos de estudo	71,0	70,8	67,5	66,2	64,0
8 a 10 anos de estudo	19,2	19,6	20,3	20,4	21,5
11 anos ou mais de estudo	9,3	8,9	11,6	13,0	14,2
anos de estudo indeterminado	0,5	0,6	0,5	0,3	0,3

Tabela 2: Evolução da distribuição dos trabalhadores domésticos segundo a escolaridade.
Fonte: IBGE, 2006.

Ainda segundo os dados do IBGE do ano de 2006, 61,8% dos empregados domésticos são pretos ou pardos e 38,0% são brancos. Em Belo Horizonte, a proporção de negros é ainda maior: 75,5% são pretos e pardos e 24,4% são brancos.

Dados sobre a instrução e a origem geográfica, relacionados à questão de gênero (sobretudo sobre as escritas domésticas abordadas posteriormente) ajudaram a compreender os modos de participação das empregadas domésticas nas culturas do escrito. Esses dados, sobre cada uma das domésticas pesquisadas, serão explicitados no capítulo 2.

Além de conhecer o perfil dos trabalhadores domésticos, faz-se necessário compreender um pouco quem são as famílias brasileiras que empregam esses trabalhadores. De todos os estudos citados sobre o emprego doméstico, Vidal (2007) é quem mais aborda essa questão. Segundo o pesquisador, a maioria dos lares nas camadas médias brasileiras recorre ao serviço doméstico (VIDAL, 2007, p.10). Para ele, o fato de contratarem o serviço de uma empregada doméstica é uma das características das classes médias brasileiras, ao lado de outras, tais como o distanciamento das ocupações manuais, um nível de instrução específico, uma maneira própria de se vestir, as habitações em certos lugares da cidade e os modos de consumo específicos. Ele constatou que em média 15 a 20% da renda familiar é gasto com despesas relativas ao serviço de uma empregada doméstica.

Vidal (2007) também abordou a representação que os patrões das classes médias brasileiras têm sobre as empregadas domésticas que trabalham em suas residências. Ele se apóia no primeiro estudo brasileiro realizado sobre emprego doméstico (SAFFIOTI, 1978) para dizer que recorrer ao serviço de uma empregada é mais uma necessidade prática do que um sinal de status (VIDAL, 2007, p.177). Entretanto, o autor menciona que

La fragilisation identitaire des classes moyennes se traduit notamment par le mépris que beaucoup de ses membres ont pour les travailleuses domestiques. Comme l'ont montré plusieurs recherches sur ces secteurs sociaux, l'effort incessant de recréer des barrières hiérarchiques dans un contexte dominé par l'affaiblissement des frontières sociales accentue les préjugés envers les couches populaires dont ces femmes proviennent (VIDAL, 2007, p.170)⁵¹.

⁵¹ A fragilização identitária das classes médias se traduz notavelmente pelo desprezo que muitos de seus membros têm pelas trabalhadoras domésticas. Como têm mostrado várias pesquisas sobre esses segmentos sociais, o esforço incessante de recriar as barreiras hierárquicas em um contexto dominado pelo enfraquecimento das fronteiras sociais acentua os preconceitos para com os meios populares, de onde essas mulheres provêm (Tradução sob minha responsabilidade).

Dessa forma, ele encontrou, entre os patrões pertencentes às classes médias cariocas, atitudes de desprezo a essas profissionais seguidas de falta de conhecimento sobre as condições de vida das camadas populares e da convicção de que os pobres precisam de menos. Assim, muitos empregadores entrevistados por ele pagavam baixos salários, viam os “presentes” (roupas e móveis usados) como complemento de remuneração e se consideravam caridosos por empregarem uma doméstica. Além disso, e talvez o mais surpreendente, poucos empregadores percebiam a dureza do trabalho doméstico (VIDAL, 2007, 174-175).

Ainda sobre os empregadores, mais especificamente sobre as patroas, Brandt (2002) apontou um aspecto bastante interessante. Todas as empregadoras - mulheres trabalhadoras - entrevistadas por ela tiveram a mesma opinião sobre as tarefas domésticas: consideram o trabalho doméstico não remunerado (realizado pela dona-de-casa) deplorável. De fato, essas mulheres podem fazer essa consideração sobre as atividades domésticas porque possuem um trabalho fora de casa (e muitas delas uma formação específica) que contribui para a construção de suas identidades. O que se pode destacar, aqui, é que as conquistas da emancipação feminina, conforme apontou Brites (2000), são restritas ao espaço de certa classe social.

Vale ressaltar que, embora esse seja o perfil mais geral dos empregadores das classes médias, muitas dessas características não foram percebidas por mim. O que pensam sobre o serviço doméstico, o tipo de relacionamento que têm com a empregada e o motivo pelo auxílio de uma doméstica dos empregadores entrevistados foram explicitados no capítulo 2. De qualquer maneira, acredito que a longa escolarização dos empregadores pode estar relacionada a maior sensibilidade social que possuem. Nenhum dos empregadores desconsiderou, por exemplo, que a ocupação fosse árdua ou demonstrou sentir-se caridoso por empregar uma doméstica. Conforme afirmou Vidal (2007), há também os patrões com sensibilidade social, que conhecem os mecanismos sociais que contribuem para a persistência da pobreza.

1.2.4 Características do trabalho doméstico

As características do trabalho doméstico são descritas por vários pesquisadores, sobretudo dos campos da antropologia e da sociologia. São abordados, principalmente, os sentimentos relacionados ao exercício da ocupação por parte das empregadas e a maneira como essa ocupação é percebida na sociedade. Melo (1998), por exemplo, define o trabalho doméstico como um modo

de vida, e não apenas como uma relação de compra e venda de força de trabalho. Nas suas palavras:

O trabalho doméstico é uma responsabilidade da mulher, culturalmente definida do ponto de vista social como dona de casa, mãe ou esposa. Esse trabalho dirigido para as atividades de consumo familiar, é um serviço pessoal para o qual cada mulher internaliza a ideologia de servir aos outros, maridos e filhos. O trabalho realizado para a sua própria família é visto pela sociedade como uma *situação natural*, pois não tem remuneração e é condicionado por relações afetivas entre a mulher e os demais membros familiares, gratuito e fora do mercado. Quando uma mulher contrata uma terceira para executar essas tarefas, isto é, prestar tais serviços para uma família diferente da sua, esse trabalho doméstico converte-se em serviço doméstico remunerado (MELO, 1998, p.2-3, grifos da autora).

É consenso entre os pesquisadores que o serviço doméstico remunerado seja uma atividade estigmatizada em nossa sociedade. Brandt (2002) acredita que o emprego não é intrinsecamente degradante, mas assume esse caráter em nossa sociedade, por duas razões. A primeira delas está relacionada à divisão sexual do trabalho e à ideologia do gênero (como as mulheres são inferiorizadas em nossa sociedade, o trabalho que elas executam, remunerado ou não, é desvalorizado) e a segunda delas é a construção histórica da relação entre empregada e empregador que é baseada na hierarquia (criado e senhor) (BRANDT, 2002, p.3).

Vidal (2007) também abordou o caráter degradante que é atribuído a essa ocupação em nossa sociedade. Ele afirmou também que a atividade é caracterizada por uma falta de autonomia. Esses dois fatores geram relações afetivas ambivalentes, fontes de conflitos e sofrimentos (VIDAL, 2007, p.9).

Acredito que justamente por ser considerada uma atividade degradante, o emprego doméstico não pode ser considerado uma “livre escolha”. Dito nas palavras de Kofes (2001), ele se constitui mais como “uma alternativa de trabalho à qual as mulheres são obrigadas a recorrer por falta de qualificação profissional” do que por uma vontade individual (p.171). Assim, ainda de acordo com a autora, “é comum as empregadas dizerem que não querem essa ocupação para as filhas”, embora reconheçam essa possibilidade (p.171).

Pode-se dizer, ainda, que os trabalhadores domésticos não se identificam a uma profissão e que isso está relacionado a essa condição de inserção no mercado de trabalho baseada na necessidade. Dessa forma, conforme explicou Vidal (2007), o fato de a ocupação ser percebida como temporária por muitas empregadas domésticas (se é doméstica por necessidade

momentânea, enquanto as condições objetivas não melhoram) colabora para a não identificação a uma profissão. Apesar do grande contingente de trabalhadoras nessa ocupação, de acordo com Vidal (2007) e Lautier (2003) o sindicato dessa categoria integra poucos militantes⁵².

A falta de coletivo de trabalho ou, em outras palavras, o trabalho solitário é outra dimensão do trabalho doméstico descrita em pesquisas sobre o tema. Brandt (2002) apontou que a solidão na execução do trabalho atua negativamente sobre a auto-avaliação individual, na medida em que impossibilita comparações com os demais colegas potencializadoras de elevar a auto-estima (BRANDT, 2002, p.154). Vidal (2007), por sua vez, relacionou a ausência de coletivo de trabalho com a dificuldade que as domésticas têm de se distanciar do papel que é imposto a elas pelo ofício que exercem (VIDAL, 2007, p.119).

O caráter fatigante e a vida controlada são descritos por Vidal (2007) como dificuldades físicas e emocionais que esse tipo de trabalho acarreta e que dificilmente são percebidas pelos empregadores. O controle vivenciado no desempenho dessa ocupação também foi mencionado por Kofes (2001). Sobre sua pesquisa, a autora diz que:

Nenhuma empregada manifestou satisfação em executar esse serviço. Afirmam seu caráter aprisionante, porque “é feito na casa dos outros”, o que as coloca sob constante sujeição aos gostos, ao horário e ao ritmo de outros. As que dormem no emprego têm ainda a insatisfação de ver seu próprio tempo quase inteiramente à disposição do interesse da família empregadora (KOFES, 2001, p.172).

A observação de todas essas características apresentadas acima permite inferir como o trabalho doméstico pode colaborar para a construção da baixa auto-estima dos seus executores. Entretanto, as pesquisas também têm apontado as capacidades ativas dessas profissionais, que possuem meios para contornar as condições de trabalho que vivenciam. Vidal (2007), por exemplo, apontou a “margem de manobra” de que as empregadas dispõem:

Comme la littérature en présente aussi de nombreuses illustrations, les femmes qui travaillent dans le service domestique ne sont pas totalement dépossédées. Elles disposent tout d’abord de marges de manoeuvre. Elles savent se rendre indispensables et le monnayer. Elles se servent dans le garde-manger,

⁵² Para saber sobre os conflitos entre empregadas e empregadores pela mediação do sindicato e da justiça do trabalho, ver Brandt (1998). Apesar de essa instituição integrar poucos militantes, ela desempenha, de acordo com Vidal (2007), um papel importante na difusão de uma consciência de direitos e o recurso judiciário pelas trabalhadoras domésticas.

récurent des objets délaissés et volent parfois. Quand elles sont mécontentes, elles peuvent encore révéler des secrets de l'intimité familiale ou colporter des ragots sur leurs patrons. Elles ont aussi, dans beaucoup de cas, des revenus plus élevés que ceux des femmes des couches populaires ; elles reçoivent des cadeaux et bénéficient à l'occasion de l'aide psychologique et financière de leurs patronnes. Les comportements paternalistes et maternalistes à leur égard sont pratique courante, et on leur dit communément qu'elles sont des membres de la famille (VIDAL, 2007, p.12)⁵³.

Sobre isso, há que se pensar também que semelhantes ambientes de trabalho e semelhantes tipos de relação entre empregador e empregada doméstica podem gerar comportamentos diferentes. Tal suposição sugere a idéia de que ao mesmo tempo que não há a possibilidade de se pensar os sujeitos desvinculados das suas redes sociais não se podem desconsiderar os processos individuais que contribuem para a apropriação de saberes, práticas e disposições relacionados à participação na cultura escrita. Assim, serão utilizadas outras contribuições das pesquisas sociológicas que se referem à importância das *aspirações do próprio sujeito* no seu percurso de vida e suas *mobilizações* para se apropriarem do capital cultural.

Nessa perspectiva, oferecem contribuições as pesquisas de Elias. No livro *Mozart: a sociologia de um gênio* (1995), o autor refere-se à importância dos desejos do próprio sujeito no seu percurso de vida e, ao mesmo tempo, salienta como esses também são construções sociais. É o que pode ser percebido na seguinte passagem do texto:

Para se compreender alguém é preciso conhecer os anseios primordiais que este deseja satisfazer. A vida faz sentido ou não para as pessoas, dependendo da medida em que elas conseguem realizar tais aspirações. (...) Os anseios não estão definidos desde os primeiros anos de vida, os desejos vão evoluindo, através do convívio com outras pessoas, e vão sendo definidos, gradualmente, ao longo dos anos, na forma determinada pelo curso da vida... (ELIAS, 1995, p.13).

⁵³ Como a literatura apresenta numerosos exemplos, as mulheres que trabalham no serviço doméstico não são totalmente destituídas. Elas dispõem em primeiro lugar de uma margem de manobra. Elas sabem se fazerem indispensáveis e se aproveitam disso financeiramente. Elas fazem de tudo para se cansarem o mínimo possível nas tarefas. Pegam alimentos na dispensa, ganham objetos usados e roubam às vezes. Quando estão descontentes, podem ainda revelar os segredos da intimidade familiar ou propagar fofocas sobre os seus patrões. Elas têm também, em muitos casos, rendimentos mais altos do que as outras mulheres dos meios populares; elas recebem presentes e se beneficiam em certos momentos da ajuda psicológica e financeira de suas patroas. Os comportamentos paternalistas e maternalistas em relação a elas são práticas correntes, e se diz comumente que elas são membros da família (VIDAL, 2007, p.12) (Tradução sob minha responsabilidade).

Também contribui a pesquisa de De Singly (1996) na qual o pesquisador atentou para o trabalho específico que os sujeitos realizam para se apropriarem de um certo capital cultural. Em outras palavras, ressaltou a importância da mobilização dos próprios sujeitos na apropriação dos saberes, práticas e disposições que os permitiram se formar leitores.

Outros trabalhos têm apresentado os aspectos positivos dessa ocupação percebidos pelas próprias empregadas domésticas. A pesquisa que mais se detém sobre essas características positivas é a de Brandt (2002). A autora descreveu a ambigüidade da visão das empregadas sobre a ocupação que exercem: ao mesmo tempo em que demonstram atitudes e sentimentos que mostram vergonha em ser doméstica, valorizam o emprego que possuem (é um emprego, não é um “bico”) e o salário que recebem (muitas vezes melhor do que o salário de parentes e pessoas conhecidas) (BRANDT, 2002, p.135).

Além disso, diferentemente de Vidal (2007), Brandt (2002) apontou a existência de autonomia no trabalho das domésticas, o que foi considerado por ela, aliado à possibilidade de realização de contratos de trabalho no qual as tarefas sejam delimitadas, como elementos dotados de positividade nesse tipo de ocupação.

Faz-se necessário, ainda, explicitar duas dimensões importantes do emprego doméstico: a domesticidade⁵⁴ e o conflito cultural. Ambas características foram atrativas para a escolha desse objeto de estudo quando, ainda no início da pesquisa, nasceu o desejo em pesquisar as relações de sujeitos das classes populares com as culturas do escrito. A domesticidade causou interesse, na medida em que possibilita às empregadas uma vivência próxima (ou até íntima) com os seus empregadores (elas conhecem seus modos de viver). Por outro lado, a situação de conflito cultural vivida por essas domésticas no ambiente de trabalho despertou interesse, pois poderia se constituir como motivação para a participação no mundo da escrita (já que são os patrões, nesse caso, os mais letrados).

1.2.4.1. A domesticidade

A domesticidade do emprego doméstico é aqui entendida conforme aponta Brandt (2002). Refere-se ao fato de esse tipo de atividade se realizar em um tipo de local muito específico: o domicílio da família empregadora. Essa característica é considerada pela pesquisadora como uma

⁵⁴ No tópico a seguir, descreveremos essa categoria a partir de Brandt (2002).

das especificidades dessa ocupação (ao lado de outras, tais como a posição diferente no conjunto de leis que regem o trabalho assalariado no Brasil⁵⁵ e a ausência de fiscalização) (BRANDT, 2002, p.106).

As empregadas domésticas são contratadas para executar um trabalho em um tipo de ambiente que é permeado por afetividade, já que o ambiente doméstico é lugar onde as relações familiares se dão (entre marido e mulher, mãe e filhos, pai e filhos, etc). Inseridas nesse contexto, as relações que se estabelecem entre empregadas e empregadores tornam-se diferentes das relações de contrato de trabalho vividas em outros espaços. Principalmente as patroas (já que o doméstico, em nossa sociedade, é definido e definidor da feminilidade, de acordo com Kofes, 2001) acabam por estabelecer relações de proximidade com as domésticas e vice-versa. No entanto, embora estejam próximas no cotidiano, essas mulheres ocupam posições sociais diferentes. A vivência gera contradições e conflitos.

Brites (2000) destacou a vivência entre o mundo público e o mundo privado possibilitada pelo emprego doméstico. Ela aponta:

(...) as empregadas vivem a maior parte do seu tempo num entrelaçamento entre o mundo público – o cumprimento de uma atividade profissional – e o mundo privado, uma vez que a tarefa é cumprida no ambiente doméstico. Esse convívio aporta uma gama de contradições geradas pela relação que se estabelece entre patroas e empregadas. São apontadas as ambigüidades a que estão submetidas as servidoras domésticas, na medida em que elas realizam o serviço dentro de um espaço privado, onde normas de afetividade estão em vigor (BRITES, 2000, p.44-45).

A especificidade de a ocupação se realizar em um ambiente doméstico também foi abordada por Kofes (2001). Ela utilizou a categoria “doméstico” para se distanciar da dicotomia público e privado e nos alertou para o risco de considerarmos apenas um dos dois sentidos presentes nas relações estabelecidas no trabalho doméstico: a presença de relações familiares e afetivas e a presença de relações estritamente de trabalho. O doméstico contém, para a autora, essas duas dimensões. Nas suas palavras:

⁵⁵ De acordo com Vidal (2007) e Brites (2001), a Constituição Federal Brasileira define como direitos dos empregados domésticos o recebimento de, no mínimo, um salário, a impossibilidade de ter o salário diminuído sem mudança de contrato, o aviso prévio de um mês, o 13º salário, um dia de repouso por semana, 120 dias de licença maternidade e 30 dias de férias por ano. O pagamento do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço – FGTS – não é obrigatório e resulta de uma livre negociação entre patrões e empregadas domésticas.

O que espero é que esta categoria [o doméstico] aponte tanto para a possibilidade de não supormos que estamos diante de relações estritamente familiares, íntimas e afetivas, nem o oposto, que estamos no reino do trabalho, de interação entre classes desiguais e que só suas regras seriam a realidade objetiva dessa relação. Seu caráter de conter estas duas dimensões e seus sentidos é que está sendo afirmado. Ainda, porque definido e definidor da feminilidade, o doméstico é também onde mulheres se diferenciam (em sua desigualdade) como patroas e empregadas domésticas (KOFES, 2001, p.97).

A compreensão dessa característica do trabalho doméstico é de fundamental importância para o objetivo desta pesquisa. É justamente por trabalharem nos lares de seus empregadores que as domésticas podem observar, de perto, as relações que eles mantêm com o mundo da escrita. Elas os vêem ler jornais e revistas, observam como eles ajudam os filhos nas tarefas escolares, notam como eles organizam a variedade de materiais escritos que possuem em casa e vivenciam uma forma de organização doméstica própria desses lares e que é baseada na escrita.

1.2.4.2. O conflito cultural vivido nas relações de trabalho

O conflito cultural vivido nas relações de trabalho, ou seja, a vivência tensa – em certos momentos - estabelecida com um meio cultural (e social) diferente do de origem também é descrito nas pesquisas sobre o emprego doméstico. Vidal (2007), por exemplo, afirmou que as relações entre as domésticas e suas patroas se constituem como “(...) le mode majeur de mise en contact de groupes sociaux que des distances sociales abyssales séparent” (VIDAL, 2007, p.10)⁵⁶.

Brites (2001) também tratou a respeito do tema. Para a autora, “o serviço doméstico proporciona o encontro de classes desiguais em uma sociedade cada vez mais marcada pela segregação e o medo do ‘outro’” (BRITES, 2000, p.12). Ela afirmou, ainda, que “é na negociação cotidiana da organização deste espaço doméstico que se manifesta o encontro mais intenso das classes médias e as trabalhadoras” (BRITES, 2000, p.81). Vale ressaltar que a distância social pode ser verificada além das diferenças de consumo material apontadas pela autora. Há também diferenças culturais que fazem com que, por exemplo, as práticas e os saberes em relação à organização doméstica sejam diferentes⁵⁷.

⁵⁶ (...) O modo maior de se colocar em contato grupos sociais que são separados por distâncias abissais (Tradução sob minha responsabilidade).

⁵⁷ A autora descreve as diferenças de equipamentos presentes nas casas das patroas e das empregadas. Ela salienta que, embora as empregadas digam freqüentemente que aprenderam a fazer o serviço doméstico em suas próprias residências, há saberes que precisam ser aprendidos nas casas de família burguesas. Nas casas das empregadas não há, por exemplo, torradeiras e elas devem aprender a utilizar esse aparelho. Além dessas diferenças, vale ressaltar

A intensidade desse encontro entre classes desiguais foi descrita pela autora nas palavras seguintes:

Elas transitam em mundos bastante diferentes – aquele de seu cotidiano doméstico e o de seus patrões. Diariamente entram nos lares da classe média e alta e, pela natureza do trabalho que executam, acabam conhecendo os detalhes mais íntimos dessas famílias. Passam os dias inteiros de trabalho assistindo, convivendo e participando de um mundo onde os valores e a organização doméstica são outros daqueles de onde elas provêm (BRITES, 2001, p.202).

Na mesma direção, Kofes (2001) abordou a questão das diferenças sociais e culturais que atravessam o emprego doméstico. Segundo ela, são:

diferenças de classe, de relações familiares, de comportamentos culturais, de experiências individuais, de dimensões do público e do privado. E finalmente de gênero, compartilhado mas diferentemente e desigualmente vivenciado (KOFES, 2001, p.163).

As vantagens desse contato social com outro meio cultural (proporcionado pelo emprego doméstico) também são abordadas em alguns estudos. Brandt (2002), por exemplo, nomeia essa situação como *instrumentalização da diferença de classes ao seu favor*. Ela explica que os comportamentos de empregadas e patrões são apoiados no acordo realizado entre eles. Entretanto, nesse acordo, as empregadas estão em posição de inferioridade. Como não possuem profissionalização e, por isso, têm poucas chances de mudar de emprego, elas aprendem a tirar proveito da situação em que se encontram. Brandt transcreveu, em sua pesquisa, a fala de uma de suas entrevistadas na qual ela apontou o aprendizado relacionado às maneiras de comportamento e à educação vivenciado na casa dos patrões (BRANDT, 2002, p.116).

Vidal (2007) abordou os efeitos da socialização nas camadas médias em termos da aquisição de saberes socialmente úteis para a conquista de novos empregos. Segundo o pesquisador, as aprendizagens relacionadas às maneiras de conversar no telefone, de comer e até de se vestir rendem, às domésticas, possibilidades de emprego que exigem interação com um público mais favorecido socialmente. Nas suas palavras:

que as diferenças culturais também geram outras aprendizagens, como será visto nos próximos capítulos, como a aprendizagem de uma outra maneira de cozinhar, devido às diferenças nos hábitos alimentares da família de classes médias, se comparados aos hábitos alimentares das famílias das classes populares.

Les années passées au service d'une famille permettent aussi à des jeunes filles issues des couches déshéritées d'acquérir des savoirs sociaux utiles pour accéder à des emplois dans le commerce. C'est ainsi qu'un nombre important des femmes que j'ai interrogées m'ont raconté comment leur première patronne leur avait montré comment manger à table avec des couverts, enseigné des formules de politesse ou appris à répondre au téléphone. Au contact de la patronne et de ses filles, elles acquièrent également des manières de s'habiller et de se tenir qui, au vu des critères des couches moyennes, évitent de paraître vulgaires et inaptes à des métiers qui nécessitent des interactions en public avec des individus de milieux plus favorisés (VIDAL, 2007, p.129)⁵⁸.

Ainda sobre os efeitos dessa socialização nas camadas médias, Vidal (2007) apontou que ela pode resultar em distanciamento do universo dos meios populares. Ele observou que as mulheres originárias do campo e que se estabeleceram no meio urbano para trabalharem como domésticas não se sentem à vontade no contato com as camadas urbanas desfavorecidas (VIDAL, 2007, p. 129).

É interessante dizer que algumas pesquisas também abordam como os patrões vivem esse conflito cultural. Brites (2000) tratou da censura sutil e constante que acompanha as relações das patroas com as empregadas. Elas criticam o modo como as domésticas desempenham certas tarefas e as julgam incompetentes por não executarem as atividades do modo esperado. Em outras palavras, as falas das patroas “transparecem idéias de que essas trabalhadoras portam uma incapacidade pessoal, fruto do despreparo cultural, moral e cognitivo dos grupos de baixa renda” (BRITES, 2002, p.91).

Vidal (2007), em uma perspectiva próxima, descreveu várias atitudes dos empregadores que são resultado do conflito cultural vivido na relação com as empregadas, somado à falta de conhecimento sobre o mundo em que vivem essas trabalhadoras. Suas palavras a esse respeito merecem ser citadas:

Les plaisanteries sur les bonnes révèlent cette idée d'une différence incommensurable entre le monde de ceux que l'ont sert et celui de celles qui servent. Que ce soit à propos de les représentations de la maladie, du rapport à l'argent ou des pratiques langagieres, elles en moquent la stupidité, l'ignorance

⁵⁸ Os anos passados a serviço de uma família permitem também às moças originárias de camadas desfavorecidas a aquisição de saberes sociais úteis para ter acesso a empregos no comércio. Um número importante das mulheres que eu entrevistei me contou como sua primeira patroa lhe tinha mostrado como comer na mesa usando os talheres, ensinado boas maneiras ou a atender ao telefone. No contato com a patroa e suas filhas, elas adquiriram igualmente formas de vestir e de se comportar que, na opinião dos critérios das classes médias, evitam que elas pareçam vulgares e inaptas a profissões que necessitem de interação em público com indivíduos de meios mais favorecidos (Tradução sob minha responsabilidade).

et la naïveté. Elles montrent surtout combien ceux pour lesquels les domestiques travaillent ne s'interrogent guère sur les contraintes qu'imposent la pauvreté et les effets d'une socialisation dans un milieu défavorisé. L'absorption de décoctions pour se soigner est par exemple expliquée par la prégnance de croyances populaires plutôt que par l'incapacité à acheter des médicaments. Dans une logique similaire, le recours fréquent à la emprunt ou à des paiements étalés résulterait davantage d'une incapacité à gérer ses revenus qu'aux problèmes de trésorerie récurrents. Les dépenses considérables pour les fêtes d'anniversaire des enfants paraissent de même tenir de la gabegie, alors que ces événements constituent un moment d'allégresse pour les familles des milieux populaires. Source d'humour facile, les erreurs de syntaxe, les mots mal prononcés et les expressions utilisées à contresens sont également interprétés comme le signe d'une limitation intellectuelle indépassable bien plus que comme la conséquence logique d'une faible scolarisation et de l'acquisition du langage au contact de parents analphabètes (VIDAL, 2007, p. 171)⁵⁹.

Uma das maneiras possíveis de se observar o conflito cultural vivido pelas domésticas pesquisadas por mim diz respeito às relações com o mundo da escrita. Elas estão em contato com padrões que, diferentemente delas próprias, mantêm uma relação intensa com a escrita. Além de leituras informativas (como as de jornais e revistas) ou de fruição (literatura e livros sobre temas específicos de interesse pessoal), realizam leituras (e também escritas) profissionais. Essa relação com a cultura escrita pode ser explicitada, ainda, nas próprias maneiras que os empregadores têm de gerir uma casa (escrita de listas de compras, recurso às receitas culinárias, etc) que muitas vezes se distancia da maneira como as empregadas fazem. Pergunta-se, então: o que se poderia dizer sobre os efeitos desse conflito cultural vivido pelas domésticas especificamente sobre suas relações com o mundo escrito?

Hébrard (1996), ao analisar as memórias de Jameray Duval, pequeno camponês do século XVIII que sai de casa aos treze anos e que, após um período de peregrinação, torna-se professor de História da Antiguidade na academia de Lunéville, sugere que as ocasiões de conflito cultural

⁵⁹ As brincadeiras sobre as empregadas revelam esta idéia de uma dificuldade incomensurável entre o mundo daqueles que são servidos e o mundo daquelas que servem. Quer seja a respeito das representações da doença, da relação com o dinheiro ou das práticas linguageiras, elas ridicularizam sua estupidez, ignorância e ingenuidade. Elas mostram principalmente quanto esses para os quais as domésticas trabalham quase não se questionam sobre as limitações impostas pela pobreza e os efeitos de uma socialização em um meio desfavorecido. A utilização de chás para se tratar é, por exemplo, explicada mais pela pregnância de crenças populares do que pela incapacidade de comprar medicamentos. Numa lógica similar, o recurso freqüente ao empréstimo ou aos pagamentos em prestação resultaria principalmente de uma incapacidade de gerir seu rendimento do que dos problemas recorrentes [da falta] de dinheiro. As despesas consideráveis com as festas de aniversário das crianças parecem também ser um desperdício, ao passo que esses acontecimentos constituem um momento de alegria para as famílias dos meios populares. Fonte de humor fácil, os erros de sintaxe, as palavras mal pronunciadas e as expressões utilizadas erroneamente são igualmente interpretadas como um sinal de limitação intelectual que não pode ser ultrapassado, bem mais do que a consequência lógica de uma escolarização fraca e da aquisição da linguagem no contato com os pais analfabetos (Tradução sob minha responsabilidade).

“bem que poderiam constituir a alavanca de um percurso autodidático” (HÉBRARD, 1996, p.50). Lahire também se refere à importância das situações de contato com diferentes meios culturais e às influências dessas situações no percurso de vida dos sujeitos:

a vida de um indivíduo em uma sociedade, não só fortemente marcada pela divisão do trabalho, mas pela multiplicidade dos espaços ou dos princípios de socialização concorrentes, faz com que cada indivíduo singular raramente se proteja do contato mais ou menos duradouro com pessoas, situações e instituições, cujas crenças e disposições para agir não são as que ele incorporou até o momento (LAHIRE, 2004b, p. 43).

Será que esse conflito⁶⁰ vivido entre empregadas e patrões pode gerar aproximação com o mundo da escrita? Seriam as empregadas instigadas a usufruir os materiais escritos vistos na casa dos patrões? Seriam elas estimuladas a voltarem a estudar? Essas são questões que serão tratadas principalmente no capítulo 3 desta dissertação.

1.2.4.3. As relações com a família empregadora

As relações estabelecidas com a família empregadora provavelmente influenciam nas respostas às perguntas feitas acima. Dessa forma, será tratado neste item o que as pesquisas têm apontado sobre esse assunto. Posteriormente, nos capítulos 2 e 3, serão explicitadas as relações que as empregadas investigadas têm com seus patrões e as possíveis influências dessas relações em termos de relacionamento com o mundo da escrita.

Os estudos recentes que abordaram as relações das empregadas domésticas com seus empregadores recorrem, freqüentemente, às pesquisas anteriores que denunciam o caráter paternalista e maternalista desse tipo de relação. Na explicação de Vidal (2007), esses estudos tendem a caracterizar as relações entre patrões e empregadas como relações nas quais os empregadores pretendem exercer uma função maternal ou paternal frente a suas empregadas (VIDAL, 2007). Entretanto, os estudos atuais (inclusive o de Vidal) mostram que o quê era visto de forma negativa pelos intelectuais é considerado pelas empregadas domésticas como uma vantagem.

Brites (2000) diz, por exemplo, que:

⁶⁰ Vale ressaltar que se propõe o uso da noção de conflito cultural como algo explicativo para a relação entre o exercício de uma ocupação profissional em meio letrado e as práticas de leitura e de escrita, e não determinante.

O que une os argumentos destes estudos é a percepção de que atitudes dos patrões em relação às empregadas domésticas tendem a ser pouco “profissionais”. Dizendo de outra forma: os patrões não desenvolvem relações de contrato modernas. O problema que minha pesquisa de campo introduziu nesta discussão (a qual não deixa de ser pertinente) é que as mulheres, empregadas domésticas por mim investigadas, encontravam no serviço doméstico particularidades que o tornavam vantajoso em relação a outras ocupações. As vantagens por elas destacadas coincidem justamente com aqueles fatores que os pesquisadores da condição feminina consideram como as raízes da subordinação que o serviço doméstico acarreta: relações personalistas e clientelistas estruturadas na organização da família patriarcal (BRITES, 2000, p.11).

Assim, baseando-se em seus dados empíricos, a autora constatou que, para as empregadas, “nenhuma atitude das patroas poderia ser mais revoltante do que a ‘mesquinharia’” (BRITES, 2000, p.197). As doações de roupas usadas, a permissão para levar para casa as sobras de comida, a ajuda financeira recebida para comprar um remédio eram percebidas como vantagens do serviço doméstico. Brites (2000) acredita que esse tipo de relação talvez seja uma solução encontrada pela população pobre para enfrentar momentos de crise, em uma sociedade na qual o trabalho manual é barato e não garante assistência social de qualidade, além de ter os direitos trabalhistas constantemente burlados (BRITES, 2000, p.54).

As vantagens de atitudes consideradas paternalistas também são mencionadas por Vidal (2007). Para ele, as atitudes paternalistas, além de ser um instrumento que muitos empregadores usam para assegurar sua dominação, tem como resultado uma “duplicidade compartilhada” da qual empregadores e domésticas podem tirar vantagem (VIDAL, 2007, p.197).

Entre as pesquisas lidas, Brandt (2002) é quem apresenta uma postura mais diferente. As situações das empregadas do serviço doméstico da cidade São Paulo pesquisadas por ela caracterizam-se, de modo geral, por relações de contrato de trabalho modernas. Ela percebeu apenas em poucos casos a presença de relações paternalistas. A autora afirmou:

As noções de empregadas e empregadoras(es) sobre suas relações são marcadas, em primeiro lugar, pela consciência profunda da diferença de classes entre eles. Do ponto de vista dos empregadores, um sentido de “culpa social” torna a relação em certos momentos opressora. Em poucos casos, quando a carência da empregada é extrema e/ou quando ela mesma força a relação nesse sentido, se estabelecem elos paternalistas. No conjunto, no entanto, tanto empregadas como empregadores lidam com a relação de emprego da perspectiva de uma relação contratual moderna. Apesar de diferenças

advindas de traços de personalidade, a grande maioria dos entrevistados de ambos os grupos demonstrou valorizar a formalização da relação, o que significa se afastar das relações “promíscuas”, em que a ilusão de intimidade e amizade serve para a exploração da empregada. Não que esse seja um movimento tranquilo (BRANDT, 2002, p.161).

É importante dizer que as relações estabelecidas entre empregadas domésticas e patrões são permeadas por afetividade. De um lado, como já foi mencionado, essa presença é relacionada ao tipo de ambiente no qual o trabalho se desenvolve, o ambiente doméstico. Por outro lado, a afetividade também é constantemente relacionada ao paternalismo⁶¹.

O trabalho de Vidal (2007) abordou de maneira interessante esse tema. Para ele, existem dois ângulos diferentes em que a afetividade pode ser observada na relação entre empregadores e domésticas: a comum humanidade e a maldade. Na comum humanidade, há o compartilhamento de uma mesma emoção, que é mais forte do que a hierarquia e a diferença social (VIDAL, 2007, p.185). A partilha de emoções relacionadas às situações de vida tais como o casamento, a morte de um próximo, a doença e o divórcio são exemplos da expressão desse ângulo da afetividade. O pesquisador ressaltou que essas situações não são vividas de um modo igualitário pelas duas partes, já que ele observou que o investimento emocional das domésticas é sempre mais importante do que o dos empregadores. Dessa forma, sobre a amizade entre patroas e empregadas, ele diz:

(...) les bonnes voient avant tout dans l’amitié des patronnes la reconnaissance de leur commune humanité tout en estimant qu’elle est compatible avec des droits et des obligations différents selon la position occupée dans la relation; alors que les patronnes la considèrent comme un moyen d’entretenir une relation de confiance mutuelle sans pour autant renoncer à l’idée d’une différence radicale entre les deux parties (VIDAL, 2007, p.193)⁶².

Os comportamentos de maldade, por sua vez, também podem ser vivenciados por empregadores e empregadas. Quando eles são originários dos patrões, geralmente estão associados às verbalizações que insistem na inferioridade das domésticas, como por exemplo, nas

⁶¹ Vidal (2007) discorda da relação atribuída entre paternalismo e afetividade e diz que ela é feita na falta de uma explicação melhor para a afetividade.

⁶² (...) as domésticas percebem, antes de tudo na amizade das patroas, o reconhecimento de sua humanidade comum e ao mesmo tempo estimando que ela é compatível com os direitos e as obrigações diferentes segundo a posição ocupada na relação, enquanto as patroas a consideram como um meio de manter uma relação de confiança mútua sem, pro essa razão, renunciar a idéia de uma diferença radical entre as duas partes. (Tradução sob minha responsabilidade)

humilhações repetitivas e na ironia sobre o baixo nível de escolarização, sobre a ingenuidade e sobre a incapacidade de cumprir corretamente uma tarefa. A maldade também é exercida pelas empregadas, quando elas atormentam, por exemplo, as crianças pequenas e os idosos das famílias para as quais trabalham (VIDAL, 2007, p.188).

É interessante mencionar a grande importância atribuída à afetividade pelas domésticas pesquisadas por Vidal (2007)⁶³. A presença dela nas relações com as patroas é percebida pelas empregadas como sinal de um tratamento humano. Nas palavras do autor:

L'importance accordée par les travailleuses domestiques à l'affectivité dans les relations avec l'employeur exprime par ailleurs la demande de ces femmes de ne pas voir dénier leur humanité par des comportements qui les ignorent, les infériorisent ou les dévalorisent (VIDAL, p.165-166)⁶⁴.

Segundo o mesmo autor, tamanha é a importância da afetividade que muitas empregadas demonstram um sentimento de gratidão para com os empregadores e se sentem orgulhosas com as manifestações de consideração expostas por esses últimos.

Vidal (2007) também descreve estratégias que patrões e empregadas domésticas utilizam para se relacionarem. Os patrões, por um lado, procuram realizar negociações constantes com as domésticas. Eles compreendem as situações nas quais a empregada precisa faltar ao serviço ou chegar mais tarde, devido aos problemas pessoais. A compreensão desse tipo de situação tem o objetivo de manter uma boa relação com a empregada. Entretanto, apesar de se mostrarem muitas vezes compreensíveis, “Trois mots (...) organisent le discours des patrons sur la façon dont il faut gérer les relations avec les domestiques: la place (o lugar⁶⁵), la limite (o limite) et l’abus (o abuso)”⁶⁶ (VIDAL, 2007, p.178). Ou seja, no ponto de vista dos patrões, a empregada deve conhecer seu lugar e os empregadores devem saber colocar limites para evitar situações de abuso por parte delas. O abuso é visto pelos patrões nas mudanças de horários de trabalho e pedidos

⁶³ As empregadas domésticas pesquisadas por mim chegaram a relatar histórias de pedidos de demissão devido ao tratamento pouco afetuoso estabelecido com as famílias empregadoras.

⁶⁴ A importância atribuída pelas trabalhadoras domésticas à afetividade nas relações com o empregador exprime, aliás, a demanda dessas mulheres de não ver negada sua humanidade pelos comportamentos que as ignoram, inferiorizam-nas ou as desvalorizam (Tradução sob minha responsabilidade).

⁶⁵ As traduções apresentadas entre parênteses foram feitas pelo autor.

⁶⁶ Três palavras organizam os discursos dos patrões sobre a maneira que eles fazem para gerir as relações com as domésticas: o lugar, o limite e o abuso (Tradução sob minha responsabilidade).

constantes de ajuda. Os patrões também dizem ser necessário saber dar ordens. Os pedidos devem, segundo eles, ser feitos com amabilidade⁶⁷.

Por outro lado, as empregadas também relatam as estratégias que utilizam para se relacionar com as famílias empregadoras. Entre as habilidades principais, que exige trabalho emocional, está decifrar o humor dos membros da família empregadora. “On doit sentir l’atmosphère⁶⁸” (VIDAL, 2007, p.179). A partir da observação do humor dos patrões, as domésticas aprendem a se comportar: se as patroas estão de mau humor, ficam quietas e desenvolvem os seus trabalhos; se as patroas estão de bom humor, aproveitam para fazer alguma solicitação, como por exemplo, o adiantamento do pagamento.

A capacidade de observação também é demandada às domésticas para que possam ser estabelecidos bons relacionamentos com a família empregadora. A observação resulta no conhecimento da maneira própria de organização da casa e das exigências específicas dos patrões (VIDAL, 2007, p.180).

1.2.5. Empregadas domésticas e a leitura

Entre os estudos localizados sobre empregadas domésticas, apenas um abordou a relação delas com a leitura. Trata-se da dissertação de Aun (1993). O estudo buscou examinar como a informação se insere na vida de empregadas domésticas residentes no local de trabalho. Entre os objetivos da pesquisa estava compreender o nível de interferência da família empregadora quanto ao acesso aos canais de informação e, no caso de as domésticas terem acesso e tempo disponível, verificar seu interesse e curiosidade em acessar a informação⁶⁹.

Foram entrevistadas 20 empregadas domésticas que trabalhavam em Belo Horizonte. Os dados coletados mostraram que 85% gostam de ler (41,1% preferem revistas, 36,9% preferem a leitura de livros, 15,8% preferem a leitura de jornais e 5,2% gostam dos três tipos de leitura igualmente). A escolha dos jornais e das revistas coincide com as que são compradas pelos patrões. A família empregadora contribui em 100% dos casos analisados para o acesso a

⁶⁷ Vidal (2007) e Kofes (2001) falam sobre as características descritas pelos empregadores de uma boa empregada doméstica. Vidal (2007) destacou a confiança como uma qualidade necessária para que uma relação possa se estabelecer e se manter. A confiança também está relacionada à pontualidade e à assiduidade necessárias ao funcionamento do lar. Kofes (2001), por sua vez, aponta a execução correta do serviço como uma das qualidades necessárias e também a existência de uma moral não duvidosa.

⁶⁸ Deve-se sentir a atmosfera (Tradução sob minha responsabilidade).

⁶⁹ Trata-se de um trabalho da área de Ciências da Informação, daí a terminologia utilizada.

materiais informacionais de leitura. No entanto, apesar do acesso, a autora constatou que não há motivação para a leitura. “O acesso ao material de leitura vai além de estar próximo desse material e de ter capacidade de decodificação (...). A permissão não cria motivação” (AUN, 1993, p.85). Segundo a autora, o hábito de leitura é difícil de ser formado por três motivos: o material disponível não é fruto das experiências das empregadas, é uma escolha dos patrões; o tempo de leitura é reduzido e desorganizado e não existe ambiente adequado à leitura” (AUN, 1993, p.93).

A conclusão da autora possibilita levantar questões tais como: será que as empregadas não podem se apropriar de uma leitura que é, a princípio, escolha dos patrões? O tempo reduzido e desorganizado são explicações suficientes para existência da dificuldade de formação do hábito de leitura? Além disso, apesar de tratar do acesso aos canais de informação, a pesquisa não investigou se no trabalho doméstico há a exigência do uso de habilidades de leitura e escrita, como escrita e leitura de listas de compra e escrita e leitura de bilhetes.

De forma sintética, acredita-se que os estudos sobre o emprego doméstico apresentados neste tópico permitiram um conhecimento mais profundo do significado que essa ocupação tem em nossa sociedade, bem como do modo como ela é percebida por seus trabalhadores. Considera-se que os relacionamentos vividos entre patrões e empregadas e as expectativas dos patrões (e também das empregadas) em relação ao trabalho doméstico precisam ser conhecidos, na medida em que influenciam na relação estabelecida pelas domésticas com a cultura escrita da casa dos patrões.

CAPÍTULO 2: QUATRO PERFIS: EMPREGADAS DOMÉSTICAS E FAMÍLIAS EMPREGADORAS

Este capítulo tem como objetivo caracterizar as quatro empregadas domésticas pesquisadas e as suas respectivas famílias empregadoras quanto à ocupação, escolarização, migração e práticas culturais. As realidades sociais singulares foram apresentadas, muitas vezes, em uma perspectiva de comparação entre os casos. A idéia é que a compreensão das singularidades e regularidades dos casos seja proveitosa para se analisar, nos capítulos posteriores, as formas de participação na cultura escrita dessas empregadas domésticas pouco escolarizadas nesses lares “letrados”. Tal perspectiva está baseada nos dizeres de Lahire, também sobre a construção de perfis de configuração⁷⁰:

Neste trabalho de construção [do perfil sociológico], esforçamo-nos, portanto, para organizar sociologicamente, a partir de uma construção particular do objeto, o material oriundo da observação de *realidades sociais relativamente singulares*. Com isso produzimos textos de configurações singulares; textos que, no entanto, não são isolados entre si por duas razões ao menos: por um lado, trabalham com as mesmas orientações interpretativas, e, por outro, o texto de cada perfil desempenha um papel no texto de todos os outros perfis (LAHIRE, 1997, p.71, grifos do autor).

2.1. Graça

2.1.1. Perfil

Graça tem 45 anos⁷¹ e é divorciada. Ela nasceu na cidade de São Paulo (SP) e no mesmo ano de seu nascimento, migrou com sua família para Belo Horizonte (MG). Graça foi criada por sua mãe e por seu falecido padrasto (caminhoneiro). Ela não conheceu o pai. É a filha primogênita e tem um irmão que é pedreiro e vive na região metropolitana de Belo Horizonte.

⁷⁰ Vale a pena esclarecer que os perfis apresentados nessa dissertação possuem uma perspectiva mais descritiva do que analítica, distanciando-se, de certa maneira, dos perfis construídos por Lahire (1997).

⁷¹ As idades dos sujeitos apresentados são relativas à data da coleta de dados, ou seja, ao ano de 2007.

Atualmente, reside na região *Jatobá*⁷² da capital mineira (ver mapa à frente), com sua mãe (69 anos, costureira afastada do trabalho por motivo de saúde) e sua filha⁷³ (21 anos, secretária). No mesmo lote também moram o seu filho⁷⁴ (18 anos, desempregado) com sua esposa e sua filha (3 anos).

As lembranças da trajetória escolar de Graça são vagas. Mesmo já tendo feito perguntas em relação à escolarização na primeira entrevista, decido fazer novamente questões sobre esse tema na terceira entrevista, na presença de A. (mãe de Graça) e, novamente, consigo um relato muito vago. Ambas não sabem ao certo com quantos anos Graça entrou na escola e nem com quantos anos deixou de frequentá-la. Do período escolar, Graça lembra-se dos nomes das duas escolas estaduais onde estudou, de constantes repreensões sobre seu comportamento, de várias reprovações ainda no primário e de não ter tido gosto pelo estudo (sempre preferiu o trabalho). Ela afirma ter cursado até a quinta série incompleta e ter abandonado a escola aproximadamente aos 17 anos. Todas essas recordações são confirmadas por sua mãe que resente do fato de Graça não ter se tornado costureira.

Atualmente, não demonstra interesse em retomar os estudos para prosseguir o ensino fundamental e médio. O gosto e o talento pelo trabalho são enfatizados em detrimento do gosto e do talento pelo estudo. O trecho abaixo explicita melhor essa relação:

P(Pesquisadora): Mas tem menino que é levado na escola...mas gosta da escola...
A (mãe de Graça): Não...não...ela não gostava não...gostava de jeito nenhum...
P: Como que era Graça?
G (Graça): Ah...eu gostava de trabalhar...e até hoje eu continuo do mesmo jeito...
P: Por exemplo...se fosse hoje pra você voltar pra escola?
G: Não...eu prefiro até/ assim...fazer um curso...que é...por exemplo assim...um mês só...do que estudar direto...isso não dá pra minha cabeça não...agora fazer um curso de 3 meses, 6 meses ainda vai...mas estudar...
A: Agora...trabalhadeira e caprichosa...sempre foi...graças a Deus...ela herdou de mim mesmo...**graças a Deus...**(Entrevista 3 – 29/09/2007, ênfase dela)⁷⁵

O capricho com o trabalho também é enfatizado pelos atuais padrões de Graça: T. e E.. Na residência deles, ela trabalha como empregada doméstica há 11 anos. De fato, esse não foi seu primeiro emprego nessa função. Momentos antes de sua admissão nessa casa de família, ela

⁷² A nomeação das regiões utilizadas nesta dissertação é a mesma utilizada pela Prefeitura de Belo Horizonte. Ver site: www.pbh.gov.br.

⁷³ A filha de Graça possui o ensino médio completo.

⁷⁴ O filho de Graça cursou até a quinta série do ensino fundamental, mas não chegou a concluí-la.

⁷⁵ Todas as entrevistas citadas nesta dissertação foram concedidas exclusivamente para essa pesquisa.

trabalhava como doméstica para outra família, na mesma região de Belo Horizonte. Prestes a ser demitida, visto que os empregadores estavam se mudando de cidade, comentou dentro de uma boutique sobre sua situação com a vendedora (uma amiga sua). Na loja de roupas também se encontrava sua atual patroa que ouviu suas queixas sem saber de que se tratava de uma empregada doméstica. Após Graça ter saído da loja, sua atual patroa perguntou à vendedora se ela conhecia alguém que procurava emprego como doméstica. A vendedora indicou Graça, que fez uma entrevista na casa da T. e foi contratada. No momento do contrato, ela já havia sido demitida do emprego anterior e estava trabalhando como faxineira.

Atualmente, a família para quem Graça trabalha reside em Belo Horizonte, no bairro Gutierrez, região nomeada como *Barroca* (ver mapa abaixo). De segunda-feira a sábado, ela faz um percurso com duração de no mínimo uma hora e quinze minutos para se locomover, por meio de dois ônibus coletivos diferentes, de sua residência até a residência dos patrões. Seu horário de trabalho é flexível. Por vezes ela chega às 8h e sai às 16h e outras vezes chega às 9h e sai às 17h.

Uma consulta à base de dados da prefeitura de Belo Horizonte do ano de 2000 nos mostra que ela se desloca para regiões⁷⁶ muito diferentes em termos sociais. Em uma escala de três níveis utilizada pela prefeitura de Belo Horizonte para medir o analfabetismo, a região *Jatobá* se situa no nível mais elevado, ou seja, possui de 8783 a 4473 residentes analfabetos, o que significa que a taxa de alfabetização é de 92,86%. Nessa região, o índice de vulnerabilidade social⁷⁷ foi considerado o maior da cidade, numa gradação de cinco níveis. É possível observar também que a região apresenta o menor indicador de mestres e doutores de Belo Horizonte, em uma escala de três níveis, de 25 a 1 residentes. Por outro lado, a região *Barroca*, onde reside sua família empregadora, apresenta uma situação social bem diferente. Essa região é classificada no maior dos três níveis que indicam o número de mestres e doutores da cidade, 253 a 107 pessoas. Além disso, a região apresenta o segundo menor nível de população analfabeta, ou seja, 4200 a 895 habitantes, o que significa que a taxa de alfabetização na região é de 99,37%. O índice de vulnerabilidade social dessa região foi considerado o menor de Belo Horizonte.

⁷⁶ Ver mapas em anexo.

⁷⁷ Conforme Nahas *et al* (2002), o índice de vulnerabilidade social descrito pela prefeitura de Belo Horizonte busca mensurar diferentes níveis de vulnerabilidade à exclusão social, através de medidas de acesso à cinco dimensões da cidadania: ambiental (acesso à moradia e à infra-estrutura urbana), cultural (índice de escolaridade), econômica (acesso ao trabalho e à renda), jurídica (acesso à assistência jurídica) e segurança de sobrevivência (acesso aos serviços de saúde, garantia de segurança alimentar, acesso à previdência pública).

**BAIRROS E REGIONAIS
MUNICÍPIO DE BELO HORIZONTE
2002**

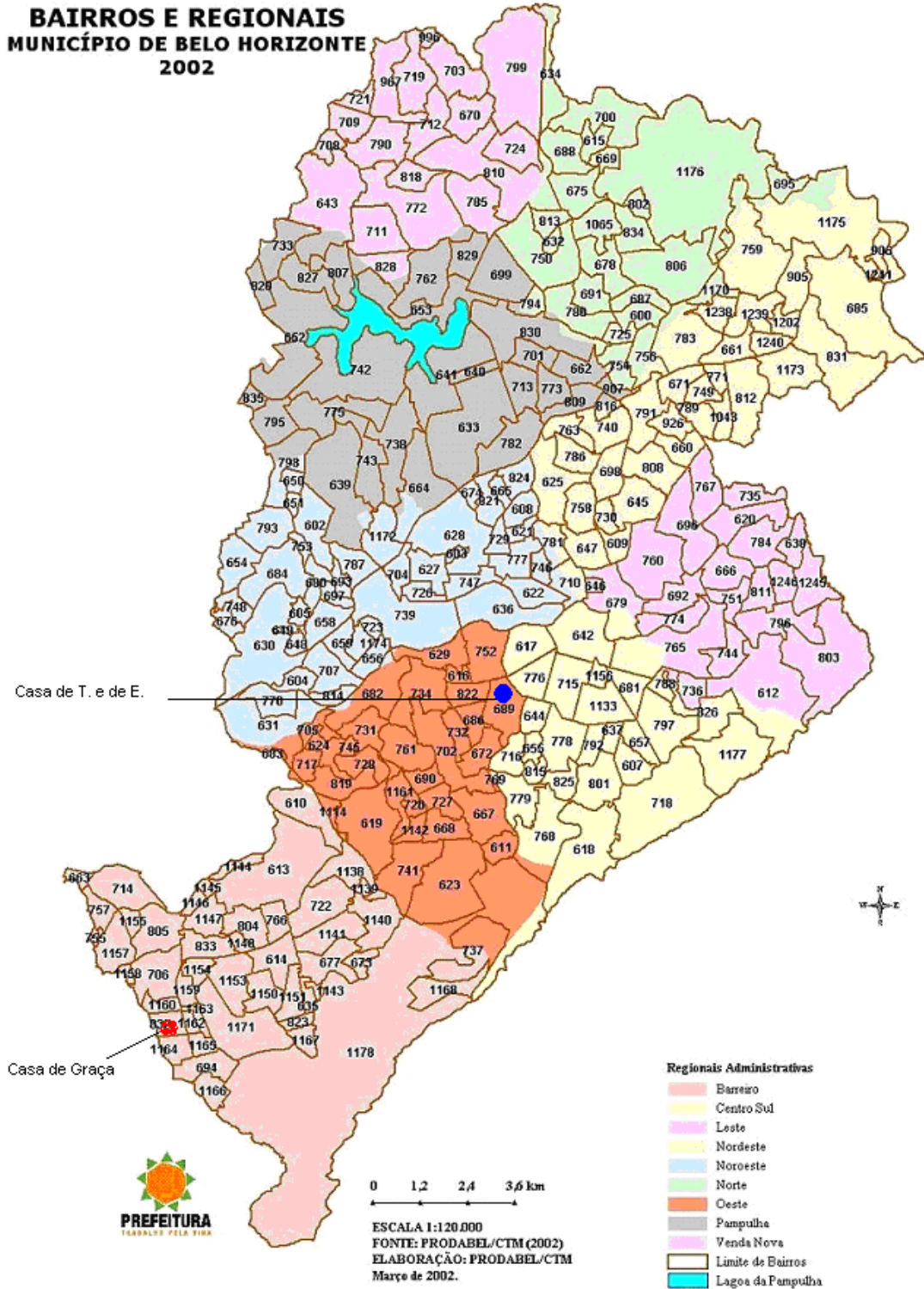


Figura 1 – Mapa da localização das residências de Graça e dos seus patrões na cidade de Belo Horizonte.
 Fonte: Prefeitura de Belo Horizonte

O primeiro trabalho como empregada doméstica se deu quando Graça tinha 17 anos⁷⁸, na mesma região de Belo Horizonte onde trabalha atualmente. Nesse emprego, Graça inicialmente morava na casa da família e, posteriormente, passou a ir e voltar para a sua casa. Ela já chegou a trabalhar sem descanso semanal. Desse trabalho, diz ter pedido demissão devido à intromissão da patroa em sua vida pessoal, particularmente no que diz respeito ao seu desejo de se separar do seu marido.

Posteriormente à sua inserção como trabalhadora doméstica, trabalhou em outras três casas de família antes de sua admissão na atual família empregadora. Entre os motivos para as interrupções desses trabalhos, indicou a mudança de uma das famílias para outro estado e o tipo de tratamento, autoritário e pouco cordial, que era estabelecido com uma de suas ex-patroas. De acordo com Vidal (2007, p.187), para muitas empregadas domésticas, o fato de não suportarem a maldade das pessoas para as quais trabalharam é motivo freqüente de renúncia ao emprego.

Sobre as primeiras dificuldades no trabalho doméstico, Graça destaca a exigência de uma limpeza feita de uma maneira que ela não conhecia ou que não estava acostumada a fazer⁷⁹. Ela se lembra de comentar com a mãe sobre as reclamações de sua primeira patroa: “(...) eu fui lavar a janela... ela me fez lavar a janela mais de não sei quantas vezes...ela quer que a gente vai até no cantinho...e minha mão não alcança, mãe...” (Entrevista 2, 22/06/2007) Entretanto, a independência financeira foi apontada por ela como fator compensador das dificuldades encontradas. Ela se diz vaidosa e gostar de ter seu próprio dinheiro para comprar roupas, sapatos e maquiagem⁸⁰. Muitas vezes esses objetos eram recebidos como presentes de sua primeira patroa, o que é também apontado por ela como uma vantagem do emprego doméstico.

Frente às dificuldades encontradas por Graça no momento de sua inserção no serviço doméstico, questiono sobre as aprendizagens que ela considera ter sido necessárias para desempenhar o trabalho de doméstica. Ela indicou a organização, o capricho e a limpeza como fatores indispensáveis ao serviço doméstico, que foram penosamente aprendidos em sua primeira experiência na função. Para incorporar todos esses aspectos ao seu modo de trabalho, diz ser

⁷⁸ O período de ingresso no serviço doméstico coincide com o período em que Graça diz ter abandonado a escola. Entretanto, ela não faz referência ao ingresso no mercado de trabalho como possível causa de sua evasão escolar.

⁷⁹ BRITES (2000) aborda o tema das discordâncias entre patroas e empregadas e afirma que elas advêm de concepções diferentes do que seja limpar e organizar uma casa. As patroas têm incluídas em suas concepções do que seja o serviço doméstico noções do campo médico, arquitetônico, ao passo que para as domésticas, limpar parece estar junto com arrumar e embelezar (p.87).

⁸⁰ Sobre os altos gastos com roupas, sapatos, cabeleireiro das empregadas domésticas em proporção ao salário, ver Vidal (2007, p.125) e Jacquet (2003, p.178).

necessário encarar o serviço da mesma maneira como seria feito na sua própria casa. “(...) é minha casa...eu que tô limpando...eu que tô cuidando...enquanto eu tiver aqui dentro é minha casa e minha cozinha...(risos)... (...) o serviço da gente... tem que aprender a fazer com carinho, com amor...se não tiver amor...você nunca vai aprender a gostar daquilo... (Entrevista 2, 22/06/2007)

Além do emprego doméstico, Graça teve várias outras experiências de trabalho: como auxiliar no trabalho de vendedora e costureira que sua mãe realizava, babá, secretária de consultório de dentista (tendo trabalhado anteriormente como babá da filha da dentista), vendedora de enxoval (em barraca de feira) juntamente com uma ex-patroa de uma das casas de família em que trabalhou, vendedora em lojinha de roupas, atendente em padaria, vendedora de cachorro quente e cozinheira em motel e empresa⁸¹. Algumas dessas experiências ocorreram ainda na infância, como a primeira citada, outras ocorreram concomitantemente ao trabalho como empregada doméstica e outras, ainda, ocorreram em períodos de intervalo entre o trabalho em casas de família.

Atualmente, paralelamente à ocupação de doméstica, Graça vende cosméticos. É grande a importância que ela atribui a essa atividade em sua vida, já que possibilita a ampliação de suas relações sociais. Muitas horas de seu dia que não são dedicadas ao trabalho doméstico são destinadas à venda dos produtos, à entrega ou à cobrança do pagamento. Como as vendas acontecem prioritariamente na região do seu trabalho (para outras empregadas, para funcionários do hortifrutigranjeiro onde ela realiza as compras da patroa, para amigos do bar próximo à residência da patroa), Graça diz muitas vezes chegar em casa no turno da noite.

Em outros períodos de seu tempo livre, frequenta a Igreja Universal do Reino de Deus. A frequência atual semanal tem por motivo a busca por amparo em um momento familiar difícil. Em outros momentos de sua vida, ela já esteve afastada das práticas religiosas, embora sua pertença às denominações religiosas pentecostais seja datada do período de sua adolescência⁸².

As outras práticas culturais de Graça estão relacionadas ao lazer. Para isso, frequenta barzinhos com as amigas, organiza festas familiares, passeia com a neta nas redondezas de sua

⁸¹ Apesar de requisitarem pouca escolaridade, é possível dizer que essas ocupações requerem habilidades de leitura e de escrita, quer seja para a emissão de um recibo ou para o registro de uma encomenda/pedido.

⁸² Quando adolescente, Graça frequentava a Igreja do Evangelho Quadrangular, juntamente com sua mãe, que continua a frequentá-la.

casa e às vezes viaja. Pude ver algumas fotografias desses momentos de lazer, tais como: aniversário da mãe, aniversário da neta e viagem a Guarapari (ES).

2.1.2. Breve perfil da família empregadora

As diferenças sociais e culturais entre Graça e seus patrões podem ser percebidas não apenas nos locais de residência deles, mas também ao se observarem os dados de escolaridade e ocupação profissionais dos membros da família para a qual ela trabalha. A família é composta por pai, mãe e dois filhos jovens. O pai é graduado em administração por uma instituição superior privada de Brasília e atualmente possui ações em várias empresas. Ele passou grande parte da sua carreira como bancário. A mãe é formada em psicologia por uma universidade pública de prestígio de Belo Horizonte e atualmente é professora das séries iniciais do ensino fundamental na Rede Municipal de Educação. O filho mais velho do casal tem 19 anos e é estudante do quarto período de administração em uma faculdade privada. Ele também trabalha em uma das empresas na qual o pai possui ações. O filho mais novo, por sua vez, tem 15 anos, cursa a primeira série do ensino médio em uma escola particular localizada na mesma região onde mora.

Vale a pena reconstruir um pouco da trajetória dos patrões a fim de explicitar melhor o lugar que a leitura e a escrita ocupa em suas vidas, bem como o tipo de leitura e escrita que é preponderante no atual momento de vida do casal.

E. tem 48 anos. Ele nasceu em Belo Horizonte e é o primogênito de uma família de quatro filhos⁸³. Seu pai é aposentado e teve durante a vida uma ocupação manual: a de carpinteiro. Sua mãe, também aposentada, já trabalhou como lavadeira, mas dedicou grande parte de sua vida às atividades domésticas de sua própria casa.

Apesar da simplicidade de sua família, segundo relata, E., que na sua infância morava na periferia de Belo Horizonte, freqüentou durante aproximadamente três anos um jardim de infância privado. Coursou o primário em escola pública e da quinta série em diante em uma escola particular. Passou a custear sua própria escola quando iniciou o primeiro ano do científico, período em que começou a trabalhar como bancário. O sonho de fazer medicina cedeu lugar ao ingresso no curso superior de Administração em uma faculdade particular, já que foi três vezes

⁸³ De todos os irmãos, E. parece ter sido o que possui mais capital escolar e econômico. Um dos seus irmãos é taxista, a única irmã é dona-de-casa e o irmão caçula, assim como ele, possui participação em empresa de consignação bancária (no entanto, possui uma escolaridade menor, visto que cursou apenas parte do curso superior de Administração).

reprovado no vestibular para medicina. Durante o curso de graduação em Administração, trabalhou como bancário. Em todo esse período o trabalho se apresentou como prioridade em sua vida. Em função do trabalho, chegou a interromper os estudos em Belo Horizonte, para continuá-los em Brasília. Posteriormente à conclusão do seu curso superior (que ocorreu aos 27 anos), realizou pós-graduação na área de finanças também em uma faculdade particular e outros cursos de menor duração. O estudo de língua estrangeira também acompanha sua formação (tendo inclusive feito um curso de inglês no Canadá), algumas vezes custeado pelos bancos nos quais trabalhou, e outras vezes custeado por ele próprio.

Como pôde ser visto no parágrafo anterior, a trajetória escolar de E. está relacionada a sua trajetória profissional. É provável que a escolha do curso superior esteja relacionada ao trabalho como bancário que já desenvolvia. Em relação ao seu percurso profissional, é importante dizer que, posteriormente à formatura em Administração, E. trabalhou em vários bancos privados diferentes e chegou a altas posições. Devido às suas promoções e mudanças de emprego, mudou para algumas cidades brasileiras, tais como Brasília (1982), Belo Horizonte (1986), Rio de Janeiro (1998), São Paulo (1992), Salvador (1994), São Paulo (2002), Belo Horizonte (2004). Com exceção da primeira mudança, em todas as outras ele foi acompanhado de sua família. Há pouco mais de um ano, E. abandonou o trabalho no banco para se tornar, nas suas palavras, micro-empresário. Atualmente, possui participação em empresas do ramo financeiro e da engenharia. Trabalha de 09h às 19h e não leva parte do trabalho para ser feito em casa.

Os relatos de E. sobre suas práticas de leitura evidenciam o quanto elas são diversificadas, demonstrando o caráter heterogêneo das disposições, descrito por Lahire (2006) e comentado no capítulo 1. Ele lê *best sellers*, clássicos da literatura, *Bíblia*, revista *Veja*, revista *O2* (esportiva), jornal, livros especializados em assuntos de seu interesse, como a Gestão (no caso do trabalho) e *Blues* (lazer). E. parece ter sido muito autônomo na construção de suas disposições como leitor, não tendo influências fortes da família ou da escola⁸⁴. Talvez por isso, ele tenha construído uma relação de mais liberdade nas suas escolhas de leitura:

⁸⁴ E. marca sua posição de diferenciação dos pais, tanto no aspecto econômico como cultural. É interessante notar que o toque do seu celular é “Tema da vitória”, música tocada quando Ayrton Senna vencida as corridas e, hoje, quando Felipe Massa vence, o que remete à idéia de que ele é um vitorioso. Originário dos meios populares, ele possui uma escolarização considerada elevada para o seu meio e conquistou uma carreira profissional de sucesso: “venceu na vida”. Quanto à escola, é possível dizer que a formação universitária teve influência na construção de suas prioridades de leitura. Entretanto, vale ressaltar que o acesso às leituras descritas por ele se deu em grande parte no trabalho (biblioteca do banco) ou por causa dele.

(...) eu leio também qualquer coisa...eu não tenho esse pudor...essa babaquice de falar que leio só uma coisa...que sou especialista nisso...não tem nada disso pra mim...leitura pra mim é lazer e aprendizado...viagem mesmo...então...tudo que você pensar de Sidney Sheldon...(...) até tudo que você pensar de Aluizio Azevedo (Entrevista 1 – 15/09/2007)

Os horários e locais escolhidos por E. para realizar suas leituras são variados. A própria Graça apontou o padrão como sendo o primeiro a pegar para ler, durante o almoço, as revistas *Veja* que chegam à residência da família. Ele também afirma que lê antes de dormir e entre intervalos de atividades. Atualmente, a forma de aquisição privilegiada dos livros é a compra. Em outros tempos, quando era bancário, tomava livros emprestados na biblioteca do próprio banco. Ao contrário do que eu esperava, esses últimos livros não eram profissionais, e sim literários. Entretanto, os livros profissionais da área da gestão também são citados por ele, de modo que chega a atribuir à leitura, embora com certa dúvida, o seu sucesso profissional.

T., a patroa, por sua vez, tem 47 anos. Nascida em Belo Horizonte, ela é a sexta filha de uma família de 11 irmãos⁸⁵. Seu pai é aposentado e trabalhou com serviços gerais em diferentes empresas. Ele reside hoje com sua esposa que é dona-de-casa e já trabalhou como costureira.

Assim como pelo menos quatro de suas irmãs, T. formou-se no curso de magistério, aos 18 anos, em uma instituição pública reconhecida, em Belo Horizonte. Um pouco mais tarde, aos 30 anos de idade, devido ao ingresso no mercado de trabalho, ao casamento e também à maternidade, concluiu o curso superior em Psicologia em uma universidade pública de prestígio. Atualmente, continua o estudo na área da Psicologia, em um curso livre sobre Psicologia do Autoconhecimento.

Um ano após a sua formatura no curso de magistério, começou a trabalhar em uma escola municipal de Belo Horizonte, como professora alfabetizadora. No momento da pesquisa, excluídos dois momentos de interrupção do trabalho como professora, T. havia completado 17 anos no exercício dessa função. Os motivos para as interrupções do seu trabalho⁸⁶ foram o acompanhamento do marido em uma de suas transferências de cidade e uma gravidez. Atualmente, ela trabalha no turno da tarde na escola. No turno da manhã, em casa, costuma

⁸⁵ Das suas irmãs, cinco são professoras (4 professoras primárias e 1 professora de matemática), uma é contadora, um irmão é porteiro aposentado, e três irmãos são técnicos aposentados da CEMIG (Companhia de Eletricidade do Estado de Minas Gerais).

⁸⁶ Nesses momentos de interrupção do trabalho como professora, atuou como telefonista e recepcionista de um dos bancos no qual o marido trabalhou.

realizar parte de seu trabalho como professora: como a preparação de atividades para os alunos e a escrita de relatórios.

Graça está presente na residência da família em muitos momentos em que T. trabalha em casa, embora não possa observar o que a patroa faz, já que está ocupada com suas tarefas na cozinha. É sobre a mesa da sala de jantar que T. espalha seus papéis e trabalha na elaboração de atividades para seus alunos. Para isso, faz uso de seus próprios livros, de livros da escola e também de atividades antigas elaboradas por ela. Além dessas práticas de leitura e de escrita inerentes ao cotidiano de sua atividade profissional como professora, T. realiza a leitura da revista *Nova Escola* (publicação de divulgação sobre temas da área educacional), de que é assinante.

Além disso, há dez anos, faz parte de um grupo de estudos com o tema Psicologia do Autoconhecimento. Para participar das atividades desse grupo, que acontecem duas vezes por semana, realiza constantes leituras. As leituras indicadas são livros publicados pelos próprios professores do curso. Ela geralmente os compra ou os toma emprestado na biblioteca da escola. A participação no grupo de estudos também rendeu à T. o estudo de uma língua estrangeira. Como grande parte das publicações está escrita em espanhol, ela encontrou motivação para estudar a língua. Além disso, como o curso é oferecido em uma escola internacional, os participantes podem participar de congressos no Brasil e no exterior. T. já esteve na Grécia, em um desses seminários.

Em termos gerais, as práticas culturais da família são diversificadas. Além das práticas de leitura que foram descritas acima, E. pratica corrida regularmente, assiste novela, bebe cerveja com os amigos, promove encontros para cantar e tocar violão⁸⁷, assiste aos filmes locados⁸⁸ - seus filmes preferidos são os de ação. Diferentemente do marido, T. tem preferência por ir ao cinema assistir a filmes de arte. Em muitas dessas ocasiões, ela vai sozinha. O casal também possui uma casa de campo onde costuma descansar com os filhos nos finais de semana e feriados.

O tema “emprego doméstico” também foi abordado nas entrevistas com os patrões e merece ser explorado no perfil das famílias empregadoras, uma vez que as concepções sobre esse

⁸⁷ A presença da música parece ser forte na vida de E.. As cantorias com os amigos já resultaram em gravação de CD caseiro. Entre suas preferências, estão artistas consagrados da música popular brasileira, como Caetano, Gilberto Gil, Chico Buarque e Djavan. Vale dizer que o filho caçula do casal está aprendendo a tocar violão em um curso livre de música.

⁸⁸ Pergunto sobre o local de empréstimo das fitas e ele me diz o nome de duas locadoras – Companhia do Vídeo e *BlocBuster*. A preferência da família é a locadora *BlockBuster* devido ao preço. Sabe-se que nesse estabelecimento os DVDs mais encontrados são os lançamentos, sobretudo de filmes comerciais.

tipo de trabalho, bem como as expectativas que têm sobre as atividades da empregada doméstica, serão importantes na análise do objeto dessa pesquisa.

E. atribui ao casamento a necessidade de contratar uma empregada doméstica, antes mesmo de o primeiro filho nascer. Ele diz que a esposa exigia a sua participação na limpeza da casa, mas ele não tinha idéia de como fazer⁸⁹. Para não trazer desavenças logo no início do casamento, relata ter diminuído os gastos que tinha consigo próprio para admitir uma doméstica. T. sustenta a afirmação do marido sobre a necessidade do contrato de uma empregada para resolver os atritos que tinham em função da tentativa de divisão das tarefas domésticas no início do casamento. A primeira pessoa contratada foi a irmã caçula do seu marido, que naquele momento estava desempregada. Posteriormente, outra cunhada que ficou desempregada, também irmã de E., assumiu a função⁹⁰.

O casal apenas contratou alguém que não era da família quando se mudou para Salvador. Nessa época, eles convidaram uma vizinha da mãe de E. para trabalhar para a família. Os patrões não gostaram da experiência de ter alguém estranho morando junto à família devido à falta de liberdade que sentiram em sua própria casa, tanto que ao retornarem para Belo Horizonte, decidiram empregar alguém que não mais dormisse na residência. Foi nesse momento que Graça foi contratada.

Na conversa com E. sobre que características teria uma boa empregada doméstica, ele ressalta aspectos que a maioria dos brasileiros apontam, conforme salienta Vidal (2007)⁹¹ em sua pesquisa, tais como a confiança e o caráter. Para ele, precisa ser alguém que vai tratar bem os filhos, principalmente se esses são crianças e, nas suas palavras, “não sabem se defender”. E. também valoriza o caráter no sentido da disposição para o trabalho honesto apesar das adversidades de uma vida sofrida, resultado da pobreza⁹². Ele foi o único patrão que falou sobre a higiene como uma característica indispensável em uma empregada doméstica⁹³.

⁸⁹ Em sua família de origem, era sua mãe quem cuidava da limpeza da casa e do preparo das refeições. Ele nunca participou das tarefas domésticas de sua casa.

⁹⁰ Brites (2000) refere-se a Flandrin (1991), autor que estudou a história do serviço doméstico. A autora diz que, para Flandrin, “na sociedade antiga, fazer parte da criadagem, antes de significar desprestígio, demonstrava uma solidariedade de linhagem. (...) A solidariedade da linhagem repousava no princípio honra, pelo qual tanto um parente abastado teria obrigação de tomar os menos afortunados para servir em sua casa, quanto eles tinham como dever predispor-se a servi-lo (p.62).

⁹¹ Ver: Vidal (2007, p.177).

⁹² Aliás, a trajetória dele próprio pode ser percebida nesse sentido.

⁹³ Ele diz: “Primeiro de tudo...eu sou nojento...assim...com higiene...então não deixo ninguém entrar aqui em casa/ninguém...os meninos/...entrar aqui em casa sem que passe no banheiro e lave as mãos primeiro...então...na minha

T., por sua vez, também ressalta a confiança como uma característica imprescindível a uma boa doméstica. Ela também fala de empatia⁹⁴, necessária para que uma relação possa se estabelecer e da importância de ter uma indicação para que o contrato de trabalho possa ser feito. Em sua perspectiva, a qualidade do trabalho doméstico é uma característica que fica em segundo plano. A prioridade é ter os filhos bem acolhidos e não uma casa “impecável”.

Sobre a contratação, também como a maioria dos brasileiros, E. prima pelo contrato via indicação. Para ele, as agências de emprego doméstico não estão preocupadas com o bem estar das famílias empregadoras e sim com o lucro. Dessa forma, não contrataria alguém de quem não teve boas referências, sendo que o adjetivo “boa” está relacionado às características anteriormente ressaltadas: a confiança, o caráter e a higiene. Então, quando pergunto se ele contrataria uma empregada que não soubesse ler e escrever, ele diz:

E: Se dependesse só de mim? Se ela fosse bem indicada...lembra que a minha base são duas...é cuidar bem dos meus filhos e higiene...pra mim tudo bem não saber ler...o que que eu faria...eu procuraria comunicar com ela verbalmente...da melhor forma e pedir pra ela repetir...repita...entendeu...é assim que eu faria...agora...evitaria...se eu tivesse duas pessoas, né...com a mesma base...e uma soubesse ler e a outra não...eu optaria pela que soubesse ler...tá claro isso?...então...em igualdade de condições...seria obviamente a que soubesse ler... (Entrevista 1 – 15/09/2007)

Para a casa “funcionar”, E. é o responsável pelo provimento financeiro. É ele quem paga a grande maioria das contas. As tarefas relacionadas ao funcionamento da casa, por outro lado, tais como a realização das compras mensais, o reparo de algum item, a contratação de algum profissional, são de responsabilidade de sua esposa e de um amigo que ele contratou e a quem chama de “meu *personal house*”.

É T. quem efetivamente assessora o trabalho de Graça. É ela que define o cardápio do almoço, que faz a lista de compras, que verifica a qualidade do serviço e eventualmente requisita que a empregada refaça algo. Para T., sua participação é hoje bastante pequena, visto que Graça já conhece bem a rotina de sua família. Ela comenta ter dado mais atenção à Graça no seu período de adaptação no emprego e eventualmente quando deseja que um prato novo seja

opinião...a primeira coisa é higiene...principalmente em relação à comida...em relação à mão...com relação a manuseio...isso pra mim é primordial.” (Entrevista 1 – 15/09/2007)

⁹⁴ T. fala sobre a dificuldade para ter empatia com as candidatas ao emprego doméstico em sua residência, momentos antes do contrato de Graça, o que lhe causou grande preocupação em virtude de aversão em realizar as atividades domésticas.

preparado. Nesses momentos, seleciona uma receita culinária, lê e explica para a empregada como ela deve proceder.

2.1.3. Rotina

Graça define sua rotina de trabalho como sendo um “serviço normal”, “do dia-a-dia mesmo”. Entre as atividades relatadas por ela, estão: a limpeza da casa⁹⁵, o preparo do almoço e a lavagem das roupas.

Após um percurso de uma hora e meia em dois ônibus diferentes, Graça chega ao bairro onde se localiza a casa da família empregadora. Antes de chegar na residência da família, ela compra os pães para o café da manhã. Assim que chega no trabalho, troca de roupa e lava as vasilhas sujas no dia anterior que se encontram dentro da pia. Posteriormente, coloca roupa na máquina de lavar⁹⁶, arruma as camas, recolhe o lixo e o coloca na lixeira do edifício. É comum que ela se encontre com os patrões na parte da manhã. Eles tomam café manhã na mesa da cozinha e conversam com Graça enquanto ela lava as vasilhas. Também é freqüente a escuta do rádio, na estação *Itatiaia*, enquanto trabalha na cozinha ou na área de serviço.

Depois de realizadas essas primeiras tarefas, o relógio já indica 10h 30min da manhã e ela se dedica ao preparo do almoço cujo cardápio foi definido pela patroa. Poucos minutos após às 11h os membros da família chegam para almoçar⁹⁷. Por vezes, Graça almoça no mesmo horário do que eles; outras vezes almoça antes da família e em outras, depois.

Terminado o almoço, lava todas as vasilhas e louças que estão sujas e deixa a cozinha organizada⁹⁸. A parte da tarde é dedicada à limpeza da maior parte dos cômodos do apartamento, tais como os quartos, banheiros e salas. A cada dia Graça alterna a limpeza dos cômodos, de modo que, por exemplo, nem todos os banheiros sejam limpos todos os dias, mas pelo menos duas vezes por semana.

É também na parte da tarde que ela faz limpezas específicas, como a limpeza da escada que liga o primeiro ao segundo piso do apartamento e a limpeza da área de churrasco (onde a

⁹⁵ A família reside em um apartamento duplex, com 3 quartos, 1 escritório, 2 salas, 4 banheiros e dependência de empregada (composta de banheiro e quarto).

⁹⁶ A pedido de Graça, a família também conta com o serviço de uma passadeira aos sábados.

⁹⁷ Por necessidade imposta pelo cotidiano diferente de cada membro da família, algumas vezes a família não almoça reunida.

⁹⁸ Após retornar de São Paulo, a família empregadora passou a residir em um novo apartamento na capital mineira. Nessa nova residência, foi Graça quem organizou a cozinha, escolhendo o local onde seriam guardados os pratos, as panelas, os mantimentos, etc.

cadela permanece). Aos sábados, troca os lençóis, prepara o almoço e, eventualmente, realiza uma faxina na área de churrasco (realizada por necessidade, “quando vejo que tá muito empoeirado”) ou se dedica à limpeza das janelas (“eles [os vidros] não suja muito...só quando chove mesmo...eles fica todo respingado aí eu tenho que dar uma limpada”).

Ao final dessas tarefas, que terminam por volta de 14h 45min, Graça se define exausta. Nesses últimos momentos na casa da família, confere todos os banheiros, observando se há lixo para ser recolhido ou roupas para serem colocadas de molho; verifica se a área de churrasco está limpa ou se precisa de “retoques”. Finalmente, quando ainda sobra algum tempo, dedica-se a tirar poeira dos móveis da sala para facilitar o seu trabalho no dia seguinte. Ela toma seu banho e vai embora por volta das 16h. Eventualmente, relata que o patrão liga para comunicar que um profissional⁹⁹ (marceneiro, bombeiro, etc) irá ao apartamento realizar algum reparo ou instalação e pede para que ela o receba.

Também pergunto à Graça se ela realiza compras para a família no comércio local. Ela me diz que, em todas as segundas-feiras, é de sua responsabilidade comprar frutas, verduras e legumes no hortifrutigranjeiro que se localiza a poucas quadras do seu trabalho. Algumas vezes ela desce do ônibus e já se dirige ao “sacolão”, antes de chegar à casa da família. Compra “fiado”¹⁰⁰ e paga no final da tarde, quando está voltando para sua casa. Em outros momentos, ela leva a lista de compras escrita pela patroa. Tive acesso a uma dessas listas que contava com vinte e dois itens, entre os quais constavam frutas, legumes, verduras e ovos. A quantidade de cada item é definida por Graça. Relata também que eventualmente entrega DVDs na locadora a pedido da patroa e leva um terno do patrão para ser lavado na lavanderia. O pagamento desses serviços também é feito por Graça, sempre acompanhado da entrega dos recibos à patroa. A correria do dia-a-dia diminui por volta de 17h 40min, quando chega em casa e brinca um pouco com sua neta. Em dias de entrega ou cobrança dos cosméticos vendidos, ela chega em casa mais tarde.

⁹⁹ No dia da primeira entrevista, vi Graça receber um marceneiro. Nós interrompemos nossa conversa e ela lhe mostrou onde era o banheiro que receberia um armário novo. Ele tirou as medidas e foi embora. Disse que faria o orçamento e entraria em contato com E. posteriormente.

¹⁰⁰ Ela diz que o pessoal já a conhece e que ela não tem dificuldades em comprar “fiado”. Recebe uma nota do estabelecimento, mostra para a patroa, que lhe dá o dinheiro para que ela própria faça o pagamento.

2.2. Suely

2.2.1. Perfil

Suely tem 37 anos e é casada. Ela nasceu em Belo Horizonte. Pouco tempo após o seu nascimento, seus pais se separaram. Foi criada pela mãe (65 anos), empregada doméstica aposentada, e pelo padrasto (bombeiro). É a quarta filha (a última do primeiro casamento de sua mãe) de uma família de oito filhos¹⁰¹. Seus três irmãos homens possuem ou possuíram as seguintes ocupações: eletricista, pintor de carro e segurança. Das quatro irmãs, duas são donas-de-casa, uma trabalha com serviços gerais e a mais nova é estudante do ensino médio. Suely quase não conviveu com o pai, que foi pedreiro e faleceu há dois anos.

Desde a adolescência Suely reside no bairro Palmares, em Belo Horizonte (limite entre as regiões *Cachoeirinha* e *Cristiano Machado*). Em sua residência, ela vive com o marido, que é pintor de casas e pastor em duas igrejas evangélicas de origem neopentecostal, e com a filha de seis anos que estuda em horário integral em uma escola municipal de Belo Horizonte. No mesmo lote, há mais quatro casas construídas: três delas de irmãos do seu marido e uma delas de sua sogra recém falecida.

Assim como Graça, Suely não chegou a concluir a 5ª série. Coursou o primário em uma escola municipal de Belo Horizonte e parte da 5ª série em uma escola estadual. Parou de estudar aos 13/14 anos, embora tenha tido duas tentativas de retorno: uma em uma escola estadual e outra em um supletivo mantido pela igreja.

Suely atribui o abandono da escola ao desejo que tinha pela independência financeira, relatada por ela como ter dinheiro para se vestir e calçar adequadamente em um momento de sua vida no qual havia começado a namorar. Seu relato indica que ela deixou a escola justamente após seu ingresso como empregada doméstica em uma casa de família. Antes disso, já trabalhava. Entretanto, o trabalho como babá que desenvolvia desde os dez anos de idade na parte da manhã ainda permitia que ela estudasse no período da tarde. Tudo leva a crer que a proposta do emprego doméstico era mais vantajosa em termos financeiros. Assim, nota-se que Suely conseguiu conciliar por pouco tempo trabalho e estudo.

Das lembranças que tem sobre as tarefas escolares, não se recorda de ter tido ajuda em casa. Ela se apoiava em alguns livros didáticos dos irmãos mais velhos que, além do calendário, eram os únicos materiais escritos que se lembra de ver em casa. Levava as atividades que não

¹⁰¹ Os seus outros três irmãos do primeiro casamento de sua mãe não chegaram a concluir a quarta-série do primário.

conseguia fazer sozinha para a escola e pedia auxílio de algum colega. Raramente um de seus irmãos mais velhos a ajudava. Sua mãe é analfabeta.

Como foi dito anteriormente, após ter abandonado a escola, Suely tentou retomar os estudos por duas vezes. Na primeira vez, ela se matriculou em uma escola estadual, mas não suportou a diferença de idade que tinha em relação aos colegas. Na segunda vez, relatou dificuldades em conciliar o casamento aos estudos e referiu-se também às despesas com o deslocamento para a escola que pesavam sobre seu orçamento. Nas duas situações, diz que os constantes dizeres das pessoas sobre a necessidade de se escolarizar para alcançar bons empregos contribuíram para que ela voltasse a estudar. Ao analisar a sua evasão escolar, ela atribui a culpa a si própria, que não teve empenho suficiente. Hoje, Suely diz não ter mais ânimo para retomar os estudos. Sua atenção está voltada para a escolarização de sua única filha e para o casamento.

O ingresso de Suely na atual família empregadora aconteceu quinze anos após a sua inserção como babá, logo, doze anos após seu distanciamento dos bancos escolares. É a única empregada pesquisada que teve sua mãe como responsável direta na sua colocação como babá e também como empregada doméstica no mercado de trabalho (vale lembrar que sua mãe trabalhou com doméstica até se aposentar). Assim, no caso de seu atual trabalho, da mesma forma como ocorreu em admissões anteriores para outras casas de família, o ingresso se deu por intermédio de sua mãe, que no momento era faxineira da casa onde ela atualmente trabalha. Os patrões requisitaram à faxineira que indicasse uma empregada que pudesse trabalhar diariamente na residência da família e ela indicou a própria filha, que no momento trabalhava como artesã, confeccionando bijuteiras. Foi também com a mãe que Suely relata ter aprendido a fazer “o serviço de casa”.

A família para a qual Suely trabalha reside em Belo Horizonteno, no bairro Cidade Nova, região nomeada como *Cristiano Machado* (ver mapa abaixo). De todas as empregadas pesquisadas, ela mora mais próximo ao trabalho. Trabalha de segunda à sexta-feira, no horário de 08h às 17h. Em momentos anteriores, seu horário de trabalho já foi flexível. Atualmente não o é, pois é ela quem leva (e busca) sua filha para a escola e tem, portanto, a obrigação de cumprir com os horários de saída e entrada de alunos, determinados pela escola.

As diferenças sociais entre o local de moradia de Suely e o de seus patrões são as menos evidentes entre os quatro casos pesquisados. Já foi dito que Suely vive no limite entre duas

regiões. Se considerarmos que ela reside na região *Cachoeirinha*¹⁰² (região em maior desvantagem social quando comparada a sua região vizinha *Cristiano Machado*), percebemos algumas diferenças sociais que, se não são abissais, podem ser consideradas relevantes para a qualidade de vida. A região *Cachoeirinha* encontra-se classificada no nível intermediário de analfabetismo (em uma escala de três níveis) de Belo Horizonte, de 4.200 a 895 residentes analfabetos, com uma taxa de alfabetismo de 96,67% de seus residentes. Nessa região, o índice de vulnerabilidade social foi classificado como o terceiro da capital (em uma escala de 5 níveis). Em relação ao número de moradores mestres e doutores, a região *Cachoeirinha* possui o menor indicador em uma escala de três níveis, de 25 a 01. Por outro lado, a região de moradia dos patrões, *Cristiano Machado*, apresenta alguns dados que diferenciam as regiões em termos sociais. A taxa de analfabetismo é a intermediária (assim como a da região de *Suely*), entretanto, a porcentagem de alfabetismo é ligeiramente superior, 98,22%. O índice de vulnerabilidade social é melhor em uma gradação, ou seja, é o segundo menor de Belo Horizonte. Entre as duas regiões, os números de mestres e doutores são os que mais se diferenciam. Na região onde moram os patrões, entre 253 a 107 residentes apresentam esse grau de escolaridade, classificando-se na faixa mais elevada de número de mestres e doutores da capital.

¹⁰² A escolha por apresentar a moradia de *Suely* na região *Cachoeirinha* é possível pela observação das duas regiões feita por mim. Mesmo estando no limite entre as duas regiões, o bairro de *Suely* é visivelmente mais pobre do que o de seus patrões.

**BAIRROS E REGIONAIS
MUNICÍPIO DE BELO HORIZONTE
2002**

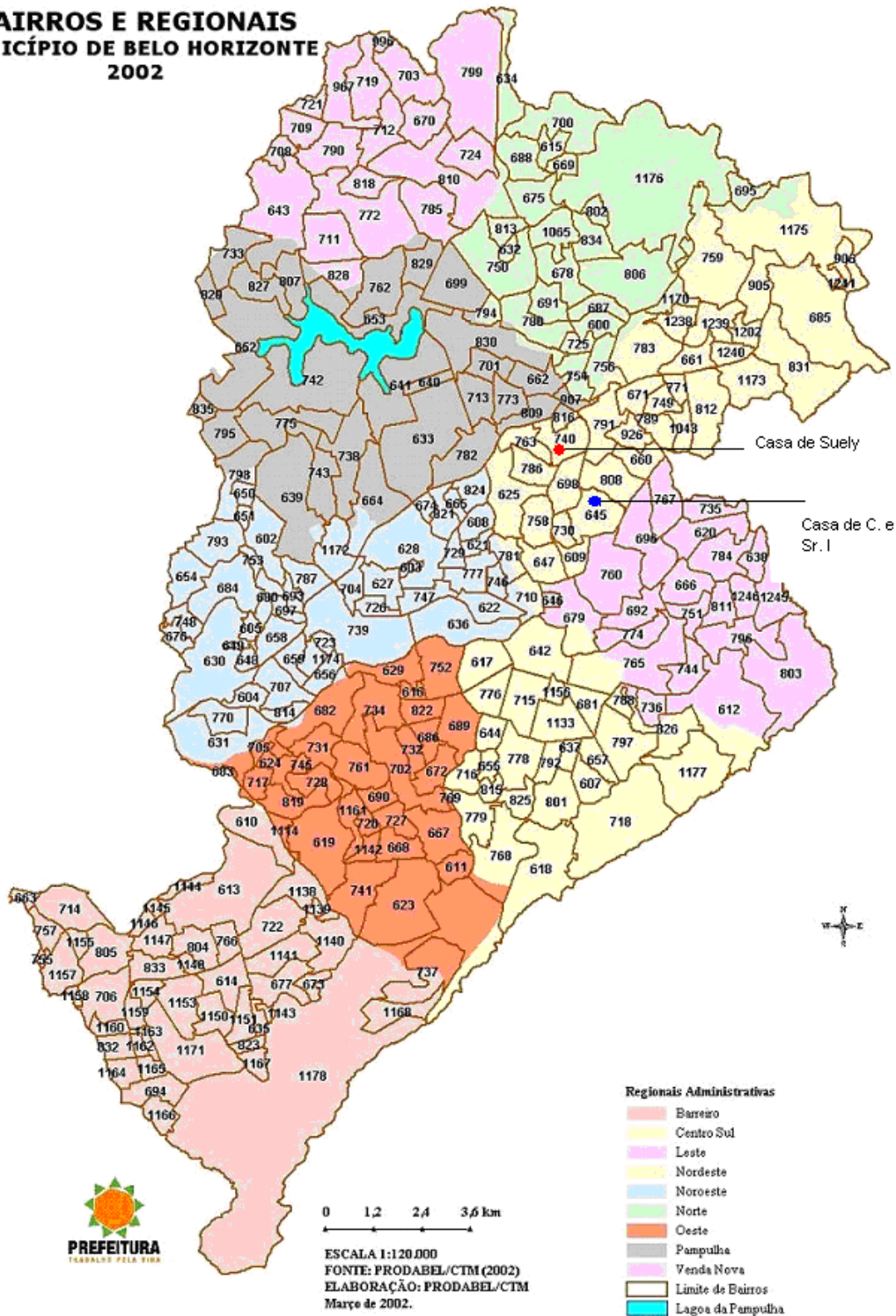


Figura 2 – Mapa da localização das residências de Suely e dos seus patrões na cidade de Belo Horizonte.
Fonte: Prefeitura de Belo Horizonte

Suely é a empregada mais jovem pesquisada e também a que se inseriu no serviço doméstico mais cedo, aos dez anos de idade. Como foi dito, seu primeiro contrato no serviço doméstico foi como babá, embora ela realizasse outras tarefas além do cuidado do bebê¹⁰³. O bebê em questão era o filho de sua professora primária. Nessa época, trabalhava no período da manhã e freqüentava a escola no período da tarde. Nas memórias que tem desse período, relata ter sido grande a responsabilidade de, com tão pouca idade, cuidar de uma criança, arrumar a casa e depois estudar. Nessa residência, permaneceu por três anos.

O segundo trabalho de Suely foi como empregada doméstica e seu início coincide com o abandono da escola. Pela primeira vez, ela passou a residir com a família empregadora, o que provavelmente dificultou a continuidade dos estudos. Nessa família, Suely tinha por obrigação realizar todas as atividades domésticas: limpeza da casa, almoço, lavagem das roupas, etc. Nesse trabalho ela passou grande parte da sua adolescência: dos 13 aos 17 anos e, após breve interrupção, voltou a trabalhar para a família por mais algum tempo. Os relatos sobre esse período são poucos. Pergunto sobre possíveis dificuldades encontradas e ela disse ter encarado o serviço de forma mais tranqüila do que no primeiro trabalho. Suely destaca a possibilidade de ter seu próprio dinheiro como uma das grandes vantagens desse período. Conforme apontado por Brandt (2002), muitas vezes o emprego doméstico possibilita melhoria nas condições de vida de seus trabalhadores, levando-os a ter, muitas vezes, uma imagem positiva dele.

O terceiro emprego de Suely também foi como empregada doméstica. Ela foi indicada para trabalhar nessa família pela patroa de seu segundo emprego. Ela não sabe ao certo quantos anos trabalhou nessa residência. O fato é que saiu de lá aos 23 anos, após o seu casamento. Começou dormindo no emprego e depois passou a ir e voltar todos os dias.

De todas as empregadas pesquisadas, Suely é a única que não apresenta em seus relatos dificuldades quanto à aprendizagem da maneira como realizar o serviço doméstico em um espaço que, embora doméstico, é de outro (que pertence a um outro meio social). Talvez isso seja reflexo da tentativa que tive de inverter os temas da entrevista. No caso de Suely, ao invés de abordar na primeira entrevista a rotina de seu trabalho na família empregadora (resultado da dificuldade em obter relatos mais detalhados sobre a rotina de trabalho), decidi abordar sua trajetória profissional. Essa escolha pode não ter sido adequada, uma vez que em seu segundo contato

¹⁰³ De acordo com Brandt (2002, p.146), entre as empregadas domésticas e entre as babás, é comum a extensão das tarefas além daquelas combinadas no momento do contrato.

comigo (o primeiro se deu em uma conversa rápida, para que eu selecionasse os sujeitos) ela já me contou sobre sua inserção no serviço doméstico e todas as implicações que isso teve para a sua vida. Por outro lado, a naturalidade com que Suely parece ter encarado as tarefas domésticas pode estar relacionada ao fato de sua mãe ter sido empregada doméstica durante praticamente toda a sua vida¹⁰⁴. Vale ressaltar que ela diz ter aprendido com a mãe (e não com as patroas) como realizar as atividades domésticas. Além disso, ela foi a empregada que se inseriu mais precocemente nessa atividade profissional.

Assim, em uma entrevista posterior, pergunto à Suely como ela soube quais deveriam ser as suas tarefas no seu trabalho na casa da atual família empregadora. De acordo com o que me contou, logo na admissão do emprego, a patroa deixou claro quais eram suas expectativas ao dizer o que gostaria que estivesse pronto antes do almoço. Relata ainda que a patroa “não é de ficar falando” suas tarefas cotidianamente e, por isso, diz ter muita liberdade. Enfim, Suely diz saber o que deve ser feito (para ela, todas as domésticas sabem) e realiza suas tarefas autonomamente. Acentua ser ela quem escolhe o cardápio do almoço e também ser ela quem escolhe o local onde guardar utensílios ou alimentos. Vale ressaltar que todas as quatro empregadas entrevistadas avaliam positivamente a autonomia que têm no gerenciamento de suas atividades.

Além do trabalho de empregada doméstica e de babá, Suely teve outras duas experiências profissionais, ambas nos intervalos de suas ocupações em casas de família: uma como auxiliar de limpeza em uma academia de esportes e outra como artesã na confecção de bijuterias (realizava o acabamento de bijuterias montadas por outra artesã). É interessante notar o caráter temporário dessas atividades que foi acompanhado de pouca mobilização para permanecer nelas.

Assim como Graça, Suely vende cosméticos paralelamente ao trabalho como empregada doméstica. Ela não é consultora direta de nenhuma empresa de cosméticos. No entanto, possui contato com consultoras que lhe repassam as mercadorias. Diz não ter pretensões financeiras com essa atividade. Muitas vendas são realizadas com o objetivo de receber produtos em troca.

De todas as empregadas domésticas pesquisadas, Suely é quem possui uma participação mais intensa na religião evangélica. Ela é praticante dessa religião desde que se casou. Já

¹⁰⁴ Lahire (2002) afirma que alguns hábitos são incorporados durante a infância e a adolescência e não são percebidos dessa maneira. Assim, a observação da execução de determinada tarefa por inúmeras vezes faz com que, posteriormente, essa tarefa seja executada pelo sujeito de forma quase automática. Ele exemplifica narrando o caso de uma feminista, contrária às atividades domésticas durante a adolescência e que, após se casar, tornou-se uma grande cozinheira. Ela despertou disposições que estavam adormecidas.

participou de pelo menos três igrejas evangélicas diferentes. Atualmente frequenta a igreja onde o marido trabalha como pastor, às quartas-feiras e aos domingos. Sua filha frequenta a escola dominical. Em sua residência, são encontrados predominantemente¹⁰⁵ CDs, DVDs¹⁰⁶, livros e revistas evangélicos. A predominância da leitura religiosa na família será tratada mais adiante. Antes de se casar, freqüentava esporadicamente a igreja católica.

Além da prática religiosa, Suely e sua família possuem outras práticas culturais. Entre suas atividades de fim-de-semana, relata ir ao clube campestre (com a filha, o marido e outros parentes), visitar a sua mãe, ir ao shopping ou ao Parque Municipal. Os aniversários da única filha são usualmente comemorados. Nessas ocasiões, a família empregadora é convidada a participar¹⁰⁷.

2.2.2. Breve perfil da família empregadora

Se, no caso de Suely, as diferenças sociais dos locais de residência (dela e de seus empregadores) são as menos emblemáticas, o mesmo não pode ser dito quanto à ocupação e à escolarização dos membros da família para a qual ela trabalha. A família reside no bairro Cidade Nova e compõe-se do casal e de dois filhos. O pai é doutor em medicina e professor universitário de uma prestigiosa universidade pública há 31 anos. A mãe é especialista em saúde pública e aposentada como funcionária pública da área da saúde e também como professora universitária de uma prestigiosa universidade confessional. O filho mais velho do casal (28 anos) atualmente reside no exterior, onde cursa doutorado. A filha caçula (25 anos) reside com a família e é aluna de mestrado.

É interessante notar que, nesse caso, ambos os empregadores são professores universitários. Vale ressaltar que, para a seleção dos casos, não foi intencional a escolha por padrões professores universitários. No entanto, a busca por lares letrados que contavam com o serviço de uma empregada doméstica pouco escolarizada, levou-me ao encontro desses padrões professores. Como foi feito para o caso anterior, vale a pena reconstruir a trajetória dessa família.

¹⁰⁵ Além dos CDs evangélicos pude ver alguns títulos de “música sertaneja” e da “música internacional” que, segundo Suely, são de outra fase da vida do casal, antes de se converterem à religião evangélica. Os DVDs da filha do casal são diversificados: além dos evangélicos, há filmes da produção comercial norte-americana, brasileira e latino-americana.

¹⁰⁶ Além dos DVDs com pregações de pastores de diferentes regiões do Brasil, há, na casa de Suely, três DVDs com filmagens de casamentos celebrados por seu marido.

¹⁰⁷ Suely nunca participou das comemorações da família empregadora. Esse tema será tratado mais à frente.

Sr. I.¹⁰⁸ nasceu em uma cidade mineira localizada no Vale do Mucuri e tem 57 anos. É o primogênito de uma família de nove filhos¹⁰⁹. Seu pai trabalhou como funcionário público na Rede Ferroviária Federal e posteriormente como comerciante de jóias e pedras. Sua mãe fez o curso Normal, mas não chegou a atuar como professora. Ela foi dona-de-casa durante toda a vida e já contou, em sua residência, com o serviço de empregadas domésticas.

Com exceção do cursinho preparatório para o vestibular que realizou em concomitância ao final do científico, Sr. I. viveu toda a sua trajetória escolar em escolas públicas. Parte do científico foi cursada em um colégio público federal, em Belo Horizonte. Seu ingresso nessa instituição tem a mesma data de sua primeira mudança, em 1969, para a capital mineira. Dessa escola, Sr. I. saiu aprovado para ingressar no curso de medicina. Ele se formou médico em uma prestigiosa universidade pública no início da década de 1970.

Imediatamente após a formatura, foi indicado pelos seus próprios professores para trabalhar na Secretaria de Saúde. Vinculado ao trabalho, fez curso de especialização em Administração de Sistema de Saúde na Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro, onde se aproximou da temática da medicina social.

Ainda na Secretaria de Saúde, trabalhou durante o ano de 1974 em Juiz de Fora participando da criação dos centros regionais de saúde. Em 1975, retornou a Belo Horizonte, para trabalhar na Administração Central no Centro de Saúde de Tuberculose. Iniciou sua carreira universitária aos 26 anos, como professor de uma prestigiosa universidade pública. Atualmente, permanece na universidade das 8h até por volta de 20h.

Dois anos após o casamento com C., ocorrido no final da década de 1970, Sr. I. mudou para o Rio de Janeiro com a finalidade para realizar o mestrado. Ele cursou todas as disciplinas, mas não chegou a concluir a dissertação. Posteriormente, em 1988, ingressou no doutorado em uma prestigiosa universidade pública de São Paulo, tendo concluído o curso em 1996. Em São Carlos (SP), permaneceu estudando por dois anos e meio.

¹⁰⁸ Esse padrão receberá o tratamento de senhor, visto que é assim que a empregada se refere a ele. Nos outros casos, utilizam-se apenas as iniciais dos nomes dos patrões e também das patroas.

¹⁰⁹ As profissões dos seus irmãos são: advogado e empresário, professor universitário na área de Geografia, sociólogo e secretário de políticas sociais de Montes Claros. Suas irmãs, por sua vez, são: psicóloga, advogada e jornalista. Uma delas não terminou o ensino médio e encontra-se desempregada.

Sua esposa, por sua vez, tem 59 anos e nasceu no interior oeste de Minas Gerais. Ela é a segunda na fratria de uma família de cinco filhos¹¹⁰. Seu pai, já falecido, trabalhou como técnico de companhia telefônica e posteriormente foi proprietário de uma empresa de construção civil. Sua mãe é dona-de-casa e mora no andar de cima do prédio.

C. formou-se no curso Normal aos 18 anos, em uma instituição religiosa. Trabalhou durante um ano como professora primária do curso noturno. Mudou-se para Belo Horizonte aos 19 anos e trabalhou mais um ano como professora primária, também no curso noturno. Posteriormente, foi bancária por dois anos, concomitantemente aos primeiros anos do curso superior e antes de conseguir um estágio na universidade.

Ela se formou em Serviço Social, em uma universidade confessional de prestígio, no início da década de 1970, aos 23 anos. Kursou parte de uma pós-graduação em Administração Hospitalar e concluiu uma pós-graduação, desta vez em Saúde Pública, em Belo Horizonte. Atualmente cursa disciplinas isoladas do curso de mestrado e de doutorado na área da medicina.

C. é aposentada. Em sua carreira, foi funcionária pública e professora universitária. Na prefeitura de Belo Horizonte, trabalhou na implementação do programa Saúde da Família. Como funcionária federal, trabalhou no Ministério da Saúde (na época do seu ingresso, Ministério da Previdência) nas áreas de planejamento da saúde, atendimento ao usuário do sistema público de saúde e na implantação do Sistema Único de Saúde. Também trabalhou na Escola de Saúde Pública, lecionando cursos para funcionários do estado na área da saúde e para funcionários de outras prefeituras. É professora aposentada de uma prestigiosa universidade confessional, tendo lecionado na área de saúde pública para o curso de Serviço Social.

Assim, pode-se dizer que a própria ocupação de Sr. I. e de C., como a dos outros padrões professores do ensino superior entrevistados, coloca em evidência a importância das práticas de leitura e escrita¹¹¹ em suas trajetórias profissionais. No caso de Sr. I., para ser e se manter professor universitário, além da graduação, ele teve que estender sua escolarização por oito anos. Além disso, essa atividade profissional exige constante estudo para acompanhar o desenvolvimento científico do campo em que atua. Algumas das práticas de leitura e de escrita relacionadas ao trabalho do Sr. I. e relatadas por ele são a leitura de revistas científicas, de livros técnicos, do jornal da universidade, do diário de classe eletrônico e de e-mails. Outra prática de

¹¹⁰ Seu irmão é empresário e graduado em economia, duas de suas irmãs são professoras aposentadas (uma delas dos primeiros anos do ensino fundamental e a outra do ensino médio) e uma irmã é assistente social.

¹¹¹ Sr. I. queixa-se de não ler mais e com mais qualidade, devido a uma rotina agitada e à falta de disciplina pessoal.

leitura cotidiana a que ele se refere como sendo um “vício” é a leitura de jornal¹¹². Em toda a família, Sr. I. é maior adepto dos bilhetes para se comunicar com os outros membros.

C. também expõe a importância da leitura e da escrita em sua profissão. O trabalho como professora universitária exigiu dela o preparo das aulas, a elaboração de provas e trabalhos e constante leitura científica da área em que atuou. Além da leitura de livros técnicos, acompanhava e continua a acompanhar as divulgações científicas em quatro periódicos científicos que também são lidos pelo marido. O trabalho como funcionária pública na área da saúde também exige leitura específica, inclusive publicações do governo, e escrita de relatórios técnicos.

Além da leitura profissional, C. é uma grande leitora dos jornais¹¹³ *Estado de Minas* e *Folha de São Paulo*. A própria empregada¹¹⁴ relata que a patroa não sai de casa sem ler o jornal. Aliás, esse é um hábito familiar mais antigo. Seu pai lia jornal diariamente. Sobre sua mãe, ela afirma ser uma grande leitora de romances, gosto também compartilhado com ela.

De acordo com o relato de C., as práticas culturais da família são diversificadas. O casal passa grande parte do tempo livre na casa de campo que está construindo próximo a Belo Horizonte. Lá eles cuidam dos detalhes da construção da casa e da montagem do jardim. Quando estão em Belo Horizonte, costumam ir ao cinema ou jantar com amigos. Em virtude do falecimento do pai, C. também tem procurado passear com sua mãe. A filha caçula do casal tem por hábito, para divertir-se, ir ao cinema, teatro, shows e sair para dançar.

A necessidade do contrato de uma empregada doméstica nessa família assemelha-se a das outras famílias pesquisadas. Assim como outros dois casos pesquisados, o casal recorreu ao serviço de uma empregada doméstica assim que se casou. Vale lembrar que marido e mulher são provenientes de lares nos quais já havia estado presente a figura de uma doméstica. Além disso, como os dois trabalhavam o dia todo fora de casa, tornava-se necessário o auxílio de uma empregada nas tarefas domésticas. Assim como T. (patroa de Graça), C. ressalta não gostar do “serviço de casa”. A aversão das mulheres de classe média ao serviço doméstico foi apontada por Brandt (2002).

¹¹² A família é assinante dos jornais *Estado de Minas* e *Folha de São Paulo*. A revista *Veja* também tem presença constante na residência da família uma vez que é assinada pela mãe de C., que mora no andar de cima do prédio.

¹¹³ A leitura dos jornais também assume uma dimensão profissional quando C. seleciona reportagens para serem trabalhadas em sala de aula.

¹¹⁴ Além de presenciar a patroa lendo o jornal pela manhã, Suely pôde testemunhar grande parte do preparo das aulas, que eram feitas na mesa da sala de estar, na parte da tarde.

Em relação às características de uma boa empregada, C. aponta a confiança¹¹⁵ que deve ter na pessoa com quem deixará a sua casa sob responsabilidade, o conhecimento da empregada de como fazer o serviço doméstico com autonomia e uma boa relação com a patroa (deve ser possível de ser estabelecida). Sobre esse último aspecto, a patroa diz que não gosta de empregadas que conversam demais, o que, segundo ela, não é o caso de Suely. Esse parece ser um exemplo de que não se espera grande participação da empregada na vida familiar (e talvez a patroa não deseje participar intensamente na vida dela). A confiança é colocada por C. em primazia frente às outras características. Sobre a segunda característica, embora tenha sido mencionada pela patroa, percebe-se que não é muito relevante, já que, quando contratou Suely, não estava certa de seus conhecimentos culinários¹¹⁶.

No momento do contrato, C. combinou com Suely quais eram seriam suas atribuições. Ela confirma o cumprimento das mesmas tarefas descritas por Suely: a limpeza da casa e dos banheiros deveria ser feita na parte da manhã, antes do almoço. A forma com que cumpre essas tarefas e a seqüência delas é escolha da empregada.

É interessante explicitar que C. é a única patroa que afirma que não contrataria uma empregada doméstica que não soubesse ler e escrever. No entanto, após responder a pergunta, lembra-se de já ter tido uma empregada analfabeta. C., então, reconstrói seu discurso, narrando as estratégias que sua ex-empregada analfabeta usava e afirmando que se a empregada fosse “esperta”, contrataria. Vale a pena transcrever um breve trecho da entrevista com a patroa no qual ela diz:

(...) a I...como ela é muito inteligente...se você falar gato...ela entende que é gato...mas geralmente quem não sabe ler e escrever...se você falar gato...entende sapato...entendeu...então é difícil...até pra dialogar mesmo...independente de ter que escrever...eu acho que é difícil...quem não tem o hábito de ler, sabe...eu acho que fica complicado...eu não contrataria não...
(Entrevista 1 – 13/12/2007)

¹¹⁵ Para garantir que está contratando alguém confiável, C. sempre busca referência de patroas anteriores, além de tentar, sempre que possível, contratar empregadas indicadas. No caso da Suely, como já dito, ela foi indicada pela própria mãe, que era faxineira da casa no período.

¹¹⁶ No momento da entrevista para ser contratada, talvez por modéstia, como foi sugerido por seu patrão, Suely disse saber cozinhar apenas o “trivial”. A patroa, então, aproveitou seu período de férias para preparar junto com ela as refeições do almoço. Para a surpresa da patroa, ela sabia cozinhar.

Esse posicionamento da patroa coloca em questão a idéia corrente em nossa sociedade, de que analfabetismo relaciona-se à incapacidade de compreensão e à dificuldade de comunicação¹¹⁷.

De todos os empregadores homens, Sr. I. é o único que, após ter sido questionado, decide por não explicitar quais são as características de uma boa empregada doméstica. Ele diz que o quê ele pensa não têm relevância, já que em sua família quem toma todas as providências do contrato e da demissão de uma empregada doméstica e dos combinados com ela, é sua esposa. Percebemos aqui uma segregação dos papéis sociais baseada no gênero. Em nossa sociedade, é muito comum que seja a mulher a pessoa que mais se relaciona com a empregada.

Assim, hoje, grande parte das providências necessárias ao funcionamento da casa é tomada por C. É ela quem faz todas as compras (após receber a lista escrita por Suely) e é ela quem cuida da manutenção da casa, contratando profissionais¹¹⁸ diversos, tais como bombeiro, pedreiro, pintor e, também, empregada doméstica.

O conhecimento de C. do papel social ocupado pela empregada doméstica na nossa sociedade e também o seu conhecimento da opressão vivida por quem ocupa esse lugar social fazem com ela opte por não convidar a empregada para nenhuma comemoração familiar. Por outro lado, a patroa participa de algumas comemorações que Suely faz em sua residência, visitou-a na ocasião do nascimento de sua filha e compareceu em mais de uma festa de aniversário da filha da empregada. Entretanto, segue o que ela pensa sobre a presença das empregadas nas festas dos patrões:

C.: (...) o quê que eu imagino da empregada...me colocando no lugar...vamos dizer que eu trabalho num lugar e à noite vai ter uma festa...ou à tarde...puxa vida...a pessoa já trabalhou...você ainda vai chamar? E é claro que se ela ficar no aniversário ela vai acabar te ajudando também, não é...a dona da casa tá ali descabelando...atendendo as pessoas...servindo a criançada...se ela é empregada...ela não vai se colocar no lugar do convidado...não vai...então eu nunca convidei por isso...porque eu acho que vai virar...tipo um pecado mortal...podia estar lá com a família numa boa e vira mais uma obrigação...(...)
(Entrevista 1 – 13/12/2007)

Finalmente, ainda sobre o ponto de vista dos empregadores sobre o serviço doméstico, vale a pena dizer que, após o término da entrevista, C. me perguntou qual é a minha questão de

¹¹⁷ Ver: DI PIERRO e GALVÃO (2007).

¹¹⁸ Quando não pode estar em casa para receber algum desses profissionais ou para receber alguma encomenda, C. conta com o apoio de Suely. Nesses casos, Suely faz o pagamento do serviço com cheque deixado pela patroa.

estudo¹¹⁹. Eu respondi e ela, então, decidiu relatar sobre a tentativa do retorno de Suely aos estudos. C. atribui à sua posição de mulher casada, das classes populares, um dos dificultadores do seu retorno à escola. Além disso, a patroa destaca a necessidade de mobilização por parte da empregada para que possa haver mudança na relação com a leitura e a escrita ou ampliação da escolarização. Ela exemplifica narrando a história da empregada de sua cunhada que dorme na casa dos patrões e tem grande empenho nos estudos que realiza à noite.

2.2.3. Rotina

Das três empregadas domésticas entrevistadas que não moram nas casas das famílias empregadoras, Suely é a única que reside relativamente próximo ao seu local de emprego. Como já mencionado, ela mora no bairro Palmares e seu trabalho é no bairro Cidade Nova. As outras duas empregadas precisam pegar dois ônibus para realizar o trajeto do trabalho, enquanto Suely utiliza um ônibus coletivo e faz parte do trajeto a pé. Para chegar até a residência dos empregadores, despende 40 minutos.

Antes de sair de casa para trabalhar, ela relata não ter tempo de fazer nada, apenas se aprontar, aprontar a filha que vai para a escola e arrumar as camas. Ao chegar no seu trabalho¹²⁰ às 8h, suas primeiras atividades são recolher o lixo e colocá-lo na porta de casa (nos dias de coleta), limpar o canil do cachorro e molhar as plantas do jardim. Depois de cumpridas essas tarefas, ela está preparada para começar o serviço dentro da casa.

Dessa forma, dirige-se à cozinha, lava as louças sujas que se encontram na pia, deixando a cozinha organizada para o preparo do almoço. Ainda é cedo e, talvez porque não há crianças ou adolescentes em casa, essa é a família que almoça mais tarde, às 13h. Suely então se dedica à limpeza e organização dos quartos e banheiros. Arruma as camas, varre e passa pano na casa e lava os banheiros. Essas são tarefas que são realizadas diariamente.

A parte da manhã é bastante “corrida”, segundo Suely. Quando é terminada a parte da limpeza dos quartos e banheiros, o relógio já indica 11h e Suely dirige-se à cozinha para preparar o almoço. O cardápio é uma escolha sua; a patroa raramente dá algum palpite. Aliás, a própria patroa diz que Suely cozinha melhor do que ela e que tem uma criatividade impressionante na

¹¹⁹ No primeiro contato com a família, eu já havia exposto qual era o objetivo da pesquisa.

¹²⁰ A família reside em um apartamento no andar térreo, construído pelo pai de C. Há 3quartos, 1 escritório, 2 salas, 3 banheiros (sendo um deles, usado pela empregada).No andar de cima do prédio, reside a mãe de C.

cozinha. Às 13h horas o almoço está na mesa. Enquanto a família almoça, Suely lava os utensílios que foram usados no preparo do almoço. Ela tem por hábito almoçar depois da família.

Após o almoço, Suely costuma ler um pouco a sua Bíblia que permanece no local de trabalho. Ela retoma o trabalho na cozinha, lavando o restante das vasilhas e louças ainda sujas. A parte da tarde possui um ritmo menos intenso de trabalho, até porque a exigência de uma refeição pronta no meio do dia é, para as empregadas entrevistadas, a tarefa mais importante, tarefa que não pode deixar de ser feita em hipótese alguma. Assim, na parte da tarde, Suely tira a poeira dos móveis e objetos de toda a casa, facilitando o seu trabalho da manhã seguinte.

Além disso, em semanas alternadas, Suely lava as roupas dos membros da família, já que a passadeira comparece de 15 em 15 dias. Tem por costume separar três tardes para lavar as roupas sujas de quinze dias. Usualmente coloca a roupa na máquina na parte da manhã e estende as roupas depois do almoço. As peças que devem ser lavadas à mão são lavadas na parte da tarde.

Como as outras domésticas entrevistadas, Suely também possui tarefas que não são realizadas diariamente, mas com uma frequência menor. No caso em questão, tem-se a limpeza dos vidros que é feita eventualmente e a limpeza da garagem, que é feita toda quinta-feira. Eventualmente também recebe pessoas que vão à casa entregar algo ou realizar algum serviço. Em uma das entrevistas, presenciei Suely receber profissionais de uma marcenaria que levaram uma mesa para ser reformada.

Às 17h Suely já terminou sua jornada de trabalho. Ela coloca-se a caminho da escola de sua única filha para buscá-la. Ao chegar em casa, outras tarefas domésticas a esperam¹²¹. Ela coloca sua filha no banho, lava as vasilhas que estão sujas e prepara o jantar para a família que realiza essa refeição todos os dias. Após o jantar, assiste à novela (prática não bem aceita pelo marido) ou assiste aos filmes evangélicos que tem em DVD.

¹²¹ Sobre esse aspecto, é interessante observar como o emprego doméstico se constitui como continuidade das funções exercidas por essas mulheres em seus lares. Enquanto muitas mulheres das classes médias trabalham fora de casa e podem contar com as empregadas para executar o serviço doméstico de seus lares, as mulheres das classes populares não têm a possibilidade desse recurso. Elas acabam por trabalhar em dupla jornada.

2.3. Nazira

2.3.1. Perfil

Nazira tem 57 anos e é divorciada¹²². Entre as empregadas pesquisadas, ela é a mais velha. Nascida no distrito de Vila Matias, zona rural da cidade de Governador Valadares (MG), migrou para Belo Horizonte há 35 anos. Seu pai (86 anos) trabalhou grande parte da vida como lavrador. Após a mudança para Belo Horizonte, passou a trabalhar na construção civil. Sua mãe (89 anos), por sua vez, sempre trabalhou como dona-de-casa. Nazira é a terceira de uma fratria de seis irmãos¹²³, sendo a mais velha das mulheres.

Atualmente, ela reside no Bairro Diamante, região de Belo Horizonte nomeada como *Barreiro de Cima* (ver mapa abaixo), com sua filha primogênita (35 anos) que trabalha como atendente de *telemarketing* e dois netos (16 e 11 anos). Os dois netos são estudantes. O mais velho é aluno do ensino médio em uma escola pública estadual e a mais nova é aluna do ensino fundamental em uma escola pública municipal. Nazira tem outro filho mais novo (33 anos). Seu desejo é que o seu filho caçula também venha a residir com a família, após ampliar a residência recém construída por ela. Ele é auxiliar escolar (cuida da disciplina) em uma escola particular de Belo Horizonte.

¹²² O marido de Nazira trabalhou como servente de pedreiro e é falecido.

¹²³ Seu irmão mais velho trabalhou como lavrador e é falecido. O segundo filho trabalhou como atendente em armazém em Governador Valadares e hoje, embora aposentado, é vigilante de uma empresa em Betim. A quarta filha é dona-de-casa. O quinto filho é operário aposentado pela Fiat e atualmente é dono de uma mercearia em Belo Horizonte. A irmã caçula de Nazira trabalha em uma empresa de conservação, fazendo a limpeza da rodoviária de Belo Horizonte.

**BAIRROS E REGIONAIS
MUNICÍPIO DE BELO HORIZONTE
2002**

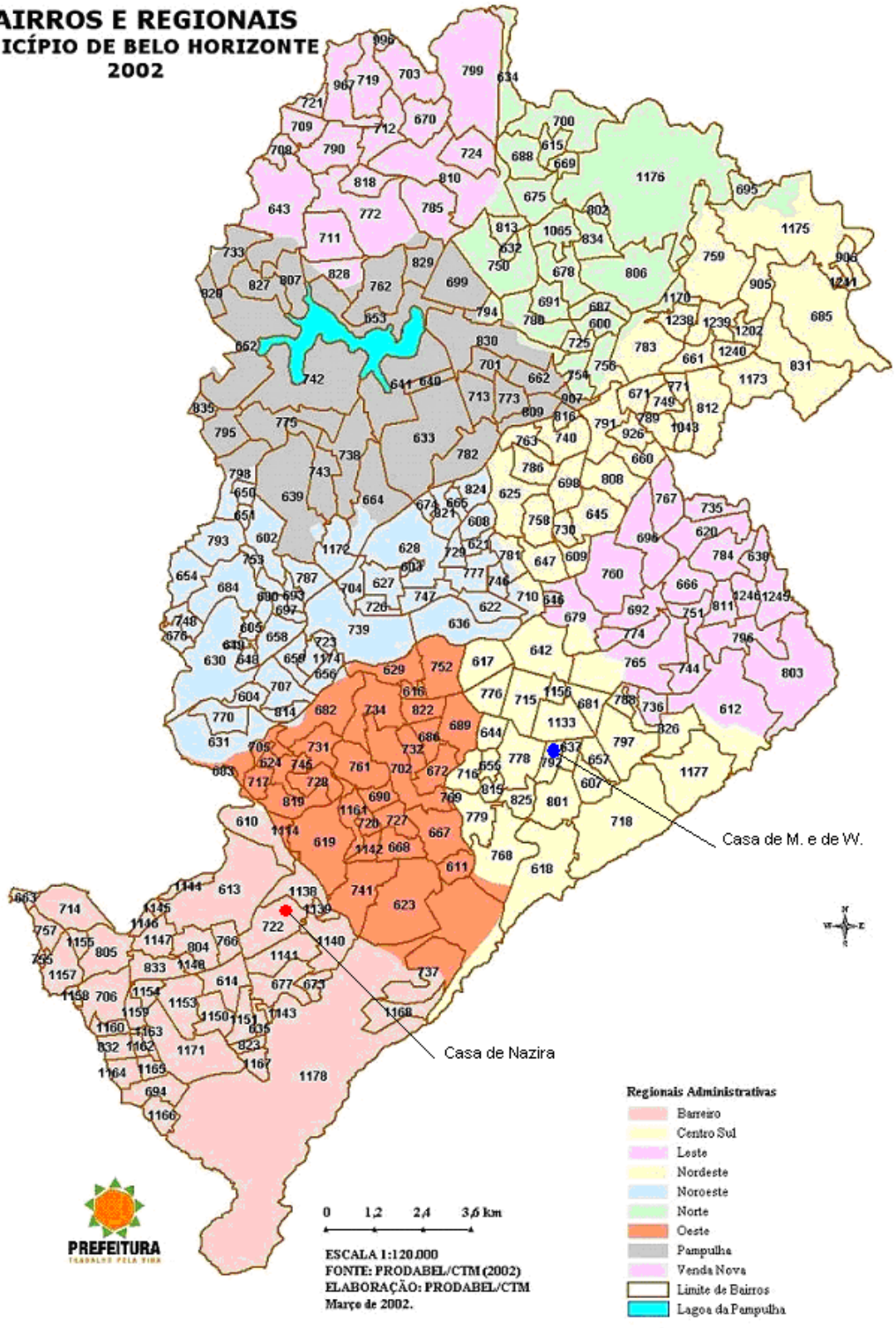


Figura 3 – Mapa de localização das residências de Nazira e dos seus patrões na cidade de Belo Horizonte.
Fonte: Prefeitura de Belo Horizonte

Em relação à escolarização, Nazira é a empregada que passou o menor tempo na escola. Ela concluiu o 1º ano do primário em uma escola rural em Vila Matias, aos oito anos de idade, e não prosseguiu os estudos. Ou seja, pode-se dizer que Nazira frequentou a escola por apenas um ano, menos de um quarto do período frequentado pelas outras três empregadas entrevistadas. Sobre esse aspecto, há que se considerar sua idade em relação às outras domésticas entrevistadas. Ela tem doze anos a mais de idade do que a empregada mais velha (entre as outras três) pesquisadas. Na década de 1950, período em que Nazira estava na escola, em Minas Gerais, de um total de 394.875 mulheres (de dez anos e mais), 335.003 possuíam o ensino elementar, 58.766 tinham concluído o ensino médio e apenas 928 possuíam curso superior (IBGE, 1953).

A curta experiência de Nazira na escola foi conseqüência da necessidade que sua família tinha de contar com a sua força de trabalho para o plantio e a colheita. Para Nazira e sua irmã de idade mais próxima, conciliar o trabalho no campo com o calendário escolar era difícil, principalmente nas épocas de colheita. Era preciso constantemente faltar as aulas, pois o cultivo da terra urgia. Além da obrigatoriedade de seu trabalho para a sobrevivência da família, colocado por ela como uma imposição do pai, a falta de recursos de sua família impossibilitava a compra de roupas adequadas ao ambiente escolar.

Além de lembrar-se facilmente do nome da professora, Nazira tem outras recordações do tempo da escola, como de ter aprendido a escrever seu nome, de ter soletrado palavras e recitado poesias na frente da turma. As tarefas que eram marcadas para serem feitas em casa, quando não eram resolvidas solitariamente por Nazira, eram feitas com a ajuda do pai¹²⁴.

Atualmente, Nazira não tem a intenção de retomar os estudos. Já com 57 anos, fala da escolarização como algo que poderia ter acontecido em sua vida, se não fossem as adversidades sociais vividas na infância. Entretanto, culpa-se de nunca ter tentado retornar à escola, após sua migração para Belo Horizonte.

De todas as empregadas domésticas entrevistadas, Nazira é a que trabalha há mais tempo para sua atual família empregadora: são vinte anos de trabalho, sem interrupções. Inicialmente, os patrões moravam em Contagem, região metropolitana de Belo Horizonte, e hoje residem no bairro São Pedro, na capital mineira. Para chegar até a casa dos patrões, Nazira pega dois ônibus

¹²⁴ O pai de Nazira tinha alguma inserção na cultura escrita que possibilitava servir de suporte à filha estudante. Ele sabia ler e escrever (ela não sabe onde ele aprendeu essas habilidades): lia a Bíblia, lia em voz alta para os filhos trechos de livros de oração e escrevia os combinados que havia feito com o fazendeiro em um caderno chamado “caderno de ponto”. Após migrar para Belo Horizonte, quando Nazira já era adulta, ele cursou o MOBREAL. A mãe de Nazira, por sua vez, era analfabeta. Ela não sabe assinar o nome.

coletivos diferentes. Esse percurso é feito em aproximadamente 1h e 30 min. Sua jornada de trabalho é a mais extensa entre todas as pesquisadas. Ela chega na residência dos patrões às 9h horas da manhã e sai às 18h.

De todos os casos pesquisados, o de Nazira foi o único¹²⁵ em que o primeiro contato para a admissão no emprego se deu em seu próprio bairro de moradia, por meio de seu pai, membro da associação de moradores de onde moravam. Na época, seu atual patrão trabalhava na região com os grupos que ali residiam, auxiliando-os a se organizarem para exigirem do poder público serviços, tais como água, saneamento básico, acesso à saúde e à educação. O pai de Nazira ouviu as divulgações do atual patrão dela, de que ele e sua família procuravam por uma empregada doméstica para trabalhar em sua residência. Ele comunicou a Nazira, que se interessou imediatamente. Ela estava insatisfeita com o trabalho que realizava num hotel, no centro da cidade. O primeiro encontro entre Nazira e sua futura patroa também aconteceu na associação do bairro.

Sobre o trabalho como empregada doméstica nessa residência, Nazira salienta o bom relacionamento que tem com os patrões. Diz que a patroa nunca foi de “ficar mandando”, mesmo porque, ela sempre teve iniciativa para fazer as tarefas que julgava necessárias. Também diz que a patroa não é exigente. São raros os momentos nos quais ela reclama de algum serviço que não foi feito ou que não foi feito da maneira esperada. Sobre esses momentos, Nazira os percebe como fazendo parte da instabilidade inerente a qualquer relacionamento, “são os altos e baixos da convivência” (Entrevista 1 – 21/11/2007). Mesmo os percebendo como naturais, ela não esconde a decepção que acompanha esses momentos. “Às vezes tem vinte anos que você trabalha num lugar...você faz a mesma coisa...se o patrão começa a falar...ah porque tá desse jeito ou daquele...aí você já vai ficar chateada... não vai? Com certeza você vai ficar...vai sim...” (Entrevista 1 – 21/11/2007) De todas as empregadas entrevistadas, ela é a única que atualmente não possui outras atividades remuneradas.

De fato, esse não foi o primeiro emprego de Nazira. Vale a pena discorrer um pouco sobre suas experiências anteriores de trabalho (inclusive outras experiências como empregada doméstica) para explicitar um pouco da visão que ela tem de cada ocupação realizada.

¹²⁵ Em dois casos, as famílias receberam indicação de outras empregadas domésticas, que no momento, trabalhavam como faxineiras ou passadeiras para a família. No outro caso, o contato se deu através da atendente de uma boutique no bairro do empregador.

Como já foi dito, ainda criança, Nazira trabalhou com seu pai na lavoura¹²⁶. Ela narra sobre o penoso trabalho no campo para as mulheres. Entre as tarefas mais pesadas, destaca o serviço de capinar as roças. Ficar exposta às condições climáticas era, para ela, um fator que intensificava a dureza desse tipo de trabalho.

Pergunto sobre as vantagens do trabalho doméstico se comparado ao trabalho na lavoura. Ela aponta o acesso mais fácil a dois bens de primeira necessidade: a alimentação (pode-se comer no local de trabalho) e o vestuário (ganham-se roupas usadas). Tais vantagens ganham relevo quando Nazira relata ter passado fome quando morava na roça e também de ter deixado a escola por não ter dinheiro para se vestir adequadamente no ambiente escolar¹²⁷.

A interrupção do trabalho no campo se deu após a migração e o casamento de Nazira (que aconteceram no mesmo período). Residindo em Belo Horizonte com seu marido, passou a se dedicar às tarefas domésticas de seu próprio lar. Entretanto, esse período durou pouco. Com os dois filhos bem pequenos, separou-se temporariamente do marido. O seu primeiro trabalho como empregada doméstica foi motivado por essa situação de separação temporária. Nazira tem poucas recordações desse período. Lembra-se dos nomes dos patrões e de que eram pessoas bondosas com ela. Em entrevistas posteriores, praticamente desconsidera essa experiência, colocando o seu segundo emprego de doméstica como sendo o primeiro. Acredito que os poucos relatos dessa experiência podem estar relacionados a um momento particular de vida muito doloroso (a separação do marido), e por isso esquecido. Talvez o sofrimento também esteja relacionado à sua inserção no serviço doméstico.

A separação de Nazira do seu marido se tornou definitiva. Ela, que havia abandonado o primeiro emprego como empregada doméstica para tentar se reconciliar com o companheiro, voltou a buscar empregos em casas de família. Seus dois filhos ainda eram crianças quando Nazira trabalhou por três anos como empregada doméstica para uma família no bairro Cruzeiro. Esse foi seu segundo trabalho nessa ocupação. O grande tempo destinado ao relato dessa experiência evidencia a importância dela. O valor atribuído ao seu trabalho nessa família talvez se explique por ter sido o primeiro emprego em que ela viveu intensamente o que é ser empregada doméstica em virtude de ter dormido na casa da família empregadora e em razão de ter trabalhado para essa família por um tempo considerável. Nesse momento, seus filhos eram

¹²⁶ O pai de Nazira trabalhava para grandes fazendeiros. Ele nunca conseguiu ter seu próprio pedaço de terra.

¹²⁷ Nazira também relata ter recebido ajuda financeira dos patrões para construir sua casa.

cuidados por sua irmã. Nazira se lembra do bom relacionamento que tinha com os patrões. “O que Deus não me deu sorte com marido e com riqueza ... ele me deu de achar patrão bom”. (Entrevista 1 – 21/11/2007) Entretanto, a saudade que sentia de seus filhos a fizeram abandonar o emprego.

Ainda sobre sua experiência nessa casa de família, relata sobre sua adaptação ao ambiente de trabalho vivida de forma tensa. Proveniente de um meio cultural muito diferente, teve que aprender como realizar o serviço doméstico em uma família das classes médias. Até mesmo sua maneira de cozinhar foi alterada após a inserção nessa família. Em meio a todo esse processo, ela atribui a si própria a dificuldade de se adaptar ao trabalho na casa dos patrões, dizendo coisas como “o problema é da gente mesmo”, ou “a gente acaba ficando com vergonha” (Entrevista 2 – 30/11/2007). Os trechos seguintes são esclarecedores do conflito cultural vivido por Nazira em uma de suas primeiras experiências como doméstica.

P: E quando você saiu do campo pra morar na cidade...a mudança do campo pra cidade...e trabalhar em casa de família...uma família que você não conhecia...que não é a sua...como é que é isso?

N: Pra mim foi horrível...porque eu nunca tinha trabalhado fora...eu não sabia mexer com nada assim...que fosse assim/ eu tava acostumada com aquelas coisinhas que a gente tinha, né...aí quando eu fui trabalhar em casa de família...meu Deus...eu fui toda sem graça...sabe...aí também eu aprendi...eu não sabia abrir uma lata...com essa chave de abrir lata de sardinha...lata de ervilha...eu nunca esqueço que o menininho da minha patroa...que é o André¹²⁸...ele que me ensinou abrir latinha de sardinha...eu falei..ô André...aonde que fica a chave? O André foi lá...pegou a chave...e falou é assim Nazira...e me ensinou...(risos)...eu não sabia...eu colocava a chave assim...mas era difícil pra mim...nó pra mim foi muito difícil começar a trabalhar depois de velha já...já tinha dois filhos...também não sabia muita coisa não, sabe...depois eu aprendi também...

P: Você lembra algumas outras situações difíceis...igual essa da chavinha?

N: Ah cozinhar...cozinhar pra mim foi difícil porque eu cozinava só pra nós lá em casa mesmo...só aquelas coisas da roça...aí eu não sabia cozinhar muito...mas lá tinha caderno de receita¹²⁹...e eu sabia ler um pouquinho...eu sei ler um pouquinho...aí eu conseguia...eu consegui bem mesmo...lá na casa da Júlia...tinha receita... (Entrevista 2 – 30/11/2007)

Mais a frente, na mesma sessão de entrevista, ao tratar sobre as diferenças do trabalho na lavoura para o trabalho em casas de família, Nazira consegue expor, novamente, de maneira clara, o conflito cultural vivido por ela. No ambiente de trabalho, ela diz sempre se sentir “presa”,

¹²⁸ Os nomes de familiares, antigos patrões, filhos de ex-patrões e amigos que aparecem nos trechos das entrevistas são fictícios.

¹²⁹ A leitura de livros de receita será tratada no capítulo 3 desta dissertação.

como se não pudesse agir naturalmente, como se tivesse que se comportar de uma maneira que não é genuinamente sua. Mesmo os longos anos de trabalho em uma mesma família não conseguiram lhe conceder a liberdade almejada. O sentimento verdadeiro de liberdade apenas é alcançado no seu retorno à sua casa, portanto no seu retorno ao seu meio social. A riqueza de suas palavras merece ser reproduzida:

P: Aí Nazira...a diferença do trabalho no campo pro trabalho em casa de família...muda muito né?...como você falou...um você tá lá...debaixo do sol...tem o esforço físico...e na casa de família...o quê foi mais difícil se adaptar?

N: Patrícia...em primeiro lugar...você tem que adaptar viver com os patrões...que é muito assim...é complicado...sempre você tá assim...meia presa...você custa se soltar...isso aí é muito difícil...você fica tímida...às vezes você tem vergonha de comer...eu...tem vinte e dois anos que eu trabalho com a M. e eu não consigo pegar uma coisa lá dela e comer não...eu pego assim...se terminou o almoço...todo mundo almoçou...aí tudo bem...eu pego o meu prato...esquento a comida...almoço...mas eu não tenho aquela coisa...de ir lá...pegar uma fruta...comer...ficar à vontade...então...é por isso que eu não adaptei...eu não gosto de dormir em casa de família por causa disso...porque você nunca sente à vontade...dormir eu não gosto mesmo...eu gosto de chegar à noite e ficar mais solta lá na minha casa... (Entrevista 2 – 30/11/2007)

Os dois trechos expostos acima que exprimem o conflito cultural vivido por Nazira podem ser relacionados às idéias de Bourdieu (1983) sobre o aprendizado quase natural e espontâneo da cultura e o aprendizado forçado e tenso. A família de Nazira e a família para a qual ela trabalha possuem estilos de vida muito diferentes. A distância cultural e social que separa essas duas famílias faz com que o contato com essa diferença e o aprendizado das formas de se comportar nesse ambiente tenham sido vividos de forma tensa, sem desembaraço. Também a posição que ocupa – a de empregada doméstica – contribui para essa maneira de se relacionar as diferenças. Em outras palavras, ela trabalha em um ambiente muito diferente social e culturalmente daquele em que viveu sua socialização primária e esses efeitos são percebidos na maneira como ela se relaciona com essa nova cultura.

Após ter sua segunda experiência em casa de família, Nazira permaneceu poucos dias desempregada, e logo foi contratada para trabalhar como camareira em um motel. Lá ela trabalhou aproximadamente quatro anos. A vantagem que percebe nesse tipo de ocupação é ter horário determinado para começar e terminar o serviço. Ela aponta a remuneração inferior como uma desvantagem. Nazira relata ter perdido a oportunidade de trabalhar na recepção do motel devido a sua pouca habilidade com a leitura e a escrita. Na função que exercia, as práticas de

escrita realizadas por ela eram a leitura e o registro esporádico das placas dos carros, quando as colegas da recepção não conseguiam anotar devido a velocidade com que o carro passava pela portaria. Como camareira, Nazira também trabalhou por um ano em um hotel¹³⁰, no centro de Belo Horizonte.

Quanto à pertença religiosa, Nazira é a única empregada doméstica católica, do grupo das quatro entrevistadas. Atualmente, vai à missa aproximadamente uma vez por mês, em uma igreja próxima a sua casa. Na época em que morava na roça, relata que a família eventualmente fazia longas caminhadas para chegar à igreja católica mais próxima e poder, assim, participar das missas.

Se a igreja não ocupa muito de seu tempo livre, o mesmo pode ser dito de outras práticas culturais. Nazira se diz bastante caseira. Praticamente não viaja e sai pouco de casa. Reclama da violência que a impossibilita de deixar sua casa sem alguém para tomar conta. As poucas vezes que sai para passear são para visitar os seus parentes (principalmente os pais) e ir à igreja (conforme já foi dito). Em casa, após chegar do trabalho, assiste às novelas e aos jornais televisivos. Eventualmente se dedica a alguma costura para ser feita à mão. O restante de seu “tempo livre” é dedicado às tarefas domésticas de sua própria casa.

A filha de Nazira tem como lazer ir ao bar com amigos e visitar parentes. Como sua mãe, ela também vai esporadicamente à igreja. Os netos de Nazira, por sua vez, acompanham a família nas visitas aos parentes e também costumam passear com o pai. Com ele, vão ao cinema e ao clube.

2.3.2. Breve perfil da família empregadora

Atualmente, a família para a qual Nazira trabalha é composta por marido e esposa: W. e M.. Há quatro anos, na casa do casal também residiam seus três filhos (que foram pouco a pouco saindo de casa para viverem sozinhos) e um irmão de M., padre. W. é doutor em psicologia e, embora aposentado, continua a trabalhar como professor universitário. Também trabalha como psicólogo clínico e como analista institucional. Nessa última ocupação, realiza a análise de escolas, sindicatos e congregações religiosas. M., por sua vez, é enfermeira, especialista em saúde pública e funcionária pública aposentada. Trabalhou na Secretaria de Saúde do município de

¹³⁰ Nesse trabalho, a única prática de leitura/escrita relatada por Nazira era o preenchimento de um formulário para registrar o número das roupas de cama e banho que ela retirava da lavanderia.

Contagem e também nos centros de saúde da mesma cidade. O filho primogênito do casal (30 anos) é psicólogo, assim como o pai, e cursa o doutorado. Ele atua como professor universitário e como psicólogo clínico. O segundo filho (29 anos) é jornalista e fotógrafo, trabalha para revistas estrangeiras. O caçula (27 anos) é graduado em Educação Física e trabalha com crianças e adolescentes portadores de necessidades especiais.

No caso dessa família empregadora, podem-se perceber grandes diferenças sociais entre empregadores e empregada, tanto no que se refere a escolaridade deles (conforme já foi indicado e será observado com mais detalhes logo à frente), como no que diz respeito aos dados sociais das regiões onde eles moram. A região onde a família empregadora reside é nomeada pela Prefeitura de Belo Horizonte como *Anchieta/Sion*. Apesar de estar classificada no nível intermediário de analfabetismo (com 98,96% de seus residentes alfabetizados) em uma escala de três níveis, a região possui os dados mais desejáveis quanto à vulnerabilidade social. É a região da capital mineira onde os residentes estão menos vulneráveis socialmente, em uma escala de cinco níveis. Infelizmente não há dados disponíveis quanto ao índice de mestres e doutores dessa região. Já a região onde reside a empregada, nomeada de *Barreiro de Cima*, apresenta o menor índice de mestres e doutores em uma escala de três níveis. Essa região possui o quarto maior índice de vulnerabilidade social em uma escala de cinco níveis e apresenta o maior nível de analfabetismo de Belo Horizonte em uma escala de três níveis, com 93,32% de seus residentes alfabetizados.

É conveniente caracterizar melhor as trajetórias profissional e escolar dos padrões de Nazira com o objetivo de possibilitar ao leitor um entendimento mais claro do lugar social ocupado pelos empregadores.

W. (59 anos), o patrão de Nazira, nasceu na região metropolitana de Belo Horizonte. É o caçula de uma família de sete filhos¹³¹. É filho de pai comerciante (proprietário de hotel e padaria) e mãe dona-de-casa. Mudou-se para Belo Horizonte aos 11 anos de idade para cursar o ginásio. Logo após a conclusão do científico, ingressou em uma universidade confessional de prestígio, estudou Psicologia, e pouco depois de sua formatura, mudou-se para São Paulo, onde cursou especialização também na área da Psicologia.

¹³¹ A irmã mais velha de W. é dona-de-casa. O segundo irmão é funcionário público. O terceiro é bancário e comerciante. A quarta filha, como a primeira, é dona-de-casa. O quinto filho é advogado e a filha caçula é professora do ensino fundamental.

A especialização em São Paulo abriu as portas para o mundo acadêmico e o curso de doutorado em uma universidade pública do Rio de Janeiro acabou por contribuir para seu estabelecimento nesse campo de trabalho. Assim, W. já lecionou em várias faculdades e atualmente é professor de três instituições de ensino superior diferentes (todas três confessionais). Concomitantemente ao trabalho de professor universitário, atua com psicólogo clínico em consultório particular e como analista institucional.

Sobre seus empregos anteriores, vale a pena mencionar seu relato sobre sua experiência como alfabetizador de adultos. W. acredita que a vivência nessa função o ajudou a ter paciência em relação à dificuldade de Nazira com a escrita de bilhetes (que será melhor explorada no capítulo 3). No trecho seguinte, ele fez uma análise social da posição de Nazira e destacou esse fator como um dos elementos responsáveis para que ela não tenha desenvolvido as habilidades de ler e escrever:

(...) isso de uma certa forma...até me ajudou a ter um pouco de paciência...com relação a essa dificuldade dela de não saber escrever...e ela também nunca demonstrou muita vontade de querer saber escrever não, sabe? Eu acho que é uma coisa...enquanto mulher...uma favelada...todas essas coisas pesam...pra quê que eu vou fazer isso...não tem utilidade nenhuma...ela é muito conformista...sempre foi...sempre achou que o nível dela é X...e que não vai passar disso...(Entrevista 1 – 23/01/2008)

M. (58 anos), patroa de Nazira, nasceu em uma cidade localizada no oeste mineiro. É a 14ª filha de uma família de 18 filhos¹³² (15 do primeiro casamento de seu pai e três do seu segundo casamento, após o falecimento da esposa). Seu pai foi tabelião em um cartório na cidade onde ela nasceu. Sua mãe era filha de fazendeiro e foi, durante toda sua vida, dona-de-casa.

Ela formou-se professora no curso Normal, em Belo Horizonte e atuou como professora do ensino primário noturno na cidade de Contagem. Após o ingresso no ensino superior, no curso de enfermagem em uma instituição pública de prestígio, passou a trabalhar como auxiliar de secretaria de uma escola pública também em Contagem, até se formar. Nos últimos períodos do curso de enfermagem, habilitou-se para trabalhar no campo da Saúde Pública. Uma casualidade fez com que migrasse do setor de educação para compor a Secretaria de Saúde que estava sendo criada no período. Dessa forma, imediatamente após a formatura, tornou-se funcionária pública

¹³² Dados da família de origem: entre as profissões de seus irmãos, tem-se: dois padres, três assistentes sociais, três professoras primárias, uma pedagoga, uma socióloga e professora universitária, um administrador de empresas e funcionário público.

do município de Contagem no setor da saúde. Foi também nesse período que complementou seu curso com disciplinas pedagógicas, recebendo também o título de pedagoga. Segundo ela, a formação na área de educação somada a sua formação anterior em enfermagem lhe rendeu um contrato de professora temporária em uma prestigiosa universidade. Um ano antes de concluir o curso de Pedagogia, M. se casou com W.. Foi no início do casamento que ambos realizaram os primeiros estudos em nível de pós-graduação, na cidade de São Paulo.

Após especializar-se em Saúde Pública, M. retornou para Contagem, grávida de seu primeiro filho. Ela reassumiu o trabalho na prefeitura e lecionou em uma universidade privada, no campo da Saúde Pública. Posteriormente, os nascimentos de mais dois filhos a fizeram optar pelo trabalho na Secretaria de Saúde e abrir mão do trabalho como professora universitária. Após treze anos de formada, M. realizou concurso para ser enfermeira do Estado de Minas Gerais e foi aprovada. Ela passou a trabalhar em centros de saúde, com algumas interrupções concedidas pelo próprio poder público para trabalhar como assessora de secretários de saúde da prefeitura de Contagem. M. se aposentou nessa atividade, no final da década de 1990. Após a sua aposentadoria, trabalhou como auxiliar de pesquisa do marido (que estava terminando o doutorado), posteriormente trabalhou como assessora dos freis agostinianos, colaborando com os trabalhos no arquivo histórico, e atualmente trabalha em parceria com o marido na análise de instituições.

De todas as famílias pesquisadas, essa é, sem dúvida, a que se caracteriza por uma maior participação na cultura escrita, visto que todos os membros envolvem-se cotidianamente de forma intensa com práticas de leitura e escrita, sejam elas relacionadas ao trabalho, ao estudo, ou ao lazer.

O casal M. e W., pela intensidade e diversidade de suas práticas, podem ser considerados grandes leitores. Ela é uma leitora assídua de jornal (hábito que aprendeu com seu próprio pai), sempre tem um romance na cabeceira da cama (leitura compartilhada desde a juventude com as mulheres de sua família, que se reuniam ao pé da máquina de costura para lerem em voz alta livros literários) além de ter sempre buscado atualizações profissionais no campo da saúde pública por meio do estudo.

Ele, por sua vez, é um grande leitor profissional. Possui uma longa trajetória acadêmica. O trabalho contínuo como professor universitário exige práticas constantes de leitura e de escrita. Seu trabalho de analista institucional de três tipos de instituições diferentes - escolas, sindicatos e

congregações religiosas - demanda leitura de todas essas temáticas. Especificamente as leituras religiosas possuem uma história mais antiga em sua vida, desde sua inserção, quando ainda era jovem, em movimentos sociais e religiosos. Finalmente, o trabalho como psicólogo clínico o aproxima de leituras relacionadas à psicanálise e às psicopatologias.

Os três filhos do casal também se formaram leitores. Todos possuem formação universitária, um deles é doutorando e os outros dois especialistas. Todos são leitores de jornal, cada um com a sua preferência de editoria. Os livros literários também são de interesse de pelo menos dois deles (também com preferências quanto a um ou outro gênero).

Além de ter convivido por muitos anos com todos os membros da família citados acima, Nazira também desfrutou do convívio de um irmão da M. que é padre e residiu com a família por vinte anos¹³³. O padre é também um grande leitor, tendo inclusive o domínio de várias línguas estrangeiras.

As práticas culturais da família são diversificadas. Os momentos de lazer do casal estão relacionados ao cinema, ao descanso na casa de campo, ao teatro e à música. Os filhos também participam de muitas dessas ocasiões. M. também costuma participar de encontros familiares com os seus irmãos. Todos os filhos do casal foram incentivados a praticar um esporte e a cursar uma língua estrangeira (no Brasil e no exterior). Há que se destacar também a influência da religião católica e dos próprios grupos com os quais trabalhavam (tanto na área da saúde como na área da educação), que trouxeram uma dimensão bastante politizada¹³⁴ para a vida do casal.

Nesse caso pesquisado, o contrato de uma empregada doméstica também se deu após o casamento do casal. Na verdade, ao falar sobre a presença de domésticas em sua vida, M. retoma o período de sua infância. Sua mãe contava com o serviço de duas empregadas e de uma lavadeira. Após a morte prematura da mãe, seu pai casou-se novamente e outras empregadas trabalharam para a família. As antigas empregadas vieram para Belo Horizonte trabalhar para os irmãos mais velhos de M., que se encontravam na capital para estudarem. Posteriormente, M. também se mudou para Belo Horizonte para estudar. Sobre esse período, destaca a importância da companhia da empregada que trabalhava em sua casa no trajeto que realizava do trabalho à

¹³³ Ele não reside há três anos com a família.

¹³⁴ Especificamente no caso de M., vale lembrar que ela se formou no momento em que o Brasil passava por uma ditadura militar e durante todo esse período ela esteve vinculada à esquerda política. Chegou a ser militante do Partido dos Trabalhadores e lutou, por exemplo, pela despoluição da cidade de Contagem.

noite em Contagem até a sua residência. Ela trabalhava em uma escola pública de Contagem, onde também estudava a empregada.

M. destaca sempre ter tido uma relação de muito respeito com as empregadas domésticas com as quais conviveu¹³⁵. Segundo relata, a consideração sempre mantida em relação a essas profissionais nunca foi confundida com amizade. Atribui à convivência com V., uma das empregadas que trabalhou para sua mãe e posteriormente para ela e seus irmãos, o aprendizado dessa maneira de se relacionar¹³⁶.

Sobre a relação mais profissional estabelecida entre Nazira e seus patrões, M. diz não ter por hábito dar presentes ou pagar por serviços de que a empregada eventualmente necessite. Sua preferência é oferecer um salário que considera justo e presentear-lá no final de ano e em seu aniversário. Da mesma forma que C., patroa de Suely, M. também não julga correto convidar Nazira para as comemorações familiares, que acabariam por prejudicar os seus momentos de folga.

As características apontadas por W. sobre uma boa empregada doméstica convergem com as características apontadas pelos outros patrões. Ele fala da lealdade, da amizade e da competência para desempenhar bem o serviço doméstico. Nessa família, não apenas a forma de contrato, mas o relacionamento com a empregada doméstica tem uma grande participação masculina. O próprio W. diz dar palpites sobre o horário, a remuneração, as atividades que são feitas e também participa das conversas que têm como objetivo “aparar” desavenças.

2.3.3. Rotina

Em dias de semana, Nazira se levanta às seis horas da manhã. Ela prepara o café para toda a família (filha e netos), lava as louças sujas, coloca o lixo para fora em dias de coleta e arruma as camas. Nazira espera sua neta sair de casa para ir ao colégio, o que é feito por volta das sete

¹³⁵ É interessante notar que, segundo relato de M., das cinco empregadas que trabalharam em sua casa (uma antes de seu casamento e as outras quatro depois de seu casamento), duas prosseguiram os estudos (uma delas formou-se no Curso Normal e outra no curso técnico em Enfermagem). Das outras três que não continuaram a se escolarizar, uma foi trabalhar como secretária do seu marido (atividade que requer uso constante da leitura e da escrita).

¹³⁶ Apesar de falar que mantém uma relação mais profissional com Nazira, mais à frente na entrevista, M. diz que atualmente não tem necessidade de uma doméstica diariamente na sua residência, com o custo de Nazira. Entretanto, decidiu não demiti-la e esperar a sua aposentadoria. Acredito que se a relação fosse estritamente profissional, a demissão aconteceria. Por isso, não há como negar que uma boa dose de afetividade (não de uma maneira paternalista/maternalista) permeia essa relação.

horas, para então seguir seu trajeto rumo ao bairro São Pedro, onde reside sua família empregadora¹³⁷.

Ao iniciar o relato sobre sua rotina de trabalho, Nazira diz ter hora para chegar, mas não ter hora pra sair. Tem por hábito chegar à casa da família aproximadamente às 9h da manhã. Ao chegar no local de trabalho, troca de roupa e toma café. Como todas as outras empregadas entrevistadas, inicia sua jornada diária com a limpeza da louça suja que fica na pia da cozinha.

Após lavar a louça suja, três vezes por semana, Nazira coloca roupa na máquina de lavar. São lavadas as roupas dos patrões; a roupa de cama, mesa e banho da casa e também da casa de campo da família. Em dias de coleta de lixo, ela coloca o lixo para fora. Eventualmente, quando há carne para temperar ou feijão para cozinhar, Nazira dá andamento a essas tarefas, adiantando dessa forma o preparo do almoço.

A próxima tarefa a ser feita é a limpeza dos quartos e banheiros que se encontram no segundo pavimento do apartamento. Às 10h e 30min Nazira finaliza a limpeza do andar de cima e retorna à cozinha para preparar o almoço, que é servido impreterivelmente ao meio dia. Participam do almoço, além dos seus patrões, os três filhos deles que não moram na residência. É a própria Nazira que escolhe o cardápio do almoço. Ela observa o que tem na geladeira e seleciona os alimentos que serão preparados.

Nazira almoça após a família. Retoma, então, o trabalho na cozinha, limpando o que foi sujo para preparar e servir o almoço. São despendidas duas horas para deixar a cozinha limpa e organizada.

Na parte da tarde, limpa os outros cômodos da casa, tais como a sala de estar, a sala de jantar, o quarto de hóspedes: tira a poeira, varre e passa pano. É também na parte da tarde, quando a patroa não está trabalhando, que se dedica à limpeza do escritório. Ela então prepara o café da tarde e deixa a mesa posta para a família. Costuma deixar o serviço por volta das 18h.

Segundo Nazira, a carga de trabalho reduziu muito após a mudança dos filhos dos patrões. “Quando tinha os meninos...os rapazes morava aqui...era muito difícil mesmo...era horrível...(risos)...era coisa que você ficava até triste...agora hoje não”. (Entrevista 1 – 21/11/2007) Entretanto, a redução da quantidade de trabalho com a saída dos filhos dos patrões de casa foi acompanhada da diminuição do recurso à faxineira. A família já contou com o auxílio

¹³⁷ A família reside em um apartamento duplex. Há 4 quartos, 4 banheiros, 2 salas, 1 escritório, 1 cozinha e dependência de empregada (composta por 1 quarto e 1 banheiro).

de uma faxineira semanalmente, posteriormente quinzenalmente e, hoje, raramente, quando há necessidade da limpeza dos vidros.

Desde que Nazira começou a trabalhar para essa família, eles contam com o trabalho de uma passadeira. O apoio dessa profissional é visto por Nazira com grande satisfação. Ela, que sempre “quebrou galho” quando a passadeira faltava ou quando havia troca de passadeiras, relata ser difícil conciliar essa atividade com o cuidado da casa. Segundo Nazira, para passar roupa é preciso ter um tempo grande sem interrupções, o que não acontece com o seu serviço. Ela constantemente pára o que está fazendo para atender ao telefone e ao interfone, recolher compras no carro e guardá-las nos armários, receber a compra de carnes que é entregue pelo açougue, fazer café, etc. Outra tarefa realizada por Nazira é a limpeza do consultório de psicologia onde trabalha o patrão, que se localiza no bairro Savassi. Tal atividade é realizada quinzenalmente¹³⁸.

Seu dia de trabalho termina às 18 h. Saindo esse horário da casa dos patrões, consegue chegar em sua residência por volta das 19h e 30min. No período da noite, passa as suas próprias roupas e as roupas dos netos, assiste à novela e ao *Jornal Nacional* e eventualmente costura algo à mão. É também o momento que tem para conversar com a filha e com os netos.

2.4. Cleonice

2.4.1. Perfil

Cleonice tem 40 anos e é solteira. É a segunda na fratria de uma família de 10 filhos¹³⁹, sendo que o irmão mais velho faleceu na infância. Nasceu na cidade de Porto Firme, interior de Minas Gerais e migrou, ainda criança, para a cidade Belford Roxo, na área metropolitana do Rio de Janeiro. Com a morte de seu pai, que trabalhava como ajudante de manutenção na Petrobrás, a família de Cleonice retornou para Minas Gerais, para viver em Viçosa. Nesse período, ela estava com “vinte e poucos anos”. Foi no ano de 2006 que Cleonice realizou a primeira e única migração por motivo de trabalho. Ela acompanhou sua família empregadora que deixou Viçosa para viver em Belo Horizonte. Sua mãe atualmente é dona-de-casa (ela já trabalhou como costureira), continua a residir em Viçosa e recebe pensão do falecido marido.

¹³⁸ Já houve época em que Nazira trabalhava aos sábados na casa da família. Após uma doença grave, ficou acordado que ela não trabalharia mais aos sábados. Hoje, nos dias de sábado (e quinzenalmente), ela trabalha no consultório do patrão.

¹³⁹ Seus quatro irmãos homens têm ocupações diversificadas: descarregador em supermercado, conferencista em empresa, sócio de bar e servente de pedreiro. De suas irmãs, uma é sacoleira e outra é dona-de-casa.

No momento da pesquisa, Cleonice era a única empregada que residia na casa de sua família empregadora, no bairro Jaraguá, em Belo Horizonte. Na residência onde trabalhava moram os patrões e suas duas filhas (de 16 e 5 anos). De fato, Cleonice trabalha para a família há quatro anos ininterruptos, embora já tenha trabalhado para eles em dois outros momentos anteriores, por mais de um ano em cada um dos períodos. As interrupções eram provocadas nos momentos de migração da família empregadora.

Em relação à escolarização, Cleonice é a única empregada pesquisada que atualmente estuda. Ela é aluna de um projeto de educação de jovens e adultos em uma universidade pública. É a primeira vez que ela volta à escola depois da interrupção de sua escolarização quando tinha por volta de 12/ 13 anos. Nessa época, havia concluído a quinta série em uma escola particular do Rio de Janeiro. O primário foi cursado em uma escola estadual, também na capital fluminense.

Suas memórias sobre a escolarização quando ainda era criança são marcadas pelo complexo vivido devido ao seu peso acima da média. Relata ter sido uma boa aluna e tirar boas notas em todas as matérias até a quarta-série. No entanto, devido ao peso elevado alcançado no início da adolescência, aos 11 anos, passou a se recusar em participar das aulas de Educação Física. Nos dias em que havia aula dessa disciplina, não comparecia à escola. Suas ausências acabaram por prejudicar a frequência nas outras disciplinas e ela foi reprovada na quinta série. Com sua reprovação, seu pai utilizou as prerrogativas que tinha como empregado da Petrobrás e a matriculou em uma escola particular conveniada à empresa em que trabalhava. Entretanto, Cleonice relata que a vergonha por ser gorda continuou e ela abandonou os estudos.

Ao mesmo tempo em que relata ter tido “tudo na mão” para estudar (referindo-se aos esforços do pai, que além de matriculá-la em escola particular conveniada à Petrobrás, pagou-lhe curso de Inglês), relata que nesse tempo, aos 11 anos de idade, já trabalhava em casas de família. Assim, é difícil saber qual foi o fator preponderante sobre sua evasão: se foi o complexo sobre a obesidade ou se foi a necessidade de se inserir no mundo do trabalho. Pode-se pensar também que, talvez, a inserção no serviço doméstico tenha contribuído para intensificar a situação de desvalorização que ela vinha passando na construção de sua identidade. Vale explicitar, ainda, que o relato de Cleonice sobre o abandono da escola é acompanhado de arrependimento. Sobre o retorno aos estudos, Cleonice o define como o resultado dos constantes incentivos dos atuais patrões. Sobre esse aspecto, é interessante notar que o reingresso na escola coincide com a mudança para Belo Horizonte e, logo, com a mudança para viver na casa dos patrões.

A primeira admissão de Cleonice na atual família empregadora se deu por meio de uma indicação feita pela lavadeira das roupas de seu patrão na época. É bom esclarecer que por um curto período de tempo, o patrão morou em Viçosa sozinho. Nesse momento, sua esposa estava em Londrina (PR) com a filha. Elas se mudaram apenas após a aprovação de A. em concurso na mesma universidade na qual ele trabalhava. A mudança das duas para Viçosa provocou a demanda por uma trabalhadora doméstica diariamente. Nessa ocasião fizeram contato com duas prováveis candidatas. Os patrões optaram pelo contrato de Cleonice, que no momento tinha 24 anos e uma boa experiência como doméstica em outras casas de família.

A primeira experiência de Cleonice como doméstica aconteceu na cidade do Rio de Janeiro. Na primeira casa em que disse ter trabalhado (ela tem dúvidas se essa foi realmente a primeira), relata ter tido grande afinidade com a patroa. Sobre as dificuldades encontradas nesse ambiente de trabalho, Cleonice recorda-se do “aperto” que passava para preparar as refeições. Um dos momentos vivido com tensão foi quando a patroa, após uma breve explicação, pediu que ela preparasse almôndegas. Cleonice preparou um grande bolo de carne, ao invés de pequenos bolinhos, como era esperado pela patroa. É com constrangimento que comenta sobre o acontecimento, demonstrando que o contato com um outro meio social não é vivido de forma tranqüila, mesmo quando há afinidade com os patrões. Enfim, a maneira de cozinhar dessa família não era conhecida por Cleonice e isso lhe causava embaraço.

C: (...) eu não me lembro...assim...se foi a **primeira casa**...eu não lembro se foi a primeira casa não...só sei que com eles eu passei um aperto danado...eu fui fazer almôndega...(...) aí ela falou assim...faz almôndega...e me explicou mais ou menos...mas eu peguei e fiz aquele bolo enorme de carne moída...em vez de fazer aquele monte de bolinho...fritar...e jogar no molho pra cozinhar...isso que é almôndega...aí eu fiz aquele bolão...(Entrevista 4 – 24/10/2007, ênfase dela)

Pergunto sobre outras dificuldades enfrentadas no início do trabalho como empregada doméstica e Cleonice aponta a dificuldade em ter que dormir na casa de uma família que não é a sua. Sua inserção no serviço doméstico se deu nessas circunstâncias. Ela dormia no local de trabalho de segunda à sexta-feira e voltava para a sua casa no final de semana. Segundo conta, enquanto estava na casa da família, o desejo de voltar para sua casa sempre a acompanhava. Além disso, no início, sentia-se bastante insegura sobre sua competência para realizar o serviço doméstico.

Para Cleonice, assim como para outras empregadas domésticas, a qualidade da relação com a família empregadora está relacionada com a satisfação que tem pelo emprego¹⁴⁰. Assim, quando percebia que o ambiente de trabalho não a agradava (por exemplo, pelo autoritarismo da patroa ou pela discriminação vivida, expressa em tarefas como separação de talheres) abandonava o emprego sem qualquer comunicação à família. Além disso, relata deixar qualquer emprego em casa de família quando precisa ajudar sua própria família (na doença de um membro, por exemplo).

Pergunto à Cleonice o que ela faz para se adaptar a uma nova família. Ela disse que procura adotar uma postura mais discreta, conversando pouco e mantendo-se afastada quando uma situação familiar muito íntima se instala. Embora os patrões atuais lhe concedam liberdade para várias ações, como para sentar à mesa com eles, Cleonice se autocensura, sabe do seu lugar social e, em muitos momentos, não se arrisca nas brechas que os patrões deixam. Vale a pena transcrever o trecho no qual Cleonice expõe a relação que tinha/tem com algumas das famílias para a qual trabalhou e o que pensa a respeito:

P: Nesse caso [após ela comentar sobre a falta de liberdade que sente na casa dos patrões]/ isso não foi só no início do trabalho não? Até hoje/

C: Um pouco...hoje eu tô mais aberta...no início é terrível...nossa...no início eu nem comia...ou comia escondido...morria de vergonha...hoje...às vezes até com amigos do S. e da A....eu sento na mesa e como...porque o S. e a A. fez com que eu largasse um pouco essas coisas, sabe? De timidez...de insegurança...mas se for olhar o meu lado mesmo...não sento não...eu me coloco assim...eu tenho que ter o meu lugar...não é que eu sou pior do que eles...mas eu não gosto muito de mistura...

P: E como é que foi isso nas outras famílias que você trabalhou?

C: Que nem...a Dona Luiza era pra mim igual o S. e a A....igual família...a Dona Cléa não...era cada um na sua...empregada, empregada...patroa, patroa...mas quando eu trabalho numa casa que eu vejo que é muito...assim esse negócio de...eu, o patrão...eu já saio fora...eu acho que ninguém é melhor que eu também não...assim...eu me coloco no meu lugar...mas eu acho que não precisa de você me “coisar” muito não...**eu acho que eu já sei o meu lugar o bastante...sabe?** Agora umas manias de casa de família do início...hoje até que não tem isso...não tem aquela mania de usar uniforme, avental? Nunca tolerei isso não...eu já fui trabalhar em casa de família que tinha que usar e eu não ficava...eu não suporto...outra coisa que eu nunca aceitei...e existia no início que eu comecei a trabalhar...prato, talher...tudo separado...existia isso...hoje, se existir é muito pouco...eu nunca aceitei também não...nunca deixei ninguém fazer isso comigo...(Entrevista 4 – 24/10/2007, ênfase dela)

¹⁴⁰ A importância da qualidade da relação com os patrões e sua relação com a satisfação profissional foi descrita por Kofes (2001)

Das outras três casas de família onde Cleonice trabalhou (além da atual e da primeira, na qual ela tinha muita afinidade com os patrões), ela reclama do distanciamento mantido por uma das patroas; da exigência exacerbada com a limpeza de outra patroa (“queria a casa como um espelho”), somada à demanda emocional para ouvir constantemente os seus problemas; e também as exigências excessivas com a higiene de uma outra patroa (“Porque tinha um tal de passar álcool aqui...álcool ali...álcool na mão”).

Além da ocupação de doméstica, o trabalho com vendas está presente na vida de Cleonice desde a sua infância. Vendia garrafas de cervejas e latas de óleo vazias. Ainda criança, vendeu rifas de porta em porta, a troco de brindes. Quando jovem, vendeu roupas, cosméticos e lingerie. Atualmente, vende cosméticos para a *Natura*, uma grande empresa brasileira. Segundo conta, esse tipo de ocupação a ajudou a se tornar mais desinibida e, portanto, a se relacionar com mais facilidade com as pessoas. Hoje, ela se considera uma boa vendedora e diz que os patrões têm a mesma opinião.

Sobre a pertença religiosa, assim como outras duas empregadas entrevistadas, Cleonice é evangélica. Na época em que morava em Viçosa, freqüentava a Assembléia de Deus várias vezes por semana. Atualmente, freqüenta aos domingos uma igreja evangélica (também da Assembléia) próxima à residência dos patrões.

Além da participação na igreja, Cleonice despende seu tempo livre com várias outras atividades, muitas delas na companhia dos patrões. Ela é a única das empregadas entrevistadas que vai a restaurantes, shows, cinema, praças e clube com a família empregadora. Quando chega da escola, à noite, tem o hábito de assistir novelas ou noticiários. Em muitos feriados, viaja para Viçosa para visitar sua família.

2.4.2. Breve perfil da família empregadora

A família empregadora de Cleonice é composta por seus patrões, S. (44 Anos) e A. (42 anos) e suas duas filhas (16 e 5 anos). Ambos patrões são graduados em Educação Física e são professores universitários na mesma universidade pública de prestígio, embora em faculdades diferentes. A filha primogênita do casal é estudante do ensino médio em uma escola particular de Belo Horizonte e a filha caçula é estudante da educação infantil, também em escola particular.

O fato de Cleonice residir na mesma residência dos patrões faz com que ela se beneficie, pelo menos em parte (já que viver no ambiente não significa compartilhar da mesma qualidade de

vida dos patrões, em função da diferença de salário, por exemplo), de um ambiente mais favorável em termos sociais do que as outras empregadas pesquisadas. A área onde os patrões moram é denominada *Jaraguá* e possui o menor nível de vulnerabilidade da capital mineira (em uma escala de cinco níveis). Nessa região, o índice de mestres e doutores é o intermediário em uma escala de três níveis, assim como o índice da população analfabeta. De seus residentes, 97,19% são alfabetizados.

**BAIRROS E REGIONAIS
MUNICÍPIO DE BELO HORIZONTE
2002**

Casa de A. e S.
Cleonice mora no local
de trabalho

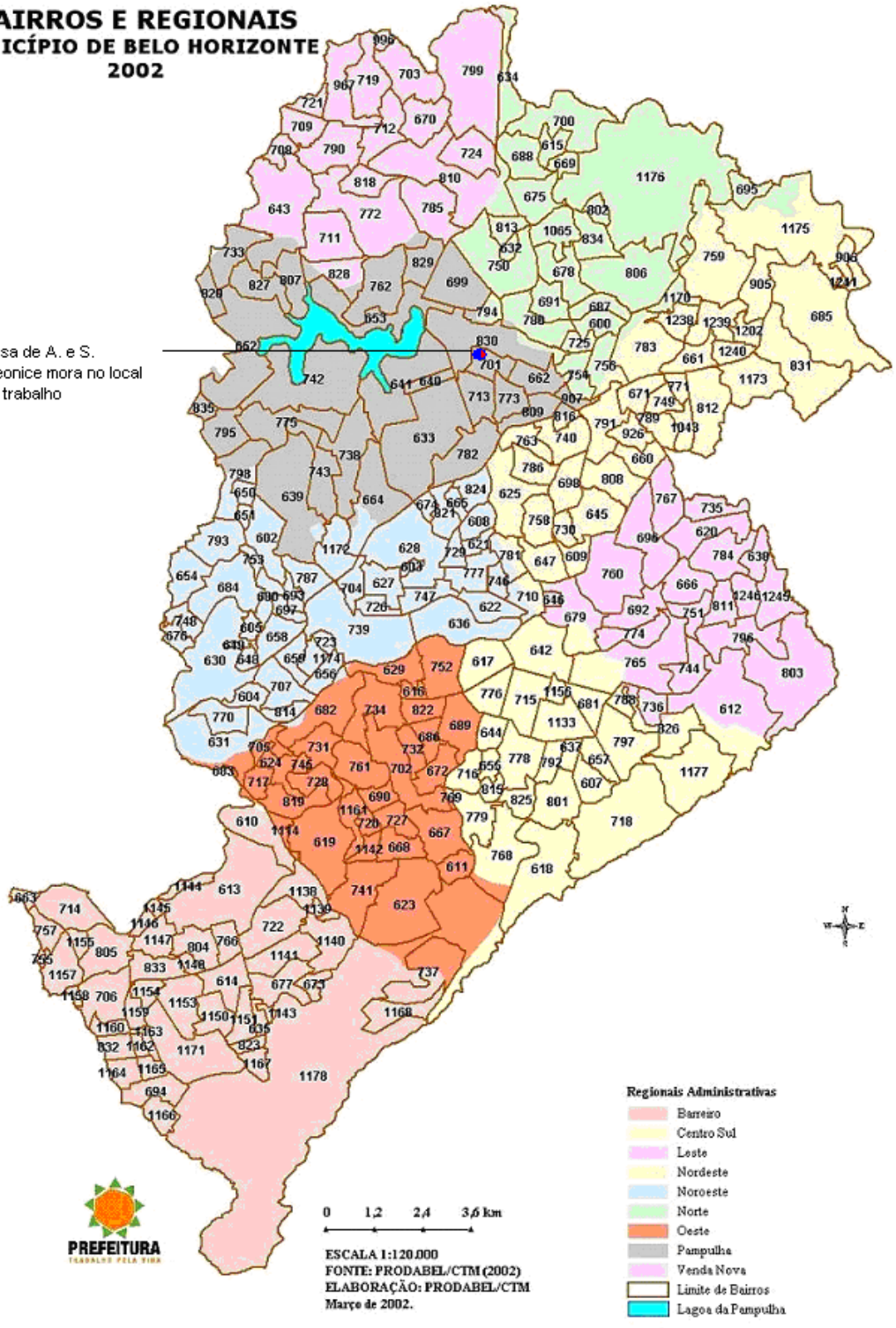


Figura 4 – Mapa da localização da residência dos patrões de Cleonice e onde ela reside.
Fonte: Prefeitura de Belo Horizonte

S., o patrão de Cleonice, nasceu na cidade do Rio de Janeiro. Por parte de mãe é o segundo filho¹⁴¹. Por parte de pai, possui dois irmãos mais velhos. Seu pai, já falecido, foi comerciante (vendia artefatos em alumínio). Sua mãe (65 anos), é dona-de-casa, e mora na cidade do Rio de Janeiro.

S. cursou o primário¹⁴², o ginásio e parte do científico em escolas públicas. A conclusão do científico ocorreu em uma escola particular em função de uma reprovação no primeiro ano. Segundo relata, sempre teve dificuldades de se adaptar às regras escolares e nunca foi considerado um bom aluno. Histórias de atritos com os professores eram constantes. Assim como a esposa, ele formou-se em Educação Física ainda jovem, aos 22 anos. A escolha pelo curso superior se deu, principalmente, devido a sua paixão pelo futebol. A perspectiva, nesse momento, era formar-se um técnico desse esporte.

As primeiras experiências profissionais de S. foram professor de natação e professor de Educação Física em escola particular. O namoro com a futura esposa e a participação em um congresso trouxeram para ele, pela primeira vez, a perspectiva de continuar a se especializar. Após sua formatura, realizou um curso de complementação pedagógica e se formou pedagogo. Foi também nesse período que se tornou professor de educação básica do município do Rio de Janeiro e que realizou uma pós-graduação lato sensu. Concluída a pós-graduação, a expectativa da carreira universitária se fortaleceu. É nesse momento da vida de S. que ele se casou e mudou junto com a esposa para o Rio Grande do Sul, onde cursou o mestrado.

A., por sua vez, é a caçula de uma família de quatro filhas¹⁴³. Seus pais residem na cidade do Rio de Janeiro. Ele atuou como médico e ela como professora de Português e Literatura do ensino médio.

Após cursar o pré-primário e o ginásio em escola pública do Rio de Janeiro, A. cursou o segundo grau em escola privada de prestígio na mesma cidade. Segundo relata, sempre esteve bem adaptada à escola e era considerada uma aluna exemplar. O ensino superior foi realizado em uma universidade pública, também no Rio de Janeiro. Ela formou-se em Educação Física aos 23 anos. A escolha pelo curso superior contou com a influência de sua experiência esportiva vivida

¹⁴¹ A irmã mais velha trabalha como administradora no Banco Central.

¹⁴² Apenas o início do curso primário se deu em escola particular. Devido a sua dificuldade de adaptação, a família o transferiu para uma escola pública.

¹⁴³ Sua irmã mais velha é especialista na área da Educação Física e professora universitária no Rio de Janeiro. A segunda filha é doutora na área da medicina. Atualmente, coordena o serviço de residência médica em uma universidade do Rio de Janeiro. A terceira filha é engenheira química e atualmente não trabalha na área, já que se mudou para o exterior em virtude do casamento.

na infância e na adolescência com a ginástica rítmica e também com a idéia aprazível de tornar-se professora, talvez por influência da mãe.

Durante o curso de graduação, A. envolveu-se com atividades de monitoria acadêmica, além de ter atuado como professora em academia de ginástica, técnica de ginástica rítmica e professora de natação em projeto esportivo. Após graduar-se, optou por dar continuidade aos estudos com o objetivo de tornar-se professora universitária. Para isso, A. realizou a primeira mudança de sua vida. Conforme já foi dito, ela se casou e foi com o marido para o Rio Grande do Sul, onde cursou pós-graduação lato senso e onde ele cursou o mestrado. Também no sul do país, ela trabalhou com qualificação de professores de Educação Física.

Após três anos vivendo no Rio Grande do Sul, A. e S. terminaram seus cursos de pós-graduação e retornaram ao Rio de Janeiro. Na capital carioca, ela começou a cursar o mestrado que foi interrompido em função de sua aprovação no concurso público para a carreira de professora universitária no interior do Paraná e do seu descontentamento com a abordagem do curso de mestrado que acabara de se matricular.

No Paraná, ficou por apenas um ano (meados de 1990 até meados de 1991), pois primeiramente seu marido e posteriormente ela foram aprovados em um concurso também para professores universitários em Viçosa, na zona da mata mineira. Já professores universitários concursados, A. e S. continuaram a estudar. Ela fez o curso de mestrado em uma prestigiosa universidade confessional e, posteriormente, ambos fizeram o doutorado em uma prestigiosa universidade pública de São Paulo.

Atualmente, são professores de uma universidade pública de prestígio e grande parte das atividades acadêmicas que realizam (como a escrita de artigos e relatórios) é feita nos seus próprios gabinetes, nas faculdades em que lecionam. Raramente levam alguma tarefa para ser feita em casa. Mesmo assim, Cleonice pode observar algumas práticas¹⁴⁴ de leitura e de escrita que constituem a profissão dos patrões, como por exemplo, a correção das provas que costuma ser feita por eles em sua residência.

Assim como a família de M. e W., a família de A. e S. também pode ser compreendida como efetivamente inserida na cultura escrita considerada legítima. A alta titulação do marido e da esposa demonstra que tiveram um longo processo de escolarização, em torno de 21 anos nos bancos escolares até concluírem o doutorado. Sem dúvida alguma, a longa escolarização

¹⁴⁴ Vale dizer que quando A. residia em Viçosa, ela tinha por hábito realizar várias tarefas acadêmicas em casa.

demandou deles práticas intensas de leitura e de escrita. Além disso, a atividade profissional que exercem, professores universitários de uma universidade pública de prestígio, corrobora a idéia de que são grandes leitores, já que, para desempenhar essa profissão, precisam estar constantemente envolvidos em práticas de leitura e escrita: desde as leituras e preenchimento dos diários de classe, até a leitura e a escrita de livros, artigos e relatórios. Além das leituras profissionais inevitáveis ao exercício da profissão, ambos compartilham de outras práticas, cada qual com as suas preferências, como a leitura de jornais, romances e livros especializados em culinária.

No caso de A., a participação na cultura escrita considerada legítima também está presente na sua família de origem. Em sua casa, circulavam vários livros com a temática marxista (escolhas do pai) e também livros literários clássicos (escolhas da mãe). Além disso, a valorização da escolarização estava bastante presente na família, de modo que era considerado como natural e esperado que as quatro filhas ingressassem na universidade. Vale ressaltar que A. é a única patroa que pode ser considerada herdeira no sentido bourdiesiano. Ela aceitou a herança do capital cultural recebida pelos pais. Percebe-se que, além da identificação com os pais ter se constituído como condição necessária à herança, a identificação com as normas escolares também foi importante nesse processo¹⁴⁵.

S., entretanto, não recebeu as mesmas influências que A. relacionadas à leitura e à escolarização. Seu pai foi autodidata na aprendizagem da leitura e da escrita e tinha por hábito a leitura do *Jornal dos Esportes*, publicado no Rio de Janeiro. Sua mãe, por sua vez, possui poucas habilidades de leitura e escrita. Ambos eram pouco escolarizados e nutriam para os filhos a perspectiva de conclusão do curso científico¹⁴⁶. Em casa, eram poucos os materiais escritos disponíveis.

Nos momentos nos quais não estão trabalhando, geralmente na parte da noite e nos finais de semana, A. e S. priorizam o contato com as filhas e o lazer. Dessa forma, eles conversam com as meninas e compartilham com elas momentos agradáveis: lêem histórias para a filha mais nova ou vêem um filme juntos com a filha mais velha. Mais tarde, quando Cleonice chega da escola,

¹⁴⁵ Para saber mais sobre as condições da herança, ver: BOURDIEU (1998, p-231-237).

¹⁴⁶ Os dois filhos do pai de S. do seu primeiro casamento não concluíram o científico. A filha da mãe de S. de um relacionamento anterior, como já dito, formou-se em Administração e atualmente trabalha no Banco Central do Brasil. Essa irmã, que é nove anos mais velha, teve influência significativa na formação intelectual de S., tendo apresentado para ele livros literários e música popular brasileira.

conversam sobre a aula que ela assistiu. Quando é possível, o casal vai ao cinema à noite. É também no período da noite que A. e S. fazem as compras para a casa.

A filha mais velha do casal é integrante da militância do Partido dos Trabalhadores. Vários livros presentes na sua prateleira sobre política eram de seu avô, posteriormente de sua mãe e, hoje, são dela. Outras práticas culturais vivenciadas por ela são o cinema, aonde ela vai freqüentemente com os amigos, e a fotografia, que ela pratica por meio de um curso livre. Ela também tem o hábito de locar filmes.

A filha caçula do casal, quando está em casa, assiste aos canais infantis oferecidos pela televisão por assinatura ou aos DVDs infantis que possui em casa. Os pais freqüentemente a levam para programações infantis oferecidas na cidade, como cinema, shows de música, teatro e atividades em praças. A filha caçula tem uma boa variedade de livros em sua prateleira: alguns foram herdados da irmã mais velha e de primos, outros foram comprados pelos pais e outros, ainda, foram requisições da escola.

O tipo de relação que essa família estabelece com a empregada doméstica é bastante peculiar. A necessidade de recorrer ao trabalho de uma empregada, no caso de A. e S., é acompanhada de uma grande consideração pela pessoa que escolheram para realizar essa tarefa. A., por exemplo, reconhece que sua vida é estruturada de determinada maneira porque ela conta com o trabalho de Cleonice. O respeito e a estima conferidos à Cleonice são expressos em atitudes de igualdade. O pensamento da família parece ser o de que se eles podem desfrutar de momentos de lazer nas ocasiões em que não estão trabalhando, é porque o serviço doméstico já foi feito por outra pessoa. Então, nada mais justo do que compartilhar com essa pessoa os momentos de lazer. Esse foi o único caso pesquisado no qual a empregada é convidada a participar de celebrações familiares, a realizar passeios às cidades vizinhas, a ir ao cinema, a ir a restaurantes, etc. É o que pode ser percebido no trecho abaixo:

A: (...) a Cleonice pra gente é fundamental...se eu estruturo a minha vida desse jeito tem muito a ver com a presença da Cleonice na nossa casa...e sobretudo a Cleonice é uma pessoa muito especial...(...) eu divido com ela as coisas...ela participa comigo...uma pessoa boa...uma pessoa do bem...uma pessoa que tá sempre procurando o quê que eu posso fazer pra acertar...pra dar certo...trazer coisas legais pra nossa história...a gente tem um carinho por ela imenso...e eu quero vê-la bem...e aí assim...às vezes ela diz...A....você não me deixa trabalhar...hoje mesmo...minha mãe tá chegando hoje à tarde...eu falei...Cleonice...depois que minha mãe chegar...vamos passear com ela e vamos comer uma pizza...ela...eu não vou...olha a pilha que eu tenho pra

passar...eu falei Cleonice ninguém vai morrer se você deixar isso aí...você vai deixar e você vai comigo...eu insisto pra ela...outro dia eu levei ela no show do Almir Sater...outro dia ao cinema...C. [filha mais velha] leva ela ao cinema...a gente procura/ embora às vezes tenha que levar ela arrastada...mas assim...não abro mão...eu mostro pra ela que o fato dela ter vindo pra Belo Horizonte tem que mudar alguma coisa, né...não só pra gente mas pra ela também...(Entrevista 1 – 15/11/2007)

A. destaca como características de uma boa empregada a iniciativa, o cuidado com a família e a perspicácia. Sobre a iniciativa, ela diz ter dificuldade de determinar quais as tarefas precisam ser feitas, já que esse tipo de atitude, mesmo que não seja feito de modo autoritário, acaba por vincular-se a um modo de relação hierárquico. A autonomia constitui-se, portanto, como uma vantagem na relação entre patrão e empregada. Sobre o cuidado que Cleonice tem com a família, A. destaca o uso prudente do dinheiro, sem desperdícios, e a confiança oferecida no cuidado com a casa. E, por último, a perspicácia é citada por A. como uma característica importante, na medida em que preserva a família de uma exposição não desejada. Assim, quando Cleonice percebe algum tipo de atrito entre os familiares, ela se recolhe.

S., por sua vez, e de maneira parecida com o relato de outros patrões, destaca a confiança como um sentimento necessário em relação a uma empregada doméstica. A fidelidade e a honestidade de Cleonice na relação com os patrões é para ele uma de suas maiores qualidades.

Ao se observar com mais cuidado a dimensão da autonomia, apontada por A. como desejável em uma empregada doméstica, percebe-se que se trata de uma característica que está também relacionada às habilidades de leitura e de escrita. É a habilidade de escrita de Cleonice, por exemplo, que permite escrever uma lista de compras ou de anotar um recado, tornando sua atividade profissional mais autônoma, ou para se dizer em outras palavras, gerida por ela própria.

Entretanto, a família jamais perguntou em uma entrevista de emprego, por exemplo, se a candidata sabia ler e escrever. Quando questionada sobre a possibilidade de contratar uma empregada doméstica analfabeta, A. diz que já ter contratado uma, mas ao discorrer sobre essa experiência, aponta a falta de urbanidade (e não o fato de ser analfabeta) como possível provocadora de certa tensão na relação com a família. Vale a pena transcrever o trecho da entrevista com A., que além de abordar o tema da contratação de uma empregada doméstica que não sabe ler e escrever, acaba por expor como a disposição para participar de um outro modo de vida é valorizada pela família, como por exemplo, a disposição para aprender a organizar a mesa de uma refeição ou aprender a cozinhar um determinado prato.

P: Essa autonomia que você falou...a questão da iniciativa...eu vejo um pouco que está relacionada às habilidades que ela tem...por exemplo...de fazer uma conta...de fazer uma lista de compras/

A: De anotar um recado...sem dúvida...

P: E...você A...contrataria uma empregada que não soubesse ler e escrever?

A: Eu já tive...em Campinas por exemplo... ela tinha vindo do interior da Bahia...e ela não tinha a mínima lógica de urbanidade...então essas coisas básicas...que pra gente é super/ (...)...agora eu confesso que é muito mais difícil...sobretudo para o modo de vida que a gente/ na verdade isso nunca foi uma pergunta...

P: Numa entrevista por exemplo...

A: Nunca...isso nunca foi...mas...confesso que quando eu me deparei com uma pessoa que não sabia ler e escrever...ou que não tinha uma lógica de urbanidade...foi difícil...ficou comigo o tempo todo...os quatro anos que eu morei em Campinas...porque eu não tinha coragem de mandar ela embora...e eu fui convivendo com aquilo...tinha dias em Campinas...eu tinha um apartamento muito pequenininho...eu tinha uns paninhos embaixo dos enfeites...tinha dia que eu chegava...ela lavava os paninhos e botava pano de prato...não tinha lógica de estética nenhuma...de nada...e eu convivi quatro anos com ela desse jeito...eu chegava...ia tirando...arrumando as coisas...agora a Cleonice...além de tudo...ela tem isso, né...ela tem uma coisa que é legal é que ela tem desejo de aprender...por exemplo...botar a mesa...botar a mesa quando vem alguém...e ela diz...bota você...e eu boto...mas...outro dia ela disse assim...A...eu que botei...é assim mesmo...a faca é desse lado? O garfo é desse lado? A Cleonice tem uma coisa de aprender...o S. vai pra cozinha...ela fica de olho pra ver o quê que o S. tá fazendo...sobretudo depois que a gente chegou aqui...a Cleonice se permitiu...ela não comia do nosso lado...aí a gente foi mostrando pra ela...hoje isso pra ela já é mais tranquilo...embora não é absolutamente natural...mas é mais tranquilo...Ir pra restaurante? Nossa...não ia de jeito nenhum...hoje vai...né...esses dias a gente foi pra Macacos...aí tinha um restaurante mais sofisticado assim...aí eu falei...ai S....será que a Cleonice vai se sentir bem? Ó...sentou...super tranquila...era um lugar lindo...pediu pra gente tirar foto dela...isso me deixa muito contente...e ela tá feliz...tá se sentindo bonita... (Entrevista 1 – 15/11/2007)

S. também não vê o fato de saber ler e escrever como condição para um contrato, entretanto, assim como a esposa, ele indica a vantagem das potencialidades de Cleonice e se sente satisfeito de sua boa adaptação à vida na família, após a mudança para Belo Horizonte. Parece que, para os patrões, a adaptação de Cleonice ao modo de vida da família tem possibilitado um modo de relação mais igual entre eles e a empregada.

2.4.3. Rotina

De todas as empregadas domésticas entrevistadas, Cleonice é a única que dorme no local de emprego¹⁴⁷, o que significa que mesmo o seu tempo livre é vivido, em grande parte, nesse ambiente¹⁴⁸. Ela se levanta às 5h 30min, faz a sua higiene matinal, e às 6h inicia suas tarefas domésticas. A primeira delas é preparar o café da manhã para toda a família. Ela também toma seu próprio café da manhã. Se houver louça na cozinha, Cleonice lava. Logo a filha mais velha dos seus patrões vai para o colégio. Seus patrões também saem cedo, rumo à universidade, onde trabalham.

Na parte da manhã, constituem-se tarefas domésticas de Cleonice arrumar as camas, limpar os banheiros (que são efetivamente lavados uma vez por semana, preferencialmente às sextas-feiras) e realizar parte da limpeza dos quartos, tais como: a retirada da poeira, a varredura ou o uso do aspirador de pó. L. (a filha de cinco anos) é o único membro da família que permanece em casa, com Cleonice, nesse período do dia. Ela observa a empregada nas suas tarefas. Eventualmente, Cleonice acompanha L. no balanço que se encontra na parte externa do apartamento. Se for dia de lavar roupas, ou seja, segunda, quarta ou sexta, Cleonice as coloca na máquina ainda cedo, enquanto realiza a limpeza dos quartos e banheiros.

A manhã ainda não terminou e ela precisa iniciar o preparo do almoço, já que a filha mais nova dos patrões estuda no período da tarde e, por isso, deve almoçar por volta das 11h. Cleonice e ela almoçam juntas. Logo, os patrões também chegam para almoçar e para buscar a filha caçula e levá-la à escola. A filha mais velha, por sua vez, almoça com a família apenas duas vezes por semana. Nos outros dias, ela tem compromissos escolares em outra região da cidade e prefere almoçar por lá.

Após todos almoçarem, Cleonice limpa a cozinha e prepara algo que deverá ser comido à noite (uma torta de cebola, uma sopa, um macarrão, etc). Geralmente ela escolhe o cardápio, aproveitando o que há na geladeira e na dispensa. Às vezes, pergunta aos membros da família se querem dar uma sugestão.

¹⁴⁷ Uma pesquisa do IBGE (2006) nas principais metrópoles brasileiras mostrou que apenas 3,4% das empregadas domésticas moravam no domicílio onde trabalhavam. Vale ressaltar que a empregada que dormia no domicílio onde trabalhava durante a semana e retornava ao seu domicílio nos finais de semana não é identificada como moradora no local do emprego, uma vez que é captada a condição de seu domicílio nos dias de folga (IBGE, 2006).

¹⁴⁸ A família reside em um apartamento com área externa. Há 3 quartos, 1 escritório, 1 sala, 4 banheiros e dependência de empregada (composta por 1 banheiro e 1 quarto).

Por volta das 16h, Cleonice termina as suas atividades domésticas do dia. Ela, então, toma banho e faz um pequeno lanche, antes de seguir para a universidade (a mesma onde trabalham os seus patrões) e onde ela cursa o segundo segmento do ensino fundamental na modalidade educação de jovens e adultos. Suas aulas acontecem no período de 17h 45min às 21h. No entanto, ela chega um pouco antes, pois gosta de permanecer na biblioteca realizando alguma tarefa escolar.

Aos sábados, passa as roupas que foram lavadas durante a semana enquanto assiste à televisão, embora os patrões insistam que suas responsabilidades são apenas preparar o almoço e arrumar a cozinha. Contrariando os patrões, ela também costuma realizar faxina na área externa do apartamento aos sábados, quando a faxina não foi possível de ser feita na sexta-feira. Cleonice possui algumas tarefas que são realizadas ocasionalmente, segundo necessidade observada por ela, como por exemplo, a limpeza dos azulejos da cozinha e a organização das compras mensais.

2.3. As regularidades dos casos investigados: cotejando com a bibliografia estudada

Quando se comparam as trajetórias das quatro empregadas domésticas pesquisadas às pesquisas empíricas sobre domésticas brasileiras (sobretudo no campo da sociologia e da antropologia), bem como aos dados estatísticos produzidos pelo IBGE, notam-se regularidades e também singularidades. Em outras palavras, o que se percebe é que as empregadas entrevistadas possuem características comuns às outras domésticas brasileiras, bem como características peculiares que podem estar associadas ao perfil muito específico das famílias empregadoras selecionadas para a pesquisa: “famílias letradas”.

As pesquisas sobre emprego doméstico apontam que a maioria das domésticas brasileiras é originária do mundo rural. Segundo Vidal (2007), elas são migrantes originárias das zonas rurais e provenientes de famílias muito pobres. Geralmente são primogênicas e começam a trabalhar como domésticas no desaparecimento ou falência do pai (VIDAL, 2007, p.11). Segundo o mesmo autor, é comum que essas mulheres, ainda no campo, tenham trabalhado nas fazendas dos grandes proprietários como empregadas domésticas e em seguida tenham migrado para as cidades vizinhas de pequeno porte também para trabalharem nessa ocupação. Apenas mais tarde, seguiriam para as grandes metrópoles.

O mesmo tema é abordado, um pouco antes, por Jacquet (2003). Ela afirma que no Brasil:

O êxodo rural, que alimenta o crescimento da população urbana, é um fenômeno majoritariamente feminino. No que diz respeito às domésticas brasileiras, verifica-se que elas participam ativamente do desequilíbrio entre os sexos, pois na população urbana dos diferentes estados do Brasil nota-se uma estreita correlação entre o excedente feminino e a presença de domésticas (JACQUET, 2003, p.163).

De fato, o objetivo da pesquisa de Jacquet é compreender as lógicas (escolhas pessoais e determinantes estruturais) que estão por trás da emigração das domésticas em direção aos centros urbanos. Jacquet descobriu que as migrações estão muitas vezes relacionadas aos projetos matrimoniais das moças do campo. O contexto de empobrecimento no meio rural é acompanhado pelo desejo de ascensão social que o casamento pode proporcionar. Embora o campo apresente uma grande quantidade de homens, não oferece a qualidade almejada para assegurar a promoção social. O mercado matrimonial urbano torna-se, então, por ser mais diversificado, mais atraente.

A autora enfatiza o dado de que o emprego doméstico é um importante canal de acesso e estabelecimento na cidade. Em 88% dos casos das empregadas estudadas por ela (que migraram para a cidade de Fortaleza) a migração aconteceu concomitantemente ao ingresso como doméstica (JACQUET, 2003, p.180).

Apesar de a migração do mundo rural para o mundo urbano ser recorrente no caso das empregadas domésticas brasileiras, apenas um dos quatro casos pesquisados por mim pode ser considerado nessa lógica. Nazira é a única empregada pesquisada que nasceu e passou a infância na zona rural da cidade de Governador Valadares (MG). Duas empregadas entrevistadas nasceram nas metrópoles Belo Horizonte e São Paulo (respectivamente Suely e Graça) e uma empregada, Cleonice, nasceu no interior mineiro, na cidade de Porto Firme¹⁴⁹, região da Zona da Mata.

Quanto à escolarização, os dados do IBGE¹⁵⁰ do mês de março de 2006 indicam que são poucos os empregados domésticos das principais regiões metropolitanas brasileiras que voltaram aos bancos escolares após adultos para prosseguirem os estudos que interromperam na infância ou na adolescência. Apenas 7,8% dos trabalhadores domésticos freqüentavam a escola e 2,7% freqüentavam curso supletivo ou de alfabetização de adultos. Os estudos revelaram também que, entre os trabalhadores domésticos, a proporção de pessoas com menos de oito anos de estudo, isto

¹⁴⁹ Ela nasceu na sede da cidade de Porto Firme. Sabe-se que, ainda hoje, segundo o Censo Demográfico de 2000, a cidade possui um grande proporção de habitantes na zona rural (58,87%).

¹⁵⁰ Esses dados foram produzidos pelo IBGE para a Pesquisa Mensal de Emprego nas regiões metropolitanas de Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre.

é, que não completaram o nível fundamental, atingiu 64,0% enquanto que para a população ocupada esta parcela correspondia a 29,8%. É o que pôde ser percebido nas tabelas apresentadas no capítulo 1.

O tema da escolarização também foi mencionado por Vidal (2007), em sua pesquisa sobre as empregadas de uma das metrópoles citadas pelo IBGE: a cidade do Rio de Janeiro. O autor relata que as empregadas pesquisadas por ele que não têm um diploma escolar explicam que tiveram que abandonar os estudos para começarem a trabalhar como domésticas e as empregadas que obtiveram diplomas escolares falam sobre isso como uma prova de seu valor, mesmo que sua situação de emprego não fosse diferente das outras empregadas pesquisadas.

Na verdade, para Vidal (2007) a obtenção de títulos escolares é vista pelos seus sujeitos pesquisados como uma maneira de escapar da condição de doméstica e do estigma que ela causa. Assim, ao definir-se como estudante, a empregada doméstica contribui para construir uma identidade positiva de si. “(...) fréquenter un établissement scolaire permet de surcroît de ne pas se résigner à la condition de domestique”(VIDAL, 2007, p.153-154)¹⁵¹.

Além disso, embora seja objetivamente limitada a ascensão pelo estudo, o autor constatou que são depositadas grandes expectativas na escola. Para ele, a busca por diplomas escolares¹⁵² não está ligada apenas às perspectivas de ascensão social, mas ao prestígio e ao status que a posse de um diploma confere, já que permite almejar um emprego que é reconhecido como profissão. “Plus encore que le titre scolaire, le titre professionnel garantit une identité stable reconnue par les autres” (VIDAL, 2007, p.153)¹⁵³. O autor salienta, ainda, que no caso das empregadas entrevistadas por ele que não possuem diploma escolar, poucas não falam do projeto de retomarem os estudos.

Convém lembrar que os quatro casos pesquisados por mim são de empregadas pouco escolarizadas e que esse dado não se mostra apenas como um retrato da situação brasileira, mas sim como uma escolha metodológica. Escolheu-se pesquisar empregadas que não tivessem concluído o ensino fundamental para conseguir investigar melhor a influência do ambiente de trabalho nas práticas de leitura e escrita. Entre as quatro empregadas pesquisadas, uma concluiu o

¹⁵¹ Frequentar um estabelecimento escolar significa não se resignar à condição de doméstica (Tradução sob minha responsabilidade).

¹⁵² O autor também aponta a busca da escola como lugar de socialização, principalmente para aquelas que residem no local do emprego (VIDAL, 2007, p.129).

¹⁵³ Mais ainda que o título escolar, o título profissional garante uma identidade estável, reconhecida pelos outros (Tradução sob minha responsabilidade).

primeiro ano do primário, três seguiram até a quinta série quando ainda adolescentes e uma, dessas três últimas, encontrava-se cursando as últimas séries do ensino fundamental em um projeto de educação de jovens e adultos.

Vale dizer que, entre os motivos das interrupções dos estudos nos quatro casos, a necessidade de trabalhar (por diferentes razões) foi mencionada em pelo menos três dos casos, confirmando a afirmação de Vidal (2007) feita acima. Entretanto, apenas uma das entrevistadas tem o desejo de continuar a se escolarizar, justamente a que frequenta a escola atualmente. As outras três consideram que a fase da vida em que poderiam estudar já passou e que agora não possuem mais ânimo para o estudo. Esse dado não corrobora a afirmação de Vidal de que a maioria das empregadas falam do projeto de retomar os estudos.

Sobre as condições de trabalho como empregada doméstica, dois aspectos merecem destaque. O primeiro é o fato de o emprego doméstico no Brasil possuir baixos índices de formalização e o segundo é a característica pouco autônoma da ocupação, mencionada por alguns autores. Quanto à primeira característica, a pesquisa do IBGE (2006) já referida anteriormente aponta que apenas 34,4% das domésticas nas metrópoles pesquisadas tinham carteira de trabalho assinada¹⁵⁴. Essa porcentagem é um pouco superior no caso de Belo Horizonte, 44,6%. Tal condição do trabalho doméstico o coloca em uma situação desfavorável, já que a posse da carteira de trabalho assegura uma série de vantagens em relação aos trabalhadores sem vínculo formal.

	Total	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre
Com carteira de trabalho assinada	34,4	31,8	31,3	44,6	34,2	30,0	49,0
Sem carteira de trabalho assinada	65,6	68,2	68,7	55,4	65,8	70,0	51,0

Tabela 3: Distribuição dos trabalhadores domésticos, por regiões metropolitanas, segundo o vínculo de trabalho.
Fonte: IBGE (2006)

¹⁵⁴ “Quando compara-se os percentuais de empregados no setor privado com e sem carteira assinada, esta desigualdade torna-se mais evidente visto que aqueles sem carteira assinada equivaliam a 26,0% dos empregados no setor privado no total das regiões pesquisadas” (IBGE, 2006, p.13).

Quanto à segunda característica, é interessante notar que alguns trabalhos, como os de Vidal (2007) e Brandt (2002), explicitam a falta de autonomia vivida por muitas empregadas domésticas, tanto no que se refere à seqüência das tarefas a ser realizada, quanto no que se refere aos arranjos de horários para iniciar e terminar o serviço. As entrevistadas por Vidal, por exemplo, se queixam de não poderem organizar seus trabalhos como desejam, devido às constantes mudanças de ordens dos patrões que acabam, assim, impedindo o encontro de um equilíbrio em suas rotinas.

Nas famílias observadas por mim, encontrei uma condição de trabalho muito diferente. Todas as quatro empregadas domésticas pesquisadas têm carteira de trabalho assinada e têm autonomia no gerenciamento de suas atividades. Elas são interrompidas basicamente para atender ao telefone e a jornada de trabalho diária é muitas vezes encurtada, com o consentimento dos patrões, para que elas possam resolver problemas cotidianos. Essas características do contexto de trabalho são valorizadas pelas domésticas pesquisadas por mim e, talvez, estejam relacionadas ao perfil da família empregadora. É provável que empregadores muito letrados e muito escolarizados tenham mais sensibilidade social para perceber a dureza (física e emocional) do trabalho doméstico

Por último, nota-se, entre as empregadas pesquisadas, a participação em igrejas evangélicas neopentecostais (três dos quatro casos pesquisados). Entre outras práticas culturais descritas (e que serão analisadas posteriormente, no capítulo 4), a vivência religiosa ocupa lugar de destaque. Embora não se tenha um dado objetivo sobre esse aspecto, há indícios (tomando-se como parâmetro a difusão da igreja evangélica nos meios populares, ver tabela abaixo) de que muitas empregadas domésticas brasileiras sejam evangélicas. Esse dado é relevante para esta pesquisa, tendo em vista que

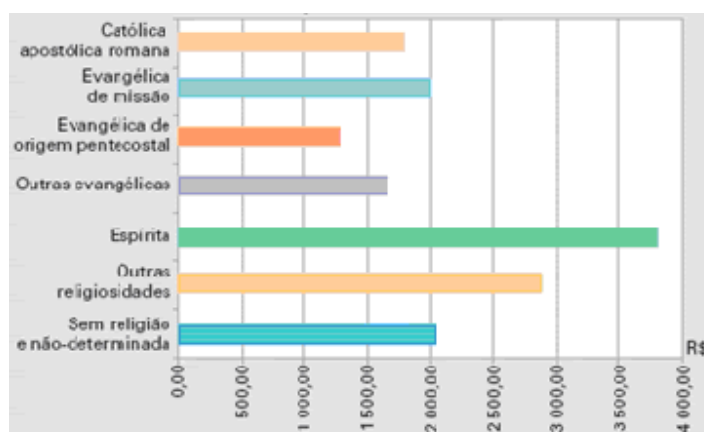
os evangélicos tendem a apresentar menor participação que os católicos no nível 1 de alfabetismo¹⁵⁵ (27% contra 32%) e, correspondentemente, maior participação no nível 3 (29% contra 22%). Embora as duas religiões se organizem em torno do livro e da leitura, as diferenças no desempenho provavelmente se expliquem pelo modo particular com que católicos e evangélicos se relacionam com a escrita na esfera da religião (BATISTA e RIBEIRO, 2004, p.2004).

¹⁵⁵ Esses níveis referem-se aqueles definidos pelo Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional, pesquisa já referida no capítulo 1.

Em outras palavras, a prática religiosa, especificamente a evangélica, parece ter um papel importante nas formas de participação das empregadas investigadas na cultura escrita. Os gráficos abaixo mostram o crescimento da religião evangélica no Brasil e sua predominância (especificamente dos evangélicos pentecostais) entre as camadas populares.

Religiões	1991 (%)	2000 (%)
Católica apostólica romana	83,0	73,6
Evangélicas	9,0	15,4
Espíritas	1,1	1,3
Umbanda e Candomblé	0,4	0,3
Outras religiosidades	1,4	1,8
Sem religião	4,7	7,4

Tabela 4 - Distribuição percentual da população residente, por religião – Brasil – 1991/2000
Fonte: IBGE (1998)



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa de Orçamentos Familiares 2002-2003.

Tabela 5 – Rendimento médio mensal familiar, segundo a religião da pessoa de referência da família – Brasil – período 2002-2003.
Fonte: IBGE (2008)

CAPÍTULO 3: PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA COTIDIANAS DAS EMPREGADAS DOMÉSTICAS

As empregadas domésticas pesquisadas envolvem-se em uma diversidade de práticas de leitura e de escrita diárias. Algumas dessas práticas são intrínsecas ao trabalho doméstico em ambiente letrado, outras são proporcionadas pelo exercício dessa ocupação e outras, ainda, ocorrem em outros contextos sociais nos quais elas circulam, além do trabalho. O objetivo deste capítulo é descrever e analisar cada uma das práticas, buscando relacioná-las às situações desencadeadoras de suas necessidades.

3.1. As práticas de leitura e escrita constituintes ao trabalho doméstico em ambiente letrado

	Práticas de leitura ou de escrita	Graça	Suely	Nazira	Cleonice
1	Leitura de bilhetes	X	X	X	X
2	Escrita de bilhetes	X		X	X
3	Escrita de recados recebidos por telefone	X	X	X	X
4	Leitura de listas de compras	X			X
5	Escrita de listas de compras		X		X
6	Leitura de receita culinária.		X	X	X
7	Escrita de receita culinária (da própria empregada, ditada pelos patrões ou vista em programas televisivos de culinária).		X		X
8	Seleção e organização dos materiais escritos da casa, tais como: contas de luz, telefone, revistas recebidas por assinatura, livros de cada um dos membros da família, recibos do supermercado, recibo do condomínio, etc.	X	X	X	X
9	Leitura e assinatura de recibos de mercadorias recebidas (produtos comprados on-line, correios).	X	X	X	X

10	Recorrência à agenda telefônica da família ou à lista telefônica caso necessário.	X	X	X	X
11	Leitura de calendário para acompanhar dias de descanso, dia do pagamento ou dia de trabalho extra, cálculo das passagens de ônibus, etc.	X			X
12	Leitura e acompanhamento de tarefas escolares das crianças (filhas dos patrões) e leitura de histórias.				X

Tabela 6: Práticas de leitura e de escrita realizadas por cada empregada no ambiente de trabalho.

A tabela acima expõe os tipos de práticas investigadas no ambiente de trabalho e as ocorrências delas em cada um dos casos. À primeira vista, a observação da tabela não evidencia grandes diferenças entre as domésticas investigadas. Graça e Suely participam de oito das doze formas de participação na culturas escrita pesquisadas. Nazira se envolve em sete dos doze tipos de práticas e Cleonice, por sua vez, é a que mais se diferencia do grupo, já que suas práticas de leitura e de escrita no trabalho são as mais numerosas, doze tipos delas foram contabilizados. Entretanto, são os relatos das rotinas de trabalho que permitem perceber a maneira com que as práticas são realizadas, ou seja, possibilitam compreender, por exemplo, se há autonomia da empregada para realizá-la, se há exigência dos patrões na realização de determinada prática, bem como se determinada prática é acompanhada de tensão ou desenvoltura. É importante lembrar que, conforme foi abordado no capítulo 1 desta dissertação, o conflito cultural vivido no exercício ocupacional também se expressa nas diferentes relações estabelecidas com o mundo da escrita.

3.1.1. Os bilhetes e os recados recebidos por telefone

Todas as empregadas domésticas comprometem-se com práticas de leitura e/ou escrita de bilhetes e recados telefônicos. Na ausência dos membros das famílias empregadoras, são elas que atendem ao telefone e registram os recados. Quando os patrões saem de casa antes que elas

cheguem ao trabalho, às vezes deixam bilhetes - que dizem respeito à execução de alguma tarefa, ao cardápio do almoço ou alguma orientação para receberem mercadorias que serão entregues – que são lidos por elas. Por outro lado, quando elas saem do trabalho e não há ninguém em casa, por vezes deixam bilhetes para os patrões, como, por exemplo, lembrando-os de comprar algum item necessário à execução de suas tarefas. Na presença dos patrões, a preferência (por ambas as partes), de modo geral, é que a comunicação aconteça oralmente.

Como foram abordadas no capítulo 1 desta dissertação, as escritas desse tipo se constituem como uma das maneiras de romper com o senso prático. Nas palavras de Lahire:

Le cinquième cas de figure se rapporte à des situations d' où le corps est absent et où l'écrit continue à marquer sa présence. C'est le cas des petits mots entre membres de la famille ou des correspondances écrites. Ici, le sens pratique immédiatement mis en oeuvre au sein d'une situation ne peut opérer puisque les corps n'est pas en situation: il est ailleurs. L'écrit permet alors de compenser l'absence corporelle effective pour continuer à exercer son action (LAHIRE, 1993, p.124)¹⁵⁶.

Além disso, a frequência e o motivo dos recados variam de família para família. De modo geral, como a justificativa para a realização dessas práticas escritas é a ausência do corpo¹⁵⁷, nas situações onde as pessoas estão presentes, elas tendem a não ocorrer. Com uma única exceção, as empregadas pesquisadas, assim como todos os patrões, preferem a comunicação oral dos recados.

A exceção referida no parágrafo anterior trata-se do caso de Graça. Ela é a empregada pesquisada que mais aderiu a essa forma de comunicação. É a única que prefere os recados escritos aos orais. Quando pergunto se os recados são também comunicados oralmente, ela diz:

G: Não, não, não...eu escrevo tudo...e eu já falo com eles...tudo o que vocês falar...ou ter que fazer...escreve pra mim e deixa escrito...porque se não escrever...eu esqueço...eu esqueço mesmo...não adianta...é muito assim...não é tão direto eu esquecer...mas tem muitas coisas assim que ela fala e eu esqueço...aí ela...você não lembra?...eu esqueci T...tem que escrever...deixar pra mim escrito se não eu não lembro não... (Entrevista 1, 05/07/2007)

¹⁵⁶ O quinto exemplo se relaciona às situações nas quais o corpo está ausente e onde o escrito continua a marcar a sua presença. É o caso dos bilhetinhos entre os membros da família ou correspondências escritas. Aqui, o senso prático imediatamente executado no seio de uma situação não pode operar já que o corpo não está presente na situação: ele está em outro lugar. O escrito permite então compensar a ausência corporal efetiva para continuar a exercer a sua ação (Tradução sob minha responsabilidade).

¹⁵⁷ Ong (1998) também observou o efeito da “separação” provocada pela introdução da escrita. Entre outros tipos de separação sugeridos pelo autor, estão o distanciamento no tempo e no espaço da fonte de comunicação e do recipiente e a separação entre o conhecido e o conhecedor.

Assim, às vezes, embora fale com a patroa da necessidade de incluir algum item na compra do mês, ela também opta por deixar o recado escrito na porta da geladeira. É notório que a função da escrita nesses casos é de apoio à memória. No trecho abaixo, novamente Graça fala da necessidade da escrita para o não esquecimento.

G: É...oh eu tô precisando disso...você traz pra mim...aí ela vai e traz...igual agora eu tô precisando falar pra ela trazer uma vassoura pra mim (risos)... eu não posso é esquecer...porque tem vez assim que ela faz a compra...e eu não tô sabendo...entendeu...porque ela não tem o dia certo do mês pra fazer...ela tem assim...final do mês...mas às vezes ela vai um dia antes...aí ela já trouxe...como é que eu vou pedir pra ela trazer...então assim...às vezes eu até escrevo e deixo lá...tá faltando isso e isso...aí já tá na lista... (Entrevista 1, 05/07/2007)

Em relação ao atendimento dos telefonemas, Graça se ocupa deles prioritariamente na parte da tarde, quando geralmente está sozinha na casa da família ou apenas com um dos filhos dos patrões. Em muitos casos ela precisa anotar os recados. Interrompemos uma das entrevistas para que ela pudesse atender ao telefone que tocava. Era o patrão com o objetivo de comunicar que um marceneiro iria ao apartamento e de orientar Graça sobre o recebimento desse profissional. Esse evento pode ser percebido como uma evidência de que a comunicação oral também tem lugar no relacionamento à distância entre patrões e empregada.

Os conteúdos dos recados escritos deixados pelos patrões de Graça são variados. A patroa, por exemplo, quando não está em casa na parte da manhã, escreve para ela o cardápio do dia. O patrão deixa anotadas algumas recomendações para o pagamento de algum serviço ou mercadoria ao lado de um cheque (às vezes em branco, para ser preenchido pela empregada). No dia da primeira entrevista realizada com Graça, ela disse que E. havia deixado um recibo com seu nome escrito incorretamente para ser trocado. Graça recebeu um funcionário da empresa que havia emitido o recibo para trocá-lo por outro com a grafia correta do nome do patrão. Ela teve que ler o novo recibo para atestar que a correção havia sido feita.

Nessa família, a comunicação com os patrões, embora aconteça muitas vezes por meio de bilhetes, também acontece oralmente. Dessa forma, quando está presente em casa, é comum T. dizer o que Graça deverá fazer para o almoço. Os patrões e a empregada também acordam oralmente sobre as saídas de Graça mais cedo do trabalho, quando necessita resolver problemas pessoais.

No caso de Suely, a forma principal de comunicação entre ela e sua patroa é a conversa. Se a patroa tem algo para ser dito, diz face-a-face ou liga para a residência. C. não prioriza os recados escritos na sua forma de comunicação com Suely e nem com os membros da família. Ela própria comentou em entrevista as facilidades do desenvolvimento da telefonia celular e da sua preferência de um contato mais íntimo, gosta de ouvir a voz da pessoa com quem se comunica. Suely, por sua vez, raramente deixa algum bilhete para os patrões.

Os bilhetes são mais facilmente substituídos por uma interação oral do que os recados telefônicos. O recado de alguém que telefona para a residência geralmente tem um conteúdo desconhecido pela empregada e, talvez por isso, mais difícil de ser memorado e transmitido oralmente. Dessa forma, Suely tem o hábito de anotar os recados recebidos por telefone na casa da família empregadora.

A substituição de bilhetes pela interação oral não é um fato surpreendente, visto que a relação estabelecida entre gêneros textuais relacionados às comunicações pessoais e a oralidade já é conhecida. Marcuschi (2001) observou que as cartas pessoais, os bilhetes, os outdoors, as inscrições em paredes e os avisos são gêneros textuais que estabelecem forte relação com a oralidade. Em outras palavras, esses gêneros podem ser considerados pelo pesquisador como mistos; apesar de utilizarem o meio de produção gráfico, possuem uma concepção discursiva oral (MARCUSCHI, 2001, p. 35-43).

Justamente pelo fato de requisitar a utilização do sistema de escrita e de ser colocada ao julgamento dos outros (os patrões), a produção desse tipo de gênero pelas empregadas é vivenciada com certa sensação de apreensão. Sobre esse aspecto, presenciei uma situação interessante durante uma entrevista. O trecho abaixo foi escrito para registrar a observação feita:

Estávamos no meio da conversa (justamente após ela ter afirmado anotar recados telefônicos) e o telefone tocou. Interrompi a gravação para que ela atendesse. Enquanto conversava, pegou papel e caneta para anotar o recado. Hesitou em fazer, provavelmente receosa pela minha presença. Apenas repetiu em voz alta o recado que deveria anotar. Ela então desligou o telefone e pediu que eu anotasse. Ditou o recado e eu anotei. Ela prosseguiu dizendo que quando está incerta se escreveu corretamente o recado, pergunta aos destinatários se eles entenderam a mensagem. Exponho, então, a minha dúvida quanto à grafia da palavra “seção”. Ela lê minha anotação em voz alta... *Seção pessoal da Faculdade de Medicina...Cristina* [lendo a minha anotação] e a julga adequada, já que é possível de ser entendida. Percebo, nesse momento, que o objetivo primordial de Suely é a transmissão da mensagem correta, para que os patrões não fiquem prejudicados. Percebo também a presença da tensão em relação à

escrita correta das palavras (Anotações de campo realizadas após a entrevista 2 – 05/12/2007).

Essa passagem evidencia um aspecto interessante desse tipo de escrita doméstica. Ao mesmo tempo em que ocorre dentro de lar (é doméstica por isso), ocorre em uma situação de trabalho. Assim, deve ser considerada também como uma escrita profissional. Conforme já foi abordado no capítulo 1 desta dissertação, a escrita doméstica foi descrita por Lahire (1997) como mais espontânea por ser privada e, logo, por não ter uma avaliação exterior. O mesmo não acontece com as escritas das empregadas domésticas no ambiente de trabalho, já que o quê elas escrevem é avaliado pelos patrões (sujeitos mais escolarizados e de outro meio social). Por isso, as escritas domésticas que usualmente são espontâneas quando realizadas pelos membros da família, no caso das empregadas domésticas investigadas, são acompanhadas de tensão. A preocupação com a ortografia, com a coerência e até mesmo com a caligrafia faz-se presente.

A avaliação que os patrões fazem da escrita das empregadas pode gerar fortes tensões na relação entre eles e as empregadas. W., patrão de Nazira, fala com franqueza da dificuldade que teve em conviver com a pouca habilidade de leitura e de escrita da empregada. A difícil compreensão da escrita que Nazira fazia dos recados recebidos por telefone gerava constantes conflitos entre eles, já que, em grande parte das vezes, as mensagens tratavam de compromissos profissionais. Sua esposa também expôs essa situação e comentou que a empregada quase chegou a ser demitida. Frente a essa situação, W. diz ter optado por relevar e explicita que o desenvolvimento da tecnologia (Internet e telefonia celular) contribuiu para isso. Nesse caso, é interessante notar que a habilidade para ler e escrever não foi verificada no momento do contrato.

W: Toda vez que ela tem que escrever recado...é um desastre...porque ela escreve mal...o fato de escrever mal...eu acho que tem algum recalque aí que ela não lembra...então fica pior ainda...isso foi muito difícil ter que aceitar isso...não é pela exigência de ter que escrever bem...mas às vezes era de não dar o recado certo...e eram às vezes recados de compromissos...tanto meu...profissional e até alguma coisa mais familiar...isso foi e é...algo penoso...difícil...e a saída foi relevar isso...não tem jeito...esse é o limite dela...então não tenho que ficar cobrando isso...então/ e tem outras saídas né...digo assim...fazer com que essas pessoas que procuram a gente profissionalmente...eu acho que até com o surgimento dos e-mails...isso desapareceu...quase que eu não vejo mais atrito entre nós... pela telefonia celular...e-mails...secretária eletrônica... entendeu... porque o resto que exige competência...eu acho que ela tá mais sozinha...e lida com mais segurança...que é ler uma receita...e faz...e faz com muito zelo...com muita competência...

P: Nessa época que não existia o celular...a secretária...como que isso era contornado?

W: Conversava né...mas sempre momentos de muita tensão...porque evidentemente expunha que ela é incompetente...e ela ficava chateada com isso...nós também...porque os recados às vezes eram relevantes...importantes...era sempre motivo de tensão...

P: Na época do contrato vocês não chegaram a conversar sobre isso?

W: Não...não colocamos isso como pré condição...pra ela trabalhar...ela ter que saber ler e escrever e bem...isso apareceu circunstancialmente...no decorrer do próprio trabalho é que ela foi mostrando essa dificuldade que até hoje tem... (Entrevista 1 – 23/01/2008).

Atualmente, Nazira atende aos raros telefonemas que tocam na parte da tarde e, quando necessário, continua a anotar os recados (logo, continua a conviver com a tensão gerada por esses momentos). Pela manhã, quem os recebe é a secretária de M. que a auxilia no trabalho que desenvolve em parceria com o marido.

As habilidades de Nazira para a leitura são maiores do que para a escrita. Ela lê sem maiores dificuldades os recados escritos exclusivamente pela patroa. Esses recados são deixados por M. quando não se encontra em casa e não pode comunicá-los oralmente. Exemplos dessas situações relatadas por Nazira são os pedidos escritos para a troca da roupa de cama ou o registro escrito sobre o local onde a patroa se encontra, caso, por exemplo, alguém venha a telefonar.

Finalmente, no caso de Cleonice, os motivos para a escrita de recados também são os mesmos. Assim como os outros casos pesquisados, ela recorre ao registro escrito de algum recado quando os padrões não estão presentes e ela não estará presente no retorno deles. De maneira geral, a preferência é por comunicar os recados oralmente, com o auxílio exclusivo da memória.

P: Você deixa algum recado pra eles ou você prefere falar o recado?

C: Anoto...mas eu falo também...só se...por exemplo...o telefone tocou...eu atendi...não tem ninguém em casa...e eu tô indo pra escola...aí eu não vou ver eles...aí eu deixo...alguém ligou tal hora...eu anoto assim...por exemplo...é...Marcos...Marcos da Karina...Marcos ligou hora tal tal tal e com quem queria falar...isso eu anoto... (Entrevista 1 – 16/06/2007)

3.1.2. As listas de compras

Diferentemente dos recados e bilhetes, a escrita de listas de compras e a realização das compras têm uma variação maior entre cada um dos lares pesquisados. A lista pode ser escrita pela patroa e lida pela empregada que realiza as compras; pode ser escrita pela empregada e lida

pela patroa no momento das compras; pode ser ditada pela empregada e escrita pela patroa que também realiza as compras; ou, ainda, pode ser escrita pela empregada e lida pelos patrões, quando eles fazem as compras, ou por ela própria, quando faz as compras.

Graça, por exemplo, lê a lista de compras de frutas, legumes e verduras escrita pela patroa semanalmente. É de sua responsabilidade realizar a compra desses itens no hortifruti-granjeiro próximo à residência da família empregadora. Graça justifica a necessidade da lista devido à variação do cardápio. Como o que será preparado para o almoço é uma escolha da patroa, é ela também que escolhe, e escreve, o que deverá ser comprado. Vi duas dessas listas, nas quais constavam os nomes dos alimentos e, raramente, a quantidade deles.

As compras mensais são realizadas por T. sem o apoio de uma lista. Ela diz já saber o quê e quanto comprar e diz sempre freqüentar o mesmo supermercado para facilitar o conhecimento da distribuição dos produtos nas prateleiras. A compra de carnes é feita pelo telefone; Graça as recebe, recolhe o recibo e realiza o pagamento.

Suely, por sua vez, escreve a lista de compras dos itens que precisam ser comprados (alimentos e produtos de limpeza) e C. realiza as compras. Ela escreve a lista na medida em que nota a falta ou a presença em pouca quantidade de algum item. Quando a patroa vai fazer as compras, já sabe onde encontrar a lista escrita paulatinamente pela empregada.

S: (...) eu faço a listinha...e vou deixando ali na varanda...quando tá faltando mais coisas...que eu vejo que tá mais urgente...aí eu falo com ela...mas eu vou só fazendo a lista...e às vezes ela também me pergunta...ó Suely...hoje eu vou no Epa [supermercado]...tá precisando de alguma coisa? Aí quando tem a lista pronta...ela traz tudo de uma vez... (Entrevista 2 – 05/12/2007)

Nazira é a única empregada pesquisada que não escreve listas de compras para a patroa e nem lê listas de compras deixadas pela patroa. Entretanto, participa da escrita da lista de verduras, legumes e frutas de uma maneira muito particular. Ela dita para M. os alimentos que estão faltando na geladeira. Acredito que o ditado pressupõe um mínimo de entendimento de como uma lista é escrita: nomes dos alimentos seguidos da quantidade calculada. Além disso, é desejável que os alimentos sejam ditados em uma seqüência lógica (verduras, legumes e frutas, por exemplo). Uma lista desordenada pode resultar em muitos deslocamentos dentro do estabelecimento comercial onde serão feitas as compras ou então uma leitura não linear (é preciso correr o olho em toda a lista para prever o que será comprado em cada seção). Por outro lado, a

lista da compra mensal é feita exclusivamente pela patroa, que observa, nos armários, aquilo que está faltando.

A situação do ditado da lista de compras feito por Nazira merece uma atenção especial, já que percebemos nesse evento a mediação do outro. Para que a escrita da lista de compras possa se efetivar, as participações da empregada e da patroa são necessárias. A primeira é conhecedora do conteúdo que deve ser escrito e a segunda possui os conhecimentos do código escrito. Embora a situação de ditado proporcione certa diluição da tensão presente no momento dessa prática (afinal de contas, se a empregada tivesse que escrever, ela própria, a lista de compras, teria maiores apreensões, dada a sua dificuldade para a escrita), ela não consegue suprimir a hierarquização dos saberes. Nazira dita porque não possui as habilidades de escrita suficientes para a escrita da lista. Se a hierarquia dos saberes estivesse mais dissolvida, provavelmente o ditado e a escrita da lista teriam os seus protagonistas alternados: ora a empregada ditaria, ora a patroa ditaria. Assim, pode-se dizer que a mediação do outro, diferentemente do caso dos leitores/ouvintes do cordel (1930-1950), pesquisados por GALVÃO (2002) não conseguiu diminuir de maneira considerável a tensão estabelecida entre uma pessoa pouco letrada e a escrita. Vale ressaltar, ainda, que, também de maneira distinta do cordel, as pessoas envolvidas nessa relação, além de possuírem conhecimentos diferentes em relação à escrita, ocupam lugares sociais diferenciados.

Na pesquisa sobre a escrita doméstica relatada anteriormente, o ditado também aparece nas análises do pesquisador. No caso francês, de maneira mais explícita nas classes superiores, Lahire (1997) afirma que os homens costumam ditar, por exemplo, para as suas mulheres, os conteúdos das cartas administrativas. Diferentemente da situação de Nazira, o caso analisado pelo pesquisador evidencia que quem dita detém o poder.

Cleonice, por sua vez, escreve uma lista de compras mensal, para orientar a compra no supermercado de alimentos e produtos de limpeza que são consumidos pela família. Essas compras costumam ser realizadas por ela e um de seus patrões. Em raros momentos, ela faz as compras sozinha, apenas quando os dois patrões estão muito ocupados. Cleonice requer, por escrito, uma quantidade menor para aqueles produtos que ainda estão presentes na dispensa, embora em quantidade insuficiente para o mês. Para os produtos faltosos, Cleonice requer uma quantidade maior. Ela também diz aproveitar as promoções, o que significa que a quantidade a ser comprada pode ser alterada no momento das compras, em função do preço e da possibilidade

de estoque. É interessante notar que a empregada diz já saber o que precisa comprar e declara que se as compras fossem feitas apenas por ela, não haveria necessidade de lista. Tal fato pode demonstrar uma maneira específica de a família gerenciar as tarefas domésticas que se diferencia do modo como ela gostaria de fazer.

P: Você vai com ela fazer compra? Quem faz...faz lista...como é que é?

C: Eu sempre faço a lista...às vezes eu vou com o S....às vezes...e às vezes eu vou com a A.... quando a A. vai...mas quem mais vai mesmo é o S....

P: Mas a lista é você que faz?

C: Hãrran...

P: Você faz como? Pelo o que tá faltando...pelo o que usa mais...como é que é?

C: A lista eu coloco de tudo...tudo...o que tem eu coloco menos...porque sempre...aquelas coisas tá sempre faltando mesmo...mas tem coisa que/ alguma coisa tá na oferta...aí compra aquele tantão lá...aí chega na outra vez que vai fazer compra eu já não peço mais...eu não peço aquilo porque já tem...assim...eu não tenho mania de.../ eu não gosto de ter coisa sobrando demais...mas também nem faltando...mas eu já acostumei com as quantidades...se eu fizer eu faço de cor, né...lá em casa eu fazia de cor...mas o S. não faz de cor não...(risos)...

P: Você ia pro supermercado sem lista? Lá na sua casa?

C: Hãrran... (Entrevista 1 – 16/06/2007)

Três vezes por semana, Cleonice realiza as compras de verduras, legumes e frutas para a família empregadora. Ela diz não fazer lista para essas compras. O dinheiro para isso é entregue pelo patrão mensalmente. Ela realiza o pagamento e guarda os recibos.

Baseando-me na pesquisa de Lahire (1993), considero que, entre as outras práticas de escrita domésticas descritas, a escrita de listas de compras ocupa uma posição particular, na medida em que possibilita um nítido rompimento com o senso prático. As empregadas pesquisadas dizem freqüentemente que não precisariam de lista para fazer as compras para a casa da patroa. Relatam saber sempre de memória o que precisa ser comprado, talvez porque, além de estarem envolvidas com as tarefas domésticas em tempo integral, são profissionais experientes. Ou seja, o senso prático incorporado por elas seria suficiente para que desempenhassem a ação de comprar sem a necessidade de antecipar, por meio da escrita, o ato da compra. Entretanto, como em muitas situações não são elas que fazem as compras, o pedido dos patrões se torna justificável e o senso prático que sempre funcionou para elas (em suas residências) é rompido. O trecho abaixo explicita de maneira precisa o controle sobre a ação proporcionado pelas listas:

(...) les listes (de choses à faire ou à dire, de choses à emporter en voyage, de commissions...) sont souvent des moyens de fixer des actions futures, des programmes d'actions, des plans. Les listes de commissions, par exemple, établissent parfois des programmes de déplacements et constituent ainsi des "plans dont le principe organisateur est matériellement et objectivement présenté, ce qui les rend plus aptes à régler l'action, plus durables, plus complets et plus formels". Elles permettent ainsi de "gagner du temps", d'économiser ses pas (...) et de ne "rien oublier" (LAHIRE, 1993, p.122)¹⁵⁸.

3.1.3. As receitas culinárias

O recurso às receitas culinárias no ambiente de trabalho pode ser considerado uma das práticas que implicam maior mobilização das empregadas investigadas. Todas elas sabem cozinhar sem o apoio de receitas e a escolha em se orientar por um livro ou por um caderno de receitas parece ser mais uma disposição relacionada à culinária. O interesse pela culinária possivelmente foi construído em suas vidas em virtude da ocupação que exercem. Cozinhar bem, nesse caso, inscreve-se como uma das qualidades profissionais. Além disso, pode-se afirmar que a aprendizagem ou o desenvolvimento das artimanhas da cozinha se deu, em todos os casos, nos ambientes de trabalho.

O uso de receitas na família empregadora de Graça é o menos recorrente de todas as famílias pesquisadas. Nas ocasiões em que o recurso às receitas é feito, ele é conduzido por T. Segundo o relato da patroa, quando ela deseja que algum prato diferente seja preparado, recorre a uma receita, lê e explica oralmente para Graça os procedimentos. De fato, Graça é a única empregada investigada que não recorre às receitas culinárias presentes na casa da família empregadora. Ela diz ter aprendido a cozinhar seguindo as orientações orais das patroas. É também a única que, no seu trabalho atual, não escolhe o cardápio que será preparado para o almoço. Sua patroa, diariamente, diz o que ela deve cozinhar. Nesse caso, a postura de T. parece contribuir para a não busca de receitas. Em outras palavras, a falta de autonomia que Graça vivencia nesse aspecto dificulta uma postura mais ativa em relação à busca por conhecimentos culinários.

¹⁵⁸ (...) as listas (de coisas a fazer ou dizer, de coisas a levar em viagens, de coisas a comprar) são frequentemente meios de fixar as ações futuras, os programas de ação, os planos. As listas de compras, por exemplo, estabelecem às vezes programas de deslocamento e se constituem, assim, de planos cujo princípio organizador apresentado é materialmente e objetivamente presente, o que os torna mais aptos a regular a ação, mais duráveis, mais completos e mais formais. Elas permitem também ganhar tempo, economizar seus passos e não esquecer (Tradução sob minha responsabilidade).

Suely também diz ter aprendido a cozinhar trabalhando em casas de família. Como começou a trabalhar cedo, aos 10 anos, desconhecia grande parte dos conhecimentos culinários. Foram suas patroas que a ensinaram, explicando oralmente e mostrando como cada alimento deveria ser preparado. Para ela, o fato de repetir a tarefa diariamente fez com que a aprendizagem não tenha sido difícil. Essas são suas palavras a esse respeito:

S: Cozinhar foi aos poucos...vendo nas famílias que eu trabalhava...um ensina... o outro ensina...aí fui pegando...pegando o jeito...porque a gente também tem que começar a fazer cedo...aí fui pegando pra fazer e aprendi...nessas casas que eu trabalhei eles falava...é assim que faz...é assim...aí eu fui pegando o jeito, né... (Entrevista 1 – 14/11/2007)

Diferentemente de Graça, para o preparo de pratos mais sofisticados, Suely recorre eventualmente às receitas escritas e tal procedimento é encarado com tranquilidade por ela. No caso da família empregadora atual, há uma grande diversidade de livros, livretos e rótulos de produtos que contêm receitas culinárias. Alguns livretos são suplementos do jornal *Estado de Minas* assinado pela família, alguns rótulos de alimentos foram guardados pela própria Suely (o que é relatado por ela e também por sua patroa) e alguns livros são antigos e parecem ter sido adquiridos há muitos anos, talvez no início do casamento dos patrões. É interessante notar que ela diz utilizar receitas até que consiga saber de cor (sem apoio na escrita) os procedimentos necessários para determinado prato. Suely também afirma selecionar apenas receitas que são consideradas por ela como pouco complicadas.

Em entrevista com Sr. I., ele relembra que, quando Suely começou a trabalhar na residência da família, disse não saber cozinhar. Talvez, segundo ele, por modéstia ou porque seu repertório de cozinha era pequeno para quem estava entrando em um outro meio social. Frente a essa situação, o patrão diz que ela sempre recorreu às receitas culinárias. Atualmente sua comida agrada a todos na casa. O sucesso da receita de um bolo de laranja já chegou aos amigos do casal, que após degustar o bolo, pediu a receita. O patrão requisitou que ela anotasse a receita, o que foi feito. É interessante notar que a intensidade do recurso às receitas no ambiente de trabalho descrita pelo patrão é maior do que a frequência atribuída pela própria empregada a essa prática.

Nazira também faz uso de receitas no seu trabalho na casa de W. e M. Aliás, o recurso às receitas culinárias foi uma estratégia utilizada por ela ainda no seu primeiro trabalho como doméstica para encarar as tensões relacionadas à necessidade de cozinhar de uma maneira

diferente daquela conhecida até então. Assim, mesmo com poucas habilidades de leitura, ela se apoiou nas receitas culinárias para realizar da forma esperada pelos padrões a tarefa de cozinheira.

P: Você lembra algumas outras situações difíceis...igual essa da chavinha¹⁵⁹?

N: Ah... cozinhar...cozinhar pra mim foi difícil porque eu cozinava só pra nós lá em casa mesmo...só aquelas coisas da roça...aí eu não sabia cozinhar muito...mas lá tinha caderno de receita...e eu sabia ler um pouquinho...eu sei ler um pouquinho...aí eu conseguia...eu consegui bem mesmo...lá na casa da Júlia...tinha receita...

P: Então você corria no caderno...pra te ajudar?

N: É...e eu aprendi...lá na Júlia eu cozinava direitinho...aí eu fui aprendendo com as receitas...lá tinha caderno de receitas...e ela falava...ó Nazira...hoje você vai fazer isso...lê aqui...aí com pouco tempo eu aprendi...é igual na casa da M...eu tinha muita dificuldade pra começar a cozinhar...o dia que ela me ligou...ela falou assim...e você...você sabe cozinhar? E eu falei assim...sei o básico...comida básica...um arroz...feijão...uma carne...batata frita...um bife...uma salada...assim eu sei...

P: Na M. também...de vez em quando você olhava caderno de receita?

N: Olho...até hoje eu olho...porque também é muito difícil guardar uma receita de cabeça...aí quando tem uma coisa diferente...tem que olhar...olho sim...

P: Ela anota as receitas?

N: Ela que anota...sempre anotou...

P: E de onde que ela pega?

N: Olha ela pega/ hoje ela pega mais no computador...eu não sei de onde ela pega não...parente dela...as irmãs dela...cunhada...dá pra ela muita receita também...e ela lê jornal...acha uma receita que agrada...vai e tira...aí me mostra...depois ela passa pro caderno... (Entrevista 2 – 30/11/2007)

Ao me mostrar os cadernos e livros de receitas da casa de sua família empregadora, Nazira relatou que às vezes empresta algum deles para uma amiga sua que, segundo ela, trabalha como doméstica para uma família “muito exigente”. É interessante perceber como ela vê esse aspecto da presença da escrita na casa de seus patrões. Diz que os patrões organizam os materiais escritos sobre culinária porque sabem que elas (as empregadas) não “sabem muito das coisas” e precisam de alguma forma de apoio. No seu ponto de vista, assim como Suely, precisa ler quem não tem conhecimentos, quem ainda não aprendeu como fazer de cor. Ela não percebe essa forma de organização como algo específico das pessoas desse meio social e cultural.

N: (...) peguei receita aqui da M. e levei...passei pra Mônica...porque...nossa ela ficava assim...lá é assim e assim...e eu falo...ah lá no meu não é dos piores não...e ela fala...lá no meu o homem é exigente demais...faz a comida o homem não quer...faz outra coisa o homem não quer...aí eu fiquei com dó dela...peguei

¹⁵⁹ Essa situação já foi descrita no capítulo 2.

e levei...aí deixei um domingo inteirinho com ela lá...de noite ela levou pra mim...é assim... (Entrevista 2 – 30/11/2007)

De fato, a organização de materiais escritos sobre culinária, além de explicitar um certo tipo de relação que essa família tem com a cultura escrita doméstica, evidencia a intenção de M. de que esses materiais sejam úteis para o desempenho de Nazira na cozinha. Esse propósito da patroa é demonstrado quando ela relata que se empenhou no cuidado com a caligrafia ao redigir as receitas para que a empregada não encontrasse dificuldades na leitura.

Se no caso de Nazira a habilidade para ler pôde ser desenvolvida com a leitura das receitas, o mesmo não pode ser dito sobre a prática da escrita delas. Nazira raramente escreve uma receita e, quando o faz, é por meio da cópia. Ela não consegue, por exemplo, acompanhar uma receita ditada na televisão e registrá-la por meio da escrita. Quando leva alguma receita para sua casa, pede que sua neta copie no caderno.

É importante dizer que o acesso às receitas culinárias em nenhum dos casos aconteceu por meio da família de origem. Dessa forma, assim como Suely e Nazira, Cleonice recorreu e ainda recorre às receitas culinárias escritas da casa dos patrões como auxílio no preparo de alguns pratos. Aliás, ela diz ter aprendido grande parte dos seus conhecimentos culinários acompanhando receitas escritas. Além de se apoiar no caderno de culinária e também nos vários livros de culinária presentes na casa da família empregadora, a empregada anota receitas de programas culinários, lê receitas publicadas em jornais presentes na casa dos patrões e em rótulos de produtos. Assim como no caso de Suely, o recurso à receita ocorre até o momento em que se aprende a fazer de cor determinado prato.

P: Como que você aprendeu a cozinhar?

C: Como? No início eu ia no chute...arroz e feijão...aquela coisa de pobre...a mãe manda você fazer arroz, feijão, angu...queima aqui...queima ali...mas aprender a fazer alguma coisinha diferente...por exemplo fricassê...lasanha...foi acompanhando mais com receita... (Entrevista 5 – 09/11/2007)

Uma informação interessante é que o fato de essa família empregadora ser partidária do vegetarianismo fez com que Cleonice ficasse insegura das suas habilidades na cozinha e buscasse com bastante intensidade as receitas culinárias. Além disso, a responsabilidade pela escolha do cardápio motivou-a a buscar os livros de receitas em momentos nos quais está sem idéia do quê preparar para determinada refeição. Sobre esse último aspecto, a própria patroa encoraja o recurso aos livros. Os trechos abaixo expõem esses dois aspectos observados:

C: (...) quando eu fui trabalhar com o S. e a A...é aquele negócio de vegetariano...aí eu fiquei insegura demais...uma cenoura assada...já fiz aqui...outro dia mesmo eu fiz uma salada de feijão que tinha em um livro aí...mas eles não gostaram não...tem um livro aqui que tem só macarrão...tem um que eu já usei muito...acho que ta na parte de lá...esse aqui tem muita salada...(...)

P: E fica por conta de você, né Cleonice? Escolher o cardápio?

C: Hãrran... Às vezes eu falo assim...A....dá uma idéia pro almoço? Ela fala assim...Cleonice...olha as receitas...eu não tô afim de pensar não... (Entrevista 5 – 09/11/2007)

Enfim, vale dizer que a relação com as receitas culinárias das empregadas pode ser comparada ao caso dos operários pesquisados por Lahire (1993). O pesquisador relata que os profissionais pesquisados por ele só eram levados a ler e a escrever, no ambiente da fábrica, em raras ocasiões. O uso de planos de montagem e de fichas estava relacionado a uma prática de principiante. O operário experiente não precisa ler esses materiais, porque reconhece, por exemplo, qual aparelho será montado, apenas observando quais peças soltas foram entregues a ele (p.117). A escrita estaria, então, relacionada aos operários iniciantes que, por não terem o trabalho incorporado, precisariam recorrer às informações escritas disponíveis. Nas palavras do autor:

L'écrit, dans ce cas, est clairement associé aux débutants qui, par manque de repères pratiques, peuvent avoir besoin d'indices écrits leur rappelant ou leur indiquant ce qu'ils n'ont pas encore totalement incorporé. Plus cela, dans nombreux entretiens point une critique de l'usage du plan: "regarder le plan, dit un ouvrier, c'est ne pas travailler et, de plus, ne pas faire l'effort de s'en souvenir". L'écrit est donc pensé comme pouvant détruire ou affaiblir les capacités (valorisées) à mémoriser. Dans cette perspective, le pla, l'écrit ne sont que des aides extérieures, des béquilles pour la mémoire défaillante des novices, qui ne possèdent pas le travail à l'intérieur, qui n'ont pas le plan "inscrit" en mémoire, et, en fait, par ceux qui n'ont pas incorporé le mode de montage (LAHIRE, 1993, p.117)¹⁶⁰.

As leituras que os ferroviários franceses analisados por Seibel (1993) são parecidas com as dos operários descritas por Lahire (1993). Esses profissionais utilizam a leitura principalmente

¹⁶⁰ A escrita, nesse caso, é claramente associada aos iniciantes que, por falta de referência prática, podem ter necessidade de indicações escritas para lhes lembrar ou indicar o que eles correm o risco de esquecer ou aquilo que não foi ainda totalmente incorporado. Mais que isso, em numerosas entrevistas aparece uma crítica ao uso do plano: "observar o plano, disse um operário, é não trabalhar e, além disso, não fazer o esforço de se lembrar". O escrito é então pensado como podendo destruir ou enfraquecer as capacidades de memorizar. Nessa perspectiva, o plano, o escrito são apenas ajudas exteriores, muletas para a memória enfraquecida dos novatos, que não possuem o trabalho no interior, que não tem o plano inscrito na memória e, de fato, para aqueles que não têm incorporado o modo de montagem (Tradução sob minha responsabilidade).

para substituir a falta de experiência. Depois de incorporado o modo de realizar determinado procedimento, não há mais necessidade de leitura.

No caso das domésticas pesquisadas por mim, uma situação parecida se observa, na medida em que o recurso às receitas culinárias foi mais intenso no momento de inserção no emprego doméstico. Como foi descrito anteriormente, ainda neste tópico, foram as situações de exigência para cozinhar para pessoas de outro meio social e cultural que mobilizaram as empregadas a recorrerem às receitas escritas. A partir do momento que elas aprendem a fazer determinados pratos solicitados pela família, diminuem a intensidade da busca por receitas. No entanto, vale ressaltar que embora menos intensas, as leituras de receitas continuam presentes em todos os casos. A interpretação que pode ser dada para esse fato é o desejo e a preocupação constantes em agradarem os membros da família empregadora. Como já foi dito, cozinhar bem, e aqui se inclui o saber culinário diversificado, faz parte dos conhecimentos profissionais valorizados nessa ocupação.

3.1.4. A organização dos materiais escritos

A organização dos materiais escritos da casa dos patrões aparece de forma secundária em todos os casos pesquisados. Não é de responsabilidade das empregadas colocar em ordem, por exemplo, livros e revistas das famílias empregadoras. Os patrões não exigem que elas façam essa tarefa e tampouco possuem expectativas a esse respeito. Por outro lado, a exigência da organização e da limpeza dos cômodos da casa, por vezes, coloca as empregadas diante objetos escritos fora do lugar (são livros que se encontram num canto do sofá, jornais já folheados sobre a mesa de jantar, revistas velhas acumuladas em um canto qualquer) que devem ser organizados. Mas como fazer essa tarefa? Que estratégias elas utilizam para encaixar numa grande prateleira um livro que se encontra jogado na sala de estar?

Na família em que Graça trabalha, ela não organiza os materiais escritos. Essa organização é sempre feita por T., que freqüentemente junta revistas e jornais usados e doa para a biblioteca da escola onde trabalha. Os materiais que T. utiliza para preparar suas aulas ficam guardados em um armário no quarto de hóspedes. Apenas ela os organiza. É curioso o fato de que Graça não sabe, por exemplo, qual é o local da casa onde T. guarda as revistas usadas. Quando pergunto a ela o que a família faz com as revistas já lidas, ela responde:

P As revistas que eles já leram...eles fazem alguma coisa?

G: Eu não sei...eu não sei...porque quando eu preciso de alguma revista...eu peço ela...ela vai lá em cima...busca e me dá...mas eu não sei não se ela junta pra alguém...colecciona pra alguém...sei lá... (Entrevista 2 – 22/06/2007)

Além disso, há que se destacar que, há pouco mais de três anos morando nessa residência, a família ainda não preparou um local específico onde esses materiais pudessem ficar expostos¹⁶¹. Pude observar o cômodo onde as caixas de livros estão guardadas. Algumas delas estão entreabertas, como se tivessem sido acessadas recentemente, outras estão lacradas. Essa forma de organização ainda provisória parece diminuir a possibilidade de Graça (e também dos próprios membros da família) de manusear, arrumar, ou mesmo limpar esses materiais. Há alguns livros nos quartos de todos os membros da casa, que se encontram no criado mudo ou na escrivaninha.

Suely, por sua vez, apesar de realizar a limpeza dos livros, revistas e outros materiais escritos na casa da sua família empregadora, não organiza esses materiais. Ou seja, ela se coloca estritamente na posição de limpadora deles, sem tentar organizá-los por assunto, por tamanho ou por outra classificação qualquer.

Assim, quando se depara com algum material fora do lugar, decide por dois espaços específicos para guardá-lo: sobre o piano (lugar observado por ela onde os membros da família colocam os livros que estão sendo consultados com frequência) ou, caso o piano esteja cheio, a primeira prateleira da estante do escritório (lugar onde os membros da família já sabem poder encontrar os materiais que foram organizados por ela). A estratégia de Suely permite, assim, que os padrões encontrem com facilidade o que desejam. Embora longo, o trecho a seguir descreve as estratégias da empregada e merece ser transcrito:

P: Como é que você faz pra limpar essa parte? [Sobre a limpeza dos livros e papéis]

S: Uai...tem o espanador...porque assim...tem coisas que eu não posso mexer...porque às vezes tira livro do lugar...aí C...seu Sr. I...a J...sempre precisa...então assim...já tiro mesmo só por cima...vou tirando...vou limpando...deixo no mesmo lugar...porque não pode tirar do lugar...porque são muitos, né...então assim...eles deixa onde eles sabem...quando precisa eles sabem onde que tá...às vezes até guarda em um outro lugar...aquele piano ali...tem hora que fica cheio...aí quando eu vejo que não tem como...eu coloco lá nos quartos...nas prateleiras...mas aí/ igualzinho...a C. tava dando aula esses

¹⁶¹ Algumas estantes estão planejadas, mas ainda não foram feitas.

dias aí...então ficava o material que ela precisava ali...como agora acabou a aula...posso até guardar um pouco...mas sempre ali tá cheio de livro....(risos)...

P: Então fica ali os que tão usando mais?

S: É...agora tem outro quarto lá dentro...você já viu lá, né? Lá na sala do computador...o quartinho...lá não tem como...Sr. I é professor...então não tem como não acumular papel...às vezes quando a gente tira um pouco...ele vem e traz mais...coloca lá..então é muito papel...

P: Quem coloca ali são só eles? Eles chegam e já colocam lá?

S: Às vezes eu também ponho...porque aqui em cima da mesa fica muito cheio de livro...às vezes eu tiro daqui ponho lá...

P: Quando você acha livro fora de lugar você põe lá?

S: É...ponho lá ou senão nas prateleiras...mas é mais é ali...porque...quando eu vejo que tá em cima da mesa...é alguma coisa que eles tão usando, né...com frequência...

P: E quando você põe na prateleira...onde que você escolhe por...como que você faz?

S: Como assim?

P: Por exemplo...você pegou um aqui [mostrando a mesa]...aí tá fora do lugar...aí você não pôs lá no piano...aí você escolhe colocar na prateleira...mas como que você sabe se vai pôr na primeira...na segunda...

S: Na primeira...eu sempre coloco na primeira...(...)...porque se eles me perguntarem...aí eu já sei aonde que tá...fica mais fácil deles encontrarem também...

P: E você não pega pra limpar...pra arrumar?

S: Até que tira uma vez por semana pra limpar...mas volta tudo pro mesmo lugar...não posso tirar porque é só eles que sabem...a C. também de vez em quando tira...porque/ carta...chega carta todo dia...vai só acumulando...essas coisas é só a C. mesmo pra jogar fora...ver o que pode jogar...o quê que não pode...então nessa área aí eu não mexo... (Entrevista 2 – 05/12/2007)

É interessante notar que essa organização não é cogitada pelos patrões como podendo ser uma responsabilidade da empregada. C. chega a falar, inclusive, no contrato de uma pessoa que fizesse essa organização. Podemos relacionar esse fato às expectativas que os empregadores têm em relação a uma boa empregada doméstica. Entre as qualidades desejadas, como confiança e autonomia, não se espera que a empregada saiba colocar no lugar algum livro que está sobre a mesa, ou que saiba colocar em ordem uma coleção de revistas. Assim, “enfiar um livro em qualquer lugar” não é motivo de descontentamento dos patrões. Essas são as palavras da patroa de Suely a esse respeito:

P: E a organização desse tanto de material?

C: Não tem organização...você quer ver? Tem organização zero...eu tento sabe?

P: Você que mexe com isso?

C: Ninguém...a minha parte é organizar uma vez por ano...mas ao longo do ano vai desorganizando tudo ...que no fim...eu compro livro duas vezes...aqui em casa tem inúmeros...não é pouco não...muitos livros repetidos...porque às vezes eu preciso do livro...procuro, procuro e não acho...geralmente eu nem saio mais

pra comprar livro...eu ligo, né...pra livraria...eles entregam em casa...então não tenho muito trabalho de comprar...I é meio que rato de livraria...ele tem livraria no local de trabalho dele...então ele compra...às vezes assim...eu compro e ele compra também...acontece muito...agora tá menos...mas ele comprava assim três quatro livros por mês...mas a organização é meio difícil...eu já pensei em contratar alguém pra dar uma organizada...mas é tudo muito desorganizado...(risos)...terrível...

P: Por exemplo...as revistas/

C: Não...as revistas tem organização...tá tudo mais ou menos organizado...algumas estão meio fora da ordem...**às vezes a Suely acha e enfia lá em qualquer lugar**...mas assim...não tem muita organização não... (Entrevista 1 – 13/12/2007, grifos meus).

Para essa organização anual dos livros descrita no trecho anterior, C. já contratou uma antiga empregada que esporadicamente também é convocada para arrumar os armários de roupas. Famosa na família por seu senso de organização, a profissional é analfabeta. No caso dos armários, o desconhecimento dos códigos da língua não a impede de selecionar por cores as peças de roupas e realizar um arranjo perfeito. No entanto, quando pergunto sobre o seu auxílio na limpeza das estantes, C. me diz que foi apenas na limpeza. Para a organização dos livros, o senso de organização da profissional é insuficiente. A patroa sabe disso:

P: A Irene já chegou a te ajudar nisso?

C: Já...a última vez que eu organizei a estante ali...ela que me ajudou...limpou todos os livros...nós colocamos um plástico em cima dos livros...porque fica mais fácil você limpar um plástico...(...)...aí nós demos uma organizada...cobrimos com plástico...mas ah...tá bem bagunçadinho...(risos)

P: A seqüência de organização dos livros foi escolha sua?

C: Ah sim...tudo eu...porque se deixar por conta...põe por ordem de tamanho...e de grossura do livro...(risos)...então é coisa mais assim de estética...dentro da estética dela...então a gente tem que/ isso aí você vai me dando...ficava uma em cima da escada e a outra aqui em baixo limpando e entregando...eu ficava em cima da escada colocando dentro da ordem...na organização que eu achava que devia ficar... (Entrevista 1 – 13/12/2007)

Assim como C., Sr. I não atribui à Suely a responsabilidade de organizar seus materiais escritos. O trecho seguinte é esclarecedor de que o patrão não espera que a empregada se ocupe da organização dos materiais escritos (inclusive, prefere que ela não se envolva com isso). Nesse contexto, pode-se dizer que a falta de conhecimentos necessários à organização de uma seqüência de livros, por exemplo, não é vista pelos empregadores como um problema.

P: E a organização desses materiais...a Suely entra nisso?

I: Lá é muito bagunçado...a culpa é minha...e a Suely não entra nisso não... (...) o ideal é que cada pessoa tivesse um escritório onde mais ninguém entra...onde você pudesse deixar um papel e voltasse no outro dia e ele tivesse no mesmo lugar...(...) de vez em quando a C. dá uma arrumada...nessas ocasiões ela até chama uma pessoa...(...) mas essa organização nós nunca atribuímos à Suely...aliás assim...se ela mexer todo mundo acha ruim...é preferível que ela não mexa...o máximo que ela faz é passar um pano por cima...sem mexer em nada... (Entrevista 1 – 21/01/2008)

No caso de Nazira, uma relação parecida com a de Suely se estabelece na limpeza dos materiais escritos. Ela afirma que, na maioria das vezes, se limita a limpar os livros e colocá-los no mesmo lugar de onde os tirou. Entretanto, diferentemente de Suely, Nazira descreve algumas estratégias para tentar organizar um livro que se encontra fora do lugar. Para limpar os vários livros que se encontravam no consultório de psicologia de patrão, por exemplo, além da clássica limpeza de um a um sem tirá-los de ordem, Nazira observava o número do volume, quando se tratava de uma coleção, e até mesmo o autor do livro. É o que pode ser percebido na seguinte passagem:

P: Quando tinha os livros...como é que você fazia, Nazira?

N: Ah...os livros...tinha que tirar limpar e voltar tudo...colocar tudo certinho...porque o W. gosta de livros tudo certinho...então você tem que limpar e saber de onde você tirou pra voltar ele...

P: Você tirava um por um?

N: Não...às vezes eu tirava uma porção assim [mostrando com a mão um comprimento de aproximadamente 50cm]...aí eu limpava todos e voltada...depois eu pegava mais e voltava...pra não errar...até limpar a estante todinha...

P: E se tivesse um livro em cima da mesa? Fora do lugar?

N: Ichi...olha...se for daquela mesma fileira que eu tava limpando...eu vou e coloco ele...eu olho o número dele...vou e coloco...

P: Tem número...

N: Assim...como é que chama...quando é uma coleção...aí a gente coloca...

P: E se não tiver o número?

N: É...pelo nome também a gente coloca sim...

P: Por exemplo, Nazira?

N: Como é que eu vou falar...por exemplo assim...o W. tem um monte de livro...acho que é Freud...que eles fala...se for esse nome aí...aí eu vou lá e coloco no lugar que tá...onde tem outros Freud...por que sempre é tudo separadinho...você quer ver...se você quiser nós vamos lá olhar a estante... (Entrevista 2 – 30/11/2007)

Pude, de fato, observar Nazira em frente a estante do escritório do patrão que se encontra em sua residência. Ela me mostrou a grande estante e novamente relatou a necessidade de não tirar os livros de ordem para fazer a limpeza. Nesse momento, apontou o símbolo da mesma

editora em vários livros seguidos e disse que, se forem misturados, ela terá dificuldades para arrumá-los. Surpreende o fato de que Nazira, a empregada menos escolarizada do grupo pesquisado; proveniente do meio rural, onde a circulação de impressos era extremamente baixa, desenvolva estratégias de organização dos materiais escritos que demanda conhecimento da cultura escrita legítima. Afinal, ela se apóia nas noções de autoria e de editoria para organizar os livros. Talvez, esse seja o exemplo mais significativo do “efeito” do emprego doméstico em lares letrados sobre as maneiras de se relacionar com a escrita. Entretanto, é interessante notar, ainda, que após explicar detalhadamente como já fez a limpeza dessa estante, deixou claro que não gosta desse tipo de tarefa e que a família sabe disso. Atualmente, seus empregadores têm designado essa tarefa à secretária da patroa.

Cleonice, por sua vez, também se ocupa pouco da organização dos materiais escritos presentes na casa de sua família empregadora. É apenas no quarto da filha caçula dos patrões que ela se compromete com a organização sistemática dos seus livros literários. Entretanto, ela é a empregada que se mostrou mais consciente em relação à forma como os livros estão arranjados. Foi a única, por exemplo, que se referiu aos livros por temas e títulos, além de ter relatado sobre as preferências de leitura dos membros da família. Sobre esse aspecto, vale ressaltar que ela é a única empregada pesquisada que está frequentando a escola atualmente, além de ser a que possui maior escolaridade (cursa as últimas séries do ensino fundamental). Essa observação permite relativizar a importância do trabalho doméstico para seu entendimento do modo de organização dos livros presentes na casa dos patrões. Vale lembrar que Cleonice frequenta a biblioteca da escola e que esse espaço também apresenta uma lógica de organização específica, por temas e autores. Os parágrafos seguintes evidenciam as maneiras que Cleonice percebe e lida com a organização dos materiais escritos.

No quarto da filha mais velha dos patrões, Cleonice me mostrou a estante de livros e disse não organizá-los, pois sua patroa quer que a filha adquira responsabilidade para cuidar de suas próprias coisas. Em frente à estante, leu em voz alta o nome de vários autores dos livros da primogênita. Ela apontou para uma parte da estante, na qual encontram-se alguns livros sobre política e disse serem os preferidos da adolescente. Cleonice falou sobre o envolvimento da menina com a esquerda política. Mesmo afirmando não ser responsável pela organização dos livros, percebo que Cleonice possui algumas estratégias que, embora raramente utilizadas, não deixam de evidenciar um conhecimento que a permite separar os livros por temáticas. Assim,

quando pergunto a ela o que ela faz quando acha um livro fora do lugar, ela me diz que tenta encaixá-lo no lugar da estante onde estão os livros com assuntos parecidos ou, quando se trata de uma coleção, tenta colocá-lo próximo aos livros que fazem parte da mesma coleção.

C: Deixa [fora de lugar]

P: Aí o quê que você faz?

C: Aí eu só venho/ se eu achar alguma coisa que tem a ver eu coloco...se eu não achar...por exemplo... Ditadura...esses negócio de política ela gosta [apontando parte da estante onde se concentram os livros sobre política]...nunca vi gostar de política, viu...tá doido...ela frequenta negócio do PT... (...) se eu souber/ se for uma coleção eu procuro não separar...entendeu? (Entrevista 5 – 09/11/2007)

No caso da filha caçula, Cleonice tem mais liberdade para organizar os livros. Ela me mostrou duas coleções com vários exemplares: uma das publicações da *Disney* e outra coleção dos autores *Mary e Eliardo França* que são organizadas por ela nas prateleiras. Ao me mostrar os livros, Cleonice explicita aqueles de que gosta mais. Ela também realiza comentários sobre os conteúdos de alguns livros. Nos momentos em que está sozinha com a filha caçula dos patrões, a empregada costuma ler as histórias em voz alta para a menina. Nesses casos, é a própria criança que demanda a sua participação.

Mesmo sem ser questionada sobre o assunto, após me mostrar as duas prateleiras de livros das filhas dos patrões, Cleonice parou em frente à estante de CDs da casa e me perguntou se eu os havia notado. Ela se pôs, então, a falar sobre a organização deles. Disse tê-los organizado uma única vez, entretanto não o fez da maneira considerada “adequada”. Os patrões organizam os CDs por gênero musical. Cleonice sabe dessa estratégia, mas parece não possuir um conhecimento musical amplo o suficiente para que se arrisque a organizá-los como os patrões fazem.

C: (...) Você já viu os CDs também? É a A. que arruma...mas ela arruma assim/ outro dia eu achei um monte de CD aqui...e eu só junto...porque eu caí na besteira de colocar/ eu vi Maria Betânia e coloquei Maria Betânia aqui...mas ela não gosta que coloque...porque ela gosta de colocar assim...samba com samba...lento com lento...é os gostos...todos que tiver samba...não importa se é Maria Betânia, Chico Buarque...ela junta tudo...mas...é por gosto...eles são fã do Chico Buarque...tem muita coisa aí... (Entrevista 5 – 09/11/2007)

Além da organização desses materiais escritos fora do lugar, o recolhimento de correspondências, revistas e jornais que chegam à residência da família empregadora tem por

costume ser feito, em todos os casos, pela empregada doméstica ou por quem primeiro perceber a presença deles na caixa do correio.

Graça, por exemplo, muitas vezes, ao chegar no local de trabalho, recebe do porteiro do prédio as correspondências e revistas que chegaram para a família empregadora e as coloca em cima do balcão da cozinha. Cada membro da família separa o que é seu. Abre, lê, guarda ou joga fora. Segundo Graça, E. e T. são os primeiros a se interessarem pelas revistas: ele especialmente pelas revistas *Veja* e *O2* e ela pela revista *Nova Escola*. Eventualmente, Graça é requisitada pelos correios para assinar o recebimento de algum documento ou mercadoria enviado à família.

Suely tem menos chances de recolher as correspondências. Frequentemente ela chega ao trabalho e o patrão já recolheu os dois jornais (*Estado de Minas* e *Folha de São Paulo*) e os outros materiais escritos que chegam pelo correio. Entretanto, é interessante notar como ela conhece o caminho que o jornal percorre na casa. Relata que eles são recolhidos primeiramente por seu patrão, bem cedo, que ocasionalmente os lê ainda na parte da manhã, e que são posteriormente lidos pela patroa. De acordo com Suely, é sua patroa a leitora assídua do jornal. Sempre que chega ao trabalho, a empregada diz observar C. sentada à mesa, lendo o jornal. “Ela não sai de casa sem antes ter lido o jornal”. Assim como Graça, Suely também é chamada a assinar pelo recebimento de correspondências.

No caso da família empregadora de Nazira e Cleonice, o responsável pelo recolhimento das correspondências é a pessoa que primeiro percebe a presença delas no escaninho com o número do apartamento (no caso de Nazira) ou na caixa de correio (no caso de Cleonice). Essa pessoa pode ser um membro da família ou a própria empregada e, especificamente no segundo caso, também pode ser a secretária da patroa. Ambas empregadas recolhem e assinam as correspondências que chegam pelo correio e que requerem comprovantes de recebimento.

3.1.5. Intermediação de serviços, pagamentos, recolhimentos de recibos e uso da agenda telefônica.

Todas as empregadas pesquisadas são pontos de apoio dos patrões na intermediação de serviços realizados nas residências, no pagamento de algumas compras ou contas e no recolhimento desses recibos. Muitas dessas tarefas são endereçadas às empregadas devido à ausência dos patrões nos momentos em que são demandadas.

Graça, por exemplo, recebe semanalmente as carnes que são compradas pela patroa por telefone, realiza o pagamento e recolhe o recibo que posteriormente é entregue aos patrões. As compras que são realizadas por ela no hortifrutigranjeiro, conforme já indicado anteriormente, também implicam recolhimento do recibo. Graça também recebe profissionais que são contratados para fazer alguma instalação ou reparo no apartamento. Essas ocasiões são guiadas por alguma orientação oral ou escrita dos patrões e, muitas vezes, é de responsabilidade de Graça realizar o pagamento e recolher o recibo. Ela já teve que preencher um cheque que foi deixado em branco pelo patrão para o pagamento de um serviço. Além disso, quando seus patrões estão atribulados com a rotina de trabalho, às vezes requisitam que ela entregue um DVD na locadora e pague pelo aluguel ou leve um terno do patrão para a lavanderia.

Suely e Nazira, embora não façam nenhum tipo de compra para a família, recebem e orientam os profissionais que a patroa contrata. Essa tarefa implica, também nesses casos, o pagamento com cheques e o recolhimento de recibos.

Finalmente, Cleonice também relata intermediar os serviços prestados no apartamento. A. e S. confirmam a sua participação nos atendimentos aos diversos profissionais que comparecem à residência da família para realizarem reparos, instalações ou entregas. Nesses casos, eles disseram que as informações são deixadas com a empregada, muitas vezes seguidas de um cheque para que ela realize o pagamento do serviço. A. também destaca a autonomia de Cleonice que recorre, por conta própria, aos profissionais que atuam na vizinhança para requisitar algum serviço. A empregada já realizou orçamentos para a família, como foi o caso do aluguel de mesas para uma festa familiar. Eventualmente, ela também realiza alguns pagamentos para os patrões, como o pagamento da academia de ginástica ou algumas contas do mês de janeiro (quando os patrões estão de férias e viajando).

Em todos os casos, as empregadas recorrem à agenda telefônica da família empregadora em caso de necessidade. Exemplos relatados a esse respeito são os momentos em que algum membro da família que não se encontra em casa e tem a necessidade de saber algum número de telefone registrado na agenda solicita essa tarefa por telefone ou quando há a necessidade de entrar em contato com os patrões que se encontram, por exemplo, na casa de campo.

3.1.6. O uso do calendário, o cálculo do vale transporte e a contagem dos dias de férias.

O uso do calendário para acompanhar os dias a serem trabalhados no mês e calcular o valor gasto com vale transporte não é realizado exclusivamente pela empregada em nenhum dos casos. Algumas vezes, as patroas entregam por escrito os cálculos que fizeram sozinhas. Outras vezes, solicitam a participação da empregada nesse processo. Outras vezes, ainda, as informações são apenas veiculadas oralmente pelas patroas.

Graça colabora no cálculo dos vales transporte ao ler e anotar o valor que consta na catraca do ônibus no primeiro dia do mês, quando passa o cartão de transporte para pagar a passagem. Como a patroa paga as despesas com o transporte utilizando o cartão que ela própria recebe do seu emprego, são necessários alguns ajustes para adequar o número de dias trabalhados por Graça com o número de dias trabalhados pela patroa. Juntamente com a patroa, ela calcula o valor que deverá ser acrescido.

No caso de Suely, a patroa é quem calcula o valor com o deslocamento da empregada. C. comprou um cartão de transportes para Suely e mensalmente carrega o cartão com o valor previsto para aquele mês. Suely não participa das contas feitas para se chegar ao valor mensal e também não recebe essa conta por escrito.

Nazira, por sua vez, recebe da patroa, por escrito, os dias de serviço do mês, o valor com o transporte e o valor do salário recebido. Pude ver um desses papéis (do mês de dezembro de 2007), onde estavam escritos todos os dias de trabalho (para facilitar a leitura, havia um espaço em branco entre uma semana e outra), a soma dos dias de trabalho (que interessa para o cálculo com o transporte) e o período de férias entre Natal e início do mês de janeiro. A data de retorno ao trabalho estava também marcada. Nazira salienta que devido ao cuidado da patroa em anotar todas essas informações, ela não precisa se preocupar. A confiança na patroa parece fazer com que ela confira as informações escritas.

Cleonice recebe do patrão o valor acordado para o salário descontado do valor pago com o convênio de saúde e do valor gasto por ela com os telefonemas interurbanos que realiza para a sua família. Ela guarda todos os recibos do convênio de saúde e diz não precisar anotar as suas outras contas pessoais. O acompanhamento do calendário é feito por ela diariamente, mais com o intuito de organizar suas tarefas escolares. Os feriados são observados por ela no calendário com o objetivo de prever as viagens que fará para a cidade onde reside grande parte de sua família.

3.1.7. O acompanhamento das tarefas escolares dos filhos dos patrões e a leitura de histórias

De todas as empregadas pesquisadas, apenas Cleonice se ocupa esporadicamente do acompanhamento das tarefas escolares da filha caçula dos patrões. Vale observar que esse é o único caso em que há uma criança pequena na residência e, logo, é o único caso no qual a empregada tem escolaridade mais elevada do que a criança. Em todos os outros casos, as empregadas são menos escolarizadas do que os filhos dos patrões (que atualmente são adolescentes ou adultos). Entretanto, mesmo em momentos anteriores, quando os filhos dos patrões eram crianças, essas empregadas não os auxiliavam na realização das tarefas escolares. Os parágrafos seguintes caracterizam melhor cada um dos casos.

Quando Graça começou a trabalhar na residência de E. e T., os filhos dos patrões eram crianças pequenas. Sobre esse período, a empregada relata que sua rotina de trabalho era diferente da atual. A maior diferença apontada por ela diz respeito ao horário de trabalho. Por vezes ela dormia na residência da família para tomar conta dos filhos deles e, muitas vezes, não tinha horário determinado para sair. Na ausência dos patrões, brincava com as crianças dentro do apartamento (com os próprios brinquedos delas) e na garagem do prédio (de brincadeiras mais agitadas, como pegador, esconde-esconde, etc). Também era comum que ela assistisse à televisão com as crianças.

Em nenhum momento a empregada diz ter acompanhado as crianças nas tarefas escolares. Nessa família, era T. quem cumpria essa função, geralmente no período da noite. Cabe ressaltar que a patroa é professora e que, por isso, possivelmente tem o desejo e a preocupação em acompanhar mais de perto a escolarização dos filhos. Além disso, vale lembrar, como aponta Brites (2000), que esse tipo de tarefa não faz parte das expectativas da família. Sobre isso, a autora pondera:

De forma significativa, não ouvi quase nada daquelas queixas tão comuns em famílias européias e norte-americanas (...) sobre o perigo de poluição moral das crianças através do contato com empregadas pouco instruídas. Nas entrevistas com os patrões, foi possível observar que o ensino dos filhos ocupa um lugar central nas suas preocupações. Inclusive, é muitas vezes justamente para pagar boas escolas particulares que os pais e mães aceitam se afastar durante longas horas de suas famílias, tentando ganhar dinheiro suficiente para sustentar este padrão. **Porém, esses pais da classe média que entrevistei, quase nunca pensavam na empregada como uma fonte de aprendizado para os seus**

filhos. Ninguém empregava uma babá com responsabilidades especializadas, voltadas para os filhos (cuidar das crianças estava incluído entre outras tarefas, como cuidar da roupa, da casa e cozinhar) (BRITES, 2000, p.96, grifos meus).

Além do acompanhamento escolar, pergunto à Graça se ela lia histórias para as crianças. Ela relata sobre a leitura de gibis por parte de um dos filhos dos patrões. Uma análise do trecho abaixo mostra que os momentos de leitura são caracterizados como ocasiões nas quais não há demanda de atenção por parte da criança, logo, são situações nas quais Graça podia se dedicar ao trabalho com a casa. Por outro lado, as ocasiões de brincadeira parecem demandar participação da empregada.

P: Eles tinham livrinhos...você contava história pra eles?

G: O P. gostava muito daquela...acho que é...aquelas historinhas da Mônica e do Cebolinha...

P: Ah...revistinha...

G: As revistinhas...esses livrinhos...essas coisinhas assim...

P: Aí ele pegava e lia sozinho...alguém lia pra ele? Como é que era?

G: Acho que ele olhava mais os desenhos...sei lá se lia...porque...eu deixava ele lá...porque ele gostava mais é de ficar sozinho...ele tinha a hora que ele queria que eu brincasse com ele...então no período que ele queria ficar sozinho pra lá brincando...com as coisas dele...que ele vinha atrás de mim...aí eu parava um pouquinho...conversava com ele...brincava...ele voltava de novo...eu voltava pro serviço...porque eu tinha que dividir meu tempo...pra ele e pra casa... (Entrevista 2, 22/06/2007)

No caso de Suely, embora os filhos de C. e Sr. I. não fossem muito novos quando ela começou a trabalhar em sua residência (13 e 16 anos), pergunto para a empregada e também para a patroa se Suely já acompanhou a agenda dos meninos ou as tarefas escolares. A pergunta foi seguida de uma resposta negativa em ambas situações. Posteriormente percebi que a questão era imprópria, visto que mesmo bem mais nova do que Suely (12 anos de diferença), a filha caçula da família já havia alcançado escolaridade da empregada em dois anos no momento de admissão da doméstica para o trabalho nessa casa de família. No entanto, a resposta da patroa evidencia novamente a não expectativa desse tipo de atividade e é expressa no trecho abaixo:

P: Ela chegou a acompanhar por exemplo...agenda dos meninos...para-casa?

C: Não...primeiro porque nunca precisou...os meus meninos nunca precisaram de ninguém pra acompanhar para-casa deles...eles tinham horário de fazer...eles chegavam da escola e já faziam o para-casa...nunca precisou de mandar...e ela também...quer dizer...**não era função dela...eu jamais pediria pra ela fazer esse tipo de coisa...**mesmo porque também eu acho que ela não tem condições de fazer...quando ela chegou aqui pra casa ela até voltou a estudar...ô

Suely...volta a estudar...mas aí/ eu não sei se ela te falou isso...mas ela começou a estudar de novo...mas ficou pouco tempo...(Entrevista 1 - 13/12/2007, grifos meus)

Nazira, por sua vez, assim como Graça e Suely, nunca acompanhou as tarefas escolares dos filhos dos patrões. Quando ela começou a trabalhar para essa família, há 20 anos, os filhos de Sra. M e W. tinham 10, 9 e 7 anos. Mesmo crianças, todos já sabiam ler e escrever e possuíam uma experiência escolar mais longa do que Nazira. Como já foi dito, ela permaneceu na escola por apenas um ano e apresenta dificuldades com a escrita (para escrever um bilhete, por exemplo). Assim, é possível que suas habilidades de escrita, naquele momento, não fossem muito diferentes das do filho caçula que havia cursado a pré-escola e estava na primeira série do primeiro grau.

Além disso, vale dizer que a patroa de Nazira trabalhou grande parte de sua trajetória profissional apenas no turno da manhã. Segundo relatou, esse foi um acordo com o marido para que os filhos pudessem contar com pelo menos um dos pais no contra turno ao período escolar das crianças. A mobilização pela escolarização dos filhos nessa família é evidente. Todas as tardes, M. sentava com as crianças e as auxiliava nas tarefas escolares. Além disso, os filhos de W. e M. fizeram cursos de línguas, praticaram esportes, estudaram no exterior e fizeram pós-graduação. Nazira estava presente na casa da família empregadora e pôde observar a mobilização da família:

N: Todos três...estudava mas estudava mesmo...eles chegavam...almoçavam...paravam um pouquinho e já começava a estudar com a mãe deles... aí três horas o lanche tinha que estar na mesa pra eles...eles lanchava...começava a estudar de novo...a vida dos meninos do W. foi estudar mesmo... (Entrevista 1 – 21/11/2007)

Esse episódio relatado por Nazira nos faz pensar sobre as diferenças nos processos de escolarização das camadas populares e das camadas médias intelectualizadas. Nogueira (2000), em estudo sobre o processo de conversão de capital cultural em capital escolar, mostrou que as trajetórias escolares de jovens pertencentes a famílias intelectualizadas (filhos de professores universitários) são, de modo geral, marcadas por fluência, linearidade e continuidade. As considerações que a pesquisadora fez sobre a valorização e o investimento dos pais em atividades extra-sala de aula, sobre o desprezo pelo utilitarismo em oposição ao saber como valor e fim em si mesmo e sobre o treinamento para a excelência e a autonomia intelectual presentes nas

estratégias dessas famílias nos faz pensar sobre os possíveis efeitos desses elementos para o processo de escolarização dos filhos das domésticas pesquisadas. Observar o modo de os patrões se relacionarem com a escolarização dos filhos modifica, em algum aspecto, a relação das empregadas com o processo de escolarização dos seus próprios filhos? Essa é uma interessante questão que mereceria um aprofundamento.

Como foi abordado no início desse tópico, Cleonice é a única empregada entrevistada que se envolve no auxílio às tarefas escolares da filha caçula dos patrões. Nesse caso, alguns fatores podem contribuir para isso: o primeiro seria o fato de Cleonice possuir uma escolaridade mais elevada do que a menina (enquanto ela cursa os últimos anos do ensino fundamental, a menina ainda está na educação infantil¹⁶²), o segundo seria o fato de ficar sozinha por um grande período com a filha do casal (durante as manhãs) e o terceiro, não menos importante, reside no fato de os patrões confiarem na capacidade de Cleonice para acompanharem as tarefas escolares da menina (o que não demonstrou ser a realidade de outras famílias pesquisadas).

Acredito que o acompanhamento ocasional da tarefa de casa de uma criança que se encontra matriculada na educação infantil, mesmo constituindo-se de atividades simples, pode contribuir para a construção de uma imagem positiva que a empregada faz de si própria (alguém que tem capacidade para ajudar e, por isso, merece a confiança dos patrões) e até mesmo pode colaborar para aproximar a empregada de uma dimensão escolar que por muito tempo esteve afastada de sua vida.

3.2. As práticas de leitura e escrita proporcionadas pelo trabalho doméstico em ambiente letrado

Após caracterizar as práticas de leitura e de escrita que são intrínsecas ao trabalho doméstico em ambiente letrado, faz-se necessário realizar a exposição de situações de leitura e de escrita que foram motivadas pelo ambiente de trabalho, mas que não fazem parte da atividade profissional. Assim, serão relatados neste tópico dois tipos distintos de práticas. O primeiro refere-se aos momentos nos quais as empregadas, em suas residências ou nas casas dos patrões, envolvem-se com leituras das revistas e dos jornais assinados pela família e as situações nas quais

¹⁶² Essa grande diferença de escolarização só ocorreu no caso de Graça, já que quando ela foi admitida na casa da família empregadora, o filho caçula dos patrões ainda não estava na escola. No entanto, vale lembrar que sua escolaridade é menor do que a de Cleonice, já que ela não chegou a concluir a quinta série.

recorrem ao empréstimo desses materiais (e também de outros, como livros didáticos) para o apoio na escolarização dos filhos e/ou netos. O segundo diz respeito às incorporações das formas de organização doméstica da casa do patrão que são pautadas pela escrita, tais como o uso de bilhetes em sua própria casa, quando ninguém da família faz o mesmo, bem como a escrita de caderno de receitas baseada no da família empregadora ou nos recortes de jornais e de revistas encontrados nesse ambiente.

3.2.1. As leituras de jornais e revistas encontrados nas casas das famílias empregadoras, doações e empréstimos de materiais escritos.

Todas as empregadas pesquisadas já fizeram a leitura de reportagens que se encontravam em jornais ou revistas assinados pela família empregadora. O local que realizaram essas leituras variou entre a residência dos patrões e suas próprias residências. Esse último caso era possibilitado pelas doações de revistas e jornais velhos pelos patrões. A intensidade com que as empregadas recorrem a essa prática variou nos casos pesquisados. Quanto ao uso das revistas em suas residências, foi recorrente o objetivo escolar: elas eram utilizadas, sobretudo, como material de recorte para a realização de tarefas escolares dos filhos e/ou netos das empregadas. As singularidades de cada caso são apresentadas a seguir.

Graça afirma raramente ler as revistas *Veja*, *Nova Escola* e *O2* assinadas pela família. A justificativa que ela dá para isso é a dificuldade para enxergar letras pequenas. O fragmento de uma entrevista exposto abaixo nos possibilita questionar se a raridade do evento relatada pela própria empregada não estaria relacionada à existência de habilidades insuficientes de leitura ou de poucas disposições para esse tipo de leitura. Nesse caso, a dificuldade para enxergar, mesmo com o uso dos óculos, pode aqui ser interpretada como uma dificuldade em realizar uma leitura fluida, que possibilite compreensão e, até mesmo, o prazer, de um tipo de material que não esteve presente na sua socialização familiar ou escolar. Mesmo tendo acesso físico aos materiais escritos, Graça é privada de conhecimentos¹⁶³ que a permitam utilizar esses materiais.

G: De vez em quando eu dou uma olhadinha...eu gosto muito de olhar reportagem mas eu tenho dificuldade pra ler...igual eu falei pra você...às vezes eu quero ler/ eu sou muito preguiçosa...eu esqueço de por o óculos na bolsa...aí

¹⁶³ Um outro dado que nos sugere a pouca habilidade para ler e escrever é a reprovação de Graça no exame de Legislação de Trânsito do Departamento Estadual de Trânsito de Minas Gerais.

se eu for ler...eu vou lendo e minhas vista embarça... aí eu não consigo mais ler...aí eu tenho que parar...eu tenho muita dificuldade de ler sem óculos...

P: E seu óculos tá bom?

G: Tá...mas ele só serve pra ler mesmo...se eu for andar com ele eu caio...só mesmo pra leitura mesmo...

P: Tem algum momento que dá pra você sentar aí...tranqüila...folhear as revistas...

G: Ah...aqui tem...mas **é muito raro eu fazer isso...**

P: Ela te dá alguma pra você levar pra casa?

G: Ah...ela me deu há pouco tempo agora...esse negócio de telefone...é...dos presídios né...que tava ligando pra cá...então...eu vi na capa da *Veja* falando/ falando assim como que é pra gente atender o telefone...e não cair [...] com esse povo aí ligando...porque eles tentaram fazer isso aqui...porque...ligaram pra cá num sábado...a T. tava até tomando café...e...a cobrar...aí eu peguei e falei assim...uai T...é a cobrar... esperei atender...o camarada falou assim que era da Telemar...mas que essa ligação já estava sendo cobrada...eu falei assim...ah é...tá sendo cobrada...aí desliguei o telefone...porque a Telemar não faz ligação a cobrar...aí eu falei assim...isso deve ser trote (risos) ...aí ela falou assim...**deve ser esse negócio de seqüestro...**...deve ser...ela falou assim que ia anotar a data e a hora...porque/ a Telemar...até pra gente ligar pra ela é de graça...aí eu desliguei o telefone na hora... aí ela pegou a revista *Veja* e falou...leva pra sua casa e lê...aí eu já tinha dado uma olhada em algumas páginas aqui...a respeito disso...aí quando eu cheguei em casa eu mostrei pra minha mãe... aí minha mãe mostrou pra vizinha de frente...aí agora todo mundo lá sabe sobre isso...porque teve muita gente lá que caiu...teve gente que passou mal...teve gente que saiu pra rua...(...) (Entrevista 1, 05/07/2007)

Além disso, são poucos os momentos de trabalho nos quais Graça tem contato mais efetivo com os materiais escritos de cunho informativo ou formativo (tais como revistas e livros), já que a organização desses materiais, como já foi indicado, é feita pela patroa. Quanto ao empréstimo de materiais escritos, Graça relata eventualmente pedir emprestados livros e revistas da casa da T.. Os empréstimos eram mais freqüentes quando sua filha freqüentava a escola. Em muitos desses casos, era a sua filha que conversava com T. e demandava, ela própria, por algum material específico, como por exemplo, algum livro didático. Recentemente a filha de Graça concluiu o ensino médio e as requisições de empréstimos tornaram-se menos freqüentes.

Em relação especificamente às revistas usadas, há também outra razão possível para que Graça não as tome emprestadas ou as receba como doações: a patroa doa grande parte delas para a escola onde trabalha. É interessante informar que em empregos anteriores como doméstica, Graça recebia revistas usadas. Em casa, as revistas adquiriam um uso mais escolar, eram usadas por seus filhos nas tarefas escolares. Antes de seus filhos freqüentarem a escola, eram usadas como forma de entretenimento: “meus meninos gostava muito de picar papel...ver os

desenhos...não lia...mas ficava olhando, sabe? Aí eu levava pra eles ver...” (Entrevista 2 - Graça-22/06/2007)

No caso de Suely, ela também relata ler raramente as reportagens dos dois jornais (*Estado de Minas* e *Folha de São Paulo*) e da revista (*Veja*) que chegam à residência da família empregadora. Essa informação foi nuançada por ambos patrões, que afirmaram a participação da empregada nesse tipo de prática de uma maneira mais freqüente do que ela própria descreveu. C., por exemplo, relata encontrar constantemente recortes de receitas culinárias nas gavetas de um móvel da sala, o que evidencia uma prática de leitura constante desse tipo de informação presente no jornal. Sr. I., por outro lado, relata ver a empregada envolvida com a leitura de diversos materiais, tais como os jornais assinados por ele, um jornal evangélico impresso pela igreja da qual a empregada participa e a Bíblia que ela mantém na casa da família. Os relatos de Sr. I. sobre a leitura de materiais religiosos mostram a força que a religião tem nas escolhas da empregada. Frente à diversidade de materiais escritos presentes na família empregadora, as escolhas de Suely incidem sobre as leituras religiosas de materiais que ela providencia¹⁶⁴.

Suely freqüentemente diz levar para sua residência revistas velhas da casa dos patrões. Em visita a sua casa, pude ver várias dessas revistas. Assim como no caso de Graça, na casa de Suely as revistas adquirem um uso escolar, já que sua filha as utiliza para recortar letras que são usadas nas tarefas escolares. O empréstimo de materiais escritos (tais como livros didáticos, enciclopédias) não foi relatado pela empregada e nem pelos patrões, o que pode estar relacionado ao momento inicial de escolarização que se encontra a filha de Suely (primeiro ano do ensino fundamental). As situações de empréstimos desse tipo de material nos outros casos pesquisados estavam vinculadas aos períodos posteriores de escolarização dos filhos e/ou dos netos das empregadas.

Nazira é a única empregada pesquisada que mencionou a falta de tempo para ler as reportagens dos jornais (*Estado de Minas* e *Folha de São Paulo*) assinados pela família. De fato, as descrições das rotinas das empregadas feitas no capítulo 2 mostram com clareza como o dia-a-dia do serviço doméstico possui um ritmo intenso. Acredito que, para as empregadas, quebrar esse movimento com uma atividade que aparenta tranqüilidade e sossego como a da leitura pode significar constrangimento. Afinal de contas, a falta de movimentação com as tarefas domésticas pode representar preguiça ou boicote ao trabalho.

¹⁶⁴ A influência da religião nas práticas de leitura e de escrita será tratada no capítulo 4 desta dissertação.

Por outro lado, a falta de tempo não significa para Nazira uma total não leitura das reportagens. A leitura rápida de uma manchete pode gerar, por exemplo, seleção do jornal e posterior leitura dele em sua residência. É o que aconteceu quando ela leu o título de uma reportagem que tratava da morte de um jovem em um grande evento musical em Belo Horizonte no qual seu neto havia comparecido. Relata ter feito essa leitura dentro do elevador (enquanto subia com o jornal que havia chegado pelo correio na casa dos patrões) e pretendia terminá-la dentro do ônibus, para então usá-la como alerta para o neto¹⁶⁵. Frente às condições em que fez a viagem de volta à sua casa (ônibus cheio), diz não ter conseguido realizar a leitura. No momento da entrevista o jornal encontrava-se separado, em sua casa, aguardando um momento no qual ela pudesse lê-lo.

Esse episódio (ao lado de outras situações, tais como leitura de receitas culinárias, leitura de bilhetes e o ditado da lista de compras) é significativo para mostrar a incorporação do uso social da leitura proporcionada pela vivência no ambiente de trabalho letrado. Apesar das poucas oportunidades para desenvolver habilidades de leitura na escola, Nazira utiliza a leitura e a escrita socialmente. Em outras palavras, percebe-se que ela é letrada, “porque faz uso da escrita, envolve-se em práticas sociais de leitura e de escrita” (SOARES, 2001, 24).

P: E você Nazira? Costuma pegar? Dar uma olhadinha?

N: Muito difícil...às vezes interesse...quando eu tô subindo no elevador...eu dou uma olhadinha...tem umas que me agrada...eu pego e levo lá pra casa...ontem mesmo eu peguei uma parte do *Estado de Minas* e levei...mas o ônibus tava tão cheio que não deu nem pra mim ler...eu deixei dobradinho lá em cima da mesa lá de casa...

P: O quê que agradou?

N: Não era agrado...era até desagrado...aquela morte daquele menino no Pop Rock [grande evento musical]...aquilo me deixou meia triste...abalada...meu neto tava lá...então eu fiquei muito abalada...aí eu queria ler aquele trem pra ver como que começou...nossa eu fiquei triste...aí eu falei assim...vou levar...vou olhar como que aconteceu e vou mostrar pra ele também...porque ele foi...mas eu não fiquei muito preocupada não...porque o pai dele tava lá...tava trabalhando...aí eu li só um pouquinho porque o ônibus tava cheio...cheguei lá em casa e ainda fui fazer os negócios pra eles lá...mas ta lá pra ler... (Entrevista 1 – 21/11/2007)

¹⁶⁵ Nazira também relata selecionar notícias que julga interessantes por meio de uma olhada rápida nos jornais que ficam sobre a mesa ao término do almoço. É durante a tarefa de recolher as louças sujas que ela tem a possibilidade de “dar uma olhada” no jornal e decidir se o levará para casa.

É interessante notar que, embora Nazira diz não realizar leituras cotidianas dos jornais, ela conhece as preferências de leitura dos membros da família para a qual trabalha e, por isso, sabe da circulação do jornal na residência. Tais informações são confirmadas em entrevista com a patroa. O conhecimento dessa circulação pode demonstrar certo interesse com o objeto jornal, na medida em que possibilita, por exemplo, conhecer o momento em que o material encontra-se disponível para ela, após a leitura de todos os interessados.

A disponibilidade desse material é interesse também dos netos de Nazira. Atualmente, ela leva para a sua casa as revistas e jornais velhos dos patrões, com o objetivo de auxiliar nas tarefas dos seus netos. Anteriormente, quando estavam em idade escolar, eram seus filhos que se beneficiavam desses materiais. Em visita à residência de Nazira, ela me mostrou vários jornais e revistas com adesivos onde estavam escritos o nome e o endereço da patroa, demonstração de que vieram mesmo da casa da família empregadora.

P: Seus meninos são um pouquinho mais velhos que os meninos da M....você falou pra mim que eles terminaram o Ensino Médio...

N: Meus meninos formaram...

P: Quando eles tavam na escola você pegava alguma coisa emprestado aqui...pra ajudar na tarefa deles? Algum livro dos meninos dela...alguma revista...

N: Peguei...peguei...quando o meu filho precisava ele falava...ô mamãe vê se tem um livro lá no W....assim, assim, assim...eu já cheguei a pegar sim...(...)eu já cheguei a pegar...revista pra fazer trabalho...sempre a M. me dava...até pouco tempo mesmo...pra você ver...já levei pros meus filhos...já levei pros meus netos...agora eu levo pra C.[neta]...eu falo...ô M...eu vou levar uma revista porque a C. vai fazer isso...ainda levo...

P: Chega alguma revista aqui?

N: Chegava muita *Veja*...mas agora parece que não tá chegando não...agora é só o jornal...o *Estado de Minas* e a *Folha*...(Entrevista 1 – 21/11/2007)

A leitura de jornais no ambiente de trabalho é mais freqüente no caso de Cleonice. O fato de ela morar na residência da família empregadora implica a possibilidade de ter contato com esse material no seu tempo livre. Segundo relata, tem o costume de ler o resumo das novelas e algumas reportagens que atraem o seu interesse. Geralmente essas reportagens apresentam temáticas que foram estudadas na sala de aula do curso de educação de jovens e adultos que freqüenta. Vale ressaltar aqui a importância que a escola assume como instituição fomentadora da leitura¹⁶⁶. Observa-se, também, que enquanto as práticas de leitura de jornal ou revista das outras

¹⁶⁶ A influência da escola nas práticas de leitura e de escrita de Cleonice será melhor abordada no capítulo 4.

empregadas têm o objetivo de divulgar informações para os familiares, as de Cleonice visam apenas o desejo pessoal e escolar de se informar.

Em uma das entrevistas, presenciei o interesse de Cleonice por uma reportagem que narrava o assassinato de uma jovem por seu namorado, ocorrido na cidade de Belo Horizonte. Esse seria mais um exemplo (somado à leitura dos resumos de novelas) de que sua prática de ler jornal, apesar de ser instigada pela escola, ultrapassa os interesses dela. No trecho abaixo, Cleonice expõe as suas preferências de leitura e relata duas situações singulares: uma na qual o acesso a um material escrito se deu no consultório médico e outra na qual o seu olhar sobre a revista da empresa de cosméticos que vende foi alterado por influência da escola. Essas duas situações demonstram como as disposições para a leitura possuem formação e atualização complexas. Em outras palavras, apenas nesse trecho podemos perceber influências da escola, do trabalho como doméstica, do trabalho como vendedora e da vivência em espaços sociais específicos (nesse caso, o consultório médico) nas práticas de leitura de Cleonice.

P: Da parte do jornal...(...) você falou que gosta de ler que parte?

C: Novela...é novela...é assim...eu passo o olho...mas eu leio novela e por exemplo...o que tiver rodando na época...eu procuro...se eu tô estudando sobre meio ambiente...e se no jornal eu achar alguma coisa do meio ambiente eu guardo...agora eu procuro sempre no jornal algum assunto que tem a ver com o que eu tô estudando...se tiver eu tiro...trago pra escola...se não tiver...fico só na novela mesmo...

P: Qual que é o jornal que eles compram?

C: É o jornal de domingo...é *O Globo*...mas tava indo pra eles (...) se tiver receita então...outra coisa...se tiver receita eu tiro tudo...

(...)

C: (...) Outra coisa também...ano passado eu tava estudando...sabe gráfico...aquele negócio de matemática...que por exemplo assim...fala do governo...tantos por cento aprovam...por exemplo...em 1999...o índice de não sei o que lá...foi em tantos por cento...e...pra fazer comparação de um ano com outro...quanto que caiu...quanto que subiu...gráfico né?

P: Pode ser gráfico ou tabela, né...

C: Tabela...tabela...tabela...ái eu roubava isso tudo quando eu via no consultório...se eu visse/ é assim...se eu tiver estudando uma coisa...se eu achar aquilo que eu tiver estudando dentro do assunto...eu cato...já me dá uma tentação e eu pego...igual meio ambiente...eu achei/ engraçado eu nunca prestei atenção...na revista da *Natura* tá falando sobre a questão da reciclagem...do plástico...

P: Antes você não tinha prestado atenção nisso?

C: Não...e depois que eu comecei a estudar meio ambiente...quando eu fui ler o finalzinho da revista *Natura* tava falando...

P: A *Natura* é uma empresa que protege/

C: Protege...tá a favor da Natureza...eles aconselham mesmo...manda folheto...aconselham mesmo comprar refil...a compra de refil... (Entrevista 4 – 24/10/2007)

Outra atividade permeada pela leitura e escrita, demandada pela escola, mas realizada no ambiente de trabalho e possibilitada por ele, é a realização de pesquisas escolares sobre temas específicos. Sobre isso, Cleonice relatou com entusiasmo a busca de informações na internet¹⁶⁷ realizada na casa da família empregadora, com o auxílio da filha de sua patroa. Para essas pesquisas, além da internet, ela já recorreu ao livro didático¹⁶⁸ da filha mais velha, a um livro literário da filha caçula dos patrões e a um livro sobre fotografias dos patrões. Em outros trechos da entrevista, ela relata ter tomado outros livros emprestados, também com a finalidade escolar, como livros literários (*Vidas Secas* de Graciliano Ramos) e didáticos (de História). Todos os empréstimos de livros realizados com a família empregadora aconteceram, segundo relato de Cleonice, após o seu retorno à escola, fato que reforça, mais uma vez, a grande influência da escola nas suas atuais práticas de leitura.

O acesso aos jornais e revistas proporcionados pelo emprego doméstico foi abordado por Aun (1993), em sua pesquisa sobre os modos de inserção da informação na vida de empregadas domésticas residentes nas casas das famílias empregadoras (já referida no capítulo 1 desta dissertação). Durante as entrevistas, as 20 empregadas domésticas pesquisadas fizeram, ao todo, 25 referências às revistas a que têm acesso, o que soma 14 títulos diferentes. Em relação aos jornais, foram feitas 15 citações a esse tipo de material, somando-se seis títulos diferentes. A pesquisadora afirma ainda que as escolhas dos jornais e das revistas para serem lidos coincidem com os que são comprados pelos patrões. Em 100% dos casos o material de leitura é possível de ser disponibilizado no ambiente de trabalho. Apenas 20% das domésticas, além de ter acesso aos materiais na casa dos patrões, ocasionalmente os compram.

Como já foi dito no capítulo 1, as conclusões da autora indicam que apesar do acesso aos materiais escritos no ambiente de trabalho, as empregadas domésticas não demonstraram motivação para a leitura. Acredito, entretanto, que a leitura ocasional desses materiais realizada no ambiente de trabalho, observada por Aun (1993) e também observada por mim, não deve ser menosprezada, na medida em que representa um lugar importante nas leituras cotidianas dessas

¹⁶⁷ Na internet, ela também busca letras de músicas evangélicas e receitas culinárias. Os conhecimentos que tem de informática foram ensinados por uma das alunas de sua patroa.

¹⁶⁸ É interessante notar que, no momento da quinta sessão de entrevista, um dos livros didáticos da filha mais velha dos patrões encontravam-se na prateleira do quarto de Cleonice.

mulheres, além de se constituir um meio de informação para os membros das famílias dessas domésticas.

3.2.2. As incorporações das formas de organização doméstica da casa dos patrões que são pautadas pela escrita.

As famílias empregadoras pesquisadas possuem uma lógica de organização doméstica que é pautada pela escrita. Dessa forma, para o gerenciamento desses lares, são comuns: o uso de listas de compras, a escrita bilhetes para orientar algum procedimento, o registro de recados telefônicos e o recurso às receitas culinárias. Conforme foi visto no início deste capítulo (item 3.1), as empregadas domésticas pesquisadas lidam com essas práticas quotidianamente. Para realizarem suas tarefas e garantir um “bom funcionamento” da casa e, inclusive para uma boa comunicabilidade com os patrões, elas aderem a essa forma de organização sem dificuldades explícitas¹⁶⁹. Mas o que se pode dizer sobre os seus próprios lares? Elas incorporam as formas de organização doméstica vivida no ambiente de trabalho? O estudo dos quatro casos mostra que algumas práticas são incorporadas e outras não. Há também as práticas que, apesar de incorporadas pela empregada, não ganham adesão da família dela. É o que será visto nos parágrafos seguintes.

Como já dito, Graça mora com a mãe e a filha. A mãe dela é o único membro da família que permanece em casa durante todo o dia. Assim, recai sobre ela a responsabilidade de fazer as compras, cozinhar e limpar a casa. Graça e sua filha participam da limpeza da casa nos finais de semana. É o momento que elas têm para realizar faxina e também para lavarem suas roupas. A parte mais burocrática, como o pagamento de contas, fica a cargo de Graça.

Nesse contexto, a forma de organização do lar, de modo geral, parece ficar apoiada nos hábitos e conhecimentos de Dona A. Embora Graça afirme que a mãe escreve uma lista de compras, ela reclama da quantidade exagerada de alguns mantimentos comprados pela mãe e compara com o cálculo bem feito realizado por sua patroa. Enquanto na sua casa o arroz estraga porque não é consumido dentro do prazo de validade adequado, na casa da patroa nada é desperdiçado.

¹⁶⁹ Com exceção de Nazira que possui dificuldades na escrita dos recados telefônicos recebidos na casa dos patrões.

G: (...) não tem necessidade de fazer essa compra...porque...tem mês lá que eu olho lá... tem arroz que tá até dando bichinho...não pode não uai...nós vamos diminuir... não compra/ ela tem mania de comprar 3, 4 pacote de arroz...**pra quê?** ... eu falei com ela...vamos diminuir...porque o trem tá feio...e o arroz dando bicho...você vai ter que jogar fora...ah...mas eu lavo e sai...eu falei: não mãe...vamos diminuir essa compra... tem que falar...porque ela gosta assim...de ver muita compra...muito mantimento guardado...então óleo...ela compra é nove...nove litros de garrafa...**pra quê?** ... Não tem necessidade...(...) agora aqui na T. não...é sagrado...é do mês todinho que ela faz a compra...ela já faz assim/ o que sobra mais é as latas de conserva...porque o resto (Entrevista 1 – 04/06/2007, ênfase dela)

Outra prática relatada pela empregada é sobre o uso de bilhetes e sobre o registro de recados telefônicos. É visível como Graça incorpora o hábito de escrever bilhetes da casa da família empregadora, quando ninguém em sua casa faz o mesmo. Até o local escolhido por ela para fixar o bilhete, a geladeira, é o mesmo da casa dos seus patrões. Quanto ao registro dos recados recebidos por telefone, ela se incomoda de a mãe confiar apenas na memória e de não anotá-los. Sobre esse aspecto, é interessante observar que, mesmo com a insistência de Graça, Dona A. não modifica sua prática, continua a se comunicar exclusivamente pela oralidade. O trecho abaixo merece ser transcrito:

P: E aqui na sua casa? Precisa de bilhete ou não precisa?

G: Ultimamente tá precisando...porque minha mãe tá esquecendo de tudo, sabe? Aí tem que deixar na porta da geladeira...igual o dia da vacina do cachorro...**dia 15 de setembro é vacina dos cachorro**...aí tem que colocar na porta da geladeira bem grande...aí passou a data e eu joga fora...porque ela tá esquecendo...ela esquece de anotar os recados...ela recebe recado de telefone...mãe, ligou? Ligou...mas eu esqueci do recado...aquilo me revolta...porque eu gosto que anota pra mim ficar sabendo...

P: A senhora tá anotando agora?

A: Eu não...

G: Ela não anota...

P: Só a Graça que deixa bilhetinho...

G: Só eu mesmo... (Entrevista 3 – 29/09/2007, ênfase dela)

Suely, que reside com o marido e a única filha, “importa” da casa dos patrões o hábito de colecionar receitas culinárias e utilizá-las ocasionalmente. Embora tenha dito que, como qualquer dona-de-casa, ela tem necessidade de um livro de receitas, não encontrei em nenhum dos casos mães das empregadas pesquisadas que recorrem ao uso de livro de receitas. No caso de Suely, ela copia as receitas de cadernos de outras pessoas (inclusive o da patroa), recorta-as do jornal *Estado de Minas* da casa da patroa, de algumas revistas e de embalagens de produtos. Seu marido

também leva para casa revistas antigas variadas (inclusive de culinária) que ele recolhe nas casas onde ele trabalha como pintor.

Quando realizei uma visita em sua residência, ela me mostrou todas essas receitas: recortadas e copiadas à mão. Também vi vários livretos culinários¹⁷⁰, alguns deles foram comprados por ela em bancas de revista, outros vieram como brindes em alguns produtos e outros, ainda, foram enviados à sua casa por uma empresa alimentícia como consequência de uma promoção divulgada em um produto. Nesse último caso, ela leu as informações da promoção, escreveu uma carta à empresa e recebeu os livretos em casa. Proporcionalmente, o número de receitas copiadas à mão é muito menor do que o número de receitas recortadas. Nas primeiras encontram-se alguns erros de ortografia (ex: *muce*, ao invés de *mousse*) que indicam certa falta de intimidade com o mundo da escrita. É interessante notar, que nesse momento de visita, ela me serviu um bolo de especiarias cuja receita foi trazida da casa da patroa¹⁷¹.

No caso de Cleonice, mesmo morando com os patrões e tendo à disposição receitas culinárias em diversos suportes (caderno, livros, livretos e rótulos), ela se empenhou na montagem de uma pasta de receitas para ela própria. Para compor essa pasta, busca receitas que estão escritas no caderno de receitas dos patrões, receitas publicadas nos jornais comprados por eles, bem como receitas impressas nos rótulos dos produtos que são consumidos pela família empregadora. Em sua família, apenas Cleonice e sua irmã mais nova colecionam receitas. Aliás, grande parte das receitas culinárias que a irmã possui foram doadas por Cleonice. Sua mãe, de acordo com o que conta, possui uma maneira simples de cozinhar, não se apoiando na escrita. As diferenças da relação que Cleonice e sua mãe têm com a culinária são evidenciadas no trecho abaixo:

C: (...) eu já usei muito esses aqui [referindo-se a outros livros de receita] ...só pra massa...só pra ave...tá vendo...esse pro dia-a-dia...usa demais...tem de tudo, né...porque assim...como eles só comem frango...olha esse aqui...eu marquei...tá vendo...às vezes eu marcava pra poder fazer...às vezes...agora eu não tô fazendo

¹⁷⁰ Exemplos desses livretos são: *Finn* (receitas com adoçante), *Arroz Sepé*, *Receitas de amor com Leites Nestlé*, *Creme de Leite Nestlé*, *Knorr*, *Maggi*, *Sabores do Mundo*, *Hoje é dia de macarrão*, *Sabores de Minas* (do jornal *Estado de Minas*), *O glamour da cozinha francesa*, *Receitas para microondas*, *121 salgadinhos crocantes*, *Cozinha baiana*, *Salgados de liquidificador: 94 receitas super práticas*, *Receitas a base de carne suína*, *Páscoa com sabor caseiro*.

¹⁷¹ O bolo continha algumas especiarias, tais como cravo e canela. Suely e a filha gostaram do bolo. Por outro lado, o marido de Suely, que sentou conosco para lanchar, reclamou do sabor acentuado do cravo. Esse episódio parece evidenciar que os conhecimentos culinários trazidos da casa dos patrões (provavelmente essa é uma receita pouco conhecida nos meios populares) nem sempre são bem recebidos pelos membros das famílias empregadas.

isso...mas eu marcava...pego esses livros...marco...algumas páginas...e vou fazendo...pra variar...o povo vai ficando enjoado daquela comida... (...)]

P: E lá na sua casa? Sua mãe tem livro de receitas?

C: Não...só eu...que tenho receita...minha mãe não

P: Suas irmãs também não tem não?

C: A A. tem...a minha irmã recém-casada...porque eu passei muitas pra ela...e ela me pergunta...de vez em quando ela anota...eu tive em Ipatinga...eu fiz a torta de cebola, menina...aí eu faço...aí ela pede pra eu ensinar pra ela...ela faz...mas ela fala assim...eu não consigo fazer do jeito que você faz...mas ela faz...

P: A sua mãe já faz tudo de cabeça...

C: Não que ela tem uma idade bem antiga, não...minha mãe tem 61 anos...mas ela faz assim...arroz, feijão, angu, mingau de couve...canjiquinha...frango é só frito...ou frango com quiabo...aquela coisa de gente de roça... (Entrevista 5 – 09/11/2007)

Outra prática recorrente na família onde Cleonice trabalha é a leitura sobre saúde e alimentação natural. Esse tipo de leitura também foi incorporado pela empregada. Em uma das primeiras entrevistas com Cleonice, vi um livro sobre Medicina Alternativa¹⁷² na prateleira de seu quarto. Em entrevista posterior, ela me disse que havia recebido o livro de presente dos patrões. Seu patrão confirmou essa informação. Ele disse que ela havia comentado sobre o livro anteriormente e, em um momento oportuno, a família decidiu presentear-lá. É interessante observar que na última entrevista o livro já não se encontrava na prateleira. Cleonice havia emprestado para sua irmã caçula. O empenho de Cleonice em divulgar os conhecimentos que vem adquirindo para seus familiares parece indicar que não há limites específicos para o proveito da relação entre patrões letrados e empregadas pouco escolarizadas. Vale lembrar, como já foi dito, que em outros casos pesquisados, os filhos ou netos das empregadas beneficiaram-se, por exemplo, de livros e revistas dos patrões em seus processos de escolarização.

Nazira apresenta a incorporação de uma das formas de organização doméstica pautadas na escrita da casa da família empregadora mais sutis, visto que está ancorada apenas na leitura: ela traz para a sua casa o hábito de ler receitas culinárias cultivado na casa da família empregadora. A escrita e organização das receitas lidas por Nazira não são feitas por ela. O caderno de receitas que vi em sua residência foi elaborado pela neta. Nele, constam receitas ditadas por Nazira e escritas pela neta, receitas recortadas de rótulos de produtos e coladas pela neta, receitas impressas no computador pela patroa de Nazira e receitas escritas pela neta e recolhidas com

¹⁷² O livro intitula-se *Medicina Alternativa de A – Z* e é de autoria de Carlos Nascimento Spethmann. Foi publicado pela editora Natureza.

familiares. Vale lembrar que Nazira é a empregada que menos vivencia diretamente as práticas de escrita relacionadas à organização doméstica no ambiente de trabalho: ela não escreve a lista de compras, e sim dita para a patroa, e anota recados telefônicos com dificuldade. No ambiente de trabalho, Nazira pratica com maior intensidade práticas de leitura (leitura de recados deixados pela patroa, leitura das informações sobre dias trabalhados e dias de férias, etc).

É interessante perceber como a neta de Nazira atua como mediadora entre a cultura escrita (representada pelas formas de organização doméstica pautadas pela escrita) e a cultura oral (representada pelos saberes populares sobre a culinária). Dessa forma, a neta escreve, por exemplo, as receitas que são ditadas pela avó. A mesma observação foi feita por Galvão (2002) na pesquisa já referida sobre os leitores/ouvintes do cordel, na qual ela indica que as crianças mais escolarizadas do que os pais atuavam como mediadoras nesses dois tipos de cultura. A proximidade com a cultura escrita alcançada via escolarização permitia a essas crianças lerem os folhetos para os pais que, ao ouvir a leitura dos filhos, os decoravam.

3.3. As práticas de oralidade estruturadas pela escrita: a escuta do rádio no ambiente de trabalho

A escuta de rádio apresentou-se constante e intensa entre os casos pesquisados. Todas as empregadas investigadas escutam rádio enquanto trabalham. Essa prática está relacionada à característica solitária do emprego doméstico (conforme já foi descrita no capítulo 1). Ou seja, as empregadas pesquisadas possuem apenas contato esporádico com outras empregadas do serviço doméstico (sobretudo passadeiras) e passam a maior parte do período de trabalho sozinhas. Frente a essa situação, para se distraírem e se protegerem da solidão, elas escutam rádio. Os aparelhos de som utilizados para essa prática foram, em todos os casos, comprados pelos patrões especificamente para esse fim. A escolha das emissoras a serem ouvidas varia entre *Itatiaia*¹⁷³, *CBN*¹⁷⁴ e *107 FM*¹⁷⁵. A preferência por essas rádios é censurada em dois casos: em um deles, a

¹⁷³ Segundo a estação *Itatiaia*, 49% dos seus ouvintes pertencem à classe C, 33% às classes A e B e 18% às classes D e E. 64% dos ouvintes são do sexo masculino e 34% do sexo feminino. 47% deles tem ensino fundamental completo a superior incompleto, 43% são analfabetos ou tem o ensino fundamental incompleto e 10% tem curso superior completo. Os dados foram cedidos pela emissora para esta pesquisa, via e-mail (recebido em 30/06/2008), e estão baseados nos dados do IBOPE.

¹⁷⁴ Segundo a estação *CBN*, 76% dos seus ouvintes pertencem às classes A e B, 18% pertencem à classe C e 6% às classes D e E. Nessa emissora, 64% dos ouvintes são homens e 36% são mulheres. Os dados dessa emissora também foram cedidos para esta pesquisa, via e-mail (recebido em 27/06/2008) e também estão baseados nos dados do IBOPE.

empregada decide ligar o rádio apenas quando os patrões não estão em casa e no outro caso, a empregada, na presença dos patrões, seleciona outra estação que não é criticada pela família, a *CBN*.

Graça ouve rádio todos os dias no trabalho. O aparelho de som que ela utiliza com mais frequência se localiza na área de serviço e permanece ligado na estação *Itatiaia* nos momentos em que está envolvida com tarefas nessa parte da casa, e também na cozinha. Em dois momentos específicos da programação dessa emissora, ela pára as suas tarefas para escutar atentamente o que está sendo emitido: a divulgação do horóscopo para aquele dia e a emissão do programa *Histórias de Vida*. Esses dois momentos da programação diária da emissora se caracterizam por se estruturar consideravelmente na escrita, já que em ambos os casos, nota-se com facilidade que o radialista está lendo algo que foi escrito. No caso do programa *Histórias de Vida* a leitura não é apenas notada, mas explicitada pelo apresentador, que diz expressões como: “estou aqui com uma carta escrita por uma ouvinte”.

O rádio é também citado por Graça como um meio de comunicação que ela utiliza para ter acesso às informações. Além da revista *Veja*, ela atribuiu ao rádio e à televisão a divulgação dos trotes realizados do interior das penitenciárias brasileiras e a posterior precaução da população. O trecho abaixo é revelador da importância que a escuta de rádio ocupa no ambiente de trabalho de Graça:

G: É...agora já tá todo mundo/ todo mundo sabe [dos trotes realizados no interior das penitenciárias]...porque saiu na revista *Veja*, no *Fantástico*...na televisão...a *Itatiaia* que eu assisto todos os dias...é sagrado...adoro a *Itatiaia*...com o Eduardo Rocha...então ele fala sobre esses negócios tudo...

P: Qual o momento que você ouve rádio?

G: É de manhã...o horóscopo né...que eu tô ali na pia ou lá no tanque...e na parte da tarde eu gosto de...de ouvir a reportagem...às vezes eu ligo/ porque eu tenho o rádio meu que ele comprou...meu patrão comprou...às vezes eu levo ele pra cima...às vezes eu ligo o da T...quando eu tô limpando lá em cima...quando eu desço pra cá eu ligo o de cá...

P: Na *Itatiaia*...

G: É...na *Itatiaia*...só na *Itatiaia*...eu gosto muito da *Itatiaia*...ouvir as notícias...

P: E tem programa de música também...

G: Tem, tem...na parte da tarde tem outro programa aí...que eu até esqueci o nome...eu até gosto das histórias que eles contam...duas horas da tarde...na *Itatiaia*...cada dia eles contam uma história...o pessoal manda uma carta contando a história da vida deles...é muito bom...eu gosto de ouvir...aí eu fico trabalhando

¹⁷⁵ Não foi possível ter acesso ao perfil dos ouvintes da rádio *107 FM*. A emissora não ofereceu retorno após várias tentativas de pedido dos dados. O que se sabe é que se trata de uma emissora evangélica.

e ouvindo...às vezes até sento no banquinho pra ouvir...porque ela é muito boa...sabe? ...história legal mesmo...(Entrevista 1, 05/07/2007)

Suely, a empregada que participa mais intensamente da igreja evangélica, também possui o hábito de escutar rádio enquanto trabalha. Nessa residência, o rádio utilizado pela empregada também fica posicionado na parte da casa onde ela passa grande parte do tempo: a cozinha. No seu caso, sua preferência incide pela rádio evangélica *107 FM*. Ela relata que por um descontentamento dos patrões, ultimamente tem ligado o rádio com menos intensidade. O trecho abaixo, no qual Suely fala sobre o incômodo dos patrões, pode ser analisado de duas maneiras. Os patrões podem se incomodar com a presença do barulho emitido ou podem se incomodar com o conteúdo dessa rádio específica. De qualquer maneira, pode-se dizer que ela tem sua prática censurada. O breve comentário que faz sobre os programas emitidos pela rádio evangélica possibilita inferir que também são apoiados pela escrita. Um exemplo explícito desse apoio é a leitura e posterior comentário de um versículo da Bíblia¹⁷⁶.

P: E rádio, Suely? Você costuma ouvir rádio enquanto trabalha?

S: Eu até gosto...até que agora eu dei uma/ eu escuto menos...eu gosto muito de ouvir a rádio evangélica...como/...eu sei que às vezes eles não gostam de ouvir...quando eu entrei pra cá...eu ouvia muito rádio evangélica...eu gostava muito do pastor falando a oração...como aqui eles não gostam...às vezes eu acho que incomoda também...então eu só ligo quando eles não estão...aí quando eles não estão eu não ligo...aí quando eu tô sozinha...eu gosto de ligar o rádio...mas sempre na rádio evangélica...

P: Qual rádio?

S: É *97*...perai...é *107 FM*...

P: Tem um rádio na cozinha?

S: Tem...tem...fica em cima da geladeira...em cima do freezer...aí quando eles não estão...aí eu gosto de ouvir...

P: E quais são os programas dessa rádio?

S: É...é com o Willian Jorge...eu não sei se você já ouviu...então vem falando um pouquinho de cada coisa...mensagens...às vezes um versículo da Bíblia...liga muitas pessoas pra rádio...contando história...tem o momento de emprego...pessoas que às vezes ligam pedindo alguma coisa...então assim...a rádio é essa...é de oito ao meio dia...aí também canta as músicas evangélicas...eu gosto...muito bom...

P: Então tem música...

S: Tem notícia...orações (Entrevista 2 – 05/12/2007)

O incômodo dos patrões sobre a escuta de uma estação de rádio específica torna-se evidente com o relato de Nazira. Embora tenha dito que os patrões não se incomodam com seu

¹⁷⁶ Infelizmente não perguntei para Suely se ela recorre à sua própria Bíblia no momento em que escuta os programas evangélicos. Acredito ser provável que isso aconteça.

hábito de escutar rádio, ela expõe com desconcerto o nome da sua emissora preferida. Tal fato parece indicar que se sente censurada com os comentários dos patrões sobre a emissora selecionada por ela (que se trata de uma emissora popular) e talvez tenha receio de que eu também a censure. A opinião dos patrões é tão forte para ela, que Nazira chega a dizer como eles e afirmar “*Itatiaia* é horrível”, quando possivelmente seu gosto indicaria outra afirmação. Diferentemente de Suely, a opção que ela encontra é fechar a porta de cozinha e, dessa forma, continuar a vivenciar essa prática. O aparelho do som que ela utiliza também foi comprado pelos patrões e colocado na cozinha.

P: E rádio, Nazira...você costuma ouvir rádio enquanto trabalha?

N: Gosto...ela comprou um radinho e me deu...e colocou lá na cozinha...eu adoro ouvir o rádio...então ela/ ela não importa não...nunca falou nada...e eu escuto...às vezes eu fico muito sozinha, né...aí eu fecho aquela porta dali pra lá e pronto...aí eu tenho que ficar ouvindo alguma coisa...se não eu vou ficar doida também¹⁷⁷ ...

P: O quê que você escuta?

N: Nó menina...eu sou danada pra escutar *Itatiaia*...eles me xinga tanto...[tom de desconcerto] quando não é *Itatiaia* é *CBN*...*Itatiaia* é horrível...(risos)

P: Por quê que eles te xingam?

N: É notícia ruim demais uai...aí o pessoal lá de casa me xinga...ela também não gosta...aí eu pego e ponho em outra rádio...na *CBN*...(risos)

P: A *Itatiaia* tem uma programa duas horas...que conta uma história de um ouvinte...lê uma carta...esse você costuma escutar?

N: É...que lê uma carta...escuto...

P: Quais outros que você escuta?

N: Sempre esse que/ como é que chama...começa uma hora...Rádio Patrulha...que vai falando das notícias...ele eu arrumo a cozinha todinha ouvindo ele...depois tem aquele que/ depois tem um quadro que fala de receita...depois tem aquela que lê a carta...enquanto eu to lá na cozinha eu fico ouvindo o rádio...

P: De receita...você já pegou receita?

N: Não...ainda não...não anotei não...eu nunca peguei não...

P: E na *CBN*? O quê que você costuma ouvir?

N: É notícia...*CBN* é só notícia...(...)...não sei o quê que é que a M. me falou...ah M...mas se eu ficar sem ligar o rádio...eu não tô sabendo de nada...por exemplo...eu vou embora...se o Anel tá engarrafado...lá no shopping...eu já saio daqui sabendo que eu vou demorar chegar em casa...(risos)...aí eu falei com ela... (Entrevista 1 – 21/11/2007)

As reportagens, programas preferidos de Nazira, talvez sejam as emissões radiofônicas que mais se estruturam pela escrita. Afinal de contas, elas se originaram com o objetivo de dar uma nova apresentação a uma mensagem que antes era impressa. A rádio *CBN*, também ouvida

¹⁷⁷ Esse trecho expõe a dificuldade de Nazira em conviver com a solidão inerente ao trabalho doméstico. Os próprios patrões parecem ter sensibilidade sobre essa questão e, talvez por isso, tenham comprado os aparelhos de rádio e os colocado na cozinha.

por ela, prioriza esse gênero. A intenção de Nazira em ouvir esse tipo de programação está estreitamente relacionada ao objetivo desse tipo de programa: a divulgação de informações. Nota-se, nesse caso, um interesse por notícias locais, tanto no que diz respeito às ocorrências policiais (divulgadas no programa Rádio Patrulha), tanto no que diz respeito às informações sobre o trânsito.

Cleonice também escuta rádio enquanto trabalha. O aparelho que utiliza foi recebido como presente pelos patrões. Assim como Suely, Cleonice tem a preferência em ouvir a emissora evangélica *107 FM*. De acordo com as entrevistas, ela é a única que participa de promoções dessa emissora, o que demanda o registro escrito de informações ouvidas durante os programas de rádio.

Enfim, as descrições das situações de escuta do rádio em cada um dos casos pesquisados indicam como esse veículo de comunicação, ao se basear constantemente na escrita para produzir o seu discurso, contribui para uma aproximação, mediada pela oralidade, entre as empregadas e as culturas do escrito. Meditsch (1997) discorre sobre o história do rádio e afirma que

a linguagem do radiojornalismo foi pensada naturalmente como uma nova forma de apresentação da mesma mensagem escrita. Tudo o que era dito ao microfone deveria ser escrito antes, tanto como modo de controle do conteúdo quanto como garantia de correção (MEDITSCH, 1997, p.4).

O mesmo autor também menciona a espontaneidade da fala percebida em muitos programas de rádio atuais. No entanto, segundo ele, essa espontaneidade é apenas aparente, já que por trás dela há um planejamento. É razoável que, na sociedade grafocêntrica em que vivemos, esse planejamento seja baseado na escrita. Dessa forma, pode-se caracterizar a prática de escuta de rádio vivenciada pelas domésticas como um evento da oralidade estruturado pela escrita.

No caso de Cleonice, é interessante notar como a prática de escutar rádio é utilizada como mediação para a discussão com o patrão das notícias do dia. Quando S. chega para almoçar, de acordo com o relato da empregada, ele comenta com ela sobre as reportagens que leu no jornal e ela, por sua vez, fala das notícias que ouviu no rádio. Quando alguma notícia é muito polêmica ou causa grande interesse, o patrão entrega o jornal para ela e ela lê as mesmas notícias que ouviu algumas horas antes. Em uma das entrevistas que aconteceu na parte da tarde, observei sobre a

mesa da cozinha parte de um jornal que continha uma reportagem lida por ela e que, na parte da manhã, havia sido ouvida no rádio.

O comentário oral de uma reportagem que foi lida pelo empregador e ouvida no rádio pela empregada e posteriormente lida por ela indica que a separação entre oralidade e escrita pôde ser diluída, favorecendo uma relação menos hierarquizada entre essas instâncias e, logo, uma relação mais natural com a escrita. Essa observação está baseada nas idéias de GALVÃO (2002) sobre os leitores/ouvintes de cordel. A mediação do outro e a prática oral da leitura dos folhetos foram percebidas por ela como alguns dos fatores que contribuíram

para que as relações entre analfabetos e semi-alfabetizados e a leitura de folhetos fossem marcadas pelo prazer, pela tranqüilidade, por um relativo desprendimento – e não pela tensão, pela insegurança, pela incerteza -, como parecia ocorrer em outras situações em que a presença do escrito era predominante e como é comum ocorrer entre os “novos leitores” (GALVÃO, 2002, p136).

Ainda sobre o caso de Cleonice, é importante salientar que de todas as empregadas entrevistadas, ela é a que apresenta o modo de falar mais próximo do padrão culto. Esse é um aspecto importante que tanto pode estar relacionado às constantes correções do seu modo de falar realizadas por seu patrão e demandadas por ela, como também pela maior longevidade de sua escolarização. De qualquer maneira, nota-se aí a sua mobilização (quer por meio da escolarização, quer por meio da demanda explícita ao patrão) para aprender um jeito de falar valorizado na sociedade e que ela sabe que não é característico do seu meio social de origem.

É interessante mencionar como a correção do modo de falar de Cleonice é percebida pelo patrão. Quando peço para S. comentar o fato de realizar essas correções da linguagem, ele diz fazer isso apenas após o ingresso de Cleonice na escola. Talvez essa situação demonstre uma sensibilidade social do patrão que o faz respeitar o modo de falar das classes populares, mas ao mesmo tempo, essa sensibilidade se transformou em responsabilidade social ao perceber o desejo dela pelo acesso ao padrão culto da língua. Enfim, o patrão possui os conhecimentos necessários para auxiliar Cleonice na concretização de seu desejo e se compromete a fazê-lo.

P: Outra coisa que ela comentou comigo e que ela pede a você...é que você a corrija quando ela fala alguma coisa fora do padrão culto da língua...

S: A gente nunca fez isso...mas como ela entrou na escola...e aí ela trazia aquela linguagem mais típica do bairro dela...e aí a gente começou a dar uns toques...mas assim...é num clima muito legal...

P: E é um desejo dela...

S: É...e aí quando sai alguma coisa errada...a gente fala...mas na boa...mas não é por exigência não...foi uma coisa que ela/ olha eu tô entrando num mundo mais formal...mais acadêmico...e tô querendo também/ e ela vem melhorando cada vez mais...e é muito engraçado que quando ela vai lá pra casa dela...o pessoal diz que ela tá metida à besta...que ela tá falando chique...Belo Horizonte pra Cleonice foi muito bom...abriu os horizontes pra ela...a perspectiva de mundo dela... (Entrevista 1 – 19/12/2007)

3.4. Outras práticas de leitura e de escrita que fazem parte da vida das empregadas

3.4.1. Escritas domésticas

Em todos os casos analisados, as escritas domésticas realizadas nas casas das empregadas são menos intensas do que as escritas domésticas realizadas nas casas dos empregadores. Como já foi abordado em outros momentos do capítulo 3, as empregadas exercem uma diversidade de práticas de leitura e de escrita no desempenho da ocupação que estão relacionadas às maneiras de gerir o lar próprias de um outro meio social e cultural. Assim, para organizar a casa dos patrões, elas fazem lista de compras, deixam e recebem bilhetes, anotam recados recebidos pelo telefone, acompanham receita culinária, etc. Da mesma forma, foi dito que muitas dessas práticas são incorporadas pelas empregadas. Graça incorporou o hábito de deixar bilhetes escritos; Cleonice, Suely e Nazira apropriaram-se do recurso às receitas culinárias, por exemplo. Mas quais são os tipos de escrita doméstica mais vivenciados pelas domésticas em seus lares? Quando e como os outros membros da família participam dessas escritas?

Os caderninhos (às vezes as agendas) e os calendários são materiais constantemente utilizados pelas empregadas pesquisadas em seus cotidianos. São nos caderninhos ou agendas que elas (com exceção de Nazira) registram números de telefone, contas a pagar, salário recebido, etc; e são nos calendários que elas registram a data da compra do gás ou de uma consulta médica.

A forma de organização dos caderninhos varia um pouco em cada caso pesquisado. Suely realiza, nesse material, algumas anotações pessoais, tais como aumento de salário, contas a serem pagas e telefones de pessoas conhecidas. Ela o mantém no seu emprego e o leva para casa apenas quando está de férias. Também possui em casa uma agenda telefônica em ordem alfabética, mas diz preferir seu pequeno caderno de anotações para consultar (e escrever) o número do telefone dos seus conhecidos.

Cleonice, por sua vez, possui dois pequenos cadernos de anotações pessoais. Em um deles, anota os telefones das pessoas conhecidas (que também ficam registrados no seu celular). Ela não prioriza a organização por ordem alfabética, no entanto, seus registros possuem um padrão bastante rígido: cada página é destinada ao nome e ao telefone de uma pessoa, seguido do ônibus que a leva a sua residência e de um ponto de referência de onde deve descer do ônibus, tudo isso escrito numa letra impecável, sem qualquer rasura. No outro caderno, ela tem registrado o número de sua conta bancária e é onde escreve o valor e a data em que recebeu pagamentos referentes aos cosméticos que vende. Por meio dessas anotações, ela sabe quem está devendo e quando deverá cobrar. Aos devedores com quem não tem contato freqüente, Cleonice entrega o número de sua conta bancária por escrito, para que eles possam depositar o valor referente à dívida em sua conta corrente.

Para as suas anotações pessoais, Graça utiliza uma agenda antiga que funciona mais como caderno, na medida em que não usa a orientação dos dias do ano para fazer suas anotações, nem mesmo para o registro das contas a serem pagas. O material observado, inclusive, tratava-se de uma agenda de um período bem anterior¹⁷⁸ ao ano em curso no momento da entrevista. O conteúdo de suas anotações são suas contas mensais, algumas mensagens religiosas ou de auto-ajuda copiadas a mão e alguns relatos pessoais sobre episódios de sua vida pessoal, esses últimos, escritas catárticas.

A pesquisa de Seibel (1993) sobre as práticas de leitura e escrita dos ferroviários franceses citada anteriormente indica, entre outros aspectos já abordados, que a prática de leitura vivida pelos trabalhadores depende do grau de ocorrência de tempos livres e de momentos de solidão. Ou seja, a autora constatou que a leitura se constitui como meio de evasão e de luta contra a depressão (SEIBEL, 1993, p.80).

No caso de Graça, percebe-se que o sofrimento cotidiano é descarregado por meio da escrita. Ao mostrar esses registros, ela falou sobre o contexto de sua vida em cada um dos momentos em que foram escritos. O trecho abaixo, por exemplo, foi escrito quando ela acompanhou a família empregadora na mudança para São Paulo. Longe dos filhos, trancada em um quarto de hotel, ela utilizou a escrita para expressar a angústia vivida. Cabe salientar que Graça ficou em São Paulo apenas por poucos dias. Ela desistiu de seu emprego para voltar a viver

¹⁷⁸ As entrevistas foram feitas durante o ano de 2007 e a agenda era do ano de 2004.

perto de sua família¹⁷⁹. Seus comentários sobre a curta experiência em São Paulo evidenciam o desconforto com o isolamento vivido, que aqui também pode ser interpretado como uma dificuldade em se distanciar da sua maneira de viver. Ela disse não ter se acostumado com a vida em um condomínio, onde tudo é muito “parado”.

Numa tarde chuvosa em São Paulo no Domingo estou sentada no quarto as 18h:35 lembrando do meus filhos e da minha mãe. Já liguei Hoje para ela morta da saudades. Meus filhos: Quando estou longe de vocês é que eu reflito o que tinha acontecido em nossas vidas sinto que sou encapas de demonstrar o que sinto por vocês. Vocês merecia ter um pai maravilhoso nem isso não dei para vocês, não podia adivinhar que seria assim. Lamento muito. Vai ser por resto da minha vida. Sei que vocês precisam de mais amor e de mais carinho e não tenho dado suficiente. Sei também que não sou a mãe maravilhosa. Ao invés acho que sou igoista me perdoe meus filhos mais amo muito. Gostaria que tivesse a todo momento perto de mim não do jeito que está
Beijo Abração
Mamãe = Graça (Trecho de um relato pessoal escrito na agenda de Graça)

Junto a essas escritas pessoais, de temas melancólicos¹⁸⁰, Graça registra muitas mensagens religiosas e também de auto-ajuda. Esse tipo de registro parece se constituir como resposta aos momentos difíceis e como forma de apoio para superá-los¹⁸¹. Ela copia alguns salmos da Bíblia e mensagens escritas nos cadernos das amigas. Algumas mensagens foram, inclusive, escritas pelas amigas na agenda de Graça, expressando estima por ela.

Não espere um sorriso para ser gentil / Não espere ser amado para amar / Não espere ficar sozinho para reconhecer o valor de quem está ao seu lado / Não espere ficar de luto para reconhecer quem hoje é importante para você / Não espere o melhor emprego para começar a trabalhar / Não espere a queda para lembrar-se do conselho / Não espere a enfermidade para reconhecer como é frágil a sua vida / Não espere ter dinheiro aos montes para poder contribuir / Não espere por pessoas perfeitas para então gostar delas (Trecho de um poema copiado por Graça em sua agenda).

¹⁷⁹ Posteriormente, a família voltou a viver em Belo Horizonte e convidou Graça para voltar a trabalhar para eles.

¹⁸⁰ Também se encontraram escritas melancólicas no verso da capa de um álbum de fotografia. Ela escreveu: “Minha vida vazia/ Estou num bar sozinha pensando na minha vida monota/ Monota, boba, fria e quero um dia ser feliz/ Ser feliz com meu amor, meus filhos, minha casa/ Não tem nada dentro nem fora de mim / Essa vida aqui nada significa para mim / Como é triste ficar sem o amor dos filhos depois de tudo / Nenhum alô / Essa é minha vida sozinha” (Registro escrito, realizado por Graça, sem data definida).

¹⁸¹ A pesquisa de Lahire indicou, para a leitura, o que pôde ser percebido no caso da escrita, em relação à Graça. O autor menciona que a leitura de livros é utilizada como recurso para evadir-se “dar sentido, (e às vezes sublimar) à realidade monótona, aborrecida, dolorosa, como para se preparar para enfrentar as situações mais problemáticas, embaraçosas, tristes ou penosas” (LAHIRE, 2002, p.98).

A observação desse tipo de escrita é instigante. Por que Graça escolheu a escrita como meio para desafogar-se dos problemas cotidianos? Sabe-se que ela possui poucos anos de escolarização e, possivelmente por isso, pode desenvolver pouco as habilidades de escrita (o que pode ser notado na grafia incorreta de várias palavras, no uso da letra maiúscula no meio da frase e na falta de pontuação do texto). Mesmo assim, são a essas habilidades que ela recorre quando quer desabafar. Seria nesse curto período de escolarização que ela teve contato com colegas de classe que têm esse mesmo hábito de escrita? Teriam as escritas pessoais estreita relação com as escritas escolares? Se sim, como e por que esse hábito se manteve por tantos anos? O contato com pessoas de outro meio cultural pode ter influenciado esse tipo de escrita?

Hébrard acredita que as escritas de diários constituem-se como prolongamento das escritas escolares, o que leva a pensar que os poucos anos de escolarização de Graça podem ter colaborado para a aprendizagem dessa forma específica de registro. Nas suas palavras:

De fato, é a partir dos anos 1850 que os alunos dos meios populares que freqüentam essas escolas [referindo-se às escolas primárias] descobrem a arte de redigir textos e a maneira de dispô-los em seus cadernos segundo organizações particularmente normatizadas (Hébrard, 1995). Assim a escola pôde ser (e ainda é) o lugar de uma aprendizagem sutil dos gestos gráficos elementares, que prepara para as mais variadas escrituras pessoais. Etnólogos que nos últimos anos têm pesquisado as escrituras pessoais adolescentes mostraram que a passagem da tomada de notas de leitura para o diário era uma forma freqüente da entrada na escritura cotidiana para vários diaristas ardorosos, e que a mixagem manuscrito/impresso podia ser uma outra maneira de pensar o diário íntimo. Muitos diários pessoais, relatos de vida, crônicas não utilizam hoje outros suportes além dos escolares, prolongando assim, de uma certa forma, as escrituras da escola (HÉBRARD, 2000, p.57).

Embora possa ser considerada a sua experiência escolar para a realização desse tipo de registro, a prática de escritos pessoais suscita grande curiosidade, visto que os diários íntimos femininos são considerados pela literatura científica como originários das famílias burguesas. É o que pode ser percebido na passagem abaixo:

Estudos já empreendidos permitem afirmar que uma significativa produção de diários íntimos (notadamente femininos) coincide com a ascensão política e social da burguesia e com o conseqüente desenvolvimento da vida nas cidades. A casa *burguesa* com seus espaços individualizados, em especial com o favorecimento do quarto próprio, criava um refúgio para a intimidade e foi uma condição material que permitiu e estimulou a escritura do diário, aliada aos progressos da alfabetização feminina a partir do século XIX. A afirmativa de que esta é uma prática de escritura de mulheres “burguesas” pode ser levantada

quando se sabe que, em contrapartida, as mulheres das classes populares não escolarizadas ficavam, em geral, excluídas dessa prática, pois careciam de condições materiais e até residenciais que lhes garantissem maior intimidade ou isolamento (CUNHA, 2007, p.4).

As condições materiais não parecem ser impedimento para que Graça tenha acesso aos materiais necessários à escrita (agenda e caneta). Entretanto, o modo de vida das classes populares implica mais dificuldades para se isolar. Apesar de dormir em um quarto apenas seu, Graça demonstrou interesse em construir uma suíte no andar de cima da casa, para ter mais privacidade. A entrevista realizada em sua residência ocorreu, sobretudo, dentro do seu quarto, o que não impediu que outros familiares¹⁸² entrassem e participassem da conversa. Vale a pena ressaltar, que dois momentos de escrita pessoal descritos por ela foram realizados fora de casa: no hotel (já descrito acima) e no bar¹⁸³.

Nazira é a única empregada pesquisada que não possui um material (agenda ou caderno) para fazer suas anotações pessoais. Conforme foi visto, ela recebe da patroa as informações sobre o salário e sobre o valor gasto com o transporte registradas numa folha de papel. Também já foi mencionado que os registros dos números de telefones são feitos por sua neta. Nesse caso, merece a atenção a configuração específica da família da empregada. Vivendo com a filha mais velha e com dois netos adolescentes, Nazira pode se apoiar neles (pessoas mais escolarizadas) para a resolução de vários problemas cotidianos que exigem o uso da leitura ou da escrita¹⁸⁴. Ela participa, portanto, das escritas domésticas de uma maneira particular: mais orientando e ditando algo do que escrevendo. Por exemplo, se ela quer copiar uma receita que trouxe do trabalho, entrega para a neta a receita impressa pela patroa e pede que ela copie no caderno de receitas.

Um calendário também tem lugar na casa de todas as empregadas pesquisadas. Na casa de Suely, observam-se dois tipos de escrita diferentes no calendário, ambas se classificam como formas de ruptura do senso prático descritas por Lahire (1997): a primeira relaciona-se ao aspecto extraordinário de um acontecimento (a compra de botijão de gás) e a segunda, ao distanciamento das datas a serem controladas (a marcação de consultas médicas). Na casa de Nazira e de Graça,

¹⁸² Sua mãe permaneceu dentro do quarto durante todo o período da entrevista. Sua sogra e sua neta entraram e saíram do quarto algumas vezes. Nenhuma das entrevistas nas casas das empregadas foi realizada sem que algum familiar interrompesse em algum momento o diálogo.

¹⁸³ Ela disse: “(...) quando na época eu ia muito em bar...ficava em bar bebendo...eu pegava um papel...uma caneta...sentava lá sozinha...pegava uma cerveja e falava...hoje eu tô chateada...aconteceu isso, isso e isso comigo...tô chateada comigo...tô chateada com a minha filha ou com o meu filho...escrevia tudo...eu sempre gostei...” (Entrevista 3 – 29/09/2007).

¹⁸⁴ O apoio nos filhos mais escolarizados foi descrito por Galvão (2002) no caso dos leitores/ouvintes de cordel.

também são marcadas no calendário as datas das compras do gás. Cleonice, que mora no local de trabalho, possui dois calendários que consulta para diferentes fins. Um deles, ela leva para a escola e realiza o acompanhamento do semestre letivo. O outro, ela deixa em casa e recorre a ele para consultar a data de pagamento da fatura dos cosméticos que vende. Ela salienta a importância de pagar a boleto à empresa de cosméticos na data correta, visto que os juros são altos caso ocorra atraso do pagamento.

Ainda sobre Cleonice, vale a pena explicitar a organização que ela tem com as contas pagas. Por ser a filha mais velha e solteira, Cleonice acabou por assumir responsabilidades na sua família que antes eram de seu pai, falecido em 1989. O fato de administrar a casa da mãe com o dinheiro da pensão, recebido por essa última, gerava constantes atritos familiares. Para lidar com a desconfiança dos parentes, Cleonice tinha por hábito guardar as notas de todas as contas pagas. Esse episódio da trajetória de Cleonice mostra uma relação com a escrita na organização doméstica que já estava presente em sua vida, mesmo antes de morar com a família empregadora. Atualmente, embora ela não faça o registro de seus gastos mensais, ela guarda os recibos de suas contas em pastas separadas: boletas do plano de saúde e boletas dos cosméticos que vende.

P: As suas contas do mês...as coisas que você gasta...você anota?

C: É assim...eu guardo bem de cabeça...que nem...por exemplo...eu tenho um plano de saúde que é cento e cinquenta e poucos...cento e sessenta e um reais...que é *Unimed*...mas é assim...chega o plano de saúde e vai pro S [patrão]...que é o S. que vai lá e paga...ele só me devolve...agora...eu guardo tudo, né...desde que eu entrei na *Unimed*...tem um ano mais ou menos...eu tenho tudo guardado...as boletas...eu tenho uma bolsa...aí a *Natura*...entendeu...a *Natura* chegou e eu confiro...olha aqui...eu tô até com coisa da *Natura* aqui...aí eu confiro coisa por coisa...somo tudo de novo pra ver se tá certo...e tudo que o S. paga eu vou e guardo... (Entrevista 4 – 24/10/2007)

C: Aqui [mostrando envelope pardo]...isso aqui... os pagamentos da *Unimed*...eu guardo tudo... aqui os documentos...tá na bolsinha da *Natura* que eu ganhei...olha a minha carteira profissional...olha a minha identidade...eu ando com um caderninho assim...eu gosto demais... (Entrevista 5 – 09/11/2007)

Finalmente, sobre as escritas domésticas, é interessante observar que muitas práticas de leitura e de escrita vividas na família empregadora não encontram espaço nas casas das empregadas pesquisadas. Com exceção de Graça, nenhuma empregada anota recados recebidos por telefone em sua própria residência ou deixa bilhetes para os membros da família. Elas dizem não haver necessidade desse registro, assim como dizem que não precisam fazer listas de compras. Sobre as listas de compras, a interpretação que se pode fazer para essa ausência de

registro, considerando a pesquisa já mencionada de Lahire (1997) sobre as escritas domésticas, é que o ato de compra se apóia no senso prático, sem que haja a necessidade do registro escrito prévio, de um planejamento. Em outras palavras, o senso prático que possuem permite que elas façam “de cabeça” uma compra no supermercado que será consumida por sua família. Além disso, é preciso considerar que o tipo de compra que as famílias empregadoras fazem geralmente é diferente das compras feitas pelas empregadas para as suas residências. Enquanto as primeiras geralmente realizam grandes compras mensais, as últimas efetuam compras menores e com intervalos de tempo mais curtos.

Sobre os recados e os bilhetes, pode-se apontar a proximidade que possuem com os familiares e com o assunto do telefonema; e o menor número de telefonemas recebidos em função do pouco tempo que passam em casa, como fatores que colaboram para a memorização e, logo, para que a escrita torne-se desnecessária. Nos trechos abaixo, Nazira e Suely falam da falta de necessidade desses registros.

P: Outra coisa...lá na casa da M [patroa]...você dita a lista de compras pra ela...e aqui?

N: Aqui até que não...eu dou só uma olhada...vejo o que tá faltando e falo com ela...vão...eu só dou uma olhada...é muito difícil eu anotar...

P: E você, Cl [filha de Nazira]...anota?

CL: Não, não...também só dou uma olhada... (Entrevista 3 – 20/01/2008)

P: Lá na casa da C. você anota recado que você recebe por telefone...aqui você anota também ou só fala?

S: Só falo...porque aqui eu fico muito pouco...mais na parte da noite...então se alguém ligar...eu guardo de cabeça que eu sei que não vai ser muito telefonema...e lá na C. não...lá eu já anoto porque eu já passo o dia todo lá...então pra mim não esquecer de algum nome...eu anoto...são mais telefonemas...

P: E bilhete?

S: Aqui não...não precisa disso (Entrevista 3 – 14/01/2008)

3.4.2. Leitura de jornais, revistas e livros

Entre as práticas proporcionadas pela ocupação de empregada doméstica em lares letrados mencionadas no capítulo 3, destacam-se as de cunho informativo, que se expressam na leitura de jornais e revistas encontradas nas casas das famílias empregadoras. Nesse tópico, serão abordadas outras leituras informativas que as empregadas fazem em seus lares em diversos suportes escritos.

A leitura de jornais e revistas diferentes daqueles encontrados na casa dos patrões é pouco freqüente nos casos pesquisados. De todas as empregadas entrevistadas, apenas Graça compra na estação do metrô e lê, assiduamente, um jornal de sua própria escolha: o jornal *Super*. Esse jornal tem como público alvo às classes populares (reportagens mais curtas, linguagem mais simples, preço mais barato)¹⁸⁵. No jornal, ela diz ler as notícias, o horóscopo e diz participar de algumas promoções. É interessante observar que soube da venda do seu lote recém comprado através de um anúncio nesse jornal.

[Vejo sobre a máquina de lavar roupas da casa da patroa de Graça um jornal e o tomo em minhas mãos]

G: Ah eu compro todo dia...é sagrado...esse é o *Super*, né...pra saber as notícias...horóscopo¹⁸⁶...eu gosto de ler todos os dias...esse é até da M...porque quando ela sai ela compra...aí eu pego emprestado...mas eu tenho um tanto de jornal aí...esse é o *Aqui* que ela comprou...mas eu compro mesmo é o *Super*...todos os dias...

[Leio em voz alta uma manchete do jornal que fala do assassinato de uma adolescente]

G: É só notícia ruim...mas tem notícia boa também...tem umas promoção aí...que a gente pode participar...muito boa...

P: Você participa?

G: Já participei de algumas...ganhei duas vezes sorteio de convite pra cantor e não fui não...

P: Pra assistir show?

G: É...mas eu não quis ir não... (Entrevista 3 – 29/09/2007)

Na casa de Nazira, sua filha mais velha adquire o mesmo jornal comprado por Graça. Além desse material, ela compra revistas que tratam de assuntos televisivos (como por exemplo, do resumo das novelas). Nazira diz ler esses materiais na mesma freqüência que ela lê os jornais e revistas trazidos da casa da patroa, esporadicamente.

Cleonice e Suely não lêem jornal ou revista diferente daqueles encontrados nas casas de suas famílias empregadoras. No caso da primeira, como ela mora no ambiente de trabalho, pode desfrutar dos materiais presentes na casa dos patrões nos seus momentos livres. Além disso, ela é a única que não circula em estações de metrô ou pontos de ônibus, locais onde os jornais populares costumam ser vendidos. Para a segunda, a aquisição de materiais escritos em sua

¹⁸⁵ De acordo com os dados disponibilizados pelo jornal *Super* para esta pesquisa, via e-mail (recebido em 02/07/2008), 49% dos seus leitores pertencem à classe C, 27% à classe B, 18% à classe D, 4% à classe A e 1% à classe E. A metade dos leitores são homens e a outra metade, mulheres.

¹⁸⁶ Vale ressaltar que, como já dito, Graça também escuta diariamente o horóscopo no rádio. A leitura desse mesmo tema no jornal evidencia uma relação estreita entre a oralidade e escrita: o que é ouvido, pode ser posteriormente lido, e vice-versa.

residência relaciona-se, quase exclusivamente (com exceção dos livros literários para a filha e dos livretos culinários), com a prática religiosa, que será abordada mais à frente.

A leitura de livros parece ser a mais rara nos casos pesquisados. Quando pergunto sobre as coisas que lê no dia a dia, Graça diz já ter lido “muito livro bom” e aponta o título de um livro que fora indicado por uma amiga, mas ainda não lido por ela. Peço, então, para ela me contar do que falavam esses livros de que ela gostou. Ela se sente constrangida por alguns instantes e, depois, relata sobre a leitura de um livro intitulado “*Os dez mandamentos*”. Essas são suas palavras a respeito:

P: Onde que vocês [referindo-me a Graça e a sua amiga] arrumavam esses livros?

G: Ganhava né...algumas colegas me dava...entendeu...igual a Cleide [amiga]...tô com um livro da Cleide pra devolver...eu li só até a metade e guardei o livro...diz ela que é muito bom...outro dia ela trouxe um livro pra mim ler...falou...ah você tem que ler esse livro...é muito interessante...*Como ser feliz*...eu falei...Ah eu tô precisando! (rsrs) Só que ela levou e não trouxe mais...esse aí *Como ser feliz*...eu quero mesmo...eu quero saber como que é ser feliz...(rsrs)

P: Então vocês trocam entre amigas...esses livros?

G: É...

P: Você lembra de algum outro livro além desse?

G: Ah...assim de cabeça...

P: Sobre o quê eles falam...

G: Ah...as histórias...**nossa senhora**... em mente mesmo eu tenho um livro que eu li sobre os Dez Mandamentos...sabe?...aqueles assim: não roubar...não cobiçar a mulher do próximo...eu tenho ele lá em casa até hoje...de vez em quando eu empresto pro pessoal ler...é muito bom...porque é totalmente diferente dos Dez Mandamentos que está escrito na Bíblia...sabe...eu não sei se você já ouviu falar sobre esse livro...

P: Não...

G: Ele tem as frases escritas...totalmente diferentes do que tem escrito na Bíblia...a Bíblia fala as coisas assim...mas...é diferente...é do tempo que a gente vive hoje...

P: Então assim...de certa forma faz mais sentido pra gente?

G: É...isso...é o livro que eu mais assim...eu tô até precisando de ler ele de novo...pra mim guardar tudo na mente...esse negócio de Dez mandamentos...tá até no meu guarda-roupa lá guardado...eu tô precisando dar uma parada e dar uma lida nele lá de novo...porque...com o tempo parece que vai apagando...você entendeu...eu já li muito livro bom...

P: E onde que você conseguiu esse dos Dez mandamentos?

G: Esse aqui foi de uma patroa minha...uma ex-patroa minha...muitos anos...jogava fora...deixava pra lá...aí eu pegava...entendeu...uns livro bom...ah...(...) aí eu peguei esse livro...no meio desses negócios...desses livros dela lá...peguei esse livro e gostei muito dele... (Entrevista 2 – 22/06/2007, ênfase dela)

O relato de Graça exposto acima permite algumas análises interessantes. A primeira delas refere-se ao conteúdo do livro citado. Ainda na casa da patroa, ela comenta sobre o seu caráter religioso. Entretanto, em entrevista posterior, na sua residência, peço que Graça me mostre o exemplar e ela traz um livro com um título diferente. Na realidade, ele intitula-se “*Os doze mandamentos*”, foi escrito por Sidney Sheldon e publicado pela Editora Record. Como se sabe, esse autor é um romancista e roteirista estadunidense cujas obras foram traduzidas para várias línguas e distribuídas em vários países. Esses dados nos mostram como o leitor é ativo no ato da leitura e como a apropriação dela pode ser diferente daquela “desejada” pelo autor. A leitura que Graça fez do romance adquiriu um novo significado em função de suas expectativas e competências. Sobre a inconstância dos textos, Batista e Galvão (2002) afirmam:

Móveis e instáveis, dependentes das configurações sociais que o produzem, que o reproduzem e a que se destinam, os textos, por fim, se diversificam tendo em vista as práticas e os leitores que efetivamente deles se apropriam. Por mais que os produtores do texto e do impresso multipliquem seus protocolos de leitura e procurem orientar os mínimos movimentos do leitor, sua atualização, seus usos e significados que serão de fato produzidos encontrarão sempre nos contextos de leitura um regime de condições que poderá ou não favorecer a realização das leituras visadas. Por um lado, do mesmo modo que autores e produtores do livro, os leitores estão também – quanto maior for o grau de institucionalização das situações em que lêem – submetidos às múltiplas determinações que organizam as esferas sociais em que utilizam os textos. Por outro lado, eles são socialmente formados, compartilham um conjunto de competências e um horizonte de expectativas em relação aos textos e a sua leitura que não é, necessariamente o previsto pelos produtores dos textos. Podem desenvolver, portanto, formas de apropriação que pouco têm a ver com aquelas visadas em sua produção e constituir, desse modo, um novo texto, com novos objetivos, novos usos, novos significados (BATISTA, GALVÃO, 2002, p.25).

Por outro lado, o comentário de Graça sobre o conteúdo do livro pode ter sido uma tentativa de responder a minha expectativa de que ela se lembrasse de algum livro lido. Assim, ela pode ter se baseado na lembrança do título e tentado decifrar o seu conteúdo para me agradar. Sobre essa hipótese, é importante considerar que a representação que se tem de uma estudante da universidade e, além disso, de uma pedagoga, é a de alguém que valoriza a leitura.

O trecho acima também coloca em evidência a necessidade da leitura repetida do mesmo livro com o objetivo de saber de memória o seu conteúdo. Tal relação com a leitura pode se caracterizar como uma tentativa de apropriação definitiva dos textos, própria dos sujeitos

vinculados, em sua origem, a uma cultura em que a oralidade é predominante, conforme indicou Galvão (2002) em sua pesquisa sobre os leitores/ouvintes de cordel.

No caso de Cleonice, as leituras de livros que ela realiza estão relacionadas ao seu processo de escolarização atual. Além dos livros obtidos na casa dos empregadores (já comentados no início desse capítulo), ela falou sobre a leitura de livros didáticos tomados emprestados na biblioteca da escola onde estuda para auxiliar no desenvolvimento de trabalhos escolares, bem como no estudo para as provas¹⁸⁷. A escolarização, nesse caso pesquisado, se constitui como motivação importante para a realização de práticas de leitura.

Nazira, por outro lado, não comentou sobre a leitura de livros. Quando perguntei sobre isso, ela destacou as leituras do neto e não fez referências às suas leituras. Suely, por sua vez, comentou sobre leituras religiosas que merecem um tópico à parte para todos os casos pesquisados.

3.4.3. Leitura e escrita religiosas

Um tópico específico para as práticas de leitura e de escrita religiosas merece destaque, tendo em vista que essas práticas mostraram-se presentes em todos os casos analisados. Ou seja, para praticar a religião, as empregadas acabam por se envolver em experiências de leitura diversificadas (da Bíblia, de folhetos e de músicas) e também, embora menos freqüentes, de escrita (cópia de trechos da Bíblia e cópia de músicas evangélicas).

A leitura da Bíblia é realizada pelas três empregadas evangélicas¹⁸⁸ investigadas: Graça, Suely e Cleonice. A segunda, conforme já dito, mantém uma Bíblia no seu local de trabalho e costuma ler algum trecho depois do almoço. Nazira, a única católica do grupo, é a empregada que vive menos intensamente a experiência religiosa e, logo, a que menos vivencia práticas de leitura religiosas. Ela diz ir à missa aproximadamente uma vez ao mês. Nessa ocasião, ela pratica a leitura do folheto da missa para acompanhar a celebração religiosa.

As formas de participação de Graça, Suely e Nazira na igreja são diferentes e, por isso, também são diferentes os tipos de práticas de leitura e de escrita vividos. Das empregadas evangélicas pesquisadas, Graça é a que freqüenta a igreja com maior irregularidade. Ela foi

¹⁸⁷ Na biblioteca, Cleonice já recorreu à revista *Veja* e ao jornal *Estado de Minas* para fazer as tarefas escolares. Reportagens encontradas na hemeroteca da biblioteca são também constantes recursos que ela utiliza em suas pesquisas escolares.

¹⁸⁸ As empregadas participam de três igrejas evangélicas diferentes, todas neopentecostais. Graça é a única que já freqüentou uma igreja pentecostal: a Igreja do Evangelho Quadrangular.

batizada na *Igreja do Evangelho Quadrangular* e atualmente freqüenta a *Igreja Universal do Reino de Deus*. Problemas pessoais a motivaram buscar essa última igreja. No momento das entrevistas, ela havia participado de poucos cultos nessa instituição religiosa e sua participação se deu por meio da escuta das palavras do pastor. Eventualmente, diz anotar algumas dessas palavras na sua agenda. Às vezes, quando chega em casa, consulta na sua Bíblia o salmo referido no culto. Ela diz:

G: Ah...eu gosto de tudo...porque/...quando eu era mais novinha eu não prestava atenção em nada da pregação...nem no louvor...nem nada...hoje eu gosto de ouvir tudo com atenção...eu não gosto nem de menino ficar perto de mim...eu gosto de prestar atenção em tudo que o pastor fala...cada detalhe...eu gosto de chegar em casa e falar...igual ontem...eu fui na igreja...cheguei lá em casa e falei... no Mariana [nora]...o pastor falou isso, isso e isso...algumas coisas que eu guardo na mente eu falo pra ela...eu guardo e passo pra eles... (...)
(Entrevista 2, 22/06/2007).

Suely, por sua vez, tem uma participação mais intensa na religião. Ela vai à igreja evangélica *Mundial* uma ou duas vezes por semana. Assim como Graça, sua participação se dá pela presença nos cultos. Ela participa ouvindo e não se envolve em outras atividades desenvolvidas pela igreja, como a evangelização. Entretanto, o fato de seu marido ser pastor em duas igrejas evangélicas diferentes proporciona o acesso a muitos livros, CDs e DVDs religiosos. Junto ao seu marido, assiste a DVDs (cujo conteúdo são pregações), escuta músicas evangélicas e conversa sobre o conteúdo dos livros lidos (principalmente por ele). Na entrevista que fiz a sua casa, seu marido reclamou dizendo que achava que ela deveria ler com mais freqüência os livros religiosos.

Cleonice também participa da igreja com regularidade. Ela freqüenta a Igreja da Assembléia de Deus aos domingos¹⁸⁹. Na parte da manhã, é regente do grupo da mocidade e à noite, participa do culto. A participação da regência exige envolvimento com práticas de leitura e de escrita, visto que sua principal tarefa é buscar hinos evangélicos para serem apresentados na igreja. Depois de encontrar hinos novos (cujo acesso muitas vezes se dá pela internet da casa dos

¹⁸⁹ Cleonice se converteu à igreja Assembléia de Deus em 1991 e já assumiu vários cargos nessa instituição. Foi zeladora voluntária, foi professora de crianças na escola dominical, para isso ela utilizava um material escrito da igreja preparado exclusivamente para os primeiros ensinamentos da Bíblia, além de já ter trabalhado na assistência social da igreja, buscando alimentos para serem distribuídos à população carente. Quando morava em Viçosa, Cleonice freqüentava a igreja mais de uma vez por semana. Em Belo Horizonte, a entrada na escola fez com que seu tempo livre fosse encurtado.

patrões), ela os copia à mão, pede para alguém digitar (muitas vezes é a patroa quem faz isso) e, então, distribui para o grupo com a finalidade de ensaiar. Enquanto os fiéis não sabem os hinos de cor, eles acompanham a letra impressa. Outra forma de participação que também está ancorada na escrita é a pregação, que, segundo Cleonice, consiste na leitura e conseqüente estudo de uma palavra da Bíblia. Embora não tenha participado da pregação na igreja que frequenta atualmente, quando residia em Viçosa, já foi a responsável por essa tarefa.

A influência de práticas religiosas pentecostais no processo de inserção de seus membros na cultura escrita, mais especificamente da igreja Assembléia de Deus no período de 1950 a 1970 em Pernambuco, foi tema da pesquisa de Silva e Galvão (2007) e seus resultados evidenciam a característica de liderança na igreja dos sujeitos pesquisados como fator bastante importante para a aproximação do mundo escrito religioso. Isso é explicado pelas pesquisadoras porque a posição de liderança “exigia deles uma busca constante por mais conhecimentos para fundamentar, complementar e aprofundar o que ensinavam” (SILVA e GALVÃO, 2007, p.381).

O mesmo pode ser dito para o caso das domésticas evangélicas, já que Cleonice, a única que participa da igreja em outras atividades além do culto; e Suely, a empregada que tem como companheiro um líder religioso, são as que mais se envolvem em práticas de leitura e de escrita de cunho religioso. Em outras palavras, são nos momentos de participação na regência e na escola dominical (essa última, uma experiência anterior) que Cleonice pode experimentar situações mais diversificadas de leitura e de escrita religiosos. Suely, embora não tenha participação nesse tipo de atividade, tem uma convivência intensa com o marido que é pastor. Ela acompanha a sua trajetória e se constitui como uma pessoa importante na troca e discussão de idéias, que, muitas vezes, está ancorada em leituras religiosas¹⁹⁰.

Ainda sobre as práticas religiosas evangélicas, é pertinente comentar sobre a experiência nos cultos. Conforme aponta Silva e Galvão (2007), a utilização da oralidade como forma de participação nessas celebrações é muito forte nessa instituição. As descrições acima sobre as práticas de escuta durante os cultos das empregadas evangélicas investigadas exemplificam a presença da oralidade. Entretanto, é peculiar o fato de que após a escuta das palavras do pastor, a

¹⁹⁰ Sua participação nas leituras pode ser mostrada, por exemplo, quando ela comenta sobre o dicionário comprado pelo marido que se constitui como material de apoio à leitura. A prática do marido para saber o significado das palavras desconhecidas é também incorporada por Suely. P: Esse dicionário é da sua filha? [apontando o dicionário Aurélio Escolar] / V: Não...dele [referindo-se ao marido]...porque às vezes **a gente** quer uma palavra...aí vem aqui, né...porque às vezes tem na Bíblia muita palavra que **a gente** quer ver o significado... (Entrevista 3 – 14/01/2008, grifos meus).

leitura da Bíblia seja instigada. O que o pastor comenta durante a celebração, o salmo que ele se refere, é posteriormente lido na Bíblia pelas domésticas pesquisadas. No caso de Graça, além de ler, ela ocasionalmente copia algum trecho da Bíblia na sua agenda. Ou seja, mesmo baseados predominantemente na oralidade, os cultos provocam motivação para a leitura religiosa.

Enfim, os dados coletados mostram que, assim como percebeu Aun (1993), “Quando a experiência religiosa é importante, faz parte do cotidiano, o acesso às leituras religiosas se faz” (AUN, 1993, p.79).

3.4.4. Leitura e escrita relacionadas às vendas de cosméticos

Das quatro empregadas investigadas, três são vendedoras de cosméticos concomitantemente ao trabalho que desenvolvem como domésticas. Conforme foi dito, Cleonice é consultora direta de uma grande empresa de cosméticos brasileira, a *Natura*. Ela vende esses produtos principalmente para a família empregadora, para os amigos dos patrões e para seus colegas da escola. Além disso, uma colega de classe, em acordo com Cleonice, vende os cosméticos e solicita que Cleonice faça o pedido à empresa em seu nome. Graça e Suely não são consultoras diretas. Do mesmo modo como faz a colega de classe de Cleonice, elas são vendedoras que não têm cadastro próprio nas empresas e utilizam um consultor como mediador. Nesses casos, a comissão sobre a venda é menor. Independente da maneira como atuam (consultoras diretas ou não), a venda de cosméticos é uma atividade de complementação de renda e também uma maneira de ampliar o círculo social que é mediada pela leitura e pela escrita. O modo como registram as vendas e os débitos com as empresas são diferentes, mas todos eles envolvem registros escritos.

Graça vende perfumaria *Cazo*. Para ter acesso aos produtos, tem um consultor da empresa como mediador¹⁹¹. Ela anota em um carnê que recebe da empresa de cosméticos o nome da pessoa que fez o pedido, uma referência (ex: Inês do sacolão), o nome do produto pedido e o valor a ser pago. Vi um desses carnês e percebi que, em alguns casos, ela não destaca a parte que deveria ser destinada ao cliente. Ela disse que para as pessoas pouco conhecidas, destaca o papel do carnê e fica apenas com o canhoto. Esse é um indício de que a oralidade ocupa um papel preponderante nas vendas, quando se tratam de pessoas muito conhecidas, e, logo, pessoas de

¹⁹¹ Ela conheceu o consultor da *Cazo* no edifício no qual a família empregadora morava antes de residir no atual endereço.

confiança, que não precisam de um papel para “honrar” com a dívida. O consultor, por outro lado, para garantir o recebimento do dinheiro dos produtos entregues para ela, pede que assine uma promissória, que deve ser paga em até 30 dias.

Suely vende cosméticos da empresa *Belladonna*. Segundo relatou, a consultora (por meio da qual tem acesso aos produtos) deixa alguns produtos com ela e junto com eles uma lista onde há registrado os nomes dos cosméticos, a quantidade deles e o valor. É com essa lista que Suely acompanha o que foi vendido e o dinheiro recebido. Após aproximadamente um mês, a consultora retorna para recolher o pagamento e os produtos não vendidos.

No caso de Cleonice, o trabalho com a venda de cosméticos também é acompanhado de registros escritos. Ela precisa escrever os produtos vendidos anteriormente à comunicação dos pedidos à empresa pelo telefone. A tabela na qual Cleonice registra as vendas foi criada por ela própria, tendo em vista a letra muito pequena da tabela fornecida pela empresa¹⁹². Ela, então, registra o código do produto, a página onde ele se encontra na revista de divulgação, quantos pontos o produto vale (é preciso acumular um certo número de pontos antes de fazer o pedido à empresa) e qual é o nome da pessoa que fez o pedido.

Além de se envolver com essa prática escrita para a venda dos cosméticos, Cleonice realiza algumas contas para calcular o valor dos produtos vendidos. Se ela vende à vista, reduz o preço do produto para o cliente, reduzindo também a sua comissão. Se o cliente faz uma compra grande, ela divide o valor para o cliente em mais de uma parcela. Quando uma colega vende para ela, calcula o valor das vendas separadamente, de modo a cobrar justamente a parte das vendas feita pela colega.

Cleonice também diz folhear a revista de divulgação dos produtos logo após o seu recebimento. Ela justifica que precisa saber das promoções do período para realizar melhores vendas. Além disso, destaca a necessidade de aprender sobre os produtos lendo¹⁹³ as informações presentes na revista, para, então, informar os clientes sobre efeitos ou vantagens de determinado produto. Todas essas práticas de leitura e escrita relacionadas à venda dos cosméticos estão relatadas nos depoimentos abaixo:

¹⁹² A opção por Cleonice de elaborar sua própria tabela também pode estar relacionada à dificuldade de lidar com esse gênero textual da maneira como ele é organizado pela empresa. O fato de conter todos os produtos disponíveis registrados (organizados por seções) evidencia que a tabela proposta pela empresa é mais complexa do que a tabela criada por ela.

¹⁹³ Cleonice também procura conhecer as informações sobre os produtos que vende por meio da participação em reuniões de consultoras promovidas pela empresa de cosméticos. Talvez a reunião (situação predominantemente oral, embora com apoio na escrita) funcione para tornar menos árida, ou mais sedutora a leitura da revista.

P: Pra quem que você vende *Natura*?

C: Pra qualquer pessoa...

P: Traz pra escola...

C: Trago...a A. e o S. [patrões] compram...que nem agora eu entrei na academia...a revista já tá rodando a academia...entendeu...que nem aqui na escola eu faço consórcio da *Natura*...à vista eu dou 15% de desconto...a prazo eu divido...se a pessoa comprar R\$150,00 eu divido...

P: Você gosta de mexer com essa parte...assim de...marcar a tabela...ligar/

C: Não...eu não marco na tabela não...eu pego uma folha de caderno/ eu não tenho paciência...às vezes eles mandam uma folha pra gente fazer o pedido, né...a tabela...eu não tenho paciência de usar aquilo ali não...o S. até falou comigo...eu tô pensando em ir no/ oftalmologista que fala? Que é o de olho?

P: É

C: E não é/...porque eu tô tendo dificuldade com letra miudinha...mas eu gosto de fazer...**eu fazer**...eu pego a folha do caderno/ eu compro um caderno assim mais barato...tiro aquele arame e solto todas as folhas...aí eu coloco assim...(...) código tal...página tal...pontos tal...e o nome da pessoa na frente...eu faço isso tudinho numa folha...eu acho que tem que ser do meu jeito pra mim entender...

P: E você gosta de fazer isso?

C: Demais...eu gosto... (Entrevista 2 – 26/09/2007)

P: Então tem a *Natura*... que você tem que escrever tudo isso...

C: Fora se a pessoa me pergunta: Você tem isso? Por isso que você tem que ler a revista da *Natura*...até a *Natura* você é obrigada a ler...como é que você vai fazer propaganda de uma coisa/ vai apresentar uma coisa que você não/ não sabe se tem na revista? Você tem que conhecer a revista todinha...as pessoas sempre perguntam...(...) (Entrevista 5 – 09/11/2007, ênfase dela)

As descrições feitas acima permitem dizer que as práticas de leitura e de escrita que acompanham as vendas são necessárias por dois motivos principais. O primeiro deles refere-se à não disponibilidade dos produtos no momento da venda. Para ter acesso aos cosméticos, é preciso requisitá-los à empresa de uma só vez (no caso de Cleonice, pelo telefone; e no caso de Graça, nos momentos de visita que faz à casa do consultor ou por meio de um telefonema a ele) e, para isso, o apoio na escrita parece fundamental. Afinal de contas, guardar na memória todos os produtos vendidos, bem como a quantidade deles, pode se constituir um risco. Um esquecimento poderia, por exemplo, implicar uma venda a menos (e, talvez, um cliente a menos). Por outro lado, o pedido de um produto não requisitado por algum cliente pode resultar em dívida para si própria. O segundo motivo relaciona-se à forma de pagamento. As empregadas não recebem o pagamento imediatamente após a entrega do produto. Assim, para que não haja prejuízo ou enganos no momento de cobrar pela mercadoria vendida, é preciso escrever o nome do cliente que já realizou o pagamento. Vale ressaltar que essas escritas, de modo geral, são

feitas pelas empregadas e lidas por elas mesmas. Essa característica faz com que sejam vividas com mais liberdade. É com essa liberdade que Cleonice cria uma tabela que atende aos seus interesses e que Graça cria um espaço no canhoto para escrever a referência do cliente.

Segundo Hébrard (2000), as escritas dos comerciantes são antigas e não estiveram obrigatoriamente sob rígida organização. Ele se refere à pesquisa de Petrucci (1978) na qual o pesquisador investigou um livro de contas (que era constituído por folhas rapidamente costuradas) de uma mulher analfabeta, proprietária de uma charcutaria, em meados do século XVI. Sobre o livro de contas, o autor afirma:

Maddalena é analfabeta, mas Armando Petrucci (1978) mostrou num artigo exemplar que a impossibilidade de escrever não impede de se inscrever completamente na cultura da escritura, bastando para tanto que se aceite a delegar o isso da pena àqueles que são capazes de fazê-lo. Nessa caderneta, nada menos do que cento e duas pessoas de todas as categorias profissionais e sociais escrevem por Maddalena. O uso da delegação da escritura faz assim do espaço geográfico comercial um lugar relativamente aberto, ocasião de numerosas trocas e de uma difusão informal de práticas de escritura (HÉBRARD, 2000, p.48).

Nos casos analisados, as empregadas não delegam a outras pessoas a responsabilidade do registro, mas utilizam suas próprias habilidades de escrita para fazê-lo. Como foi dito acima, a liberdade que possuem na organização desses escritos (e tem como destinatário elas próprias) fazem as escritas comerciais se caracterizarem como autônomas.

3.4.5. Acompanhamento da escolarização dos filhos

Suely é a única empregada investigada que participa sistematicamente da escolarização da sua filha. O acompanhamento desse processo envolve práticas de leitura e de escrita e se desdobra em ações tais como: o auxílio nas tarefas de casa (que se constitui, principalmente, pela leitura e posterior explicação das questões propostas), a leitura dos bilhetes enviados pela escola e a frequência às reuniões escolares. Como já foi dito, ela providencia revistas velhas na casa da família empregadora, de onde são cortadas letras e palavras usadas nessas tarefas. Suely comentou também sobre o desejo de comprar um computador para servir de ferramenta no percurso escolar da filha.

O interesse de Suely pela escolarização da filha se nota, também, no cuidado que ela tem de guardar os cadernos antigos da menina. Na visita que fiz à sua casa, ela me mostrou vários

cadernos da época que sua filha cursava a educação infantil. Disse guardá-los para que a filha tenha recordações do que fazia na escola quando era pequena. Seria essa maneira de se relacionar com a escolarização da filha uma influência do modo como os padrões lidam com a escolarização dos seus próprios filhos?

A prática de leitura de livros infantis (literários e evangélicos) também tem lugar na relação entre mãe e filha. Um dos objetivos de Suely com essa prática é colaborar com o processo de alfabetização de sua filha, conforme pode ser visto no trecho abaixo. Também se pode dizer que há o interesse em possibilitar a inserção da menina na religião evangélica.

Alguns dos livros literários infantis presentes na sua casa foram enviados pela escola municipal, outros foram comprados por Suely (clássicos da literatura infantil adaptados) e outros, ainda, foram recebidos como presente. Os livros infantis evangélicos foram todos comprados por Suely.

P: Você acompanha as coisas da escola? Olha o caderno dela?

S: Olho...as professoras também pede...a gente já tem tão pouco tempo com eles...e na escola a aula séria mesmo é de uma às cinco...então a professora fala...em casa os pais tem que ajudar...então pede pra olhar os cadernos...pra ajudar as crianças...até mesmo pra ler...sentar...ler...contar história...pra criança já pegar...porque tem criança na idade que já até lê sozinha...no meu caso eu acho que eu tenho muito pouco tempo pra ela...principalmente pra ficar com ela pra ensinar...mas os poucos minutos que eu tenho eu tento...ensinar e ficar com ela...e que ela aprenda...porque isso vai muito é dos pais...pra criança crescer nessa área assim...tem que ter um acompanhamento, né...(...) (Entrevista 1 – 14/11/2007)

Vale a pena ressaltar que Suely é a única empregada investigada que tem uma filha pequena (cuja escolaridade é inferior à sua) que frequenta a escola. Os filhos de Nazira não estudam atualmente. Os netos que vivem em sua residência são estudantes (ensino médio e fundamental) e ambos são mais escolarizados do que a avó. No caso de Graça, seu filho caçula abandonou a escola e a primogênita, que frequenta um curso preparatório para realizar o Exame Nacional do Ensino Médio, já ultrapassou sua escolaridade. De qualquer maneira, é válido retomar o dado de que todos eles já utilizaram ou utilizam materiais escritos trazidos das residências dos empregadores de suas mães (ou avó) para auxiliar no desenvolvimento das tarefas escolares. Cleonice não teve filhos.

3.5. As práticas de leitura e escrita dos familiares das domésticas: extrapolando para outras redes de sociabilidade.

Nos itens anteriores desse capítulo, foram abordadas as práticas de leitura e escrita que são constituintes da ocupação de doméstica em ambiente letrado, as práticas de leitura e escrita proporcionadas por essa ocupação e, ainda, as práticas orais estruturadas pela escrita que acontecem no local de trabalho. Embora não tenha sido foco principal do estudo, os relatos das domésticas também permitem dizer um pouco das práticas de seus familiares. Quando observamos a geração anterior, ou seja, os pais das empregadas pesquisadas, de modo geral percebem-se práticas mais raras de leitura e de escrita (alguns dos pais, inclusive, são analfabetos). Por outro lado, as gerações posteriores (filhos e netos das empregadas) apresentam níveis de escolarização superiores e tipos de ocupação que a princípio exigem um uso mais intenso da leitura e da escrita do que o emprego doméstico.

Na família de Graça, por exemplo, sua mãe sabe ler e escrever e realiza, segundo Graça e ela própria, dois tipos de práticas de leitura e de escrita cotidianas: a leitura da Bíblia e a leitura das correspondências que chegam pelo correio. A leitura religiosa é acrescida da prática freqüente de assistir programas evangélicos na televisão. Assim, embora Dona A. afirme ler a Bíblia, o complemento da sua afirmação - momento em que fala dos programas que assiste na televisão - parece ser mais forte do que a própria leitura religiosa. Além de ter dado nome ao canal televisivo que acompanha, Dona A. convidou-me para assistir a um programa televisivo com ela. Essas observações evidenciam a importância da televisão em seu cotidiano. No grande período de tempo que fica sozinha em casa, a televisão parece ser utilizada como “companhia”.

Sobre a leitura das correspondências, Graça diz que a mãe é o membro da família que se encarrega de recolhê-las e de separá-las por destinatário. Nesse processo, em vários momentos, Dona A. se engana e abre correspondências que não são destinadas a ela, o que causa insatisfação na filha. Segundo Graça, ela se justifica dizendo que não enxerga direito. Esse episódio é curioso, pois não permite afirmar se o não uso dos óculos está relacionado a uma relação fraca com a leitura estabelecida por Dona A. ou se está relacionado às dificuldades econômicas que impedem a compra dos óculos. Em outras palavras, a questão que se coloca é a seguinte: ela não usa óculos porque não se depara freqüentemente com situações nas quais seu problema de vista é evidenciado (geralmente são nas práticas de leitura que isso acontece) ou ela não utiliza óculos porque não tem dinheiro para comprá-los?

Nessa família, a filha de Graça é a mais escolarizada. Ela tem 21 anos, possui o ensino médio completo e muitas de suas práticas de leitura e de escrita são relacionadas à escolarização. No momento da pesquisa, por exemplo, a jovem estava realizando um cursinho preparatório para o Exame Nacional do Ensino Médio, o que exigia a leitura de apostilas e a realização de exercícios em casa. Em momentos anteriores do seu percurso escolar, antes de concluir a educação básica, a filha de Graça recorria aos materiais escritos provenientes da casa dos patrões de sua mãe: ela utilizava as revistas velhas trazidas de lá e por vezes demandava à patroa da mãe que lhe emprestasse algum livro didático de que precisasse. Quanto a sua ocupação, ela é o membro da família que possui um trabalho que requer maiores habilidades de leitura e escrita: é secretária.

Na casa de Suely, seu marido, por ser pastor, é o maior leitor dos livros e revistas evangélicos que eles têm em casa. Nessa residência há uma diversidade de materiais escritos religiosos que não foi encontrada em nenhuma outra casa das domésticas pesquisadas. Entre os livros encontrados¹⁹⁴ (provavelmente mais de 40 exemplares) destaca-se a predominância daqueles cuja autoria é de pastores da igreja evangélica e aqueles publicados na ocasião de encontros nacionais e internacionais de igrejas evangélicas. Destaca-se o predomínio de livros cuja autoria é do bispo evangélico Edir Macedo, provavelmente resultado do pertencimento da família à Igreja Universal do Reino de Deus há pouco tempo. Também foram encontrados uma versão romaneada da *Bíblia*, o regimento interno dessa última igreja mencionada e alguns exemplares de revistas evangélicas. Parte desses livros e revistas religiosos foi adquirida pelo marido de Suely e outra parte foi tomada emprestada com outros membros da igreja. Alguns títulos foram encontrados dois exemplares. Esses materiais são guardados no móvel da sala de televisão e sua organização é feita por Suely e pelo marido. Além das leituras religiosas, na visita que fiz à residência da família, o marido de Suely me disse gostar de escrever sobre suas experiências cotidianas (principalmente aquelas relacionadas à religião) e disse ter o desejo de escrever um livro sobre fé. Ele guarda em manuscrito alguns desses escritos e tem o desejo de comprar um computador para posteriormente digitá-los.

Além da leitura e escrita relacionadas à religião, o marido de Suely realiza a organização das fotografias e filmes familiares. Ele separa as fotografias em pequenos álbuns e classifica o

¹⁹⁴ Um único material relacionado à escolarização do marido de Suely foi encontrado. Trata-se de um livro no qual estavam reunidos diferentes tipos de testes para a conclusão do ensino fundamental. Embora esse material tenha sido adquirido, a intenção de concluir o ensino fundamental não foi alcançada.

conteúdo deles. Em um dos álbuns que continha fotos de Suely em um clube, ele escreveu: “Suely – lazer”, no outro álbum, que continha fotografias do aniversário da filha, ele registrou: “Aniversário da G. – 2 anos”. Os vídeos produzidos na ocasião dos dois primeiros aniversários da filha também foram organizados por ele, que demandou a um amigo que criasse no computador uma vinheta de entrada para o filme, na qual constava nome da criança e a comemoração filmada.

A única filha do casal está em processo de alfabetização. Ela realiza as tarefas escolares com o auxílio da mãe. Seus cadernos, livros didáticos e alguns livros literários foram distribuídos pela escola pública onde estuda. O acompanhamento das tarefas escolares e o cuidado com o material escolar são formas pelas quais pode-se perceber a mobilização que a mãe tem pela escolarização da filha. Além disso, há um esforço explícito quanto ao incentivo à leitura e à escrita. Segundo Suely relatou, foi com o objetivo de que a filha treinasse a escrita que ela comprou para a menina um *laptop* de brinquedo. Na visita que fiz a sua residência, a criança estava envolvida com um dos jogos disponíveis no brinquedo. Suely me mostrou o manual e pediu que eu orientasse sua filha a selecionar jogos de alfabetização (como os de completar palavras, por exemplo). Essa situação somada à leitura de histórias em voz alta para a criança (explicada pela empregada como importante para o processo de aprendizagem da filha) é reveladora da diferença do ambiente familiar que a filha tem acesso se comparado ao ambiente familiar que a empregada cresceu. A mãe de Suely é analfabeta e, sobre sua infância, ela não se lembra de ter visto nenhum livro, revista, nem mesmo a Bíblia em sua casa. O único material escrito de que ela se lembra eram os seus materiais escolares e um calendário que ficava fixado na parede.

Na casa de Nazira, a escrita doméstica é realizada primordialmente por sua neta de 12 anos. A menina registra em uma pequena agenda os telefones dos parentes e amigos da família. A agenda não possui demarcação de A a Z. Mesmo assim, a neta opta por registrar em ordem alfabética os telefones de algumas pessoas, de modo a escrever um nome em cada linha da agenda. Entretanto, após esse primeiro registro, novos telefones foram escritos. Esses últimos acabaram sendo registrados ao final da primeira lista, prejudicando a intenção inicial da neta de organizar os nomes seguindo a seqüência do alfabeto. É interessante notar que Nazira interrompe a fala da neta sobre o uso da pequena agenda para relatar que ela deu para a menina e para a filha as duas agendas recebidas por ela como presente de sua patroa no final do ano de 2007.

Certamente ela as escolheu como as destinatárias dos presentes porque ambas realmente fazem uso desse tipo de material, já que ela própria não faz. É também a neta que anota os recados recebidos pelo telefone. A menina faz isso num pequeno caderno. Nazira, por sua vez, diz preferir falar o recado a escrevê-lo. Ainda sobre a organização doméstica, vale lembrar, conforme já foi dito, que a neta de Nazira organiza o caderno de receitas da família.

Além da agenda telefônica e do pequeno caderno de bilhetes, vi entre os materiais escritos na casa de Nazira, algumas revistas que tratam da programação televisiva, abordando, sobretudo, o resumo das novelas. Elas foram compradas por sua filha que também tem o hábito de comprar o jornal *Super*. Esses dois materiais são usualmente lidos por ela dentro do ônibus, no seu trajeto para o trabalho.

O neto de Nazira foi destacado por ela e pelos outros membros da família que estavam presentes na terceira sessão de entrevista (filha e neta), como o maior leitor da família. Ele tem 16 anos, cursa o ensino médio em uma escola pública e trabalha como *office-boy*. Além das práticas inerentes ao ofício de aluno (escrita das tarefas escolares, leitura de livros didáticos, etc) e também ao ofício de *office-boy* (organização e pagamento de contas no banco, conferência de endereços, leitura e escrita de recados, etc), o rapaz se dedica à leitura literária. Pude ver alguns livros de Paulo Coelho que foram comprados por ele, tais como *O alquimista*, *O dom supremo*, *Onze minutos*, além de outros livros literários, como *O Caçador de pipa* e *A menina que roubava livros*. Foi ele também quem comprou o computador¹⁹⁵ da família, que está conectado à internet. Sobre a motivação do neto para a leitura, Nazira fala com orgulho:

N: Depois que ele começou a trabalhar...o primeiro salário dele...foi uma gracinha...ele chegou com uma sacolinha...com a roupa...calça jeans e uma jaqueta...e um livro...com a sacolinha mais bonitinha...mas eu achei lindo...aí meu irmão falou com ele pra guardar esse livro pro resto da vida...porque era o primeiro salário dele...aí eu falei assim com a mãe dele...é o primeiro salário dele...não vamos pegar nada do salário dele não...a partir do segundo a gente já pega um pouquinho...e eu pego...eu pego 60 reais pra ajudar na conta de luz...isso é bom pra ele ter responsabilidade... (Entrevista 3 – 20/01/2008)

Práticas de leitura e de escrita relacionadas à escolarização são comuns no caso dos netos. Ambos possuem livros didáticos e dicionários (de português e inglês). Para fazerem as tarefas escolares eles recorrem a esses materiais e também à internet. Outras vezes, os adolescentes recorrem à biblioteca da escola, onde podem pegar emprestados outros materiais de apoio, como

¹⁹⁵ Esse é o segundo computador da família. O computador antigo foi doado pelos patrões, já usado.

o exemplo lembrado pela neta do empréstimo de um Atlas. Conforme indicado no item 3.2, os netos de Nazira também utilizam (embora já tenham utilizado com maior frequência) as revistas e jornais velhos trazidos da casa da família empregadora como auxílio às tarefas escolares.

A descrição do ambiente doméstico onde vive Nazira também se diferencia da casa onde ela viveu com os seus pais. Conforme já foi explicitado no capítulo 2, o pai de Nazira participava de algumas práticas de leitura e de escrita (lia a Bíblia, livros de oração, escrevia no seu “caderno de ponto”).

Na família de origem de Cleonice, sua mãe ocupa o lugar de leitora da Bíblia. Antes de adoecer, ela realizava a leitura diária desse livro. Cleonice critica a prática de leitura da mãe, afirmando que não é coerente com as suas ações. “Ela sempre leu muito e praticou pouco a religião”. (Entrevista 4 – 24/10/2007). Além da Bíblia, após o falecimento do marido, sua mãe passou a ler as correspondências da empresa onde ele trabalhava para se informar dos seus direitos como pensionista. Quanto ao pai, Cleonice não se lembra de vê-lo ler ou escrever algo. Entretanto, afirma ter herdado dele a organização com os documentos. Segundo relata, o pai “tinha mania de guardar tudo”, e ela “puxou muito dele”. (Entrevista 5 – 09/11/2007). Sobre as formas de organização doméstica da casa de sua mãe, Cleonice relata que não há escrita de lista de compras e que não há utilização de caderno de receitas.

Enfim, as descrições e as análises das práticas de leitura e de escrita cotidianas das empregadas domésticas descritas neste capítulo permitem realizar duas considerações mais gerais. A primeira delas é que o trabalho doméstico em lares letrados é permeado por práticas de leitura e de escrita que estão relacionados a uma maneira específica de organização doméstica. Nos casos analisados essas práticas possibilitam o “funcionamento” da casa e, inclusive, uma boa comunicabilidade entre patrões e empregada. Entre elas destacam-se: leitura /escrita de bilhetes, leitura /escrita de lista de compras e leitura/escrita de receitas culinárias. A participação das empregadas nessas práticas é demandada pelos patrões e pode ser vivida com tensão ou com desenvoltura. Em alguns casos, inclusive, as empregadas importam as práticas vivenciadas no ambiente de trabalho e passam a utilizá-las em seus próprios lares.

Por outro lado, trabalhar em um ambiente letrado possibilita às empregadas o contato com uma diversidade de materiais escritos, e a observação ocasional das práticas de leitura e de escrita dos membros da família. Os jornais e revistas assinados pela família, além de serem utilizados pelas domésticas esporadicamente para a leitura no próprio ambiente de trabalho, são

constantemente levados para suas residências, onde adquirem uso mais escolar, para os filhos delas e até mesmo para os netos.

Pode-se dizer, ainda, que as práticas de leitura e de escrita realizadas em diferentes espaços sociais além do trabalho têm como motivação alguns fatores que variam em função de cada caso pesquisado. Em todos os casos, a vivência religiosa esteve presente e parece requerer o envolvimento com algum tipo de prática de leitura e de escrita (que se diferencia em função do tipo de igreja freqüentada e da posição que se assume como fiel). A escolarização própria ou dos filhos também é um aspecto que aproxima as domésticas do mundo da escrita. Essa aproximação foi percebida nos casos de Cleonice, que atualmente freqüenta as últimas séries do ensino fundamental, e de Suely, que acompanha a escolarização de sua única filha. Finalmente, a venda de cosméticos se constituiu como atividade remunerada complementar ao trabalho de doméstica nos casos de Graça, Suely e Cleonice, que mantêm importante relação com a escrita burocrática.

CAPÍTULO 4: ALGUMAS INFLUÊNCIAS DAS FAMÍLIAS EMPREGADORAS NOS MODOS DE VIVER DAS EMPREGADAS DOMÉSTICAS

Embora não seja objetivo central do estudo foram explorados neste capítulo alguns efeitos da convivência com a família empregadora nos modos de viver das empregadas. O que se observou foi que a convivência, no ambiente de trabalho, com pessoas de outro meio social e cultural, parece ter proporcionado o acesso a outras práticas culturais e modificado a relação estabelecida com a saúde, com a memória familiar e com a culinária. Esse tema, embora não tenha uma relação estreita e direta com o tema da leitura e da escrita, provoca considerações interessantes sobre as implicações das situações de conflito cultural vividas.

4.1. Acesso a outras práticas culturais

O acesso a outras práticas culturais foi percebido principalmente no caso de Cleonice. Como ela mora na casa da família empregadora, despende grande parte do seu tempo livre com eles (com exceção dos momentos nos quais está na escola, na igreja ou na casa de seus familiares). Segundo os relatos de Cleonice e também de seus empregadores, ela já acompanhou as filhas dos patrões assistirem filmes em casa e no cinema, já foi a um show com a patroa e realizou alguns passeios, como à praça da Liberdade e ao distrito de Macacos (município de Nova Lima- MG). Foi por motivação dos patrões que fez a cota do clube pertencente à universidade na qual trabalham e onde ela frequenta a educação de jovens e adultos. A passagem abaixo evidencia o seu prazer em participar desses programas culturais e ao mesmo tempo o conflito vivido para se permitir momentos de descontração com a família, tamanha é a força do lugar de subalternidade que a condição de empregada doméstica impõe. Para o compartilhamento desses momentos, há que se destacar também a motivação dos seus empregadores nesse processo.

P: Você falou de show?

C: A gente já foi junto...pro Almir Sater...olha...Shopping já fui várias vezes...já fui num lugar chamado Macacos...você já foi? Uma gracinha...comi peixe nesse lugar que a gente foi...todo final de semana...toda vez que eles saem eles me chamam...eu que corro mesmo...mas eu fui assistir Almir Sater...tava tão lindo...

P: Aonde que foi o show?

C: Foi no Palácio das Artes...uma gracinha...o Fábio Júnior teve aí e quase que eu fui...porque eu sou fã do Fábio Júnior...era um dia que ia ter aula...aí eu não faltei não...

P: E filme? Você assiste também?

C: Já fui no cinema com a C.[filha mais velha dos patrões]...assistir Código da Vinci...que é um filme que eles querem provar que Deus? Jesus? Deus ou Jesus...eu não lembro mais...que Deus tinha um filho...ou uma filha...assisti esse filme aí...eu já assisti duas vezes filme com a C....no cinema...

P: E em casa? Você assiste?

C: Se eu tiver sozinha/ eu já assisti...mas assim...eu não gosto de sentar e assistir com eles não...eles não são chatos não...mas eu não tenho coragem de parar de fazer o serviço pra sentar e assistir filme, não...não que a A. briga...chama a minha atenção...entendeu? Às vezes no domingo à tarde eles me chamam...mas eu corro...vou mexer com *Natura*...vou arrumar meu quarto... (Entrevista 5 – 09/11/2007)

C: (...) eu sou sócia do CEU [nome do clube], mostrando uma foto sua no clube]...me enfiaram nessa...

P: Você vai, Cleonice?

C: Difícil...mas eu gosto de ir e ficar sentadinha lá na/ assim eu passeio um pouquinho...eu ando assim...mas eu não faço nada...eu gosto é de ficar sentada...levo um livro...levo alguma coisa pra estudar...e sento num lugar que tem lá...gostoso... (...) (Entrevista 5 – 09/11/2007)

4.2. Relação com a saúde

A relação com a saúde foi percebida no caso de Cleonice e no caso de Suely. Vale a pena mencionar que os patrões dessas empregadas possuem formações universitárias que têm como foco a saúde (os patrões de Cleonice são formados em Educação Física, o patrão de Suely é médico e sua patroa é assistente social).

As mudanças na relação com a saúde podem ser percebidas, em Cleonice, sob aspectos diversos. Foi motivada pelos patrões que ela fez um plano de saúde privado, matriculou-se na ginástica, submeteu-se a um acompanhamento de uma nutricionista e passou a se alimentar da mesma maneira que eles se alimentam (sem carne vermelha, com pouca gordura, com pouco açúcar e muitas verduras). Essas mudanças provocaram considerável perda de peso. Em alguns momentos, a nova relação estabelecida com a saúde é permeada pela escrita. Cleonice realiza, por exemplo, a leitura do cardápio preparado por sua nutricionista para orientar a sua dieta.

A realização do plano de saúde privado merece uma consideração especial. Além de implicar considerável investimento financeiro (26,8% do seu salário), representa a possibilidade concreta de recorrer aos cuidados médicos para o que desejar, sejam cuidados preventivos ou

curativos. A insistência da patroa é, nesse caso, relevante. Afinal de contas, foi ela que alertou para a possibilidade de uso do plano em situações que Cleonice não esperava: como no cuidado ginecológico preventivo, na possibilidade de tratar as manchas na pele e na consulta ao dentista. Em outras palavras, se antes a busca pelos médicos se dava apenas nos momentos de doença, ela passou a acontecer de maneira preventiva, ou até mesmo, estética.

P: Essa coisa do cuidado com a saúde?

C: Também me incentivaram...também me incentivaram...hoje/ olha...eu fiz mamografia pela primeira vez com quarenta anos...foi ano passado...até já era pra ter feito esse ano...até o final do ano eu tenho que fazer...porque é uma vez por ano, né...fiz mamografia...nunca tive coragem de fazer...fiz ultrassom...nunca tive coragem de fazer...fiz vários exames já...coisa que eu não tinha coragem de fazer...que nem...dermatologista, né...meu rosto era quase todo coberto de preto...de mancha...aí eu fui...já fui no dermatologista...já fui no ginecologista...(...) tudo eu fiz...com eles...eles me incentivaram...eu fiz o plano de saúde porque o S. me incentivou...eu tô na academia...tá muito cansativo...fácil não é não...nossa...tem hora que dá vontade de sair correndo...desistir de tudo...porque cansa... (Entrevista 4 - 24/10/2007)

Suely, por sua vez, não paga plano de saúde. Ela recorre ao sistema público de saúde quando precisa marcar consultas para si própria, para o marido e para a filha. Antes de o Sistema Único de Saúde (SUS) ser regionalizado, isto é, o cidadão ser atendido no posto de saúde mais próximo a sua residência, Suely já pediu auxílio para a patroa na marcação de consultas¹⁹⁶. Ela também já realizou tratamento dentário com a mesma dentista que atende a patroa. Foi estabelecido um acordo de que ela cobraria o preço que receberia caso Suely tivesse convênio.

Além disso, percebe-se a influência da família empregadora na relação com a saúde em um episódio sutil, mas de importância significativa, já que torna explícita a mobilização da empregada na busca de conhecimento. O episódio refere-se ao interesse de Suely por um filme sobre gestação presente na casa dos patrões. Ao tirar poeira dos filmes em VHS, ela, que no momento estava grávida, se interessou pelo título do filme e pediu emprestado. O empréstimo foi consentido e a empregada levou o material para casa, assistiu ao filme (que é legendado) e posteriormente discutiu com o patrão algumas informações. O trecho a seguir foi dito após meu pedido para que o patrão relatasse sobre as práticas de leitura e de escrita que permeiam o trabalho de Suely em sua residência. A análise que ele fez do fato também aponta o movimento ativo da empregada, de busca pelo conhecimento:

¹⁹⁶ Vale lembrar que a patroa é assistente social e trabalhou no Sistema Público de Saúde.

I: (falando sobre as práticas de leitura e de escrita de Suely durante o trabalho, tais como leitura da Bíblia, de receitas culinárias, etc) tem um negócio também...é meio colateral...não tem diretamente a ver com isso não...mas é o seguinte...eu achei interessante da Suely...muito tempo atrás...é...tem alguns materiais que eu usava em sala aqui...pra discutir com os estudantes eu utilizava uns vídeos...VHS...sobre gestação...pra problematizar e discutir algumas coisas...aí eu lembro que a Suely...quando ficou grávida...da G.[filha de Suely]...ela viu aquilo...me pediu emprestado...levou pra casa...viu e discutiu...pra se informar

P: Onde ela viu o filme?

I: Tem uma caixa, né...ela pediu e levou pra casa...era uma coleção vendida em banca de jornal...tinha uma revista *Pais e Filhos*...ela lançou uma coleção sobre gravidez...o começo da gravidez...o parto...como é que cuida do menino...sei lá como é que é...e eu comprei dois vídeos desse...e eu achei interessante na ocasião...como exemplo prático de uma coisa que tem aplicação aqui pro curso...pros estudantes de medicina e tal...quer dizer...a questão da difusão da informação...do acesso à informação...que depende da escrita...mas não só...esse filme depende da leitura porque é um filme da BBC...legendado...ele não era dublado...então...se ela não tivesse uma certa agilidade na leitura ela não poderia pegar...e era um filme que falava de cuidado na gestação...que falava de ultrassom...que não deve engordar...que tem fazer ginástica...usar roupa mais folgada...e mais outras coisas lá...(...) então eram dois vídeos...bem escolares...educativos...e eu achei interessante...ela viu...pediu emprestado...significa o quê...o estereótipo que alguém podia ter...quando eu era estudante/ quer dizer...o curso de medicina que eu fiz foi muito/ tinha muito paciente da zona rural...(...)...muita gente não alfabetizado...completo analfabeto ou semi-alfabetizado...então a idéia hoje/ você tem uma quase universalização da escola...então é isso...uma empregada doméstica...o salário é pequeno...se você for olhar pela ocupação e pela renda...eu vou achar que a pessoa tá desinformada...e se você pega esses vídeos...quer dizer...a pessoa pode chegar pro médico e discutir a colheita do líquido amniótico...e como é que tá fazendo o DNA pra ver se o menino tem mal formação...quer dizer...uma informação útil pro leigo...dos cuidados que deve ter...e com a base científica...a idéia que o paciente...também no SUS...também no bairro de periferia...ele pode ser um paciente informado...e que aí...sendo um paciente mais informado...ele pode ter um papel mais ativo...de cidadão...e essa visão tradicional de paternalismo autoritário...que caracteriza os médicos...caracteriza eu acho...a sociedade brasileira/...mas achei interessante nessa época isso...pra ela poder pegar... ela leu antes...ela tem habilidade de leitura...ela tem vídeo cassete em casa...ela tem televisão...e sobretudo...tem curiosidade...tem vontade de saber...então eu lembro que ela fez o pré-natal todo pelo SUS...ao longo do pré-natal ela fez alguns ultrasons...foi bom que ela não se contentou em perguntar para os profissionais o quê que é que eles achavam...mas procurou se informar...essa postura ativa/ de vez em quando a Suely pergunta...onde é que é isso...onde é que é aquilo...quando ela precisa de tomar alguma providência...procurar alguma coisa...às vezes pergunta pra C [patroa]...pra mim... (Entrevista 1 – 21/01/2008)

4.3. Relação com a memória familiar

Na casa de todas as empregadas, há a presença de fotos de comemorações familiares (aniversários, natal, etc.) ou de práticas culturais mais amplas (clube, praia, etc.), o que demonstra que a fotografia é uma das maneiras pela qual a memória familiar é registrada. Em uma das casas, há também a presença de vídeos (gravações sobre os primeiros aniversários de G., filha de Suely, e também dos primeiros casamentos celebrados por seu marido). Entretanto, em todos os casos, a influência explícita da família empregadora¹⁹⁷ sobre essa maneira de lidar com a memória apenas pode ser notada no caso de Cleonice.

Cleonice relata não gostar de fotografia e sempre ter detestado ser fotografada. Segundo relata, essa atitude está relacionada ao complexo sobre seu peso elevado. Apesar de explicitar a sua rejeição em relação a essa maneira de registro, ela possui algumas fotos guardadas. É válido mencionar que grande parte dessas fotografias é atual, após o emagrecimento e, portanto, após a mudança para a casa da família empregadora. A maior parte delas, além disso, foi tirada pela filha mais velha dos patrões, em passeios que realizaram juntos (à praça da Liberdade, ao clube) e em comemorações da família empregadora (como no último aniversário da filha caçula), o que evidencia a importância dos empregadores nesse processo. A justificativa que Cleonice apresenta para ter as fotografias, inclusive, é relacionada à insistência dos seus empregadores para que ela “apareça” nas fotos. Cleonice também tem fotos atuais de sua família, na última viagem que fez à Viçosa, ocasião do aniversário de sua mãe.

Graça, Suely e Nazira também possuem fotografias em suas residências. Entretanto, ao falar sobre essa maneira de registrar os momentos vividos, nenhuma delas fez referência à família empregadora. Assim, não é possível dizer se a utilização da fotografia possui algum tipo de relação com o modo pelo qual as famílias para as quais elas trabalham lidam com o registro fotográfico. É importante mencionar que em todas as casas das famílias empregadoras, há fotografias em porta-retratos, utilizadas como forma de decoração do ambiente. Além disso, em duas casas (T. e E.; A. e S.) percebi a presença de pelo menos um livro no qual foram publicadas

¹⁹⁷ Brites (2000) abordou o fascínio pelos registros videográficos e fotográficos de uma das empregadas investigadas por ela. Ela percebeu que muito investimento financeiro é destinado a esses registros e notou, ainda, a incorporação do padrão de vida das classes médias em uma das celebrações registradas. “Na filmagem de seu casamento, podemos acompanhar a projeção de um padrão de vida calcado no das classes médias: vestidos próprios para cada uma das cerimônias (no civil e no religioso), cerimônia ‘simples’ com o corte de um bolo e champanha - tudo, mais do que patrocinado, orientado pela regras de etiqueta de sua patroa, que, é claro, faz o papel de madrinha” (BRITES, 2000, p.176).

fotografias. Vale ressaltar que na casa de M. e W., o filho do meio é fotógrafo de uma revista francesa.

Graça possui fotografias em sua residência. Ela registrou alguns momentos de sua vida, tais como festa de aniversário, férias na praia, padrasto tocando violão, filhos pequenos. Muitas fotos encontram-se fora de álbuns, um pouco danificadas (amassadas ou manchadas) e sem registro escrito. As fotos que se encontram dentro dos álbuns contam com alguma legenda escrita por Graça, do tipo: Férias/Guarapari ou Aniversário da C (neta).

As fotografias da casa de Suely são mais numerosas e mais organizadas. Pude ver vários álbuns pequenos de fotografias, bem organizados, quase sempre marcados por algum registro que indicava o momento nos quais as fotografias foram tiradas. Entre os momentos fotografados estão um passeio no shopping, viagem para a praia, viagem à serra, passeio ao clube, além de fotografias da sua gravidez e da filha (na creche e na casa dos empregadores). Os padrões aparecem em fotos com a filha de Suely na residência deles próprios e também no aniversário da G., na casa da Suely. As filmagens dos três primeiros aniversários da filha do casal são caseiras, feitas por um amigo e receberam um efeito especial na entrada, também presente de um dos amigos. A maioria das fotos tiradas e a organização delas são feitas pelo marido de Suely, logo, não é possível estabelecer relações com as maneiras específicas da família empregadora de lidar com o registro fotográfico. Por outro lado, é interessante perceber que eles estão presentes nas fotografias, o que evidencia que Suely tem consideração por eles e que eles fazem parte de sua vida.

Nazira possui poucas fotos e, assim como Cleonice, diz não gostar muito de ser fotografada. As fotografias que vi em sua residência foram tiradas por seus filhos, em momentos tais como: formatura, viagem à praia e celebrações familiares, e pelo ex-marido de sua filha. Perguntei se ela já viu alguma fotografia tirada pelo filho do meio dos padrões e ela disse já ter visto uma foto dele no jornal. Sua filha interveio dizendo que eu gostaria de saber se ela havia visto alguma foto que ele tirou e não que ele apareceu. Essa confusão também mostra como sua atenção para a fotografia é pouco presente.

4.4. Relação com a culinária

No ambiente de trabalho, as empregadas aprenderam a cozinhar de uma maneira diferente daquela aprendida na sua família de origem. A importância dessa aprendizagem para o exercício

da ocupação de doméstica foi evidenciada pelas empregadas investigadas. Em todos os casos, essa foi a aprendizagem mais difícil, a que causou maiores tensões na época em que ingressaram nessa ocupação. Três delas destacaram os recursos às receitas culinárias, conforme foi visto no capítulo 3, como estratégias utilizadas para responder às expectativas dos patrões. Mas o que essa nova maneira de cozinhar trouxe para suas vidas? A relação que elas têm com a culinária se modificou? Elas fazem, em suas residências, pratos que aprenderam a fazer na casa dos patrões?

As questões acima já foram, de certa maneira, respondidas ao longo deste texto. De qualquer maneira, as respostas a essas interrogações merecem aqui uma síntese. Percebeu-se, nos casos de Nazira, Suely e Cleonice, um intercâmbio de receitas, da casa dos patrões em direção às suas residências. Em outras palavras, alguns pratos que elas aprenderam a fazer na casa dos patrões são também realizados em suas casas. Pude ver, por exemplo, uma receita impressa pela patroa a pedido de Nazira (ela havia preparado e gostado do prato) e levada para a sua casa. Além de ter o empenho em fazer o prato cuja receita foi adquirida com a patroa, Nazira teve o interesse em incorporar a receita ao caderno escrito pela neta.

Suely, por sua vez, também traz receitas da casa da família empregadora de diversas maneiras, tais como: por meio do recorte dos jornais, da cópia de receitas e da seleção de receitas impressas nos rótulos dos produtos. Na visita realizada à sua residência, pude degustar um bolo de especiarias cuja receita foi aprendida no trabalho.

O gosto pela arte de cozinhar foi percebido principalmente na casa de S. e A. Nessa residência são principalmente o marido e a empregada que se inserem na cozinha para experimentar o novo ou aperfeiçoar o que já se conhece. A diversidade de livros e livretos de culinária é evidente. Nesse contexto, nota-se que o relacionamento de S. e Cleonice se dá, em grande parte, mediado pela culinária.

Segundo o relato do patrão, ele e a empregada têm em suas famílias de origem a apreciação pela comida; ganharam, no ambiente familiar a sensibilidade para perceber o cheiro, a textura e o tempero. Seu interesse crescente pela culinária, sobretudo pela alimentação natural, o instigou a buscar livros que lhe possibilitaram a aprendizagem de como fazer. Os conhecimentos alcançados por meio da leitura são partilhados com Cleonice. Novas receitas e novos alimentos (arroz integral, feijão azuque, etc) são apresentados a ela. A troca de informações sobre o tema da alimentação natural parece ganhar força com a preocupação de Cleonice com o emagrecimento. Além da alimentação natural, Cleonice tem conhecido pratos culinários de diferentes países por

meio da família empregadora. Comeu e aprendeu a cozinhar *paella* no aniversário do patrão. Ela também experimentou comida japonesa, árabe, entre outras.

P: Comida Árabe...

C: É com eles mesmo...eles gostam de comida Árabe...outro dia o quê que eu comi aqui...eu comi Sushi...

P: Japonesa...

C: Meu pai do céu...eu quase tive um treco...mas eu comi...

P: Você gostou?

C: Mais ou menos...o S. que comprou...á vem montadinho...tem de salmão...é legalzinho o prato...bonito, né...mas eu não achei muita graça não... (...)
(Entrevista 5 – 09/11/2007)

4.5. Sonhos e perspectivas de vida

A convivência no trabalho, com um meio social e cultural diferente do de origem não implica necessariamente em mudança dos horizontes, dos sonhos, das perspectivas de vida. As empregadas investigadas parecem ter interiorizado quais são as possibilidades objetivas que possuem e, não almejam para si, situações muito diferentes das reais. Essa relação estabelecida entre as condições de existência e as aspirações foi descrita por Bourdieu (1998):

Se os membros das classes populares e médias tomam a realidade por seus desejos, é que, nesse terreno como em outros, as aspirações e as exigências são definidas, em sua forma e conteúdo, pelas condições objetivas, que excluem a possibilidade de desejar o impossível. Dizer, a propósito dos estudos clássicos em um liceu, por exemplo, “isso não é para nós”, é dizer mais do que “não temos meios para isso”. Expressão da necessidade interiorizada, essa fórmula está, por assim dizer, no imperativo-indicativo, pois exprime, ao mesmo tempo, uma impossibilidade e uma interdição (BOURDIEU, 1998, p.47).

Em outras palavras, o fato de conviverem com pessoas de outro meio cultural (que possuem escolaridade muito maior do que a delas, acesso a bens culturais mais diversificados e poder de compra maior) influencia apenas em alguns aspectos seus próprios sonhos. Particularmente sobre a escolarização, é importante mencionar que apenas Cleonice deseja prosseguir os estudos e fazer um curso superior.

Quanto à ocupação, todas elas possuem o desejo de deixar a função de empregada diarista, que como já foi visto no capítulo 1, possui em nossa sociedade um caráter degradante. Graça, por exemplo, tem o desejo de trabalhar para si própria, vendendo lanches (cachorro-

quente, sanduíche) na garagem de sua casa¹⁹⁸. Suely almeja ser cozinheira ou trabalhar nos serviços gerais de um condomínio¹⁹⁹. As funções que ela deseja exercer, embora sejam consideradas também como serviço doméstico, são mais valorizadas do que o trabalho como empregada diarista por terem as tarefas mais delimitadas, conforme foi apontado também no capítulo 1. Nazira, por sua vez, a empregada mais velha (mais próxima da aposentadoria) aspira se aposentar para, então, montar um negócio para a família²⁰⁰. Ela ainda não sabe em qual ramo, disse: “na hora a gente vai ver”, “a oportunidade que aparecer” (Entrevista 3 – 20/01/2008). É importante salientar que nesses três casos, embora a mudança de ocupação almejada não implique o acesso a uma posição social mais distinta em termos econômicos, proporcionaria menos estigma.

Cleonice é a única empregada cujos anseios estão relacionados à continuidade da escolarização. Aliás, ela também é a única que está estudando atualmente. Gastronomia e vendas são áreas que a atraem, sendo citadas como possibilidades para a universidade. É interessante notar que ao mesmo tempo em que a possibilidade de ingressar na universidade se constitui um desejo em sua vida, ele não deixa de estar acompanhado de incertezas, ou seja, de dúvidas relacionadas à possibilidade de concretização. De fato, a escolarização nos meios populares é dificilmente acompanhada de projetos em grande distância temporal. Conforme salienta Zago (2000), ao estudar percursos acidentados de escolarização de sujeitos de meios populares, é preciso completar uma etapa para então planejar a próxima. As incertezas também aparecem sobre a continuidade do seu trabalho como doméstica na casa da família empregadora. Cleonice demonstra sentimentos ambivalentes quanto à ocupação que exerce. Nas palavras dela: “uma metade quer continuar e a outra metade quer sair”. Esses sentimentos relativos à ocupação foram descritos por Vidal (2007), conforme foi visto no capítulo 1 desta dissertação. O trecho seguinte exemplifica essas considerações:

¹⁹⁸ Graça também mencionou o desejo em tirar carteira de motorista, comprar um carro e construir sua “bela casa”, onde, nas suas palavras, ela possa ter “meu quatinho e meu escritorzinho” (Entrevista 3 – 29/09/2007). O desejo de ter esses cômodos definidos para uso pessoal reflete o desejo de um modo de vida privado que é próprio dos seus empregadores e que não é vivenciado por ela em sua residência, junto aos seus familiares.

¹⁹⁹ Em entrevista posterior, voltei a perguntar sobre um desejo que Suely gostaria de realizar nos próximos anos. Dessa vez, ela ressaltou a vontade que a família prospere economicamente para comprar um carro mais novo e um lote que possa ser deixado como herança para a filha. Além disso, ela relatou o desejo de o marido de se dedicar integralmente à igreja e viver como pregador.

²⁰⁰ A intenção é que a renda do futuro negócio, somada aos proventos da aposentadoria, seja suficiente para terminar de pagar o lote e curtir a casa e os netos.

P: Então Cleonice, você tava falando que teria estudado...

C: Se eu pudesse...se eu pudesse voltar atrás eu voltaria...voltaria aos meus 15 anos...e tentaria conquistar o que...o tempo que eu perdi...que nem...eu não estudei...hoje eu arrependo de não ter estudado...com certeza eu arrependi demais da conta...nossa...se arrependimento matasse minha filha...outra coisa também...teria cuidado mais de mim...pra evitar de ficar com esse corpo grande...enorme...desse tamanho...(..)

P: Se fosse pra escolher um curso pra fazer na faculdade...você já pensou em algum?

C: Olha...se eu tivesse/ uma coisa/ tem duas coisas que eu gosto muito, muito, muito de mexer...eu não sou fera na cozinha não...não sou fera...mas se eu pudesse...se tivesse como eu fazer...escolher...é Gastronomia que fala? Que é assim...mexer com coisa de comida...e o outro é vendas...essas duas coisas me divide...eu tentaria assim me dividir nessas duas coisas...eu acho assim que uma não ia andar pra frente sem a outra de jeito nenhum...eu ia querer mexer com comida...não sei porque...e eu gosto muito de vendas também...eu acho que se eu ficar sem vender alguma coisa eu morro...

(..)

P: Você falou então das coisas que você mudaria, né...de ter estudado...e hoje. Cleonice...quais são seus sonhos? Porque não tem como voltar atrás...

C: Ai hoje...hoje...hoje tá difícil (...) porque assim...vou ser sincera...eu voltei a estudar...mas eu acho que não vou muito longe...não sei até aonde eu vou...não sei se eu vou até a oitava...eu não sei se eu vou voltar pra minha cidade...isso eu não sei...entendeu...o que vai acontecer amanhã eu não sei...

P: Mas e a vontade...a vontade é...

C: É claro que a minha vontade é concluir...estudar o máximo que eu pudesse...conseguir estudar...fazer esse curso aí...que chama gastronomia...conseguir me envolver mais nesse negócio de vendas...que eu gosto demais...assim...eu queria que o S. e a A. [patrões] se dessem bem sabe...assim...se dessem bem, bem, bem...porque eles se dando bem...eu também vou me dar bem com eles...porque eu gosto demais deles...que nem assim se eu tivesse que sair do S. e da A....eu não sei se isso vai acontecer...mas se eu pudesse eu dividiria...metade ficaria com eles e metade sairia, entendeu? Você não quer sair...mas você não sabe se isso vai acontecer...mas se eu pudesse a minha metade seria de lá...da casa deles...e a outra metade sairia de lá...e a outra metade viveria outra coisa que eu tenho vontade de viver...entendeu...porque é difícil...eu fico dividida...porque por mais que eu goste deles...que eu goste de trabalhar na casa deles...eles me dão a maior força...me ajudam...você vê que eles me colocam pra fazer atividade física...eles me dão a maior força...mas isso tudo pode contribuir pra que mais tarde? Apesar de eu já estar com uma idade avançada... mas se uma hora eu precisar sair de lá? Sabe quando é uma coisa que você quer e não quer? É assim...a metade vai sair de lá e a outra metade não vai sair de lá...mas eu não/ assim...claro que pelo menos até a oitava eu quero ir...agora pra frente eu não sei se eu vou... (Entrevista 2 – 26/09/2007)

Sobre o retorno à escola, Cleonice enfatiza o incentivo dos patrões desde os primeiros momentos em que trabalhou para a família. Em uma entrevista posterior, procurei saber por que é que ela só voltou a estudar em Belo Horizonte, há pouco mais de um ano, e não quando começou

a trabalhar para a família. A resposta de Cleonice a essa pergunta revela o fato de morar na casa da família empregadora desde a mudança que fizeram de Viçosa²⁰¹ para Belo Horizonte como fator importante para a sua adesão à sugestão da família. De fato, a moradia no local do emprego significou a vivência do tempo livre ao lado dessa família e, logo, uma maior influência dela na escolha das atividades a serem realizadas. De certa forma, pode-se dizer, ainda, que o seu tempo livre passou a ser mais controlado com atividades que a família julga importantes ou proveitosas para ela. Vale ressaltar, como já foi mencionado, que o curso que Cleonice frequenta faz parte de um projeto da mesma universidade onde trabalham os patrões.

P: E entre esse tempo, Cleonice...que você terminou a quinta série lá/ né saiu do Externato Cruzeiro do Sul...até antes de entrar na EJA [Educação de Jovens e Adultos]...teve algum retorno à escola?

C: Não...eu não quis saber de nada...

P: Não voltou a estudar em nenhum momento? Supletivo...

C: Depois que eu bati na mão do S. e A....eu mudei pra Viçosa em 89...aí eu bati na mão de S. e A....desde o início/ eu não tinha esse corpão também...mas já era gordinha...eles pegavam no meu pé pra eu voltar a estudar...se eu tivesse voltado, menina...quando eles me incentivaram no início...eu já estaria formada...que eu conheço o S. e a A. tem 14 anos...tem 14 anos já... (Entrevista 2 – 26/09/2007)

P: E das outras vezes não tinha uma escola que ela conhecia? Pra ela indicar? Lá em Viçosa por exemplo?

C: Não, não...eles sempre incentivaram...tinha uma no Silvestre...ela falou...é aqui pertinho...entra...mas eu não dormia no serviço...tinha aquela coisa de morar com a mãe...de cuidar da minha mãe...então eu não tinha tempo...e aqui eles me fizeram estudar porque pra eles eu ia ter a noite livre, né...a minha noite eu queria o quê...passar roupa...mas eles não deixaram...aí eles me fizeram estudar... (Entrevista 4 – 24/10/2007)

Como já foi mencionado no capítulo 2, Graça e Nazira não falam em retomar os estudos, embora ambas se mostrem orgulhosas das ocupações de secretária e de *office-boy* (respectivamente da filha de Graça e do neto de Nazira), proporcionadas pela escolaridade mais longa que alcançaram. Suely, por sua vez, apesar de acreditar na escolarização para que a filha consiga alcançar melhores empregos, não tem o desejo de retomar seus próprios estudos. Vivendo uma rotina sufocante, ela não se vê mais com “fôlego” para estudar. Essas são suas palavras a respeito:

²⁰¹ Quando morava em Viçosa, com a sua família, Cleonice ocupava três noites por semana para ir à igreja. Hoje, ela se diz uma evangélica domingueira.

P: Você falou de um emprego melhor...o que você gostaria de fazer? Você pensava em alguma coisa? Pensa alguma coisa?

S: Quando eu estudava eu falava com a minha mãe que eu ia ser professora...(rsrs)...mas aí depois...não estudei...muita gente também fala...ah...estuda...faz um curso de polícia feminina...sempre tive esse sonho também...mas eu queria mais é ser professora...hoje em dia...igualzinho...eu não falo melhor...mas que não seria casa de família...entendeu...aí o que eu queria era isso...podia ser qualquer coisa...assim...em condomínio...ou cozinheira...eu podia ser uma cozinheira...

P: Num condomínio? Com o quê?

S: Serviços gerais...ou uma cozinheira...eu tô falando isso hoje...se eu não tivesse trabalhando aqui...porque se eu tivesse um estudo...creio que daria pra fazer uma coisa melhor...mas...que seria melhor do que eu faço hoje...com certeza...

P: Mas você tem vontade de voltar a estudar...hoje?

S: Ah não...eu não penso não...não essa vontade de estudar mais não...não tenho aquela paciência...muita gente fala...faz um vestibular...hoje tem escola que você pode estudar em casa e ir lá só fazer a prova...mas igualzinho eu falo...eu não tenho muito tempo...não tenho pique...pra pegar um livro...pra estudar...pra mim lê...não sei se é porque não tenho ou se é falta de tempo mesmo...porque a gente vive num dia hoje tão corrido...então...é raro eu ler...e pra fazer uma prova dessas...eu tenho que dedicar muito aos estudos, né...pra mim chegar e falar...passei nessa matéria...eu tinha que tá me dedicando muito e eu praticamente não tenho tempo...e não paro pra fazer isso...

P: E quando sua filha crescer?

S: É...hoje em dia eu falo com ela...que eu vou querer o melhor pra ela...coisa que eu não tive...eu quero que ela tenha...que ela se empenhe nos estudos...pra arrumar um serviço melhor... (Entrevista 1 – 14/011/2007)

4.6. Benefícios emocionais e relações sociais proveitosas

Cleonice é a única empregada que fala dos benefícios emocionais²⁰² proporcionados pelo trabalho na casa de seus atuais patrões. Para ela, a grande vantagem de seu atual emprego é seu desenvolvimento emocional. Diz estar menos tímida, menos “trancada”. Sobre um dos seus empregos anteriores, Cleonice ressalta a vantagem cultural, já que teve a oportunidade de viajar e passear com a família. Todas as outras empregadas apontam benefícios econômicos, como ajuda na construção da casa própria, empréstimos e doação de roupas.

P: E os prazeres?

C: Da casa da Cléia eu não tenho nada a contar de bom...não é que ela me maltratou não...porque lá era assim...empregada e patroa...cada um no seu canto...(...) agora com a Luiza eu viajava...eu ia pra São Paulo...eu já joguei

²⁰² Graça também citou um benefício não econômico, ao falar sobre a aprendizagem do serviço doméstico propriamente dito na casa de sua primeira patroa. Entretanto, essa aprendizagem não pode ser comparada às vantagens emocionais proporcionadas pelo serviço doméstico que foram percebidas por Cleonice.

boliche...eu acho que é no Ibirapuera...eu ia pra parque...eu passeava...eu era igual uma filha...eu não era como uma empregada...**eu passeava com eles** [tom exclamativo] nossa...era o maior barato...agora de todos...o que eu mais posso falar desse lado bom...é com o S. e A....o S. e a A. foi o mais completo...assim...foi o melhor de todos...

P: Em quê?

C: (...) eles me fizeram amadurecer bastante...tirar aquela timidez...aquela coisa que vinha/ assim...eu sempre fui muito trancada...trancada pra tudo...(...) assim...muito séria...muito...(...) com isso eu me prejudicava também...bastante...entendeu? É igual eu te falei...eu já falava não pra mim adiantado...eu nem tentava...(...) pra você ver...o S. e a A....eles me fizeram voltar a estudar...tentaram me fazer voltar a estudar...desde quando eu comecei a trabalhar com eles...eu conheço o S. e a A. tem cerca de 14 anos mais ou menos...né...(...) entendeu...se eu tivesse estudado na época...eu estaria até formada hoje...eles me incentivaram...eles fizeram de tudo...(...) (Entrevista 4 - 24/10/2007, ênfase dela)

Relações sociais proveitosas também estão presentes nos casos investigados. Embora não houvesse nas entrevistas nenhuma questão que proporcionasse respostas com essa temática, menções relativas às vantagens proporcionadas por contatos sociais importantes via emprego apareceram de duas maneiras diferentes. No caso de Graça, encontrei um esboço da planta de um quarto em meio às mensagens escritas por ela na sua agenda. Ela me disse que “projeta” as reformas ou as ampliações de sua casa. Relatou ainda que seu patrão já viu uma de suas plantas e ficou impressionado com sua iniciativa. Ele, então, dispôs-se a ajudá-la, levando a planta para que um amigo engenheiro fizesse algumas alterações. Essa situação é demonstrativa da mobilização do capital social²⁰³ que o patrão tem em benefício da empregada. Vale lembrar que seu patrão tem participação em empresas do ramo da engenharia.

Suely, por sua vez, como foi dito no tópico sobre a relação com a saúde, já recebeu ajuda da patroa que é assistente social para a marcação de consultas médicas de seus familiares. Ela também já se beneficiou do comprovante de endereço dos patrões para conseguir vaga na escola pública integral que se encontra próxima à residência deles.

²⁰³ Capital social é, segundo Bourdieu, “o conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma *rede durável de relações* mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento ou, em outros termos, à *vinculação a um grupo*, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos), mas também são unidos por *ligações* permanentes e úteis. Essas ligações são irredutíveis às relações objetivas de proximidade no espaço físico (geográfico) ou no espaço econômico e social porque são fundadas em trocas inseparavelmente materiais e simbólicas cuja instauração e perpetuação supõem o re-conhecimento dessa proximidade” (BOURDIEU, 1998, p.67).

4.7. Morar na casa dos patrões: algumas implicações

As influências sobre as maneiras de viver das empregadas descritas e analisadas nos tópicos acima revelam como o fator morar na casa dos patrões é importante para que uma maior incorporação dos seus modos de viver possa se estabelecer. O caso de Cleonice é esclarecedor sobre esse aspecto. Além disso, as palavras de M., patroa de Nazira, que vive uma situação diferente (já que a empregada não mora em sua casa), também indicam nessa direção.

Cleonice é a única empregada doméstica pesquisada que dorme no local de trabalho. Essa particularidade de seu caso parece estar relacionada à maior “adesão” ao modo de viver dos patrões do que as outras empregadas pesquisadas. Essa suposição ganha força se compararmos o período em que Cleonice não morava com a família empregadora (em Viçosa) e o momento atual. Há muitos anos convivendo com a família, foi apenas recentemente (quando passou a viver com os empregadores) que ela aderiu aos hábitos alimentares dos patrões, passou a ter um cuidado maior com a saúde e retornou à escola. As palavras da patroa são representativas sobre a incorporação de Cleonice ao modo de viver da família após a mudança para Belo Horizonte:

P: Uma outra coisa que apareceu muito nas entrevistas com a Cleonice...é sobre o cuidado com a saúde que vocês tem...ela falou muito sobre o incentivo de vocês...eu queria que você falasse um pouco sobre isso...

A: Na verdade...assim...eu acho que não é nada exacerbado...acho que é uma coisa/ que é um cuidado comum que pra Cleonice representa muito...aí eu vou falar especificamente em relação à Cleonice...o quê que aconteceu?...a Cleonice trabalha com a gente há muito tempo...(...) e...sempre me impressionou porque a Cleonice tinha a minha idade e não se cuidava...não se cuidava nem de fazer um exame de rotina...de ginecologista...nada...eu sempre dizia isso pra ela...e assim...muito obesa...e claro...eu sempre dizia...Cleonice...precisa ir ao médico...precisa se cuidar...precisa isso...precisa aquilo...até porque nós temos um pouco isso de cuidar da alimentação...do dia à dia...então eu almoço em casa...(...)...eu e o S. a gente não come carne vermelha...a gente sempre procurou se cuidar com isso...a gente também veio de uma área que tem uma coisa...quer queira quer não...que é uma coisa que a gente incorporou...que é uma coisa de estar bem...de fazer atividade física e tal...quando a Cleonice veio pra cá...eu achei que era uma oportunidade...**quando ela veio pra morar com a gente...porque inicialmente ela não morava com a gente...eu não tinha controle sobre as coisas...e tem coisas que também ela é muito fechada...não dava nem pra pensar em mudar...quando ela veio morar aqui com a gente...eu acho que ela se sentiu liberta dessa história...**e aí eu me lembro bem...tinha algumas semanas que a gente chegou e eu ouvi na rádio que o EJA tava abrindo vaga...perguntei...Cleonice...você não tinha vontade de voltar a estudar? Ela falou assim...eu acho que eu tinha...então eu vou ver pra você...e fui lá...na época inclusive já tinha terminado [as inscrições] eu falei com a S. [professora coordenadora do projeto]....S. conseguiu pra mim um

espaço porque ainda tinha vaga...e...e aí em seguida eu fui estimulando a Cleonice outras coisas...por exemplo essa questão da alimentação era uma questão que no fundo...ela se incomodava, né...**não tem jeito...ela teve que se incorporar a nossa maneira de viver...**e...e aí muito aos poucos a gente tem falado pra ela...(...) a M. que era nossa nutricionista em Viçosa (...) abriu o consultório aqui...(...)...eu falei Cleonice quem sabe? Ela chegou/ ela já emagreceu 20 quilos com a gente aqui...e aí voltou a estudar...aí foi ao nutricionista...depois de um tempo eu falei com ela essa questão médica...Cleonice...você já tá com 40 anos...é legal se cuidar...e ela se estimulou a entrar pra Unimed...aí ano passado eu falei...vamos fazer uma lista de prioridades...me preocupava aquelas veias dela...aí fizemos uma lista de prioridades...ela vai pro ginecologista...tinha umas coisas da religião nela que influenciava...então ela viu que não tinha nada demais...foi pro ginecologista...depois foi ver a coisa das veias...aí um dia ela falou assim... A...de tudo sabe o que mais me incomoda...são as manchas que eu tenho no rosto...aí eu falei...aproveita que você tem Unimed...e ela foi numa dermatologista...reduziu muito...(...)...na verdade ela começou a desenvolver uma vaidade eu acho...e ela tá se sentindo super bem...e aí a última conquista foi a coisa da ginástica...porque...chegou um momento em que a perda de peso dela começou a regularizar...porque ela começou a habituar...claro né...começou a perder menos peso...aí eu falei Cleonice...você fica o dia inteiro aqui...05:30 da manhã você tá de pé...você não vai morrer se você deixar uma hora de trabalho pra ir na academia aqui na esquina...você vai gostar...falei...falei...falei...até que um dia ela falou assim...eu vou...e aí o que é legal é o mundo que se abre pra ela...Cleonice não vestia uma bermuda por causa da igreja...então assim...ela se permite...já que ela vai pra academia...(...)...então esse é o mundo que vai se abrindo pra ela... (Entrevista 1 – 15/11/2007, grifos meus)

Os trechos em negrito da passagem acima permitem observar como o fato de dormir na casa da família empregadora tornou “inescapável” o engajamento de Cleonice em uma nova maneira de viver que não é própria de seu meio de origem. Algumas das dimensões apresentadas parecem se constituir adesões mais forçadas, indispensáveis, como o caso da alimentação. Afinal de contas, não seria nada prático ou mesmo possível cozinhar de duas maneiras diferentes, inclusive, alimentos diferentes. Por outro lado, outras dimensões da maneira de viver que foram incorporadas por Cleonice parecem ter ocorrido em função de uma motivação sua, como, por exemplo, a adesão ao plano de saúde. Mesmo morando na mesma casa, não seria de se espantar que ela continuasse recorrendo ao Sistema Único de Saúde, mesmo porque custear um plano de saúde no Brasil não é tarefa fácil para as classes populares. A sua mobilização também foi importante para o retorno à escola. Em outras palavras, pode-se dizer que foi necessário um investimento pessoal de Cleonice para a incorporação dessa nova maneira de viver.

Por outro lado, a família empregadora demonstrou atitudes que visavam à integração de Cleonice nesse novo ambiente. Sobre a mudança de Viçosa para Belo Horizonte, A. ressalta a

preocupação que tiveram em integrar Cleonice em diversas atividades, já que ela estaria partindo para uma cidade desconhecida. Procuraram por uma igreja próxima de casa (tendo ciência da pertença religiosa de Cleonice) e incentivaram o retorno aos estudos. Além disso, tiveram a preocupação de comprar um apartamento com uma dependência de empregada considerada decente. A impressão que se tem é que a família conhecia muito bem a complexidade e a dificuldade acarretadas pela situação de a empregada morar com eles. Embora S. fale de sua preocupação com a liberdade que talvez perderia por ser homem, o casal ressalta as dificuldades de Cleonice nesse processo que, sem dúvida alguma, realmente são maiores do que as da família.

Se a moradia no ambiente de trabalho foi notada por A. como um fator importante para contribuir na incorporação da forma de viver da família, o fato de não dormir no local de trabalho foi apontado por M., patroa de Nazira, como uma possibilidade de desapego da família, que aqui pode ser interpretado como uma possibilidade de distanciamento dos modos de viver dos patrões²⁰⁴.

M: (...) pelemos pra ver se a Nazira fazia alguma coisa...nada...foi a única empregada que eu tive que não cresceu...entre aspas...em termos sociais...a leitura dela é péssima...ela custou muito a ter coragem de começar a anotar as coisas...ela escreve os bilhetes muito errados...mas não quis...agora...de uma compreensão perfeita...esse negócio dela não morar com a gente...facilitou esse desgrude...dela ter a vida própria...então logo que pôde...pra nós foi bom...porque a gente tinha isso como princípio...ela tem que ter o final de semana dela...ela tem que tá com a família dela...com o pessoal dela...agora sempre pagamos no limite da nossa possibilidade...o máximo que a gente podia pagar...por justiça...porque achamos que é ela que nos permite ganhar dinheiro também... (Entrevista 1 – 05/12/2007)

Como síntese deste capítulo, pode-se dizer o fato de viver no ambiente de trabalho propicia maiores possibilidades de viver como os patrões: de comer como eles, de ter um plano de saúde como eles, de praticar exercício físico como eles e de estudar como eles.

²⁰⁴ M. também aponta a presença de uma atitude de subserviência por parte de Nazira para com a família. Acredito que o lugar social subalterno ocupado por Nazira, quer seja o resultado de uma relação tensa com outro meio social, quer seja por uma atitude mais conformista em relação às suas condições de existência, parece ter contribuído para que poucas mudanças em termos pessoais tenham acontecido, por exemplo, no que diz respeito à busca pela escolarização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa que deu origem a esta dissertação de mestrado procurou compreender as relações que se estabelecem entre empregadas domésticas pouco escolarizadas e a cultura escrita existente em um ambiente de trabalho letrado. Pretende-se, nas considerações finais deste estudo, descrever sucintamente em que medida o trabalho em um ambiente letrado possibilita a ampliação e a diversificação das práticas de leitura e de escrita, bem como indicar outras instâncias influenciadoras dessas práticas. Portanto, será feito um esforço de síntese para apresentar os fatores que mais contribuíram para a participação das empregadas no mundo da escrita. Também é objetivo deste tópico apontar limites da pesquisa e possíveis continuidades.

Vale a pena retomar brevemente o perfil das empregadas investigadas. Foram estudados quatro casos de empregadas domésticas com reduzido capital escolar, com histórias de vida marcadas pelo difícil acesso a materiais escritos e que trabalham para empregadores efetivamente inseridos na cultura escrita considerada legítima. Algumas características do grupo de empregadas pesquisadas divergem do perfil mais geral das domésticas brasileiras: a maioria delas (três casos) não é originária do mundo rural e todas possuem carteira de trabalho assinada, bem como autonomia para realizarem seus trabalhos. Por outro lado, outras características correspondem ao perfil mais geral: assim como a maioria das domésticas brasileiras, as empregadas investigadas são pouco escolarizadas²⁰⁵. A pertença à religião evangélica (três casos) também parece corresponder à realidade brasileira mais ampla, tendo em vista que essa religião é bastante difundida nos meios populares.

O processo de apreensão e reconstrução das práticas de leitura e de escrita constituintes da ocupação profissional, daquelas proporcionadas pelo exercício ocupacional e, ainda, daquelas que fazem parte de suas vidas diárias permitiu constatar que a ocupação de doméstica em meios letrados aproxima, de certa maneira, essas mulheres do mundo da escrita devido a dois fatores principais: 1º) para exercer a ocupação são demandadas práticas de leitura e de escrita domésticas que não são comuns nos seus meios de origem e 2º) o contato com uma diversidade de materiais escritos, a observação ocasional de práticas de leitura e de escrita dos empregadores e o próprio

²⁰⁵ Conforme foi dito na introdução desta dissertação, essa foi uma escolha metodológica.

engajamento nas práticas de leitura e escrita intrínsecas ao trabalho estimulam a leitura e a escrita em situações diferentes daquelas vivenciadas na família de origem.

Assim, sobre o primeiro fator, observaram-se, nos casos analisados, que algumas práticas de leitura e de escrita realizadas pelas empregadas nas casas dos patrões estão diretamente relacionadas à execução de suas funções, já que possibilitam o gerenciamento das atividades domésticas, garantem uma boa comunicabilidade entre patrões e empregadas e, ainda, oferecem subsídios para enfrentar as exigências do trabalho. Em outras palavras, há práticas que estão relacionadas às responsabilidades das empregadas no exercício da ocupação. Essa observação coloca em evidência a idéia posta por Lahire (2004a), de que categorias sociais aparentemente similares podem esconder diferenças nos modos de relacionar com a escrita. O trabalho doméstico (sobretudo em ambientes letrados) provavelmente guarda diferenças importantes de outras ocupações manuais, no que se refere às demandas por práticas de leitura e de escrita. Os exemplos seguintes sintetizam, de forma esclarecedora, a demanda da leitura e da escrita no trabalho doméstico em lares letrados.

A leitura e a escrita da lista de compras são práticas que estão intrinsecamente relacionadas ao planejamento do lar. É preciso prever o que será comprado para garantir que os alimentos e produtos consumidos pela família estejam disponíveis e também para evitar desperdícios. Vale destacar que quase sempre a lista de compras é escrita e lida por sujeitos diferentes (ora a patroa, ora a empregada), o que potencializa a sua necessidade.

A leitura e escrita de bilhetes, a leitura e assinatura de recibos de mercadorias ou de serviços prestados e o uso da agenda telefônica constituem-se práticas que se fazem necessárias nos casos das ausências dos empregadores. Um dos motivos que provocaram o contrato das domésticas é o fato de os patrões trabalharem fora. Assim, é desejo dos empregadores que seus afastamentos durante grande parte do dia sejam “compensados” pela presença da empregada. Em outras palavras, a requisição do apoio da doméstica na assinatura do recibo de uma mercadoria que chegou pelo correio, no registro dos telefonemas recebidos e no uso da agenda telefônica quando necessário acabam por resultar no envolvimento das empregadas em práticas de leitura e de escrita que não são usualmente praticadas nos seus lares.

A seleção e a organização dos materiais escritos da casa, por sua vez, também constituem atividades que, embora não sejam centrais, fazem parte das tarefas domésticas. Mesmo que os patrões não esperem que as empregadas saibam colocar corretamente um livro na estante, pode-

se dizer que eles não desejam se deparar, no momento do lanche da tarde, com um livro que eles mesmos deixaram sobre a mesa da sala de jantar.

Além disso, a leitura e a escrita de receitas culinárias realizadas pelas empregadas têm como objetivo atender às expectativas dos membros da família empregadora quanto à alimentação. A maneira de cozinhar da família empregadora difere-se daquela aprendida em seus meios de origem e é com o apoio nas receitas culinárias que as domésticas adquirem subsídios para enfrentar as exigências feitas.

Vale ressaltar que a participação das empregadas nessas práticas não é vivida da mesma maneira nos casos pesquisados. A intensidade da demanda que os patrões fazem dessas práticas varia de família para família. Os patrões de Cleonice são os que demandam leituras mais frequentes de receitas culinárias, a patroa de Suely destina a responsabilidade pela escrita da lista de compras exclusivamente para a empregada, os patrões de Graça contam constantemente com ela para receber compras ou profissionais e assinar recibos, os patrões de Nazira demandam a leitura constante de bilhetes. Sobre esse aspecto, observou-se que a possibilidade de recurso a outros profissionais diminui a demanda à doméstica pela realização dessas práticas. Assim, o contrato de uma secretária diminuiu a intensidade com que Nazira registra os recados recebidos por telefone. Na casa onde Suely trabalha, por sua vez, o contrato de uma ajudante na arrumação do escritório contribuiu para que ela participasse menos da organização dos materiais escritos.

Da mesma maneira, pode-se dizer que o modo de se relacionar com essas práticas e a competência para executá-las difere-se em cada caso pesquisado. Suely e Nazira são as empregadas que mais demonstraram sentimentos de tensão relacionados à prática de escrita. São elas, justamente, que têm patroas com a preocupação de estabelecer relações contratuais mais modernas, resultando em relações interpessoais menos próximas. Sobre a competência para realizar essas práticas, Nazira foi a única cuja habilidade de escrita foi considerada ineficaz. As omissões e troca de letras nos seus escritos geram dificuldade na leitura e, logo, faz com que eles não produzam o efeito desejado da comunicação. É evidente que sua dificuldade para escrever contribui para a tensão vivida em relação à escrita.

Sobre o segundo fator, constatou-se que as domésticas realizam leituras eventuais de alguns materiais encontrados na casa dos patrões. Embora a intensidade seja diferente nos casos pesquisados, pode-se dizer que todas as empregadas já fizeram a leitura de reportagens que se encontravam em jornais ou revistas assinados pela família empregadora. Percebeu-se também

que poucas habilidades de leitura (no caso de Graça), a falta de tempo (no caso de Nazira) e o pouco contato físico com esses materiais na casa dos empregadores (no caso de Graça) são alguns fatores que interferem na frequência dessas práticas. Em alguns casos, esses materiais são doados para as domésticas. Na casa delas, adquirem um uso escolar: servem, sobretudo, como material de recorte para a realização das tarefas escolares dos filhos ou netos.

Além disso, ainda sobre o segundo fator, foi possível perceber que as empregadas incorporaram algumas práticas de leitura e de escrita relacionadas à organização doméstica da casa dos patrões. Graça passou a escrever bilhetes para a mãe e os fixar na porta da geladeira (assim como faz na casa da patroa). Nazira passou ler receitas culinárias também em sua residência. Cleonice e Suely adquiriram o hábito de colecionar receitas culinárias coletadas em diferentes suportes. Entretanto, foi observado que, apesar de incorporadas pelas domésticas, algumas dessas práticas não ganharam a adesão de suas famílias, como por exemplo, no caso dos bilhetes escritos por Graça que não são lidos pela mãe.

Por outro lado, mesmo que essas incorporações tenham sido percebidas, notou-se que as práticas de escritas domésticas realizadas nas casas das empregadas são menos diversificadas do que as realizadas por elas no ambiente de trabalho. Excetuando-se as práticas incorporadas pelas domésticas mencionadas acima, o modo como elas se relacionam com a família e com a organização doméstica não requisitam muitas práticas de leitura e de escrita que são demandadas na casa dos patrões. Em suas residências elas não escrevem bilhetes (exceção de Graça), não anotam recados e não fazem lista de compras. Essa observação é importante, na medida em que sugere que, apesar de o trabalho contribuir para a diversificação das práticas de leitura e de escrita realizadas na casa dos patrões, as disposições para a realização delas no contexto familiar das domésticas não são alteradas sensivelmente. Ao que tudo indica, o senso prático que possuem continua a ser suficiente para a organização do lar²⁰⁶. Além disso, pode-se apontar que a vivência em ambiente letrado não muda o modo de interação que elas estabelecem com os familiares, que continua a ser predominantemente oral.

Nesse sentido, merece ênfase a exceção descrita acima sobre a incorporação do uso de receitas culinárias. O desejo de cozinhar em casa algo que foi aprendido na casa dos empregadores solicita recurso evidente à escrita. Afinal, é difícil lembrar de cor os procedimentos

²⁰⁶ Convém explicitar que os lares das classes médias são muito diferentes dos lares das classes populares. Entre essas diferenças, pode-se citar, por exemplo, a maneira diferente de fazer compras (maiores/menores, uma vez ao mês/várias vezes por mês, produtos diversificados/produtos de uso básico).

do preparo de determinado prato. Nesse caso, o senso prático que possuem não funciona e o apoio na escrita se faz necessário. É interessante observar que a incorporação dessa prática de leitura não depende da participação de outras pessoas. Diferentemente do bilhete, que depende da ação do destinatário para cumprir sua função, o recurso às receitas culinárias depende exclusivamente da empregada, que é quem cozinha, na maioria das vezes, em seu lar.

Embora não tenha sido o foco central do estudo, as práticas de leitura e de escrita vivenciadas pelas domésticas em outros contextos sociais nos quais circulam (além do trabalho) foram objetos de análise. Três instâncias mostraram-se importantes como fomentadoras dessas práticas: a pertença religiosa, o comércio de cosméticos e a escolarização (própria ou dos filhos).

As leituras religiosas estão presentes em todos os casos pesquisados. As empregadas evangélicas comprometidas de alguma maneira com atividades de liderança são as que mais se envolvem em práticas de leitura e de escrita religiosas. Entre as práticas vivenciadas, destacam-se: a leitura da Bíblia, a anotação das palavras do Pastor, a cópia de trechos da Bíblia, a cópia de músicas evangélicas e a leitura de livros religiosos. Por outro lado, a empregada católica é que realiza com menos intensidade práticas de leitura religiosa.

Sobre o comércio de cosméticos, observou-se que se trata de uma atividade importante para ampliar o convívio social e complementar a renda. As três empregadas que se envolvem nessa atividade utilizam a leitura e a escrita principalmente para registrar pedidos dos produtos e calcular. Uma liberdade maior permeia essas práticas, a medida em que elas não são avaliadas por outras pessoas. A leitura sobre os produtos vendidos com o intuito de conhecer suas propriedades é realizada apenas por uma empregada, Cleonice.

A escolarização pode ser analisada de duas maneiras diferentes. A escola se constitui uma instância motivadora de práticas de leitura e de escrita quando se está inserido nela (ou seja, quando se é aluno) e também quando os filhos (ou netos) estão inseridos nela. Em outras palavras, observaram-se, nos casos das domésticas, que o processo de se escolarizar (Cleonice) e também o processo de acompanhar a escolarização dos filhos (Suely) estimulam a participação em práticas de leitura e de escrita²⁰⁷. É importante destacar que essas práticas, no caso do primeiro processo, não se restringiram àquelas relacionadas às atividades escolares, já que Cleonice afirmou realizar práticas de leituras sociais (reportagens de jornal), cujo assunto foi

²⁰⁷ É evidente que o primeiro processo provoca a participação mais intensa nessas práticas. A leitura de livros (didáticos e literários), por exemplo, foi constante no caso de Cleonice.

tratado na escola. No caso do segundo processo, as práticas de leitura também ultrapassam as demandas mais explícitas da escola, na medida em que Suely realiza leitura de livros infantis com o intuito de contribuir para o desenvolvimento da filha na leitura. Embora a leitura em voz alta para as crianças tenha sido sugerida pela escola, ela não está entre as exigências mais claras que a escola faz em relação à família, que se expressam, acredito, nas requisições de colaboração na realização das tarefas escolares e de comparecimento à escola quando solicitado.

Outras influências do ambiente de trabalho na maneira de viver da empregada também se mostraram presentes, sobretudo no caso de Cleonice, que vive com a família empregadora. Entre essas influências, apontam-se o acesso a outras práticas culturais (cinema, clube, passeios a cidades vizinhas) e modificação da relação estabelecida com a saúde (uso de plano de saúde, acompanhamento de nutricionista, mudança na alimentação, realização de exercícios físicos), com a memória familiar (recurso à fotografia e vídeos) e com a culinária (conhecimento de novos alimentos e de novas maneiras de cozinhar). Benefícios emocionais e relações sociais proveitosas também foram relatados. Entretanto, a convivência em um ambiente social e cultural diferente não implica necessariamente mudança de perspectivas de vida. Apesar de desejarem deixar o emprego em casas de família, as empregadas não almejam posições de trabalho de prestígio ou o prosseguimento dos estudos em níveis mais avançados (com exceção de Cleonice). Sobre esse aspecto, é possível dizer que as condições de existência objetivas são interiorizadas de tal maneira que impedem que idealizem situações muito diferentes das reais.

É importante mencionar que, além de serem resultado do movimento de apropriação das domésticas de certas práticas, os seus modos de participação nas culturas do escrito receberam influências das atitudes de mobilização de alguns patrões. A patroa de Nazira, por exemplo, caprichou na caligrafia usada no caderno de receitas, para que a empregada não apresentasse dificuldades na leitura desse material. Os patrões de Cleonice, por sua vez, incentivaram o retorno aos estudos, o que acabou por possibilitar diversificação de suas práticas de leitura e de escrita.

Finalmente, vale a pena indicar algumas limitações da pesquisa e possíveis continuidades. A delimitação do objeto proposto e o esforço para apreendê-lo fez com que as relações entre as práticas de leitura e de escrita vivenciadas pelas domésticas em outros contextos sociais e o contexto de trabalho não tenham sido suficientemente abordadas. Em outras palavras, parece haver relação, e não se sabe muito bem quais são elas, entre as práticas de leitura e de escrita (e o

modo de se relacionar com elas) fora do ambiente de trabalho e aquelas exigidas e proporcionadas pelo exercício profissional em ambiente letrado.

Por outro lado, as respostas dadas à questão proposta também indicam outras possibilidades de pesquisa. Talvez a mais instigante delas seja sobre os impactos do trabalho doméstico em ambiente letrado para os filhos das empregadas. Nos casos pesquisados, foi possível perceber que os filhos (e também os netos, em um caso) tiveram acesso aos materiais escritos da casa dos patrões para subsidiar seus processos de escolarização e estabeleceram algum tipo de contato com a família empregadora. Apontam-se, então, as seguintes questões: que implicações há no fato de ser filho de uma empregada doméstica para famílias letradas? As expectativas em torno da escolarização são alteradas? Os desejos de vida modificam-se? O acesso aos bens culturais é alargado? A pesquisa também salienta a importância de aprofundar os estudos sobre a influência da pertença religiosa, da atividade comercial e do processo de escolarização dos filhos nos modos de participação de sujeitos dos meios populares no mundo da escrita.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, M. H. M. B. Pesquisa (auto) biográfica – tempo, memória e narrativas. In: _____ . *A aventura (auto) biográfica: teoria e empiria*. Porto Alegre. EDIPUCRS, 2004.

ALVEZ-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa. 2ª ed. São Paulo: Thomson, 2004.

ANFARA, Vincent; BROWN, Kathleen; MANGIONE, Terri. Qualitative analysis on stage: making the research process more public. *Educational researcher*, v.31, n.7, p.28-38, October/2002.

AUN, Marta Pinheiro; CARDOSO, Ana Maria Pereira. *No lar sem coroa - o tempo invadido, a informação rarefeita (estudo da relação das empregadas domesticas com a informação e a leitura)*. 1993. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Práticas de leitura, impressos, letramentos: uma introdução. In: BATISTA; GALVÃO (Orgs.). *Leitura: práticas, impressos, letramentos*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

_____. Oralidade e escrita: uma revisão. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, 36, n.128, p.403-432, maio / agosto 2006.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes; RIBEIRO, Vera Masagão. Cultura escrita no Brasil: modos e condições de inserção. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, jul/dez 2004.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. Trabalho de campo: entrevistas. In: *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora, 1994, p.134-139.

BOURDIEU, Pierre. *Escritos de educação*. Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani (organizadores) – Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

BOURDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica*. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta. Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro, RJ: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

BOURDIEU, Pierre. *Compreender*. In: _____. *A miséria do mundo*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

BRANDT, Maria Elisa A. *O emprego doméstico na cidade de São Paulo: como é vivido e representado*. 2002. 203 fl. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

BRITES, Jurema. *Afeto, desigualdade e rebeldia: bastidores do serviço doméstico*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2000.

BRITTO, Luiz Percival Leme. Sociedade de cultura escrita, alfabetismo e participação. In: RIBEIRO, Vera Masagão (Org.) *Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF 2001*. São Paulo: Global, 2003. p.47-64.

COUTINHO, Ana Carolina Faria. *Práticas e eventos de letramento de jovens e adultos: um estudo com porteiros em Maceió*. Universidade Federal de Alagoas. Maceió. Fevereiro de 2005.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Do baú ao arquivo: escritas de si, escritas do outro. *Patrimônio e História*, São Paulo, v.3, n.1, 2007, p.1-17.

DE SINGLY, François. “Savoir hériter: la transmission du goût de la lecture chez les étudiants.” In: FRAISSE, Emmanuel (Org.). *Les étudiants et la lecture*. Paris: PUF, 1993.

DE SINGLY, François. L’appropriation de l’heritage culturel. In: *Lien social et Politiques*. Paris, número 35, 1996, p. 153-165.

ELIAS, Norbert. *Mozart: sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed. 1995.

FERRARO, Alceu Ravanello. Analfabetismo e níveis de letramento no Brasil: o que dizem os censos? *Educação e Sociedade*. Campinas, v.23, n.81, p.21-48, dezembro / 2002.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Processos de inserção de analfabetos e semi-alfabetizados no mundo da cultura escrita (1930-1950). *Revista Brasileira de Educação*, Caxambu. N. 16, p. 81-94, jan/abr. 2001.

_____. Oralidade, memória e mediação do outro: práticas de letramento entre sujeitos com baixos níveis de escolarização – o caso do cordel (1930-1950). *Educação e Sociedade*, Campinas, v.23, n.81, p.115-142, dez.2002.

_____. Leitura: algo que se transmite entre as gerações? In: RIBEIRO, Vera Masagão (Org.) *Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF 2001*. São Paulo: Global, 2003.

_____. “História” oral e processos de inserção na cultura escrita. *Revista Educação em Questão*, Natal, v.25, n.11, p.206-223, janeiro / abril 2006.

_____. Oralidade, memória e narrativa: elementos para a construção de uma história da cultura escrita. In: GALVÃO (et al). *História da cultura escrita: séculos XIX e XX*. Edição. Belo Horizonte: Autêntica, capítulo 1, p.9-46, 2007.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; DI PIERRO, Maria Clara. Preconceito contra analfabeto. São Paulo: Cortez, 2007.

GRAFF, Harvey. O mito do alfabetismo. *Teoria & Educação*, n.2, p.30-64, 1990.

_____. *Os labirintos da alfabetização: reflexões sobre o passado e o presente da alfabetização*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

HALLEWELL, Lawrence. *O livro no Brasil (sua história)*. São Paulo: T. A. Queiroz / Edusp, 1985.

HEATH, Shirley Brice. What no bedtime story means: narrative skills at home and school. In: *Language Socialization across cultures*. Cambridge University Press, June/1987, p.97-124.

_____. A lot of talk about nothing. In: *Literary in process*. Brenda Miller. Portsmouth, 1990, p.79-87.

HÉBRARD, Jean. O autodidatismo exemplar. Como Valentin Jamerey-Duval aprendeu a ler? In: CHARTIER, Roger. *Práticas da Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

_____. *Por uma bibliografia material das escrituras ordinárias: a escrita pessoal e seus suportes*. In: Mignot, Ana Chrystina *et al.* Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica. Florianópolis: Editora Mulheres, 2000.

IBGE. *Pesquisa mensal de emprego: IBGE traça o perfil dos trabalhadores domésticos*, 2006. Disponível em: www.ibge.gov.br. Acesso em 04/05/2006.

IBGE. *Perfil dos trabalhadores domésticos nas seis regiões metropolitanas investigadas pela pesquisa mensal de emprego*, 2006. Disponível em: www.ibge.gov.br. Acesso em 01/04/2008.

JACQUET, Christine. Revista Brasileira de Ciências Sociais. *Urbanização e emprego doméstico*. V.18, n.52, p.163-219, junho/2003.

KOFES, Suely. *Mulher, mulheres: identidade, diferença e desigualdade na relação entre patroas e empregadas*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

LAHIRE, Bernard. Pratiques d'écriture et sens pratique. In: *Identité, lecture, écriture*. CHAUDRON, Martine; DE SINGLY, François (dir.) Centre Georges Pompidou, 1993.

_____. *Masculin-féminin: écriture domestic*. In: FABRE, Daniel (dir.). *Par écrit: ethnologie des écritures quotidiennes*. Paris : Éditions de la Maison des sciences de l'homme, 1997.

_____. A experiência literária: leitura, sonho e atos falhos. In: LAHIRE. *Homem Plural: os determinantes da ação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

_____. Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável. 1ª Ed. 2ª Impressão. Porto Alegre: Ática, 2004a.

_____. *Retratos Sociológicos: disposições e variações individuais*. Porto Alegre: Artmed. 2004b.

_____. Poderes e limites da teoria da legitimidade cultural. In: LAHIRE, Bernard. *A cultura dos indivíduos*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

LAUTIER, Bruno. Las empleadas domésticas latinoamericanas y la sociología del trabajo: algunas observaciones acerca del caso brasileño. *Revista Mexicana de Sociología*, ano 65, n. 4, outubro-dezembro, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MEDITSCH, Eduardo. A nova era do rádio: o discurso do radiojornalismo enquanto produto intelectual eletrônico. Disponível em www.bocc.ubi.pt. Acesso em 18/01/2008.

Ministério do trabalho e emprego. Classificação Brasileira de Ocupações. Disponível em: www.mtebo.gov.br/. Acesso em 20/01/2008.

MELO, Hildete Pereira de. O serviço doméstico remunerado no Brasil: de criadas a trabalhadoras. Rio de Janeiro, junho de 1998.

MOSQUERA; STOBAÛS. Narrativas de vida: fundamentos de uma dimensão metodológica. In: ABRAHÃO (org.) *A aventura (auto) biográfica: teoria e empiria*. Porto Alegre. EDIPUCRS, 2004.

NAHAS, Maria Inês Pedrosa (*et al*). A. Acesso à ocupação e à renda *versus* escolarização no espaço intra-urbano de grandes cidades: o caso de Belo Horizonte. *X Seminário sobre a Economia Mineira*. CEDEPLAR- UFMG 2002 Site: <http://www.cedeplar.ufmg.br> (acessado em 06/01/2008).

NOGUEIRA, Maria Alice. A construção da excelência escolar: um estudo de trajetórias feito com estudantes universitários provenientes das camadas médias intelectualizadas. In: NOGUEIRA *et al* (Orgs.). *Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

ONG, Walter. *Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra*. Campinas: Papiрус, 1998.

REGO, Lúcia Lins Browne. *Literatura infantil: uma nova perspectiva de alfabetização na pré-escola*. São Paulo: FTD, 1990.

RESENDE, Patrícia Cappuccio de. *A “transmissão” familiar do sucesso escolar ao longo de três gerações e a construção de um gosto pela leitura e escrita: um estudo de caso*. Monografia apresentada no curso de Pedagogia da UFMG, 2005.

_____. A transmissão familiar da leitura e da escrita: um estudo de caso. In: GALVÃO (et al). *História da cultura escrita: séculos XIX e XX*. Edição. Belo Horizonte: Autêntica, capítulo 8, p.239-268, 2007.

RIBEIRO, Vera Masagão. *Alfabetismo e atitudes: pesquisa com jovens e adultos*. Campinas, SP: Papirus: São Paulo: Ação Educativa, 1999.

RIBEIRO, Vera Masagão; VÓVIO, Cláudia Lemos; MOURA, Mayra Patrícia. Letramento no Brasil: alguns resultados do indicador nacional de alfabetismo funcional. *Educação e Sociedade*. Campinas, v.23, n.81, p.49-70, dezembro / 2002.

RIBEIRO, Vera Masagão (Org.) *Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF 2001*. São Paulo: Global, 2003.

RIBEIRO, Vera Masagão. Por mais e melhores leitores. In: RIBEIRO, Vera Masagão (Org.) *Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF 2001*. São Paulo: Global, 2003. p.9-29.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da educação no Brasil*. 13 ed. Petrópolis: Vozes, 1991/

SAFFIOTI, Heleith. *Emprego doméstico e Capitalismo*. Petrópolis: Vozes, 1976.

SEIBEL, Bernadette. Identité professionnelle et lecture: l'exemple des cheminots. In: *Identité, lecture, écriture*. CHAUDRON, Martine; DE SINGLY, François (dir.) Centre Georges Pompidou, 1993.

SILVA, Sandra Batista de Araújo; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Práticas religiosas pentecostais e processos de inserção na cultura escrita (Pernambuco, 1950-1970) In: GALVÃO (et al). *História da cultura escrita: séculos XIX e XX*. Edição. Belo Horizonte: Autêntica, capítulo 12, p.365-404, 2007.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

_____. Linguagem e escola: uma perspectiva social. 17ª edição. São Paulo. Editora Ática. 2002. 85 p.

_____. Letramento e escolarização. In: RIBEIRO, Vera Masagão (Org.) *Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF 2001*. São Paulo: Global, 2003. p.89-114.

THOMPSON, Paul. A entrevista. In: _____. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VIANNA, Heraldo Marelim. *Pesquisa em educação: a observação*. Brasília: Plano Editora, 2003.

VIDAL, Dominique. *Les bonnes de Rio: emploi domestique et société démocratique au Brésil*. Lille : Septentrion Presses Universitaires, 2007.

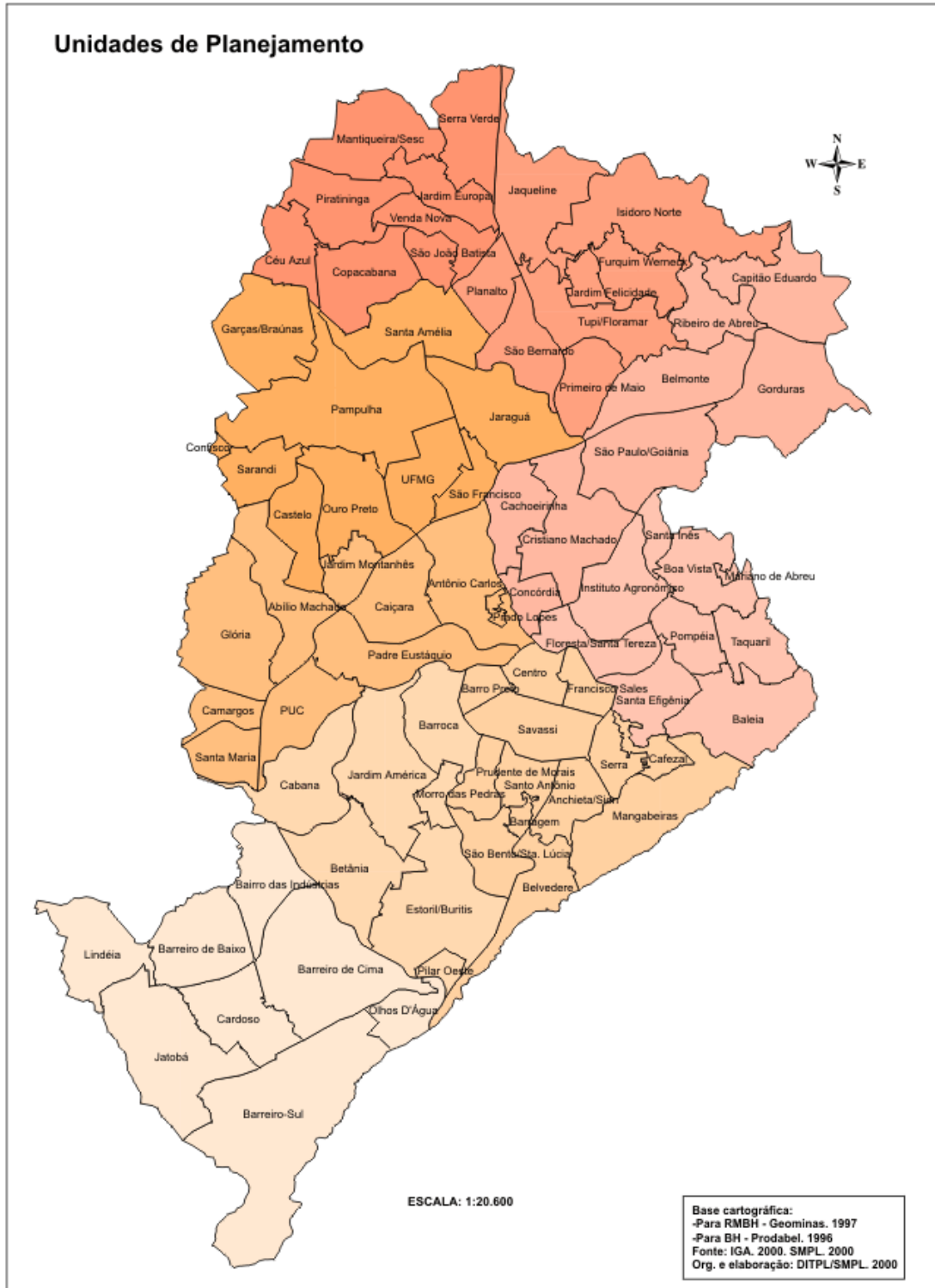
VYGOTSKY; LURIA, Studies on the history of behavior: Ape, primitive and child. Hillsdale, Nova Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 1993.

WELLS, Gordon. Preschool literacy-related. Activities and success in school. In: OLSON, D. R.; TORRANCE, N.; HILDYARD, A., orgs. *Literacy, language and learning*. Cambridge University Press. 1985. p. 229-256.

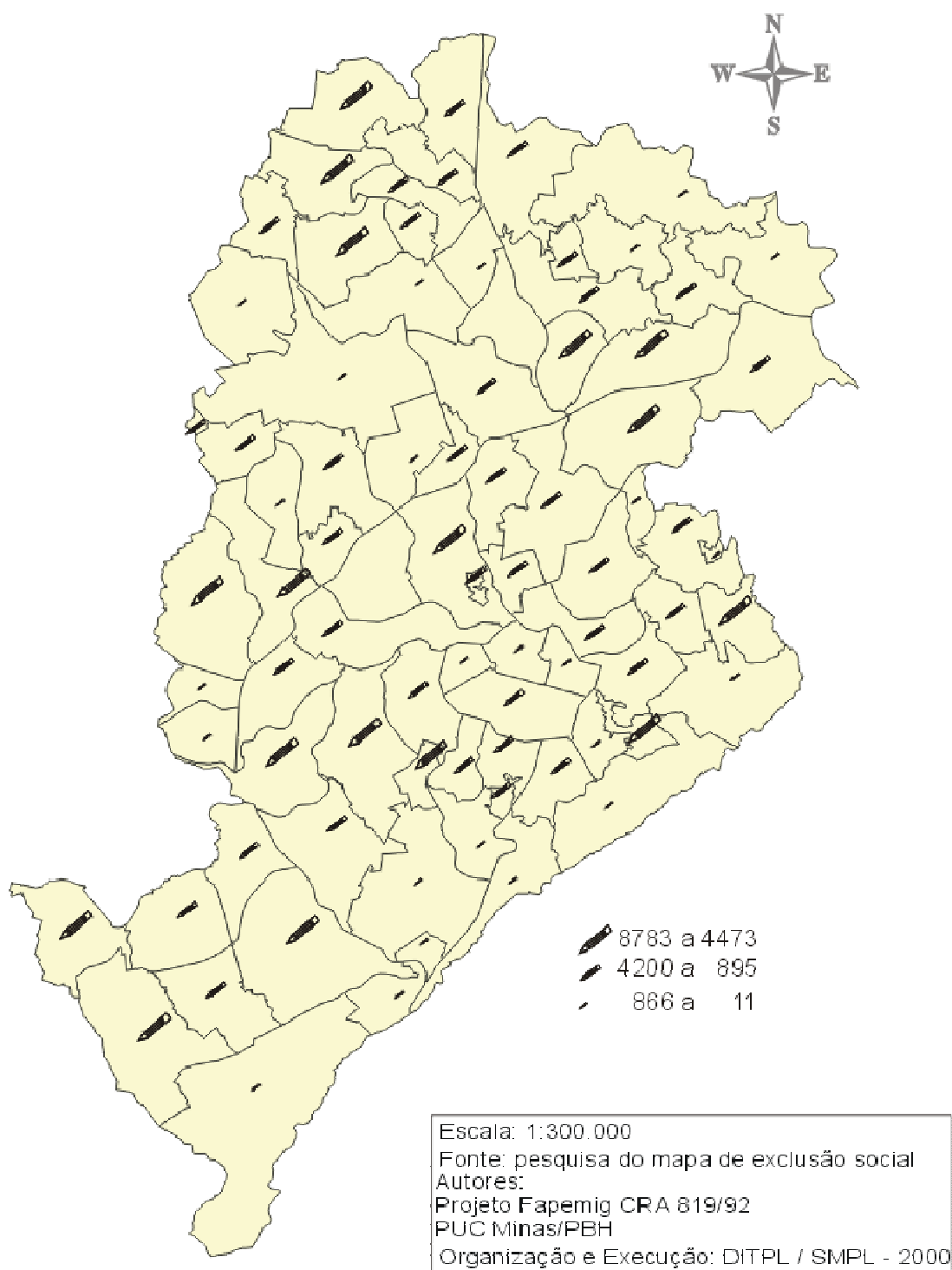
WELLS, Gordon. *The meaning makers: children learning language and using language to learn*. London, Heinemann Educational Books Inc., 1986.

ZAGO, Nadir. Processos de escolarização nos meios populares: as contradições da obrigatoriedade escolar. In: NOGUEIRA *et al* (Orgs.). *Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

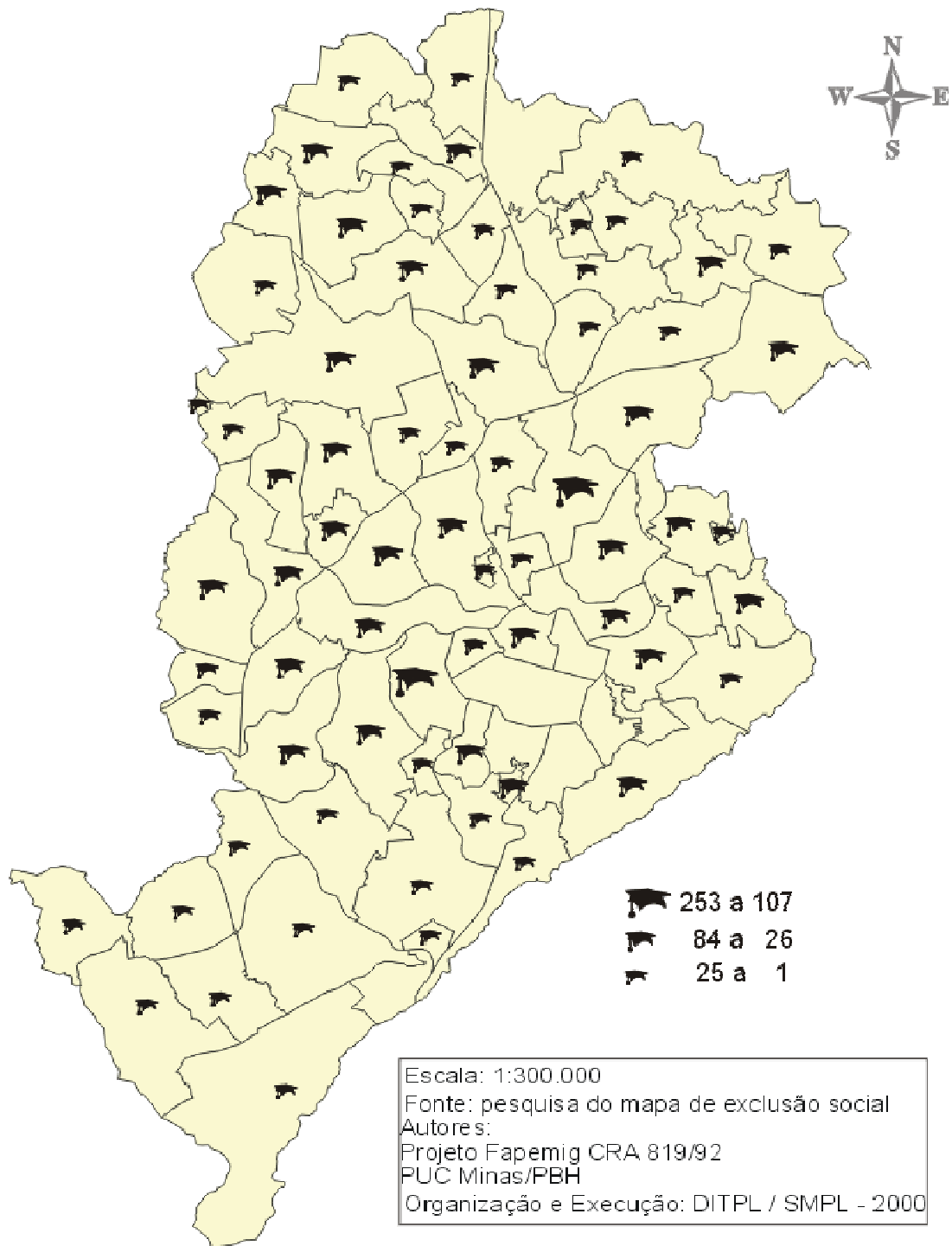
ANEXO



População analfabeta



População com mestrado e doutorado



Índice de Vulnerabilidade Social

